UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

GUILHERME ROCHA BRENT

A LINGUAGEM DA AVALIAÇÃO NAS SEMIOSES VERBAL E VISUAL: MARCAS AVALIATIVAS EM REPORTAGENS VERBO-VISUAIS

Belo Horizonte – MG
2024

GUILHERME ROCHA BRENT

A LINGUAGEM DA AVALIAÇÃO NAS SEMIOSES VERBAL E VISUAL: MARCAS AVALIATIVAS EM REPORTAGENS VERBO-VISUAIS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso
Linha de Pesquisa: Análise do Discurso (2B)

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Maria de Oliveira Pimenta
Co-orientadora: Záira Bonfante dos Santos

Belo Horizonte – MG
2024

B839l

Brent, Guilherme Rocha.

A linguagem da avaliação nas semioses verbal e visual [manuscrito] : marcas avaliativas em reportagens verbo-visuais / Guilherme Rocha Brent.– 2024.

1 recurso online (290 f.: il., tabs., fots.,p&b.) : pdf.

Orientadora: Sônia Maria de Oliveira Pimenta.

Coorientadora: Záira Bomfante dos Santos.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: Análise do Discurso (2B).

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 262-269.

Anexos: f. 270-290.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Isto É (Revista) – Teses. 2. Análise do discurso – Teses. 3. Semiótica – Aspectos sociais – Teses. 4. Fotojornalismo – Teses. I. Pimenta, Sônia Maria de Oliveira. II. Santos, Záira Bomfante dos. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título.

CDD: 418

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Priscila Oliveira da Mata - CRB/6- 2706
Biblioteca Professor Rubens Costa Romanelli - FALE/UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

A LINGUAGEM DA AVALIAÇÃO NAS SEMIOSES VERBAL E VISUAL: MARCAS AVALIATIVAS EM REPORTAGENS VERBO-VISUAIS

GUILHERME ROCHA BRENT

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Análise do Discurso.

Aprovada em 21 de fevereiro de 2024, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Sonia Maria de Oliveira Pimenta - orientadora
UFMG

Prof(a). Záira Bonfante dos Santo - coorientadora
UFES - Centro Universitário do ES

Prof(a). Denise Giarola Maia
IFMG - Campus Ouro Branco

Prof(a). Francis Arthuso Paiva
UFMG

Prof(a). Claudio Márcio do Carmo
UFSJ

Prof(a). Francisco Osvanilson Dourado Veloso
UFAC

Belo Horizonte, 21 de fevereiro de 2024.

Documento assinado eletronicamente por **Sonia Maria de Oliveira Pimenta**, **Servidora aposentada**, em 29/02/2024, às 11:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Záira Bomfante dos Santos**, **Usuário Externo**, em 01/03/2024, às 16:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Denise Giarola Maia**, **Usuário Externo**, em 01/03/2024, às 21:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Cláudio Márcio do Carmo**, **Usuário Externo**, em 04/03/2024, às 13:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Francisco Osvanilson Dourado Veloso**, **Usuário Externo**, em 14/03/2024, às 06:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Francis Arthuso Paiva**, **Professor Ensino Básico Técnico Tecnológico**, em 21/03/2024, às 17:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2972240** e o código CRC **12430007**.

Para Lavínia,

que me permitiu a graça de trilhar o caminho do amor paterno.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é gratificante, não apenas porque permite o reconhecimento de pessoas e momentos que tornaram a pesquisa possível no âmbito acadêmico, mas também porque possibilita rememorar pilares indispensáveis à nossa formação enquanto ser humano. Por isso, agradeço inicialmente à professora Sônia – por quem nutro um sentimento de gratidão desde o primeiro encontro na Universidade Federal de Minas Gerais, em 2009. Mais do que me ensinar a pesquisar no campo da Linguística Sistêmico-Funcional, Sônia sempre acreditou no meu interesse pelos estudos da linguagem, ofereceu suporte, atenção e compreensão.

Outro agradecimento especial e valoroso tenho pela professora Záira – presença fundamental em cada parte desta pesquisa. Com ela, compartilhei incertezas, medos, felicidades e textos – e foi com eles que percebia um olhar de pesquisadora dedicada. A cada encontro, eu saía certo de que havia aprendido mais sobre como levantar questionamentos na pesquisa, como descrever as análises e como acreditar no meu potencial. Zaíra é uma pessoa verdadeira, que sabe construir as relações interpessoais entre professora e aluno. Obrigado por tudo.

Durante esse período de pesquisa, esteve ao meu lado a incrível Sheila, que participou de todas as fases emotivas de um estudante de doutorado. Ela soube me compreender, ofereceu suporte e merece minha gratidão. Assim como merece minha mãe, em quem me espelho para todos os desafios que surgem. Mesmo sem entender muito o que eu pesquisava, ela me entregava palavras de conforto e apoio.

Agradeço ainda à Universidade Federal de Minas Gerais, pela educação pública, ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, pelo comprometimento com o ensino, e aos servidores e professores, pelo acompanhamento e pelas orientações.

RESUMO

Esta pesquisa trata da interseção do sistema de avaliatividade com o fotojornalismo ao analisar marcas de avaliatividade verbal e visual no gênero reportagem jornalística, que se constitui de elementos linguísticos e visuais arranjados no espaço textual a fim de construírem uma determinada representação da experiência. Eventos reportados pela imprensa fazem parte de uma operação complexa e artificial de seleção – o que implica quais ações descrever, quais atores sociais colocar em primeiro plano, quais vozes inserir no corpo da notícia e outras escolhas. Toda essa construção é orientada por interesses sociais, políticos e econômicos, os quais estão refletidos nos recursos semióticos adotados na construção do texto noticioso. Assim, ao se investigarem marcas avaliativas verbais e visuais em reportagens verbo-visuais, estar-se-á analisando como cada escolha semiótica reflete um posicionamento avaliativo. Utiliza-se um *corpus* formado por reportagens recolhidas no site do periódico IstoÉ que retratam o cenário político em torno do então presidente Jair Bolsonaro durante o período da pandemia no Brasil. A pesquisa apresenta, pois, um estudo de base sistêmico-funcional – mais especificamente avaliativa (MARTIN; WHITE, 2005) – e fotojornalística (SOUSA, 1997; 2000; 2004; CAPLE, 2013). As marcas avaliativas verbais e visuais foram analisadas no subsistema de atitude, por meio das categorias de afeto, julgamento e apreciação; as fotografias, por meio das tomadas de plano, ângulo e legenda. Para embasar as descrições e análises das avaliações identificadas, foram utilizados os conceitos de discurso, ideologia (FAIRCLOUGH, 1995b; 2003), linha editorial (TRAQUINA, 1993) e imagem pública (WEBER, 2004; 2009). Após a análise do *corpus*, notou-se que as escolhas de significados atitudinais nos planos verbal e visual convergem na direção de um discurso crítico e moralizante em desfavor do presidente Bolsonaro. Essa convergência é, pois, resultado de um processo intencional de escolhas lexicais, gramaticais e semânticas que ocorrem verbal e visualmente. Foi possível identificar, com isso, como as narrativas se amparam num discurso que critica, condena e reprime as posturas políticas assumidas por Bolsonaro durante a pandemia do novo coronavírus – discurso denominado infamante (THOMPSON, 2002). Além disso, o levantamento dos tipos de atitude realizados verbalmente revelou o predomínio de avaliações negativas, notadamente aquelas no subsistema de julgamento. Isso nos permitiu identificar a construção e a negociação de uma imagem política depreciativa para o presidente, ratificada nas fotografias selecionadas para narrar cada um dos fatos descritos.

Palavras-chave: avaliatividade; fotografia; discurso; imagem pública.

ABSTRACT

This research deals with the intersection of the appraisal system with photojournalism by analysing verbal and visual evaluative marks in reportage genre, which consists of linguistic and visual elements arranged in the textual space in order to construct a certain representation of the experience. Events reported by the press are part of a complex and artificial selection operation – which implies which actions to describe, which social actors to put in the foreground, which voices to insert in the news and other choices. This is guided by social, political and economic interests, which are reflected in the semiotic resources adopted in the construction of the news text. Therefore, when we investigate verbal and visual evaluative marks in verbal-visual news, we are analysing how each semiotic choice reflects an evaluative positioning. The corpus – which covers que political scenario surrounding Jair Bolsonaro during the pandemic period in Brazil – is collected on the website of the magazine IstoÉ. The study presented in this thesis has a systemic-functional – more specifically evaluative (MARTIN; WHITE, 2005) – and photojournalistic bases (SOUSA, 1997; 2000; 2004; CAPLE, 2013). Verbal and visual evaluative marks were analyzed in the domain of attitude, through the categories of affect, judgment and appreciation; photographs, through categories of plane, angle and caption. To support the descriptions and analyzes of the identified evaluations, the concepts of discourse, ideology (FAIRCLOUGH, 1995b; 2003), editorial line (TRAQUINA, 1993) and public image (WEBER, 2004; 2009) were used. After analyzing the corpus, it was noted that the choices of attitudinal meanings on the verbal and visual planes converge towards a critical and moralizing discourse to the detriment of Jair Bolsonaro. This convergence is, therefore, the result of an intentional process of lexical, grammatical and semantic choices that occur verbally and visually. It was possible to identify, this way, how the narratives are supported by a discourse that criticizes, condemns and represses the political stances taken by Bolsonaro during the pandemic period in Brazil – a discourse called infamous (THOMPSON, 2002). Furthermore, the survey of the types of attitudes carried out verbally revealed the predominance of negative evaluations, notably those in the judgment subsystem. This allowed us to identify the construction and negotiation of a depreciatory political image for Bolsonaro, ratified in the photographs selected to narrate each of the facts described.

Keywords: appraisal; photography; discourse; public image.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Avaliação verbal inscrita em título de reportagem 22

FIGURA 2 – Processos barthesianos de conotação fotográfica 44

FIGURA 3 – Tipos de fotografia de imprensa 49

FIGURA 4 – A relação de determinação entre estrutura social, instituições e ações sociais 57

FIGURA 5 – A variável de sintonia e sua relação constitutiva com a dimensão semântica do discurso 65

FIGURA 6 – O sistema de avaliatividade: atitude, engajamento e gradação 66

FIGURA 7 – O sistema de afeto 69

FIGURA 8 – O sistema de julgamento 72

FIGURA 9 – Estratégias para realizar atitudes avaliativas 75

FIGURA 10 – Os tipos de apreciação 84

FIGURA 11 – O campo político e os tipos de capital 164

FIGURA 12 – Correlação semântica entre significados afetivos verbais e visuais em Bolsonaro acuado 185

FIGURA 13 – Correlação semântica entre valores de julgamento visuais e verbais em Bolsonaro acuado 189

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 - Avaliação visual inscrita em fotografia de imprensa 23

IMAGEM 2 – Fotografia jornalística (ou fotojornalismo) 48

IMAGEM 3 – Ilustração fotográfica (ou fotoilustração) 49

IMAGEM 4 – Afeto inscrito: satisfação 77

IMAGEM 5 – Afeto negativo ambíguo: preocupação ou incômodo? 77

IMAGEM 6 – Afeto negativo ambíguo: valentia ou irritação? 78

IMAGEM 7 – Julgamento positivo inscrito: estima social 79

IMAGEM 8 – Julgamento negativo: capacidade ou tenacidade? 80

IMAGEM 9 – Afeto e julgamento positivos: segurança e tenacidade 81

IMAGEM 10 – Afeto negativo: insegurança ou insatisfação? 82

IMAGEM 11 – Apreciação negativa evocada 83

IMAGEM 12 – Apreciação positiva evocada: composição 84

IMAGEM 13 – Ilustração fotográfica ou fotoilustração 90

IMAGEM 14 – Fotografia jornalística ou fotografia de imprensa 91

IMAGEM 15 – Registro do encontro entre Bolsonaro e filhos antes dos atos pró-intervenção militar 216

IMAGEM 16 – Estado de Minas, 07.07.2020 – Bolsonaro recomenda o uso de hidroxicloroquina 217

IMAGEM 17 – Estado de São Paulo, 07.07.2020 – Bolsonaro recomenda o uso de hidroxicloroquina 219

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 – Edição nº 2619 – Bolsonaro participa de manifestação durante a pandemia 116

FOTOGRAFIA 2 – Edição nº 2619 – Bolsonaro ao lado de ministros de Estado 119

FOTOGRAFIA 3 – Edição nº 2624 – Bolsonaro sobre a carroceria de uma caminhonete 146

FOTOGRAFIA 4 – Edição nº 2624 – Bolsonaro reunido com seus filhos 148

FOTOGRAFIA 5 – Edição nº 2634 – Bolsonaro cabisbaixo 179

FOTOGRAFIA 6 – Edição nº 2634- Bolsonaro posa para a inauguração de obra pública 181

FOTOGRAFIA 7 – Edição nº 2634 – Bolsonaro ao lado dos presidentes da Câmara e do Senado 183

FOTOGRAFIA 8 – Edição nº 2635 – Bolsonaro recomenda o uso de hidroxicloroquina ... 214

FOTOGRAFIA 9 – Edição nº 2635 – Bolsonaro celebra o 224º aniversário de independência dos Estados Unidos 218

FOTOGRAFIA 10 – Edição nº 2674 – Bolsonaro isolado 248

FOTOGRAFIA 11 – Edição nº 2674 – Bolsonaro discute com o senador Randolfe Rodrigues 250

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1.1 – Valores-notícia em fotografias de imprensa 37

QUADRO 1.2 – Linguagem fotojornalística 46

QUADRO 1.3 – Critérios de noticiabilidade na fotografia de imprensa 55

QUADRO 2.1 – A relação entre sintonia, semântica do discurso e léxico-gramática 64

QUADRO 2.2 – A formação do sistema de atitude 68

QUADRO 2.3 – Opções para manifestar afeto 68

QUADRO 2.4 – Opções para julgar o comportamento humano 70

QUADRO 2.5 – O sistema de julgamento: sanção e estima social 71

QUADRO 2.6 – As categorias de julgamento e o sistema de modalidade 73

QUADRO 2.7 – Opções para avaliar produtos e processos 74

QUADRO 2.8 – Os subtipos de apreciação 74

QUADRO 3.1 – O presidente Jair Bolsonaro nas capas de IstoÉ 87

QUADRO 3.2 – O corpus da pesquisa 92

QUADRO 3.3 – Categorias de análise no sistema de atitude 93

QUADRO 3.4 – Itens lexicais avaliativos 93

QUADRO 4.1 – Ocorrências de afeto na reportagem Um ignorante irresponsável 97

QUADRO 4.2 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de afeto na reportagem Um ignorante irresponsável 97

QUADRO 4.3 – Ocorrências de julgamento na reportagem Um ignorante irresponsável ... 100

QUADRO 4.4 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Um ignorante irresponsável: as ocorrências por normalidade 102

QUADRO 4.5 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Um ignorante irresponsável: as ocorrências por capacidade 105

QUADRO 4.6 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Um ignorante irresponsável: as ocorrências por tenacidade 108

QUADRO 4.7 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Um ignorante irresponsável: as ocorrências por propriedade 110

QUADRO 4.8 – Ocorrências de apreciação na reportagem Um ignorante irresponsável 112

QUADRO 4.9 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de apreciação na reportagem Um ignorante irresponsável 115

QUADRO 4.10 – Ocorrências de afeto na reportagem Até aonde ele quer ir? 126

QUADRO 4.11 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de afeto na reportagem Até aonde ele quer ir? 129

QUADRO 4.12 – Ocorrências de julgamento na reportagem Até aonde ele quer ir? 130

QUADRO 4.13 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Até aonde ele quer ir?: as ocorrências por tenacidade 133

QUADRO 4.14 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Até aonde ele quer ir?: as ocorrências por capacidade 135

QUADRO 4.15 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Até aonde ele quer ir?: as ocorrências por normalidade 136

QUADRO 4.16 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Até aonde ele quer ir?: as ocorrências por propriedade 140

QUADRO 4.17 – Ocorrências de apreciação na reportagem Até aonde ele quer ir? 141

QUADRO 4.18 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de apreciação na reportagem Até aonde ele quer ir? 145

QUADRO 4.19 – Ocorrências de afeto na reportagem Bolsonaro acuado 156

QUADRO 4.20 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de afeto na reportagem Bolsonaro acuado 160

QUADRO 4.21 – Ocorrências de julgamento na reportagem Bolsonaro acuado 161

QUADRO 4.22 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Bolsonaro acuado: as ocorrências por tenacidade 165

QUADRO 4.23 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Bolsonaro acuado: as ocorrências por capacidade 168

QUADRO 4.24 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Bolsonaro acuado: as ocorrências por normalidade 169

QUADRO 4.25 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Bolsonaro acuado: as ocorrências por veracidade e propriedade 173

QUADRO 4.26 – Ocorrências de apreciação na reportagem Bolsonaro acuado 174

QUADRO 4.27 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de apreciação na reportagem Bolsonaro acuado 178

QUADRO 4.28 – Ocorrências de afeto na reportagem Bolsonaro acuado 192

QUADRO 4.29 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de afeto na reportagem O capitão cloroquina 194

QUADRO 4.30 – Ocorrências de julgamento na reportagem O capitão cloroquina 196

QUADRO 4.31 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem O capitão cloroquina: as ocorrências por tenacidade, normalidade e capacidade 201

QUADRO 4.32 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem O capitão cloroquina: as ocorrências por veracidade 207

QUADRO 4.33 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem O capitão cloroquina: as ocorrências por propriedade 208

QUADRO 4.34 – Ocorrências de apreciação na reportagem O capitão cloroquina 209

QUADRO 4.35 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de apreciação na reportagem O capitão cloroquina 213

QUADRO 4.36 – Ocorrências de afeto na reportagem Bolsonaro no banco dos réus 224

QUADRO 4.37 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de afeto na reportagem Bolsonaro no banco dos réus 227

QUADRO 4.38 – Ocorrências de julgamento na reportagem Bolsonaro no banco dos réus 228

QUADRO 4.39 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Bolsonaro no banco dos réus: as ocorrências por capacidade 231

QUADRO 4.40 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Bolsonaro no banco dos réus: as ocorrências por tenacidade 236

QUADRO 4.41 – Processos materiais que realizam julgamentos do tipo tenacidade na reportagem Bolsonaro no banco dos réus 237

QUADRO 4.42 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Bolsonaro no banco dos réus: as ocorrências por propriedade e veracidade 243

QUADRO 4.43 – Ocorrências de apreciação na reportagem Bolsonaro no banco dos réus 243

QUADRO 4.44 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de apreciação na reportagem Bolsonaro no banco dos réus 247

QUADRO 5.1 – Quantitativo dos tipos de atitude no *corpus* da pesquisa 259

QUADRO 5.2 – A construção de atitudes nos títulos das reportagens do *corpus* 262

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 20

Motivação, objetivo e justificativa**:** o universo em que mergulhamos 24

CAPÍTULO 1 28

O estatuto e a expressividade da fotografia de imprensa 28

1.1 Fotografia de imprensa: a informação pela imagem 29

1.2 Fotojornalismo: narrativa visual na imprensa 33

1.3 A natureza jornalística da fotografia 36

1.4 A fotografia de imprensa e o risco à imagem pública do ator político 41

1.5 A linguagem fotojornalística 43

1.6 Gêneros fotojornalísticos: como classificar as fotografias de imprensa 47

1.7 Imagens que atestam fatos, mas não os espelham 50

1.8 Critérios de noticiabilidade na fotografia de imprensa 53

1.9 A construção discursiva de Jair Bolsonaro em imagens fotográficas 56

CAPÍTULO 2 59

A linguagem da avaliação: o sistema de avaliatividade 59

2.1 Abordagens teóricas ao conceito de avaliação 61

2.2 A avaliação em um modelo sistêmico-funcional 63

2.3 O sistema de avaliatividade 65

2.3.1 O sistema de atitude 67

2.3.2 Afeto: recursos que expressam emoções 68

2.3.3 Julgamento: a avaliação do comportamento humano 70

2.3.4 Apreciação: recursos que avaliam esteticamente as coisas 73

2.4 Avaliatividade visual: atitude em fotografias de imprensa 75

2.4.1 Afeto em fotografias de imprensa 76

2.4.2 Julgamento em fotografias de imprensa 79

2.4.2.1 Relação entre afeto e julgamento em fotografias de imprensa 80

2.4.3 Apreciação em fotografias de imprensa 82

CAPÍTULO 3 86

Metodologia: os passos da pesquisa 86

3.1 A escolha do *corpus* 87

3.2 A coleta do *corpus* 89

3.3 As categorias de análise 93

CAPÍTULO 4 95

Análise dos dados 95

4.1 Avaliatividade verbal: marcas atitudinais na reportagem Um ignorante irresponsável 96

4.1.2 O discurso fotográfico em Um ignorante irresponsável 115

4.1.3 Marcas atitudinais nas fotografias de Um ignorante irresponsável 120

4.2 Avaliatividade verbal: marcas atitudinais na reportagem Até aonde ele quer ir? 125

4.2.1 O discurso fotográfico em Até aonde ele quer ir? 145

4.3.2 Marcas atitudinais nas fotografias de Até aonde ele quer ir? 151

4.3 Avaliatividade verbal: marcas atitudinais na reportagem Bolsonaro acuado 155

4.3.1 O discurso fotográfico em Bolsonaro acuado 179

4.3.2 Marcas atitudinais nas fotografias de Bolsonaro acuado 184

4.4 Avaliatividade verbal: marcas atitudinais na reportagem O capitão cloroquina 191

4.4.1 O discurso fotográfico em O capitão cloroquina 213

4.4.2 Marcas atitudinais nas fotografias de O capitão cloroquina 220

4.5 Avaliatividade verbal: marcas atitudinais na reportagem Bolsonaro no banco dos réus 223

4.5.1 O discurso fotográfico em Bolsonaro no banco dos réus 247

4.5.2 Marcas atitudinais nas fotografias de Bolsonaro no banco dos réus 251

CONSIDERAÇÕES FINAIS 257

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 265

ANEXOS 273

INTRODUÇÃO

A linguagem da mídia tem sido explorada por uma variedade de disciplinas – incluindo a Linguística, a Semiótica, a Literatura, o Jornalismo – porque seu estudo "tem muito a oferecer às diferentes disciplinas em cujo território ela toca" (BELL, 1991, p. 5). No âmbito da Linguística, destacam-se os estudos de Roger Fowler no livro *Language in the news* (1991), Norman Fairclough em *Media Discourse* (1995a), Peter White com *Telling media tales: the news story as rhetoric* (1998) e Helen Caple com *Photojournalism* (2013). Esta tese investiga marcas avaliativas verbais e visuais em reportagens de capa da revista IstoÉ a fim de revelar as relações que significados atitudinais estabelecem entre si no discurso.

Para tanto, acima de tudo, recorremos ao Sistema de Avaliatividade. No modo verbal, são Martin e White (2005) quem oferecem um estudo sistemático do significado atitudinal. A avaliatividade é uma abordagem linguística e semântica que explora, descreve e explica o modo como a linguagem é usada para avaliar, adotar posicionamentos, construir identidades e relações interpessoais. No modo visual, é Economou (2009) quem apresenta um método de análise da avaliação que fornece evidências do poder ideológico de fotos jornalísticas.

O sistema de avaliatividade trata de avaliações, opiniões e sentimentos que o sujeito expressa por meio de palavras e imagens. Em notícias, a avaliação é construída pelo jornalista. No que se refere à autoria das notícias, é importante frisar que elas são "o produto de estruturas organizacionais e práticas profissionais" (BELL, 1991, p. 38). Dessa forma, não é possível considerar o texto noticioso o produto solo de um único profissional – nem mesmo a assinatura da matéria é garantia de autoria. A produção de uma notícia passa por várias camadas de criação, em que estão envolvidos o chefe de reportagem, o diagramador, o repórter, o fotógrafo e outros profissionais. Por isso, esta tese, embora use o termo jornalista para se referir àquele que procede as escolhas lexicais e visuais do texto, reconhece que as notícias são produtos construídos por várias "mãos".

A produção de uma matéria jornalística passa por interesses econômicos e políticos do periódico – no caso desta pesquisa, a revista IstoÉ; assim como passa por valores éticos e normas deontológicas que regem a categoria profissional do jornalista (TRAQUINA, 2005a). Essa produção não é determinada, portanto, pelo desejo pessoal do jornalista, nem somente pela linha editorial da empresa, mas sim por um jogo de forças que disputam o acesso e a hegemo-

nia do espaço midiático. A rotina jornalística é ainda marcada pela escassez de tempo e pela necessidade de mobilizar informações e fontes, gerando uma teia de facticidade (TUCHMAN, 1978). Soma-se a isso a existência de critérios de noticiabilidade, os quais guiam a seleção de acontecimentos noticiáveis.

Assim, esta pesquisa assume que as várias etapas pelas quais as reportagens do *corpus* passaram antes de sua publicação caracterizam-se pela tomada de decisões – que foram feitas por diferentes profissionais. Analisar marcas avaliativas verbais e visuais nesses textos implica, pois, descrever essas escolhas nos níveis lexical, gramatical, semântico e discursivo.

Outra posição que a pesquisa assume é que as marcas atitudinais que se realizam verbal e visualmente nas reportagens refletem a manifestação de opiniões. Recorrer a avaliações no subsistema de atitude implica opinar sobre entidades do mundo, eventos, pessoas e seus comportamentos. E isso importa para esta tese porque a avaliatividade preenche três funções: expressa opiniões do falante/escritor que refletem seus sistemas de valores e os de sua comunidade; constrói relações interpessoais; e organiza o texto (THOMPSON; HUNSTON, 2000). Por isso, é possível analisar a postura opinativa de um veículo de imprensa a partir das avaliações construídas em seus textos de notícia.

Esta tese parte do princípio de que opiniões refletem sistemas de valores que organizam práticas discursivas. Logo, as atitudes verbais e visuais construídas no texto noticioso refletem as práticas discursivas do veículo de imprensa para quem o jornalista trabalha. Dito de outra forma, refletem a linha editorial [1] da empresa. Assim, as opiniões que um veículo de imprensa expressa verbal e visualmente são sociais, institucionais e políticas – não, pessoais [2].

Dessa forma, elementos linguísticos e visuais são lugares de investimento ideológico. Verbos, substantivos, adjetivos e advérbios, por exemplo, materializam opiniões do jornalista sobre fatos que ele narra; o mesmo é dito para o plano da imagem, seu ângulo e a legenda. As análises aqui empreendidas buscam, nessa lógica, compreender as relações entre palavras, i-

[1] Utiliza-se aqui a terminologia linha editorial considerando-a o posicionamento político e ideológico do veículo de imprensa. Essa posição, que parte da direção da empresa, interfere diretamente na escolha do que é notícia e no peso que ela recebe na edição (BELTRÃO, 1980).

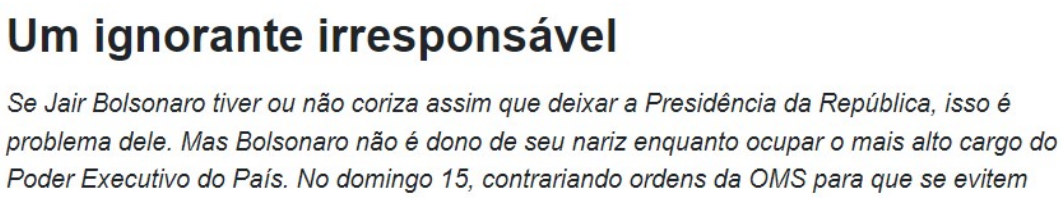
[2] O termo opiniões compreende "crenças avaliativas, isto é, crenças que apresentam um conceito avaliativo" (VAN DIJK, 1998, p.21).

magens e opiniões e o papel do discurso nesse processo. Isso nos aproxima do pensamento social, crítico e político que toda análise do discurso requer (FAIRCLOUGH, 2003).

Em síntese, as atitudes verbais e visuais que um jornalista imprime sobre as narrativas que constrói são opiniões oriundas de sistemas de valores – ou, como explica van Dijk (1998, p. 27), "são crenças avaliativas que envolvem um tipo de julgamento baseado em algum critério". Nessa lógica, as atitudes afetivas, comportamentais e apreciativas que esta pesquisa investiga nada mais são que avaliações fundamentadas política, social e institucionalmente.

A Figura 1 traz o título de uma reportagem de capa de IstoÉ – edição nº 2619, publicada em 20.03.2020. Nela, é possível identificar um forte julgamento negativo atribuído a Jair Bolsonaro. O termo avaliativo *ignorante irresponsável* traduz a opinião do jornalista sobre a participação do presidente em uma manifestação popular de cunho golpista, ocorrida logo no início do período pandêmico. Essa avaliação tem amparo na posição ideológica da revista, que se sustenta em um sistema de valores políticos e sociais.

Figura 1 – Avaliação verbal inscrita em título de reportagem



A Imagem 1, por sua vez, traz uma fotografia que compõe a matéria *Até aonde ele quer ir?* – edição 2624, publicada em 24.04.2020. Em cena, está Jair Bolsonaro sobre a carroceria de uma caminhonete discursando para um grupo de manifestantes que exigiam intervenção militar no Brasil. O presidente é o alvo de um julgamento positivo. A aprovação que recebe desses manifestantes é inscrita por meio dos cartazes e braços erguidos em sua direção. Essa avaliação é a expressão de uma opinião, de uma visão do acontecimento fotografado.

Identificar e descrever diferentes significados atitudinais nos planos verbal e visual das matérias jornalísticas coletadas para este estudo é fundamental para que se possa explicar como tais avaliações convergem ou divergem discursivamente dentro de um texto. Tais significados posicionam o discurso de IstoÉ na narrativa dos fatos, afastando ou aproximando os valores sociopolíticos negociados nos textos.

Imagem 1 – Avaliação visual inscrita em fotografia de imprensa

ESCALADA Em frente ao QG do Exército, em Brasília, Bolsonaro discursa para os manifestantes que pedem o fechamento do Congresso e do STF: "Acabou a época da patifaria" (Crédito: Ueslei Marcelino)

É nessa perspectiva avaliativa que esta tese se insere e pretende pôr às claras os significados atitudinais construídos e negociados verbal e visualmente pela revista IstoÉ em um conjunto de reportagens veiculadas em seu portal eletrônico. Esses textos revelam, em sua identidade e especificidade, a inteligência operativa de um sujeito, suas escolhas sígnicas, suas intenções e vínculos de natureza ideológica. Também revelam como esse sujeito prefigura um tipo de leitor, isto é, uma possibilidade interpretativa, e constrói seu discurso em razão disso.

As matérias jornalísticas coletadas para análise são reportagens de capa que cobrem a atuação política de Jair Bolsonaro nos anos de 2020 e 2021 – espaço de tempo em que as decisões do então presidente se revelavam valores-notícia para os veículos de imprensa. O período de pandemia do novo coronavírus contou com a intensa participação do ex-capitão em questões-chave de saúde pública, tais como medidas de prevenção e cura da doença.

Escolher textos da imprensa cujo ator central é o presidente da república justifica-se por se tratar de uma pessoa da elite política, alguém que detém poder e, por isso, produz e opera competências específicas como confiança e influência (BOURDIEU, 2011). Assim, matérias jornalísticas sobre Jair Bolsonaro são textos que abordam tais competências, de modo a prová-las ou contestá-las. Outro motivo que sustenta essa escolha é que ações e falas de pessoas da elite são mais consequentes do que ações e falas daqueles sem destaque na sociedade (BEDNAREK; CAPLE, 2012).

Na esfera jornalística, Bolsonaro é um valor-notícia. Enquanto presidente da república, as suas ações, os seus discursos, as suas alianças políticas, tudo atrai a atenção de um pú-

blico desejoso por notícias que tratam da sua vida. Thompson (2010) explica que, a partir da difusão das novas tecnologias de informação e comunicação, as vidas pública e privada de autoridades políticas tornaram-se campos de batalha por informação e conteúdo simbólico. Logo, debruçar sobre significados atitudinais verbais e visuais construídos em torno da figura de Jair Bolsonaro é debruçar-se sobre uma disputa por representações de mundo que podem ditar, reforçar ou contestar discursos sobre o presidente.

Motivação, objetivos e justificativa: o universo em que mergulhamos

Sabe-se que textos combinam diferentes modos semióticos para produzir significados. A combinação mais comum é a verbo-visual. No jornalismo, editoriais, notícias, reportagens, entrevistas são alguns exemplos de gêneros multimodais, em que tanto o texto verbal quanto o visual devem ser lidos um relação ao outro (BAEZA, 2001a; CAPLE, 2013). Há décadas, pesquisadores têm apontado mudanças semióticas na comunicação. O modo visual é uma dessas mudanças (HODGE; KRESS, 1988; KRESS; VAN LEEUWEN, 1992; 2001; 2006).

Apesar desse contexto multimodal, existe um descompasso entre a mudança na paisagem semiótica hoje e as pesquisas em jornalismo. No campo da Análise Crítica do Discurso, as obras *Language in the news* (FOWLER, 1991), *Media discourse* (FAIRCLOUGH, 1995a) e *Analysing newspapers* (RICHARDSON, 2007) são exemplos de trabalhos que investigaram a notícia apenas no modo verbal. Isso torna a compreensão da relação entre os modos semióticos uma questão urgente. As teorias do significado usadas nessas pesquisas são inteiramente fundadas no domínio do verbal. Assim, as imagens que formam a notícia são secundárias no contexto multimodal – logo, colocadas em segundo plano.

Com isso, ao investigar a relação entre significados avaliativos verbais e visuais em reportagens, esta tese contribui para a compreensão de significados multimodais em textos da imprensa. O objetivo não é propor ferramentas inéditas para tal investigação. É, sim, usar ferramentas já existentes para analisar como atitudes verbo-visuais articulam discursos e sustentam posições político-institucionais. As ferramentas em questão são o:

- Sistema de Avaliatividade; e o
- Fotojornalismo.

O objetivo desta tese abrange a descrição e a explicação de significados atitudinais em um tipo de intersemiose verbo-visual, que são reportagens de capa da revista IstoÉ em sua versão eletrônica. Elas integram dois sistemas semióticos: a linguagem verbal e a fotografia. Logo, os discursos se manifestam por diferentes modos semióticos nesses textos, e é a convergência desses discursos que atende à função social do gênero. Assim, parte-se da premissa de que, nas escolhas verbais e visuais de afeto, julgamento e apreciação, jornalistas inscrevem discursos que concorrem para a narração de uma única história, sem espaço para posições divergentes – é fundamental ainda partir de outra premissa: a de que a reportagem – assim como qualquer gênero – agrupa e sistematiza as intenções comunicativas do jornalista.

Simplificando, a tese questiona: como significados atitudinais são construídos em reportagens verbo-visuais e como eles interagem para a construção de um discurso? A pesquisa desenvolvida por Dorothy Economou, em 2009, intitulada *Photos in the News: appraisal analysis of visual semiosis and verbal-visual intersemiosis*, pioneira nos estudos da avaliatividade visual, discute os significados avaliativos que são construídos em fotografias de imprensa. Assim como a pesquisadora, assumimos que tais imagens reproduzem avaliações e valores que marcam o posicionamento de um sujeito frente àquilo fotografado [3].

Atualmente, o campo da Linguística Sistêmico-Funcional conta com uma gama de textos que oferecem detalhadamente as formas que a avaliação assume na linguagem verbal. Trabalhos como os de Hunston (1989), *Evaluation in experimental research articles*, Peter White (1998), *Telling media tales: the news story as rhetoric* e Martin e White (2005), *The language of evaluation*, dispõem de ferramentas abrangentes e sistemáticas para isso. No entanto, como destaca Economou (2009), com relação à avaliação no plano da imagem, as análises não ultrapassam observações do senso comum. Significados atitudinais em imagens, e em fotografias de imprensa particularmente, ainda são dados como certos e não têm recebido o mesmo escrutínio analítico que aqueles verbais.

Esta tese se situa, portanto, nesta lacuna teórica e metodológica: a ausência de pesquisas, tanto no campo da Linguística Sistêmico-Funcional quanto do Fotojornalismo, que explo-

[3] De acordo com Bakhtin (1993), todos os atos do sujeito são sempre permeados por tons emotivo-volitivos, uma vez que tudo que é experimentado pelo sujeito entra em relação afetiva com ele. Pelo simples fato de agir, o sujeito entra em relações volitivas com o mundo. A expressão emotivo-volitivo liga-se ao caráter emotivo/valorativo que cerca todo ato, linguístico ou não. Por isso, todo discurso reproduz emoções e valores que marcam o posicionamento do sujeito frente àquilo que diz e frente àquele(s) a quem se dirige.

ram e descrevem significados avaliativos em fotografias de imprensa. A partir disso, o objetivo central da pesquisa desdobra-se em quatro objetivos específicos:

Objetivo geral da pesquisa

Identificar e analisar marcas avaliativas verbais e visuais em reportagens verbo-visuais de capa da revista IstoÉ, a fim de discutir as relações que significados atitudinais estabelecem entre si no discurso da notícia.

Objetivos específicos

i. identificar as regularidades avaliativas verbais e visuais no subsistema de atitude;
ii. interpretar os sistemas de valores que organizam e sustentam as atitudes expressas;
iii. analisar as relações de convergência/divergência entre as avaliações verbais e visuais;
iv. examinar o papel discursivo da fotografía na construção avaliativa do texto noticioso.

Para cumprir tais objetivos, foi necessário recorrer a alguns conceitos e métodos de análise do discurso. No âmbito da Linguística Sistêmico-Funcional, adotou-se o conceito de avaliatividade. A linguagem avaliativa compreende quaisquer atos avaliativos que o falante expressa em relação a alguma situação, pessoa ou sentimento, e isso revela a posição do seu discurso dentro dos sistemas de valores de uma sociedade. A existência de um sistema linguístico que descreve e explica tal linguagem é, por conseguinte, indispensável para nossa pesquisa, pois nos permite identificar, descrever e analisar atitudes verbais e visuais materializadas nos textos. Como explicam Martin e White (2005, p. 2), o sistema de avaliatividade

> aborda não apenas os meios pelos quais os falantes/escritores codificam abertamente o que apresentam como suas próprias atitudes, mas também os meios pelos quais ativam mais indiretamente posturas avaliativas e posicionam os leitores/ouvintes para fornecerem suas próprias avaliações. Essas avaliações atitudinais são interessantes não só porque revelam os sentimentos e os valores do falante/escritor, mas porque sua expressão pode estar relacionada ao status ou à autoridade do falante/escritor, e porque operam retoricamente para construir relações de alinhamento e afinidade entre falante/escritor e interlocutores reais ou potenciais.

Tão indispensável quanto o conceito de avaliatividade é a definição de fotografia jornalística. Na imprensa, a fotografia é um recurso discursivo usado para informar, contextualizar, opinar, denunciar e credibilizar narrativas (SOUSA, 2004). Ela cumpre aquilo que o jornalismo se presta a fazer: fragmentar a realidade social e recontá-la a partir de valores e normas determinadas ideologicamente – ou melhor, determinadas por uma linha editorial.

Assim, a fotografia de imprensa é resultado de uma cadeia de escolhas e transformações semióticas operadas sobre o real. Ela não é um aparato ilustrativo da notícia, isolado do contexto sociopolítico em que foi produzida. Segundo Kossoy (2001), na fotografia estão registradas todas essas escolhas e transformações, o que permite ao pesquisador analisá-las.

É a partir da premissa de que a fotografia de imprensa nunca registra sem transformar, construir, criar, que é necessário recorrer a uma definição de discurso capaz de explicar os efeitos construtivos desse tipo de fotografia. No âmbito da Análise Crítica do Discurso, mais precisamente nas obras de Norman Fairclough (1995b; 2001; 2003), o discurso se apresenta como um recurso semiótico que temos à disposição para agir sobre as pessoas; um recurso que serve também para representar o mundo e as relações (políticas, econômicas, culturais, sociais) dentro dele e para nos identificar e identificar nosso interlocutor. Nessa perspectiva, discursos inscritos visualmente em fotografias podem construir, reforçar, questionar conhecimentos, valores, identidades e crenças.

Outro conceito a que recorremos para analisar a relação de significados atitudinais nos planos verbal e visual é o de imagem pública (GOMES, 2004; WEBER, 2004; 2009), que se refere ao conjunto de características ou propriedades estáveis que são reconhecidas publicamente para a formação de uma personalidade. A imagem pública de um político ou partido se faz por meio de um complexo de informações, discursos, conceitos, imagens que são compartilhados socialmente. Importa destacar que esse processo construtivo está em constante disputa na medida em que uma "imagem pública não é uma entidade fixa, definitiva, sempre igual a si mesma e assegurada para todos os seres reais" (GOMES, 2004, p. 264). As avaliações que a imprensa faz sobre a atuação política de agentes públicos atuam nesse permanente fazer-se da imagem pública.

CAPÍTULO 1
O estatuto e a expressividade da fotografia de imprensa

Pensar o papel das fotografias de imprensa requer refletir sobre os discursos que essas imagens constroem, reproduzem e contestam. Isso, porque elas cumprem o que o jornalismo se presta a fazer: recortar fragmentos do real e recontá-los de acordo com uma linha editorial, ou melhor, de acordo com uma ideologia. E é essa ideologia que determina uma série práticas sociais e discursivas em torno da fotografia: quem pode ser fotografado, como o pode ser, em quais situações a foto deve ser feita, como ela deve integrar a matéria jornalística e outras tantas normas operadas por uma equipe de profissionais.

Isso afasta a fotografia de imprensa das amarras de um imaginário social que a concebe como espelho do real. A imagem que está estampada no corpo da notícia é resultado de um ato de investimento de significados (CAPLE, 2013). Nessa lógica, se a fotografia informa, ela também conforma visões de mundo.

Com isso, afirma-se que as fotografias que a revista IstoÉ usa em suas matérias jornalísticas oferecem ao leitor realidades de mundo fragmentadas visual e contextualmente. A foto só pode oferecer a representação de microaspectos do mundo – pessoas, objetos, cenários são enquadrados durante uma fração de segundo, no instante de uma ação. Esse recorte deixa de fora da imagem outras pessoas, outros objetos, outros cenários. Dessa forma, toda fotografia de imprensa implica um visível não enquadrado.

Ao capturar uma imagem, o fotógrafo atua, de acordo com Boris Kossoy (2001), como um filtro. Ele elege o assunto da foto e o respectivo tratamento estético que lhe dará, decide em qual posição a câmera ficará, explora o cenário e os recursos oferecidos pela câmera. Tudo isso influi de forma determinante sobre a imagem final. Assim, a foto documenta as atitudes do fotógrafo, o que permite ao pesquisador analisar as decisões que ele toma.

> Qualquer que seja o assunto registrado na fotografia, esta também documentará a visão de mundo do fotógrafo. A fotografia é, pois, um duplo testemunho: por aquilo que ela nos mostra da cena passada, irreversível, ali congelada fragmentariamente, e por aquilo que nos informa acerca de seu autor (KOSSOY, 2001, p. 5).

Neste Capítulo 1, o objetivo é discutir o estatuto da fotografia de imprensa e o que ela expressa. É feito um percurso por teorias e métodos de análise da imagem fotográfica a fim de sustentar a premissa de que fotografias de imprensa são produtos semióticos fabricados consoante um propósito comunicativo. Além disso, esta seção justifica por que fotografar o presidente da república é fator determinante para a elaboração de notícias. Por fim, situa a construção da imagem fotográfica nas estruturas social, institucional e prática da sociedade.

1.1 Fotografia de imprensa: a informação pela imagem

Um dos objetos de pesquisa desta tese é a fotografia de imprensa. Deparar-se com uma fotografia de imprensa implica reconhecer que uma cadeia de transformações acerca do real foi acionada. Por isso, o estudo aqui empreendido considera a foto não um mero aparato ilustrativo de textos verbais, isolado do contexto sociopolítico em que foi produzido. Indispensáveis a esta pesquisa são: (a) as circunstâncias ligadas ao processo semiótico que dá origem à fotografia e (b) o uso que dela se faz enquanto instrumento de comunicação:

(a) Em que contexto político a fotografia é produzida? Que personagem a foto representa? Por que ele é representado? Como se dá essa representação em termos de discurso?

(b) O que a fotografia comunica e como o faz? Qual é a função da legenda? Ela articula significados com a notícia? A fotografia constrói uma notícia à parte do texto em se insere?

Por meio de modos semióticos, discursos e narrativas, a fotografia de imprensa constrói significados que podem reforçar valores ou contestá-los. O fotojornalismo não somente elabora e transmite imagens, ele gera visibilidade para a política e para o político. O que sabemos sobre partidos, alianças, eleições, atores políticos nos é apresentado por meio de fotografias (NEWTON, 2001). Esta tese parte da premissa de que nem a experiência concreta sobre o mundo, nem a realidade social podem ser separadas dos signos, das representações, dos discursos – no seio dos quais conhecimentos, valores e crenças são articulados.

Segundo Baeza (2001a), a imagem é o mecanismo de persuasão e padronização mais refinado que a imprensa usa para controlar e manipular informações e conhecimentos. Na imprensa, por meio de fotografias, o leitor se aproxima de realidades de mundo, acessando pessoas e cenários inimagináveis. É nesse sentido que o autor atribuí à fotografia a capacidade de

forjar realidades de mundo – ainda que na iconosfera estejam em circulação imagens que, fortemente, competem entre si. E é assim que esta tese compreende as fotografias com as quais lida; os significados atitudinais que elas constroem estão em competição com outros significados construídos para Jair Bolsonaro em outras fotografias.

O campo político é rico para a produção jornalística e bastante propício para a realização de imagens. Os assuntos lá debatidos, as crises entre os poderes e as decisões dos governantes são de interesse público e provocam impactos na vida da população. Nesse contexto, a imprensa constrói cenários, representa personagens, dissemina valores e conceitos que atuam sobre o público e sobre políticos. Peça crucial nessa engrenagem, a fotografia "é a forma pela qual [o fotógrafo] manifesta o seu pensar. É o meio do qual se utiliza para traduzir aos que não puderam estar presentes no local o significado que havia concebido antes de destacar um fragmento, um registro espaço-temporal, daquela realidade" (BONI, 2000, p. 102).

Um desafio para fotojornalistas e editores é saber como conduzir o leitor às representações políticas idealizadas na fotografia. Isso passa pela forma como foto e notícia são conjugadas em um único discurso, e pela forma como a imagem é "escrita". Essa escrita é elaborada por meio de códigos abertos e contínuos: abertos porque permitem mais de uma leitura; contínuos porque permitem novas releituras (BONI, 2000). Isso significa dizer que dominar a escrita fotográfica é condição *sine qua non* para aqueles que atuam na elaboração da notícia verbo-visual.

> Optar pelo melhor plano, escolher o melhor ângulo, selecionar o plano de foco, atentar às regras de composição, decidir pela forma, conferir as condições de luminosidade, inserir ou preterir elementos de significação, contrastar mais ou menos acentuadamente os tons, acentuar ou não a textura, abrir perspectivas, explorar a profundidade de campo, gerar efeitos de tridimensionalidade, criar aberrações, e tantas outras possibilidades, são atitudes que podem conferir um bom arranjo visual na composição e destacar o(s) elemento(s) priorizado(s) pelo fotógrafo (BONI, 2000, p. 102).

Com isso, fotografias de imprensa não captam o real; elas o constroem. E essa construção não se dá pela semelhança. Uma fotografia que registra Jair Bolsonaro não se assemelha a ele. André Rouillé (2009, p. 77) apresenta uma justificativa para isso.

> A imagem fotográfica não é um corte nem uma captura nem o registro direto, automático e analógico de um real preexistente. Ao contrário, ela é a produção de um novo real (fotográfico), no decorrer de um processo conjunto de registro e de transformação de alguma coisa do real; mas de modo algum assimilável ao real. A fotografia nunca registra sem transformar, sem construir, sem criar.

As fotografias que IstoÉ usa em suas matérias jornalísticas não são a restituição de Jair Bolsonaro, nem nos dá o real Jair Bolsonaro. Elas são produtos semióticos que constroem o presidente por meio de significados. Isso não as faz isentas de qualquer manipulação do real. Pelo contrário. Fotografias de imprensa se sobrepõem à própria realidade justamente porque são representações intencionalmente elaboradas para construir um real. Dessa forma, fotografar Jair Bolsonaro consiste em transformar um real em real fotográfico.

A partir disso, pode-se afirmar que IstoÉ instaura uma realidade política própria ao representar o presidente da república por meio de fotografias. E isso ocorre por intermédio da conjunção de elementos da linguagem fotográfica: plano, composição, ângulo de tomada etc.

> O assunto, tal como se acha representado na imagem fotográfica, resulta de uma sucessão de escolhas; é fruto de um somatório de seleções de diferentes naturezas – idealizadas e conduzidas pelo fotógrafo –, seleções essas que ocorrem mais ou menos concomitantemente e que interagem entre si, determinando o caráter da representação (KOSSOY, 2002, p. 27).

Logo, investigar a relação entre fotografia, política e jornalismo implica questionar a imagem em si mesma. Em outras palavras, não se trata de tomar a fotografia como um objeto dado, a respeito do qual se faz uma mera representação política do real. Trata-se de discutir como a fotografia é fabricada e quais significados produz junto ao texto verbal do qual é parte. A perspectiva aqui adotada é, pois, a de um analista do discurso, que busca analisar e compreender a foto como um signo motivado, construído sob determinadas condições sociais.

Charaudeau (2013a, p. 384) entende que a fotografia se constrói a partir de um jogo triádico: um mundo, um olhar e uma aparelhagem. Para esta pesquisa: um jogo entre Jair Bolsonaro, a revista IstoÉ e a linguagem fotográfica.

> Se nos colocamos do lado do processo de produção da imagem, temos um sujeito que se encontra diante de um mundo físico apresentado em estado bruto. Como este mundo lhe é exterior, ele procura captá-lo com a ajuda de artefatos (...), construindo assim um mundo representado, novo enquadramento de um mundo através de uma imagem cuja materialidade produz por si mesma um efeito de semiotização (realismo, ficção, estetismo...).

Esse jogo remete o analista à relação entre o referente capturado e o mundo representado, ou melhor, à questão da mimese. Dito de outra forma, a relação de semelhança e dessemelhança estabelecida entre objetos, pessoas, ações e paisagens capturados por uma câmera

fotográfica e aquilo que é realmente representado na imagem. Acerca dessa questão, Patrick Charaudeau (2013a, p. 385) escreve:

> A semelhança dá a ilusão de que existe uma relação direta entre o Eu e o Mundo orientando o olhar em direção ao referente. A imagem se dá, assim, como transparente, como uma passagem que daria acesso direto ao mundo e ofereceria a ilusão de poder tocá-lo. A dessemelhança, por sua vez, estabelece um corte entre o Eu e o Mundo nos lembrando de que o que vemos não é o mundo físico. (...). O olhar é, dessa forma, orientado, não tanto na direção do que é representado, mas em direção ao próprio mundo representado.

Nesse viés, as fotografias de IstoÉ não são transparentes, não dão ao leitor acesso direto a Jair Bolsonaro e à sua política. Elas orientam o leitor em direção a uma representação de mundo particular, representação esta construída de acordo com a linha editorial da revista [4].

A imagem fotográfica desempenha, então, dois papéis. O primeiro é o papel de semelhança, pois autentica a existência de um referente (nesta pesquisa: Jair Bolsonaro). O segundo é o de dessemelhança, já que o leitor consome somente uma parte capturada da realidade, ou seja, ele vê apenas o que é tornado visível a ele (o leitor vê apenas o Jair Bolsonaro que a revista quer que ele veja). Isso obriga o analista a questionar o que está fora do enquadre fotográfico, uma vez que há a suspeita de manipulação do visível.

Para Charaudeau (2013a), toda fotografia implica uma relação entre o que o fotógrafo torna visível e o que ele esconde. O visível, segundo o autor, é manipulado, já que o fotógrafo escolhe enquadrar uma cena, escolhe focalizar um microaspecto do todo disponível para a foto. Dessa forma, tornar algo visível implica esconder outra coisa. Fora do enquadramento fotográfico, encontra-se alguma coisa – um visível não presente, cuja construção seria possível. Acerca dessa questão, Charaudeau (2013a, p. 388) pontua que "esta ausência-presença obriga-nos a interrogar sobre o ato de apreensão da realidade, isto é, sobre o próprio ato de comunicação. Todo quadro nos incita a colocar questões sobre o fora de quadro: de onde foi capturado o mundo representado, de qual ponto de vista ele foi visto?".

[4] É necessário pontuar aqui que a fotografia, assim como qualquer texto, é portadora de efeitos de sentido. O fotojornalista mobiliza signos imagéticos (enquadre, ângulo, plano, composição) de modo a produzir determinados efeitos, os quais podem não ser correspondidos pelo receptor da imagem. Fala-se, por isso, em efeitos visados pelo fotojornalista. Esses efeitos, segundo Charaudeau (2013a), correspondem à intencionalidade do sujeito. Os efeitos realmente produzidos são resultado de um trabalho de interpretação do leitor. Esta tese analisa os efeitos visados na fotografia jornalística. Um dos objetivos é descrever e analisar a construção de significados atitudinais na imagem fotográfica.

1.2 Fotojornalismo: narrativa visual na imprensa

Esta tese direciona-se ao estudo de marcas avaliativas em reportagens verbo-visuais. Inicialmente, antes de analisarmos os significados que esses textos produzem, é preciso compreender em que a pesquisa se alicerça. O primeiro passo é apontar o que é o fotojornalismo. Concebe-se por fotojornalismo uma prática jornalística que usa a fotografia como instrumento de comunicação, observação, registro e análise da realidade. Para Jorge Pedro Sousa (2004), o fotojornalismo é uma atividade que forma e esclarece pontos de vista por meio de fotografias. Seu campo de ação é amplo, pois "a fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia e opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual" (SOUSA, 2004, p. 5).

Julianne Newton, em *The burden of visual truth* (2001), escreve que a principal função do fotojornalismo é registrar e transmitir eventos de forma verdadeira e visual. Isso confere ao fotojornalismo o status de uma verdade transmitida por meio de imagens. Essa verdade é noticiada não apenas por meio de fotografias estáticas, em jornais e revistas, mas também, cada vez mais, por meio de imagens em movimento, em notícias televisivas e na internet. A autora considera o fotojornalismo um gênero textual e uma prática profissional – um gênero do qual fazem parte outros gêneros, como a reportagem, a notícia, a entrevista, o editorial.

Enquanto prática, o fotojornalismo organiza e narra fatos do mundo por meio de enquadramentos que expressam discursos. Isso significa tratar a fotografia como resultado de uma ação semiótica – assim sendo, a imagem representada fica inseparável de sua enunciação. O jornalista recorre a elementos da linguagem fotográfica – como plano, foco, ângulo, iluminação, movimento – para que sua imagem revele as intenções da informação capturada. Ele segue uma linha editorial que determina os critérios de noticiabilidade da imagem [5]. De acordo com Newton (2001), isso afasta a possibilidade de a fotografia de imprensa ter um caráter meramente ilustrativo e decorativo na composição da notícia.

O fotojornalismo surgiu quando a fotografia passou a ser utilizada em jornais e panfletos como recurso para reproduzir uma realidade visual. Sempre ao lado de um texto verbal, a fotografia era o registro visual da informação, por isso, como pontua Sousa (2004), às fotogra-

[5] Critérios de noticiabilidade são um conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – para que possam ganhar a existência pública de notícia (WOLF, 2001). Mais adiante, uma discussão acerca desse tópico será apresentada.

fias eram atribuídas evidências irrefutáveis da veracidade do conteúdo noticiado. Isso foi sustentado por muito tempo, enquanto o jornalismo se manteve preso ao conceito de objetividade. Para estampar as páginas de jornais ou circular em panfletos, a fotografia precisava possuir valor jornalístico, isto é, transmitir informação útil para o texto com o qual estava associada – ou, como escreve Sousa (2004, p. 8), precisava "contar uma história em imagens".

Ao prover a imprensa com fotografias, o fotojornalismo pode, numa primeira aproximação, afirma Sousa (1997, p. 59):

> informar, emocionar, explicar/contextualizar/interpretar/analisar, descrever/ilustrar, testemunhar/confirmar/verificar/documentar/provar, conotar a informação verbal, fazer reconhecer/conhecer os sujeitos representados, presentificar o passado e dar pistas para a interpretação significante de acontecimentos e problemáticas.

Falar em fotojornalismo é também falar no texto verbal que acompanha a fotografia. A legenda, o título ou o texto que comenta o fato registrado na imagem dão um sentido mais restrito ao discurso ou aos discursos inseridos na foto. Sousa (2004) argumenta que as palavras que se aliam à fotografia carregam uma espécie de "isso quer dizer" em relação ao fato registrado. O autor entende que "a fotografia é ontogenicamente incapaz de oferecer determinadas informações, daí que tenha de ser complementada com textos que orientem a construção de sentido para a mensagem" (SOUSA, 2004, p. 9). Dessa forma, em notícias verbo-visuais, as informações dispostas verbal e visualmente precisam estar conjugadas discursivamente em uma mesma direção. O instante selecionado e enquadrado na fotografia precisa estar em consonância com a narrativa verbal, a qual também deve dizer a imagem na estrutura narrativa.

Para Roland Barthes (1982), o texto que acompanha a fotografia é um suporte de conotação da imagem. A função que lhe cabe é insuflar a imagem com um ou mais significados, de modo a explicá-la, destacá-la, contestá-la, porém nunca a pode dublar "pois na passagem de uma estrutura a outra elaboram-se fatalmente significados segundos" (BARTHES, 1982, p. 22). Nessa lógica, a legenda, o título ou até mesmo a notícia geralmente ampliam um conjunto de significados já incluídos na foto; isso faz com que sejam compreendidos como elementos contextualizadores da imagem.

De acordo com Barthes (1982), existem dois tipos de relação entre palavra e imagem: fixação e relais. No primeiro tipo, a palavra fixa sentidos possíveis para a imagem, combaten-

do “o terror dos signos incertos” (BARTHES, 1982, p. 32). Aqui, a mensagem linguística orienta a interpretação visual, exercendo um controle sobre a imagem e restringindo a liberdade dos significados. Em fotografias de imprensa e publicitárias, a fixação está recorrentemente presente. Na relação tipo relais, palavra e imagem se complementam, sendo bastante característico de imagens em movimento, como em notícias televisivas ou filmes. Para Barthes, aqui a palavra faz progredir a ação, acrescentando significados que não estão contidos na imagem.

Sousa (2004) aponta cinco funções que o texto verbal cumpre ao lado da fotografia:

i. complementar informativamente a imagem;
ii. analisar, interpretar e/ou comentar a foto ou seu conteúdo;
iii. chamar a atenção para a fotografia ou para alguns dos seus elementos;
iv. conotar a fotografia, orientando o leitor para significados pretendidos pela imagem;
v. ancorar o significado da foto, direcionando o leitor para o que a imagem representa.

O Manual da Redação do jornal Folha de São Paulo (2002, p. 32) registra que a fotografia de imprensa não é um mero complemento da informação escrita.

> O recurso visual do jornalismo moderno deve ser entendido como uma possibilidade complementar e suplementar à informação textual. Não serve apenas para arejar a página ou valorizar a notícia, tampouco para preencher eventuais vazios que a falta de planejamento tenha criado.

O fotojornalismo tem as mesmas funções do jornalismo – porém, com o aditivo visual para além do textual. Fotografias de imprensa também esclarecem, alertam, informam e criticam. Apesar de seu potencial informativo, a imagem, assim como a palavra, não é o espelho do real. Sousa (2004) explica que a fotografia é o registro de um instante de um acontecimento, quer dizer, é o resultado de uma escolha do melhor ângulo, do melhor momento, da melhor luz, da melhor composição. O autor pontua que a foto é capaz de representar a aparência externa visível das coisas – representação que não é o reflexo daquilo mostrado; é, sim, uma construção narrativa motivada por razões profissionais.

Sousa (1997) pontua que o fotojornalismo permitiu ao leitor estar mais próximo da situação imageticamente representada, servindo-lhe detalhes visuais do que aconteceu. Ao fazer isso, o fotojornalismo se mostrou uma atividade de mediação simbólica, levando os receptores a consumirem representações mediatizadas da realidade.

Em seu estudo sobre o fotojornalismo português, Sousa (1997) explica que as fotonotícias estão sujeitas a uma série de variáveis (como: as rotinas de trabalho, a tradição profissional, costumes, a aplicação tecnológica), que formam a imagem do fotojornalismo numa determinada cultura. O autor entende que a padronização produtiva da fotonotícia fomenta a homogeneização do produto [6]. Traquina (1993) escreve que as rotinas de trabalho implicam um recorte artificial dos fatos, pois induzem os jornalistas a adaptar a complexidade de um acontecimento a um esquema de produção da informação. Isso inibe a subjetividade do profissional quando ele recorre às fotografias que podem compor o corpo de uma notícia.

O fotojornalismo é caracterizado como um meio de comunicação autônomo, pois possui natureza técnica específica, âmbito comunicativo próprio e linguagem básica. Jorge Pedro Sousa (1997) explica que a fotografia de imprensa possui sua própria instrumentalidade – ela apresenta recursos próprios para a conservação e reprodução de imagens, por isso se fala em natureza técnica específica. Além disso, a fotografia de cunho jornalístico conta com uma organização particular, já que repórteres fotográficos agem dentro de uma rede de serviços, estando integrados em organizações, como as agências de notícias. Por isso, fala-se em âmbito comunicativo próprio. Por fim, uma vez que a fotografia de imprensa constrói significados a partir de fatores como enquadramento, plano, composição, profundidade de campo, legenda, diz-se que ela possui uma linguagem.

1.3 A natureza jornalística da fotografia

Ainda que a entrada da fotografia no campo jornalístico tenha sido morosa (SOUSA, 2004), o caráter verossímil e autêntico advogado pela imagem impressa conferiu ao jornalismo o que a sua gênese sempre buscou: a máxima fidelidade ao acontecimento, retratando a realidade o mais próximo do que ela é. Quando jornais europeus optaram por inserir fotografias da 1ª Guerra Mundial em suas edições, momento em que seu deu a origem do fotojornalismo, o objetivo era conferir autenticidade às narrativas apresentadas na notícia. Naquela época, o

[6] Para Pepe Baeza (2001a), as imagens fotográficas que circulam na imprensa são muito semelhantes entre si, estando presas a parâmetros bastante baixos de riqueza visual. O autor entende que isso é resultado do enfraquecimento da cultura profissional crítica da imprensa, causado pelo monopólio de agências de notícias que passaram a dominar o campo imagético das mídias com fotografias e vídeos esteticamente padronizados. Baeza argumenta que, hoje, as fotos estão a serviço do texto verbal, o que diminui o espaço para imagens de cunho testemunhal ou documental. Em seu estudo, o autor sustenta que revistas e jornais dão mais espaço hoje para a fotoilustração, isto é, para imagens que nada testemunham ou documentam, apenas evocam ou simbolizam.

jornalismo já não tomava as imagens como instrumentos meramente ilustrativos e estéticos, mas como elementos indispensáveis à informação (SOUSA, 2004).

Surgia a fotografia como prova irrefutável da verdade dos fatos ou de sua efetiva existência. Surgia a natureza da fotografia de imprensa: a mimese perfeita do real. Como ressalta Sontag (2004, p. 5), "a fotografia fornece provas. Determinada coisa de que ouvimos falar, mas que nos suscita dúvidas, parece-nos comprovada quando dela vemos uma fotografia". A credibilidade que a foto advoga para si simula o máximo de denotação. Antes mesmo do surgimento da fotografia, as gravuras tinham espaço garantido nos jornais e também advogavam para si um caráter fidedigno da informação noticiada (SOUSA, 2000).

Gisèle Freund (1995), no livro *Fotografia e Sociedade*, escreve que, no início do século XX, jornais norte-americanos usavam fotografias como instrumento de crítica social. Fotos eram inseridas ao lado de artigos a fim de criticar as condições de vida de imigrantes que viviam em bairros desfavorecidos de Nova Iorque. Naquele cenário, as fotografias passaram a ser utilizadas como instrumento de luta para a melhoria das condições de vida de grupos sociais mais vulneráveis socialmente. A injustiça social ainda hoje se mostra um critério de noticiabilidade para fotografias (CAPLE, 2013).

Helen Caple (2013) escreve que, para se configurar como fotografia de imprensa, uma imagem precisa veicular informação visual. Para isso, ela precisa carregar consigo algum tipo de valor noticiável. A autora propõe 10 valores-notícia que uma foto pode apresentar de sorte que se torne notícia. O Quadro 1.1 apresenta esses valores. Uma discussão mais ampla acerca dessa questão ocorrerá em outro momento, ainda neste Capítulo 1.

Quadro 1.1 – Valores-notícia em fotografias de imprensa (CAPLE, 2013)

Critérios de noticiabilidade a que fotografias de imprensa devem atender
negatividade – oportunidade – proximidade – superlatividade – proeminência – impacto – novidade – personalização – consonância – estética

Fonte: Elaboração própria

Jorge Pedro Sousa (1997) escreve que a natureza jornalística de fotografias se revela em imagens que podem ser combinadas com palavras, isto é, imagens que podem ser contex-

tualizadas e complementadas por palavras. Com isso, quanto mais uma foto permite conexão com um título, uma legenda ou com o texto verbal da notícia, mais jornalística ela se torna.

No século XIX, conta Jorge Pedro Sousa (2000), a fotografia começou a ser usada em jornais como recurso testemunhal: ter uma imagem ao lado de uma notícia significava ter uma prova irrefutável do fato narrado. A foto de imprensa era o testemunho fidedigno e direto do evento noticiado, era a expressão da literalidade das coisas. Esse recurso é considerado até hoje um valor indispensável a qualquer imagem que se queira ser jornalística. O caráter verossímil da informação verbal se apoia na fotografia, que funciona como uma evidência, um traço daquilo que está escrito na notícia.

> A imagem do real retida pela fotografia (quando preservada ou reproduzida) fornece o testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes da cena. A imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte, além de ser o produto final que caracteriza a intromissão de um ser fotógrafo num instante dos tempos (KOSSOY, 2001, pp. 36-37).

De acordo com Sousa (2000), o uso da fotografia como recurso testemunhal nasce nos Estados Unidos, no século XIX, após a Guerra de Secessão, quando colonos se deslocaram para o Oeste do país, levando consigo fotógrafos.

> Os fotógrafos que empreendiam tais expedições eram autênticos "fotodocumentalistas" – viajantes, vergados sob o peso de um equipamento de grandes dimensões e obrigados a transportar consigo – literalmente – o laboratório. Visando dar testemunho do que viam, encobertos pela capa do realismo fotográfico, começavam a ambicionar substituir-se ao leitor, sob mandato, na leitura visual do mundo. É já uma retórica da "objectividade" a despontar, mas que correspondia, de facto, a um discurso fotográfico cujo fim residia na obtenção de imagens sem censura nem truncagens (SOUSA, 2000, p. 47, grifo do autor).

Outro fator que confere natureza jornalística à fotografia é a atualidade. Esse critério é uma tentativa de competir com a televisão, meio em que a velocidade de cobertura e difusão das informações é mais rápida que a foto. De acordo com Charaudeau (2013b), a imprensa cobre eventos que se situam em uma cotemporalidade enunciativa. Quanto mais próximo o surgimento do evento está da sua publicação, mais noticiável esse evento é, já que mais atual ele se torna. Assim, a fotografia que consegue aproximar ao máximo o instante em que o evento surge do instante em que o público a consome, mais jornalística ela é.

Charaudeau (2013b) escreve que o propósito da imprensa é publicar informações atualizadas para satisfazer o desejo do leitor por aquilo que é novo. “A notícia só tem licença para aparecer nos organismos de informação enquanto estiver inscrita numa atualidade que se renova pelo acréscimo de pelo menos um elemento novo” (CHARAUDEAU, 2013b, p. 134). O autor explica que esse elemento novo precisa portar uma forte carga de algo inesperado, de modo a evitar a saturação. Dessa forma, fotografias que capturam eventos novos são mais noticiáveis, pois asseguram a vinculação do acontecimento ao tempo presente, ao imediato.

Charaudeau (2013b) pontua ainda que a natureza jornalística de imagens é resultado de um acordo tácito entre mídia e leitor/telespectador. Movido por uma visada discursiva [7], isto é, por uma intencionalidade, de fazer-saber e encontrando-se legitimado por uma posição de saber, o jornal oferece ao leitor/telespectador imagens seguindo um rito fundado na crença da objetividade jornalística. O leitor/telespectador, por sua vez, motivado pelo desejo de querer saber, fica preso a um dever de crer nas imagens. Nessa lógica, ele atribui noticiabilidade às fotos e aos vídeos com que se depara no jornal, na revista ou na televisão.

A atualidade é um conceito temporal que se refere ao espaço de tempo que se desdobra entre o acontecimento e o momento em que a notícia é transmitida, dando existência a esse acontecimento. Acerca desse caráter de imediatismo, Nelson Traquina (2005b, p. 37, grifo do autor) escreve:

> Se o campo jornalístico fosse um país, por exemplo chamado “Novaslândia”, a paisagem desse país estaria marcada, em todo e qualquer lugar, pela presença de relógios. O fator tempo define o jornalismo (...). Mais, o fator tempo condiciona todo o processo de produção das notícias, porque o jornalismo é marcado por horas de fechamento.

Situações que envolvem dor e sofrimento também encontram campo fértil para serem difundidas no fotojornalismo. Essa é a posição defendida por Barcelos (2009) no texto *Fotojornalismo: dor e sofrimento*. Fotografias de dor e sofrimento são imagens que representam o ser humano em situações que o atingem física ou psicologicamente, em especial momentos em que o respeito à dignidade humana é violado. Esse tipo de imagem, segundo a autora, ape-

[7] Segundo Charaudeau (2004), a visada é uma atitude enunciativa que é definida tanto pela intenção comunicativa do sujeito falante quanto pela identidade que ele atribui ao seu interlocutor, nessa mesma situação. Uma visada determina a expectativa do ato de linguagem e, consequentemente, da própria troca comunicativa.

la à emoção do leitor, buscando provocar nele não somente uma resposta emocional, mas também uma identificação.

Acerca de situações de dor e sofrimento enquanto critérios de noticiabilidade fotojornalística, Barcelos (2009, p. 42) registra:

> Ao analisarmos o desenvolvimento do fotojornalismo, percebemos como a prática de vários fotógrafos e a cobertura de guerras contribuíram para configurar práticas e rotinas, determinando como valores-notícia tragédias, catástrofes, acidentes e demais eventos que exploram a dor do outro. No campo do documentalismo, podemos verificar que um dos temas preferenciais tem sido o leque de experiências traumáticas do ser humano, que inclui a pobreza, as injustiças políticas e sociais, as guerras, o crime, a fome, os desastres e todo tipo de sofrimento.

Para Jorge Pedro Sousa (2000), fotografias que retratam tragédias sociais são uma tentativa de tornar o acontecimento mais real. O autor destaca que a ênfase jornalística nesse tipo de imagem faz parte das culturas em que a dor e o sofrimento se tornaram o principal estímulo ao consumo midiático. Por trás da postagem de uma foto que representa a dor e o sofrimento alheio está o desejo do consumo, da aquisição do produto jornalístico. Essa é a razão pela qual o pesquisador deve se atentar para o como a tragédia, a catástrofe, a guerra são representadas na imagem fotográfica. Isso, porque é a linguagem jornalística que pode alterar toda a forma como esse tipo de acontecimento é absorvido pelo público.

A partir dessa breve discussão, é possível apontar algumas razões por que fotografias são usadas no jornalismo. São elas:

i. conferir autenticidade aos fatos;
ii. criticar desigualdades sociais;
iii. veicular informações visuais;
iv. associar-se a legendas, títulos e notícias;
v. fornecer testemunho visual e material dos fatos;
vi. veicular eventos atuais, recentemente ocorridos no mundo;
vii. impactar emocionalmente o leitor, por meio de imagens chocantes.

Essa discussão acerca do caráter jornalístico da fotografia evidencia noções de informação, notícia e acontecimento. Já que fugiria ao escopo desta tese discutir essas ideias, o conceito de natureza jornalística de fotografias limita-se às noções apresentadas acima.

1.4 A fotografia de imprensa e o risco à imagem pública do ator político

A imprensa constrói a imagem pública de atores políticos por meio de notícias, vídeos e fotografias. Essa imagem é fabricada sob diferentes ideologias, o que faz existirem significados diversos e até antagônicos em relação a um ator. A imagem pública – reconhecida pelos próprios atores políticos como fator crucial para a sua reputação e credibilidade – é um valor simbólico capaz de assegurar capital político (THOMPSON, 2002; 2008; 2010; 2018).

Essa é uma razão por que políticos procuram ser bem avaliados na imprensa. Conquistar aceitabilidade no espaço público, escreve Thompson (2008), é conseguir legitimidade para impor discursos, ideias e valores. Por outro lado, ter a imagem desgastada pode significar perda dessa reputação. O autor acrescenta que a confiabilidade política se tornou o fundamento pelo qual alianças e eleições são articuladas.

> (...) na era moderna de uma visibilidade mediada, a luta para ser visto e ouvido, e a luta para fazer com que os outros vejam e ouçam, tornou-se uma parte inseparável dos conflitos sociais e políticos de nosso tempo. E ela ilustra ainda muito bem que, num mundo onde as redes de comunicação e os fluxos de informação tornaram-se tão complexos e interconectados, é impossível para qualquer político controlar as palavras e imagens que circulam no espaço público (THOMPSON, 2008, p. 37).

Nesse contexto, a frequente exposição do presidente da república Jair Bolsonaro em matérias jornalísticas de IstoÉ que o acusam de sabotar o combate à Covid-19 torna-se uma ameaça à sua imagem pública de chefe de Estado. As fotografias que a revista publica, os discursos que por elas perpassam, as narrativas construídas, tudo isso são formas de avaliar negativamente o presidente e sua postura. Segundo Weber (2004), a imagem pública é resultado de construções e desconstruções de valores, os quais balizam a formação da opinião pública.

O objetivo por trás da construção de uma imagem pública, explica Weber (2004), é difundir um conceito desejado e estrategicamente formatado. Criticar recorrentemente Jair Bolsonaro em suas matérias jornalísticas faz de IstoÉ um meio difusor de rótulos que buscam colar no presidente atributos danosos à sua imagem.

> A visibilidade cobiçada por sujeitos políticos é mantida por uma cadeia de insumos tangíveis, no campo visual, sonoro e sensitivo, que vão formando identificações visuais a serem associadas a informações abstratas de origem incontrolada, pertencentes ao acervo de fragmentos depositados no imaginário individual e hierarquizados pela paixão, pela história, cultura e ideologia de cada um (WEBER, 2004, p. 266).

Ainda que o presidente construa estrategicamente sua legitimidade política nas redes sociais e na imprensa, ela está suscetível a riscos – um deles origina-se nas matérias de IstoÉ. Thompson (2008) ressalta que a televisão e o fotojornalismo deixam políticos mais frágeis ao ataque, à denúncia, à oposição. Essa vulnerabilidade é intrínseca às sociedades onde os meios de comunicação de massa têm penetrado e, de certa forma, reconstruído o campo político. O escândalo é uma consequência dessa vulnerabilidade [8]. Como explica o autor:

> Desde que a mídia tornou-se capaz de dar visibilidade a domínios de ação anteriormente ocultos à visão, e desde que criou um terreno complexo de circulação de imagens e de informações, porém de difícil controle, permitiu a emergência de novas formas de acontecimentos mediados com potencial para burlar e minar a apresentação bem planejada de líderes políticos (THOMPSON, 2008, p. 25).

Entrelaçadas ao campo político, as mídias, cada uma à sua maneira, expõem políticos e partidos a perigos gerados pela natureza incontrolável da visibilidade midiática. Agora mais expostos do que estavam antes da proliferação da internet, políticos estão mais visíveis para mais pessoas, logo estão mais abertos ao risco de que suas falas e condutas entrem em conflito com a imagem pública que desejam projetar. Para John Thompson (2008), por ser mediada pela imprensa e outras mídias, a arena política está mais e mais aberta ao escrutínio público, o que torna difícil manter um controle sobre tudo o que é dito e feito nesse espaço.

> É neste contexto que entendemos a relevância dos inúmeros problemas que podem afligir os políticos na era da visibilidade mediada – fenômenos como a gafe, o vazamento de informações, a revelação e o escândalo. Os políticos precisam estar constantemente atentos e empregar um alto nível de reflexividade para conseguir monitorar suas ações e declarações, já que um ato indiscreto, uma frase mal interpretada ou uma revelação sem justificativa podem ter consequências infelizes (THOMPSON, 2008, p. 29).

Assim, as representações imagéticas de Jair Bolsonaro nas matérias de IstoÉ expõem-no a múltiplos olhares, controlando sua reputação e aceitabilidade social. As ações do presi-

[8] De acordo com Thompson (2002), na política contemporânea, novas estratégias de administração da visibilidade têm sido criadas a fim de que a midiatização seja usada em benefício das ações políticas. Hoje políticos e partidos fazem uso de todas as formas de mídia para que a publicidade de suas ações seja disseminada de forma controlada e coerente; exemplo disso é a utilização crescente, por parte dos líderes políticos, das novas mídias digitais, como o *Youtube*, o *Instagram, o Telegram* e o *X* (anteriormente conhecido como *Twitter*). Nitidamente, a política tem se adequado às regras da mídia, e seus atores têm criado tipos de representação para se ajustar a essas regras. Uma amostra disso é que a exposição pública de governantes passou a ser assessorada por profissionais de imprensa, e a preocupação com a aparência física – o modo de se vestir, de se comportar, de se portar – substituiu o artifício retórico. Para Thompson (2002), a renúncia a esse gerenciamento da visibilidade seria um suicídio político, já que deslizes ou atos indiscretos estariam mais abertos ao escândalo.

dente, suas falas, suas alianças políticas, tudo está ao alcance de ser fotografado. Isso ocorre, de acordo com Thompson (2002), porque o campo político está invadido pela imprensa.

1.5 A linguagem fotojornalística

Uma vez que comunica e que produz significados (razões pelas quais foi incorporada ao jornalismo), a fotografia se vale de uma linguagem, ou melhor, de um sistema de signos. É esse sistema que constrói representações de mundo, que elabora cenários políticos e que reforça o imaginário social. Para dar sentido àquilo que fotografa, o jornalista faz escolhas: decide o que será registrado, escolhe a melhor disposição desse objeto, escolhe a posição da câmera em relação ao objeto, decide a qual distância ficará desse objeto. Essas são escolhas que constroem significados, e são escolhas motivadas por um propósito comunicativo. Elas fazem parte de um amplo código que jornalistas usam no ato fotográfico.

Exatamente por possuir uma linguagem, a fotografia "tem uma realidade própria que não corresponde necessariamente à realidade que envolveu o assunto, objeto do registro", explica Boris Kossoy (2002, p. 22). Assim, as fotografias usadas por IstoÉ em suas matérias jornalísticas constituem-se por códigos que dão forma a um Jair Bolsonaro – que não corresponde necessariamente à pessoa Jair Bolsonaro. O Bolsonaro retratado visualmente se refere à "realidade do documento, da representação: uma segunda realidade, construída, codificada, sedutora em sua montagem, de forma alguma ingênua" (KOSSOY, 2002, p. 22).

A existência de uma linguagem fotográfica delimita, de certa forma, a desmedida possibilidade de leitura da imagem. Kossoy (2002) explica que as informações expressas na foto não estão desvinculadas de técnicas, isto é, de linguagens. Sem enquadramento, ângulo, plano, composição e outros recursos, a imagem nada significa. Nesse viés, o autor destaca que é essa linguagem que oferece ao fotógrafo infinitas possibilidades de manipulação do real.

Para Roland Barthes (1982, p. 12), a linguagem fotojornalística não se encontra isolada: "identifica-se, pelo menos, com uma outra estrutura, que é o texto (título, legenda ou artigo) que acompanha toda fotografia jornalística". Desse modo, a totalidade da informação veiculada apoia-se em duas linguagens: uma visual e outra verbal. Para se compreender a forma como essas linguagens se complementam, o autor sugere que elas sejam inicialmente estuda-

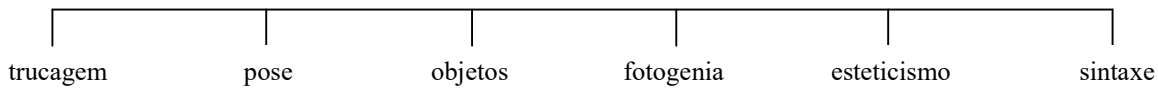
das de forma separada. Esta tese adotará a seguinte metodologia: em primeiro lugar, análise verbal da matéria jornalística; em seguida, análise visual das fotografias.

A linguagem fotojornalística seria, segundo Barthes (1982), um tratamento a que o jornalista submete o real a ser registrado. Esse tratamento confere estilo e ideologia à mensagem e se sobrepõe a uma mensagem sem código, isto é, a uma mensagem denotativa. "Uma fotografia de imprensa é um objeto trabalhado, escolhido, composto, construído, tratado segundo normas profissionais, estéticas ou ideológicas" (BARTHES, 1982, p. 14). Para usar a terminologia barthesiana, a foto seria conotada [9], imbuída de significados.

> A conotação, isto é, a imposição de um sentido segundo à mensagem fotográfica propriamente dita, elabora-se nos diferentes níveis de produção da fotografia (escolha, processamento técnico, enquadramento, diagramação): é, em suma, uma codificação do análogo fotográfico [...] (BARTHES, 1982, p. 15).

Barthes (1982) identifica seis processos de conotação fotográfica, os quais podem ser usados no fotojornalismo de forma simultânea ou isolada. São eles: trucagem, pose, objetos, fotogenia, esteticismo e sintaxe. A Figura 2 ilustra esses seis processos.

Figura 2 – Processos barthesianos de conotação fotográfica



Fonte: Elaboração própria

Quando a fotografia passa por qualquer procedimento de manipulação, corte ou edição que afeta a interpretação ou a veracidade da imagem capturada, diz-se que houve trucagem. Assim, se objetos e pessoas são inseridos na fotografia ou dela retirados, o jornalista faz uso de um recurso para a construção de significado, uso de uma linguagem denominada trucagem. Os gestos e as expressões corporais da pessoa fotografada, sejam encenados ou não, constitu-

[9] Barthes (1982) discute a conotação fotográfica dividindo-a em três tipos: a conotação perceptiva, a cognitiva e a ideológica. A conotação perceptiva parte do pressuposto de que a imagem é obrigatoriamente apreendida por categorias da língua, já que "toda língua toma partido sobre as coisas" (BARTHES, 1982, p. 23). Outra dimensão conotativa é a cognitiva, elaborada por meio da cultura, do conhecimento de mundo do leitor. Sendo assim, a conotação cognitiva joga com o saber do leitor. O terceiro tipo é aquele que introduz na leitura da imagem razões ou valores. A base da conotação ideológica são os valores que circulam em uma sociedade, valores que são sempre determinados por um espaço e um período de tempo.

em o que Barthes chama de pose. Gestos e expressões são elementos passíveis de conferir determinados significados à pessoa.

Outro recurso que também outorga significados para a imagem é a presença de objetos no enquadre fotográfico. Barthes (1982, p. 17) pontua que objetos são indutores comuns de associações de ideias, ou ainda, verdadeiros símbolos. "[...] são, portanto, os elementos de um verdadeiro léxico, estáveis a ponto de se poder facilmente estabelecer sua sintaxe".

O processo de conotação fotográfica denominado fotogenia trata do embelezamento da mensagem fotográfica a partir de técnicas de iluminação. Seu uso busca potencializar efeitos de cor, forma, contraste e outros. Quanto ao estetismo, tem-se a fotografia alimentada por códigos da pintura. Aqui, trata-se de a fotografia travestir-se de pintura, ou convocar seus códigos ou status, com o objetivo de promover sentidos próximos a ela. Quando recorre ao estetismo, o fotógrafo valoriza artisticamente a mensagem visual.

Por fim, a sintaxe diz respeito a uma técnica de encadeamento. Nela, o fotógrafo busca registrar como o encadeamento de elementos individuais da imagem constrói um significado. Dessa forma, a disposição orientada de objetos e pessoas em uma fotografia produz significados. A sintaxe é uma técnica também aplicada quando o jornalista publica um conjunto de fotografias, formando uma sequência, em que o nexo entre as imagens é responsável por construir determinados significados para a mensagem.

Para Barthes (1982), o texto verbal que acompanha a fotografia também é um recurso que pode ser usado para conotar a imagem. O autor entende que esse texto é dependente daquilo que a foto quer comunicar – essa é a razão de Barthes empregar o termo "parasita" para ilustrar a relação entre palavra e imagem.

> [...] a imagem já não *ilustra* a palavra; é a palavra que, estruturamente, é parasita da imagem; [...] a imagem já não vem esclarecer ou "realizar" a palavra; é a palavra que vem sublimar, patetizar ou racionalizar a imagem; [...] ontem, a imagem ilustrava o texto (tornava-o mais claro); hoje, o texto torna a imagem mais pesada, impõe-lhe uma cultura, uma moral, uma imaginação; [...]. (BARTHES, 1982, p. 20, grifo do autor).

Todos esses códigos de conotação, frisa Barthes (1982), são culturais, por isso são provavelmente constituídos, seja por uma simbologia universal, seja por uma retórica de época, por uma reserva de estereótipos, que guia as normas profissionais, ideológicas e estéticas do fotojornalista.

Ao escrever sobre o fotojornalismo, Sousa (2004) aponta outras técnicas de conotação usadas na elaboração da fotografia, a saber: texto, plano, ângulo, composição, cor e simetria. Esses recursos são apresentados no Quadro 1.2.

Quadro 1.2 – Linguagem fotojornalística

Técnica	Descrição
Texto	Pode cumprir cinco funções: chamar a atenção para algum elemento da foto; complementar informativamente a fotografia; direcionar o leitor para aquilo que a imagem informa; acrescentar informações à foto e; comentar o conteúdo da imagem.
Plano	Diz respeito ao distanciamento da câmera em relação ao objeto fotografado. Esse distanciamento produz tipos de plano (grande plano, plano médio e plano geral), em que cada um constrói um tipo de significado visual específico.
Ângulo	Trata-se de como a câmera está situada em relação ao objeto: se no mesmo nível, abaixo ou acima desse objeto. Cada posição inscreve um tipo de relação entre objeto fotografado e leitor.
Composição	Corresponde à disposição do objeto fotografado no enquadre. Esse objeto pode estar no centro da imagem, no topo ou ainda no lado direito ou esquerdo. Escolher uma dessas disposições para fotografar um objeto significa escolher um tipo de significado visual.
Cor	Cores conferem significado a uma imagem. Uma cor pode expressar diferentes significados, e um significado pode ser expresso por diferentes cores. Fala-se em harmonia cromática (quando existem na foto cores próximas) e contraste cromático (quando existem cores contrastantes).
Simetria	Trata-se do equilíbrio ou desequilíbrio do objeto ou da pessoa fotografada em relação a outros objetos ou outras pessoas no enquadre. A simetria é um recurso útil para atrair o olhar do leitor.

Fonte: Elaboração própria

A visibilidade e a legibilidade da fotografia jornalística são, pois, estruturas complexas que constroem representações semióticas do mundo – no caso desta pesquisa, representações semióticas de Jair Bolsonaro. Assim, para analisar fotografias de imprensa faz-se necessário consolidar três fases inerentes ao processo de compreensão da linguagem fotojornalística: percepção, identificação e interpretação. Nesta tese, como será explanado no Capítulo 3, as fotografias do *corpus* são compreendidas a partir da legenda (texto), do plano e do ângulo.

1.6 Gêneros fotojornalísticos: como classificar as fotografias de imprensa

Segundo Baeza (2001a), com a evolução do fotojornalismo, ficou cada vez mais difícil categorizar as fotografias de imprensa. O autor argumenta que o estilo fotográfico, hoje, não mais fornece as bases para uma tipificação segura das imagens. O conceito de gênero fotojornalístico é dominado pela profusão e complexidade dos tipos de imagens contemporâneas. Para analisar essa tendência, é essencial adentrar em campos que lidam com a intencionalidade do fotógrafo, com o fluxo das imagens na imprensa e com as estéticas que fazem parte do fotojornalismo moderno. Esta tese não tem a pretensão de fornecer uma classificação acurada de fotografias que hoje circulam nos periódicos de imprensa. Isso fugiria ao escopo da pesquisa.

Categorizar fotografias de imprensa implica analisar os processos de produção das imagens. Isso significa mapear o fazer fotográfico, desde a escolha da cena a ser capturada, passando por seu enquadramento, até a chegada ao processo de edição (BAEZA, 2001a). A tipificação das fotografias de imprensa permite ao profissional melhor entender as possibilidades de registrar um acontecimento ou elaborar uma imagem ilustrativa. Para esta tese, a classicação esclarece o tipo de conteúdo imagético que está sendo veiculado. Baeza (2001a) propõe duas etapas para a taxonomia das fotografias de imprensa:

> 1ª reconhecimento das intenções comunicativas para as quais a imagem é elaborada;
> 2ª análise do contexto em que a fotografia está inserida.

A partir dessa metodologia, o autor identifica um tipo de imagem: a fotografia de imprensa – aquela que o veículo de imprensa planeja e produz ou que ele compra e divulga como conteúdo próprio. Esse tipo é constituído por dois grupos de imagens: as fotografias jornalísticas (ou fotojornalismo) e as ilustrações fotográficas (ou fotoilustrações).

Como explica Baeza (2001a), as fotos jornalísticas são imagens produzidas em função dos valores de informação, atualidade, factualidade e relevância – política, social ou cultural. Esse tipo de fotografia é fortemente influenciado pelas naturezas documental e testemunhal da realidade; isso faz com que ela guarde um compromisso com o real. Baeza (2001a) pontua que fotos jornalísticas possuem dois polos fundamentais: o imediatismo e o tratamento interpretativo, sequencial e narrativo de uma informação ou fato. Esses polos as aproximam de outro gênero fotográfico: o documentarismo. “As fotografias jornalísticas são profundamente in-

fluenciadas pelos estilos e pelos modos de fazer de outro grande campo da fotografia: o documentarismo" (BAEZA, 2001a, p. 36). A Imagem 2 ilustra um exemplo de foto jornalística.

Imagem 2 – Fotografia jornalística (ou fotojornalismo)

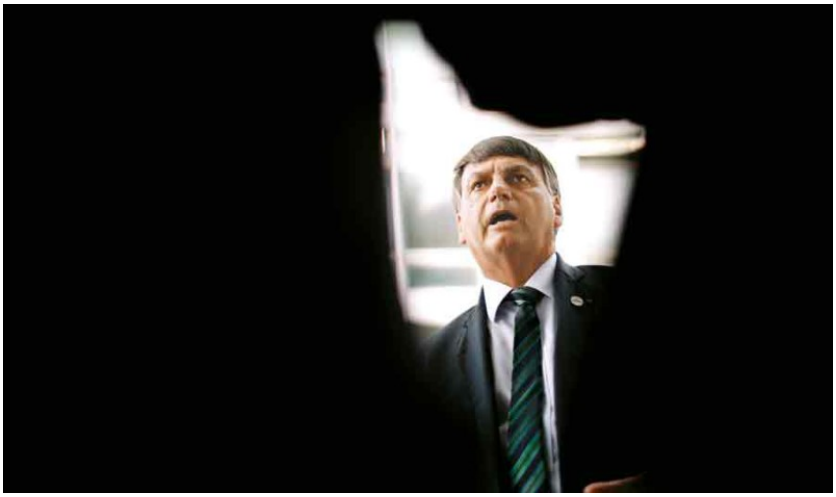
Fonte: IstoÉ Dinheiro, 06/09/2018, nº 1.086

As fotoilustrações, por sua vez, são imagens que cumprem a função de ilustrar. Podem ser formadas por fotomontagens, fotos eletrônicas, fotografias convencionais ou pela combinação com outras imagens. As fotoilustrações são usadas para "compreender melhor um objeto, um conceito ou uma ideia, seja por representá-lo mimeticamente, seja por interpretar visualmente características essenciais para sua compreensão, por meio de procedimentos visuais e simbólicos" (BAEZA, 2001a, p. 39). Esse tipo de fotografia depende de um texto anterior que dá origem à imagem. Nessa lógica, a fotoilustração esclarece o texto ou gera no destinatário um desejo de se aproximar de seu conteúdo. Esta tese não reúne em seu *corpus* fotoilustrações. A Imagem 3 é um exemplo de ilustração fotográfica.

De acordo com Baeza (2001b), a ilustração fotográfica não se configura como um recorte do real, pois é uma imagem montada e manipulada para acompanhar matérias jornalísticas. Efetivamente, ela não se ajusta a uma dimensão factual exterior, nem possui caráter descritivo. As fotoilustrações, explica o autor, são a materialização visual de um conceito por meio do qual o assunto noticiado se torna compreensível. "[...] chamamo-las 'ilustrativas' por atender aos requisitos fundamentais desta função: auxiliar a melhor compreensão de um objeto, ideia ou conceito estabelecido de antemão" (BAEZA, 2001b, p. 166, grifo do autor). Com isso, quando uma matéria jornalística é posicionada ao lado de uma ilustração fotográfica,

busca-se uma forma de esclarecer ou comentar aquilo que está escrito verbalmente. Esse tipo de imagem "dá expressão visual ao que acabou de ser escrito" (BAEZA, 2001b, p. 166).

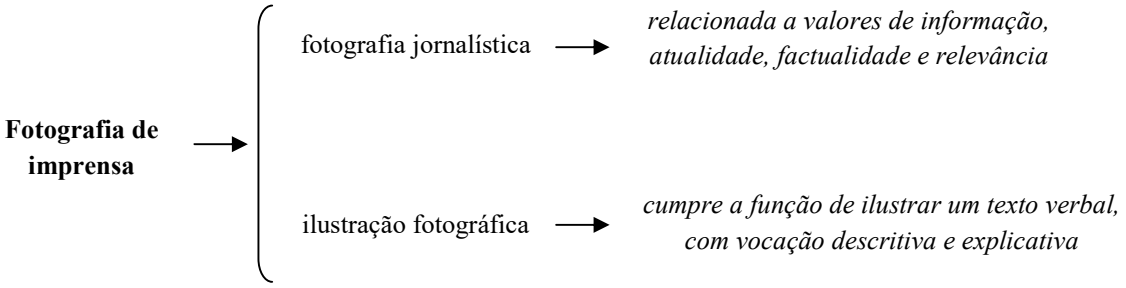
Imagem 3 – Ilustração fotográfica (ou fotoilustração)



Fonte: IstoÉ, 05/02/2021, nº 2.664

A Figura 3 resume os tipos de fotografia de imprensa propostos por Baeza (2001a) [10].

Figura 3 – Tipos de fotografia de imprensa



No *corpus* desta tese de doutorado, estão presentes somente fotografias jornalísticas acompanhadas por legendas – o que, segundo Baeza (2001a; 2001b), pode conferir à imagem um caráter opinativo, tais como de crítica, ironia, elogio.

[10] No estudo realizado por Medina e Leandro (1973), *A arte de tecer o presente: jornalismo interpretativo*, a proposta por uma categorização dos tipos de fotografia jornalística é mais ampla do que aquela sugerida por Baeza. Ainda que o termo fotografia ilustrativa esteja presente em ambos os estudos, por exemplo, as definições são distintas. Se para Pepe Baeza a foto ilustrativa é uma imagem manipulada para acompanhar a notícia, para Medina e Leandro, não. A fotografia ilustrativa não contém alterações estéticas; sua função é ilustrar a matéria jornalística, sem guardar relação direta com os fatos narrados. Retratos e imagens retiradas de banco de fotografias são exemplos de fotografias ilustrativas.

1.7 Imagens que atestam fatos, mas não os espelham

Desde o seu surgimento, a fotografia tem sido conceituada como um recorte do mundo real (BARTHES, 1982; 1984; DUBOIS, 1990; KOSSOY, 2001). Um recorte no fluxo do tempo, ou melhor, o congelamento de um instante na sucessão de acontecimentos. Nessa lógica, a foto é um fragmento da realidade, escolhido pelo fotógrafo em razão de um tema, um personagem ou uma situação específica. Por guardar um elo físico com o seu referente, a fotografia seria um registro incontestável do real. Segundo Julianne Newton (2001), essa é uma razão por que a imprensa usa fotos para reforçar a credibilidade do noticiário.

Para Boris Kossoy (2001), a informação visual quase nunca é posta em dúvida. Sua autenticidade é geralmente aceita a priori, e isso se origina do privilegiado grau de credibilidade da qual a fotografia sempre foi merecedora, desde a sua invenção. "A imagem do real retida pela fotografia (quando preservada ou reproduzida) fornece o testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes da cena. A imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada" (KOSSOY, 2001, p. 36-37).

A ideia de "ver para acreditar" é, para Newton (2001), uma das razões que explicam por que fotografias têm sido tradicionalmente utilizadas para documentar acontecimentos. Como o objeto fotografado seria "a coisa *necessariamente* real que foi colocada diante da objetiva, sem a qual não haveria fotografia" (BARTHES, 1984, p. 115, grifo do autor), o pressuposto de que a foto não mente é amplamente aceito, seja qual for a natureza da imagem.

Charles Sanders Peirce (1995) coloca a fotografia na categoria dos índices – signos que se referem ao objeto por conexão física. O filósofo norte-americano escreve que as fotos são exatamente como os objetos que elas representam. Essa analogia se justifica com base no processo fotoquímico: partículas de luz refletidas no objeto fotografado determinam a configuração final da imagem. Sob essa lógica, a fotografia não pode se distinguir de seu referente, ou seja, não pode se distinguir do real fotografado.

No livro *Discurso das Mídias* (2013b), Charaudeau pontua que a imagem é suscetível de produzir efeitos de sentido. Um deles é o efeito de realidade: ocorre quando a imagem reporta diretamente o que acontece no mundo. Outro é o efeito de verdade: ocorre se a imagem torna visível aquilo que não o era a olho nu. Nesses dois casos, a semelhança da imagem com

o referente tem caráter autenticador das coisas do mundo. Considerar a fotografia um índice significa fixar a realidade por meio de uma imagem, tornando presente qualquer fato passado.

Em *A Câmara Clara* (1984), Barthes argumenta que a fotografia consiste em um tipo de vestígio ou impressão direta de um objeto. Para o autor, a natureza indicial da foto comprova a existência da imagem capturada. Assim, é o vínculo entre o referente e a fotografia que certifica os traços de realidade e veracidade da imagem fotográfica. "A essência da fotografia consiste em ratificar o que ela representa" (BARTHES, 1984, p. 127-128).

> [...] na fotografia não posso nunca negar que a coisa esteve lá. Há dupla posição conjunta: de realidade e de passado. E já que essa coerção só existe para ela, devemos tê-la, por redução, como a própria essência, o noema da fotografia. Aquilo que intencionalizo em uma foto [...], não é nem Arte, nem a Comunicação, é a Referência, que é a ordem fundadora da fotografia (BARTHES, 1984, p. 115).

Uma fotografia de Jair Bolsonaro, por exemplo, não é Jair Bolsonaro; é sua representação. Na imagem, está um contexto particular da vida do presidente, estão também um lugar e um tempo específico. A fotografia seria, então, um instante na sucessão de acontecimentos em que o presidente esteve envolvido. Para se efetivar como imagem, a foto depende da existência de Jair Bolsonaro naquele lugar, naquele tempo, naquele contexto. Sob essa lógica, o Jair Bolsonaro fotografado se torna um simulacro do real. "[...] com a fotografia, minha certeza é imediata: ninguém no mundo pode me desmentir" (BARTHES, 1984, p. 169).

Em que pese a fotografia de imprensa autenticar a existência de fatos do mundo real, isso não se traduz em imparcialidade ou ausência de intencionalidade por parte do fotorrepórter, ou de quem edita a imagem e a insere na matéria jornalística. A imagem comporta discursos; ela é em si um elemento de enunciação discursiva. Esses discursos são "escritos" intencionalmente: "existem formas de o fotógrafo manifestar sua intencionalidade de comunicação em fotografia, ou seja, existem formas de se escrever em fotografia" (BONI, 2000, p. 14).

Natural ao trabalho do repórter fotográfico é a intencionalidade, que se manifesta na linguagem empregada na fotografia. Sousa (2000, p. 226) argumenta que, em toda foto de imprensa, opera uma força ideológica. "Os fotojornalistas fotografam com as ideologias que trazem consigo". Essa força, sustenta o autor, implica um jogo de manipulação da notícia. Mostra-se somente aquilo que a ideologia permite mostrar. Assim, em toda notícia fotográfica, o jornalística é fiel ao seu modo de ver o mundo. Ele "estará obedecendo instintivamente, mes-

mo sem se dar conta, às vezes, ao estilo, tendências e repertórios. E como acredita que sua visão daquela realidade seja o real, intenciona traduzi-la para os leitores" (BONI, 2000, p. 51).

A natureza ideológica da fotografia é, portanto, razão para se analisar tudo aquilo que a imagem (não) mostra, pois essa natureza é sensível à foto.

> Numa composição fotográfica, cada elemento – ou mesmo parte dele – pode constituir um significante. Num cenário retratado em que apareçam pessoas, animais e objetos, cada um desses elementos é considerado um significante. E cada uma das partes desses elementos também podem ser consideradas significantes, pois, além de remeterem o leitor a um signo, geram interpretações diferentes e provocam em cada leitor, uma nova semiose (BONI, 2000, p. 17).

Esta tese parte da premissa de que os elementos constitutivos da escrita fotográfica – ângulo, composição, cor, plano – mostram a forma como o fotorrepórter manifesta sua intencionalidade comunicativa. Boni (2000, p. 49) classifica esses elementos como "uma espécie de vocabulário utilizado para traduzir para o leitor o significado que o fotógrafo havia construído antes de apertar o disparador de seu equipamento fotográfico". Acerca dessa intencionalidade comunicativa, Kossoy (2001, p. 27) destaca:

> Seja em função de um desejo individual de expressão de seu autor, seja de comissionamentos específicos que visam a uma determinada aplicação (científica, comercial, educacional, policial, jornalística etc.), existe sempre uma motivação interior ou exterior, pessoal ou profissional, para a criação de uma fotografia, e aí reside a primeira opção do fotógrafo, quando este seleciona o assunto em função de uma determinada finalidade/intencionalidade. Esta motivação influirá decisivamente na concepção e construção da imagem final.

Uma vez que, no fotojornalismo, a imagem precisa estar carregada de informação, a escrita fotográfica marca a estratégia de comunicação do jornalista. Com isso, a escolha de determinado plano, assim como a decisão de qual recorte do real fazer, ou qual ângulo adotar, são práticas intrínsecas ao ato fotográfico que traduzem para o leitor os significados que o fotojornalista interpretou instantes antes da fotografia.

> Ao manifestar essa intencionalidade, pulsa mais forte a hipótese de o fotógrafo ser um tradutor da realidade presenciada, através de um recorte espaço-temporal aos ausentes do ocorrido. Diante de um fato, o fotógrafo primeiro constrói mentalmente um significado, o seu significado particular do acontecimento. Ele precisa se inteirar, saber e entender o que está acontecendo para poder transmitir uma versão do aacontecido ao seu leitor (BONI, 2000, p. 50).

O que esta tese propõe, de certa forma, é desconstruir fotografias que compõem matérias jornalísticas de IstoÉ em determinados elementos formativos, para compreender o processo de avaliação que nelas opera. Deve-se ressaltar que esse procedimento se apresenta como uma forma de se aproximar da intencionalidade do jornalista, e não de se chegar à verdade absoluta da imagem. "Através da decomposição dos elementos constitutivos é possível se aproximar do que alguém pensava – e intencionava dizer – ao fotografar. Mas não é possível afirmar com segurança" (BONI, 2000, p. 127-128). Essa constatação não é sinônimo de fragilidade metodológica. Apenas ressalta a complexidade semiótica que permeia a fotografia.

1.8 Critérios de noticiabilidade na fotografia de imprensa

Assim como existem critérios jornalísticos para se selecionar um acontecimento, também o existem para a seleção de fotografias. Em um dos primeiros estudos sobre critérios de noticiabilidade em fotos de imprensa, Stuart Hall (1981) aponta que eventos não esperados, eventos dramáticos e acontecimentos que implicam pessoas da elite – líderes políticos, artistas, cientistas – são critérios determinantes para a seleção de uma fotografia. Para o autor, tais critérios são formas de conhecimento social derivadas de práticas sociais, crenças e valores que ordenam o modo como a sociedade apreende o mundo em termos de significados.

Hall (1981, p. 232) escreve que toda seleção de fotografia é uma atitude ideológica centrada na exploração de códigos expressivos.

> As estruturas de valores-notícia parecem estar em um nível operacional neutro na produção de notícias. Naturalmente, conectam histórias e eventos com pessoas: elas associam qualidades, status, posições no mundo social a eventos anônimos; buscam o drama, o interesse humano, por trás de forças históricas impessoais. Todavia, esses valores operacionais não são, no final das contas, neutros.

Bednarek e Caple (2012) propõem uma abordagem discursiva aos critérios de noticiabilidade – uma abordagem mais ampla e sistemática do que aquela sugerida por Hall, portanto. "De uma perspectiva discursiva, podemos conceituar os valores-notícia em termos de como a noticiabilidade é construída por meio do discurso – verbal e visualmente. A noticiabilidade não é inerente a eventos, ela é estabelecida por palavras e pela imagem" (BEDNAREK; CAPLE, 2012, p. 45).

Para identificar quais elementos discursivos constroem a noticiabilidade de acontecimentos, Bednarek e Caple (2012) partem do seguinte questionamento: o que há no texto verbal e/ou na imagem que atribui noticiabilidade a um evento? Em se tratando de fotografias de imprensa, a questão é: o que está na imagem que determina o evento como noticiável?

A proposta discursiva de Bednarek e Caple (2012) se baseia em nove dispositivos semióticos de análise dos participantes da fotografia – a saber: elementos avaliativos, referências emotivas, intensificação, comparação, elementos negativos, referências a lugar e tempo, atributos da função, elementos estéticos e referência a indivíduos. A partir desses dispositivos, as autoras propõem a existência de 10 valores-notícia em fotografias de imprensa. O Quadro 1.3 apresenta e descreve esses valores.

A presença de Jair Bolsonaro em fotografias revela-se, pois, um dispositivo semiótico que atribui noticiabilidade à imagem. Seu status de presidente da república e sua influência nas redes sociais (são 58 milhões de seguidores em perfis no Facebook, Instagram, YouTube, Tik Tok e Twitter) são indicadores de proeminência social, logo indicadores de noticiabilidade. Bednarek e Caple (2012) escrevem que pessoas da elite atraem a atenção de jornais e portais de comunicação na medida em que suas ações são mais consequentes que ações de pessoas sem destaque na sociedade.

A notoriedade que Bolsonaro carrega consigo é, portanto, critério de noticiabilidade. O ex-capitão é um ator em cujas ações a imprensa enxerga maior probabilidade de ocupar o noticiário. Ele possui uma agenda pública, os eventos de que participa possuem relações estreitas com a democracia, com a economia, com a gestão do país. Sob essa lógica, em conformidade com os escritos de Traquina (1993), noticiar eventos cujos atores centrais são pessoas da elite, tal como Bolsonaro o é, implica pôr em primeiro plano a figura do poder e seu lugar privilegiado na hierarquia social.

Para John Thompson (2002), a quantidade de cobertura jornalística que políticos recebem é elemento-chave na determinação de seu sucesso ou fracasso na esfera pública. Por um lado, aparições frequentes na imprensa ajudam os políticos a estreitar seus laços interpessoais com o público. Por meio dessas aparições, políticos podem informar decisões, propagar valores e influenciar o comportamento das pessoas. Thompson (2002) acrescenta que a cobertura

jornalística também é crucial a partir do ponto de vista eleitoral. Eleitores tendem a votar em candidatos de quem já ouviram falar e sobre os quais têm informações suficientes.

Quadro 1.3 – Critérios de noticiabilidade na fotografia de imprensa

Valor-notícia	Principais dispositivos na fotografia
Negatividade (aspectos negativos de um evento)	Imagens de eventos negativos e seus efeitos (acidentes, desastres, destroços, pessoas feridas ou presas), fotos que mostram pessoas experimentando emoções negativas.
Oportunidade (a relevância do evento em termos de tempo)	Inclusão de tempo na imagem ou a inclusão de artefatos culturais do evento. O texto verbal também pode cumprir esses papéis.
Proximidade (a proximidade geográfica ou cultural do evento)	Imagens de símbolos culturais ou pontos de referência conhecidos.
Superlatividade (aspectos intensificados de um evento)	Repetição de elementos-chave na fotografia, representação de emoções extremas nos participantes, colocação de elementos de diferentes tamanhos próximos uns dos outros.
Proeminência (o status elevado de indivíduos, organizações e nações)	Imagens que representam figuras-chave facilmente reconhecíveis, pessoas uniformizadas ou com outros trajes oficiais, ou pessoas fotografadas em meio a microfones e câmeras, ou rodeados por seguranças. Pessoas fotografadas em contextos associados à sua profissão.
Impacto (as consequências de um evento)	Imagens que retratam os efeitos de acontecimentos (cenas de destruição ou emoções causadas por eventos).
Novidade (aspectos inesperados de um evento)	Representações de pessoas supresas/chocadas.
Personalização (aspectos do interesse humano em um evento)	Imagens que personalizam um evento, trazendo um ou mais indivíduos fotografados. O objetivo é representar um acontecimento por meio de pessoas.
Consonância (aspectos estereotipados de um evento)	Imagens que se encaixam no imaginário estereotipado de um evento, pessoa/país.
Estética (composição dos participantes e outros elementos no enquadramento)	Imagens que são bem compostas e esteticamente agradáveis.

Fonte: Elaboração própria

Por outro lado, o holofote midiático sobre um político pode ter efeitos danosos à sua reputação. Críticas, reprovações e discordâncias por parte da imprensa podem provocar sentimentos de descontentamento no público. O que está em jogo nesse cenário é a reputação do agente político, é sua credibilidade frente a eleitores. Thompson (2002) escreve que escândalos podem esvaziar a reputação de agentes políticos, já que a imprensa se torna o principal difusor de críticas e reprovações à conduta transgressora.

1.9 A construção discursiva de Jair Bolsonaro em imagens fotográficas

Como ressalta Dubois (1990, p. 15), não é possível pensar a fotografia "fora do ato que a faz ser". Esse ato implica uma linguagem, ou seja, implica um conjunto de signos usados para representar um real. Por isso, a fotografia de imprensa não é somente imagem. É um ato icônico. Fotografar é construir significados, e isso implica considerar outra dimensão que não apenas a visual. A foto se faz por um sujeito [11] que materializa discursivamente na imagem um propósito (embora encontre seus limites na linguagem fotográfica), o qual é guiado por valores e ideologias construídos a partir do lugar que esse sujeito ocupa no mundo.

Consequentemente, isso não faz da fotografia um decalque do real. Ela escapa a essa função justamente por ser feita de linguagem e ser feita por um sujeito. Aquilo que mostra a fotografia diz muito sobre o sujeito que enuncia nela um real – o real fotográfico. Dessa forma, as fotografias que IstoÉ seleciona para suas matérias não revelam o presidente da república Jair Bolsonaro; revelam o que o fotojornalista vê do presidente. Por isso, esta tese parte da premissa de que o dizer da fotografia de imprensa é o dizer do fotorrepórter, é o dizer de uma pauta jornalística. É um dizer que só diz aquilo que o veículo de imprensa quer dizer.

Isto posto, o Jair Bolsonaro presente nas matérias jornalísticas de IstoÉ é um Jair Bolsonaro fotográfico. No livro *O ato fotográfico e outros ensaios*, Philippe Dubois (1990, p. 25) destaca a necessidade de se questionar a relação específica existente entre o referente fotográfico e a mensagem produzida na imagem. "Trata-se da questão dos modos de representação do real ou, se quisermos, da questão do realismo". Esses modos de representação passam por

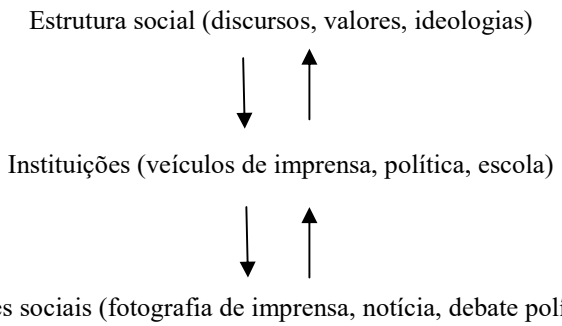
[11] Para Fairclough (1995b), o termo sujeito carrega dois sentidos: protagonista da linguagem e assujeitado à linguagem. O primeiro é um sujeito qualificado para agir (alguém que se contrapõe à dominação, logo capaz de provocar mudanças sociais), o segundo é um sujeito constrangido pela estrutura social (alguém moldado por valores, estereótipos e práticas sociais).

um sujeito situado entre a determinação estrutural e a agência consciente (usando aqui termos da Análise Crítica do Discurso). Ou seja, construir o Jair Bolsonaro fotográfico passa por um jornalista situado entre discursos, valores, conceitos e uma motivação para construí-lo.

No campo da Análise Crítica do Discurso, Fairclough (2003) explica que os sujeitos – também denominados agentes sociais – não são indivíduos livres; eles são socialmente constrangidos. Ainda assim, suas ações não são totalmente determinadas. "Os agentes têm seus próprios 'poderes causais' que não são redutíveis aos poderes causais das estruturas e práticas sociais" (FAIRCLOUGH, 2003, p. 22, grifo do autor). Fotojornalistas constroem imagens e estabelecem relações entre os elementos da imagem e o mundo. No entanto, é claro que existem restrições nessa construção – o gênero fotojornalístico é um deles, o assunto a ser fotografado, outro, também o é a linha editorial. Todavia, existe certa liberdade para elaborar a foto.

A revista IstoÉ é um veículo de imprensa, constitui-se enquanto instituição [12] – neste caso, a mídia. Por isso, para Fairclough (1995b), ela se situa entre a estrutura social (discursos, valores, ideologias) e a ação social (textos, práticas sociais). A relação entre esses três elementos não é uma relação de determinação de cima para baixo (estrutura social → instituição → ação social) em que uma instituição é determinada pela estrutura social, e uma ação social é determinada por uma instituição. Fairclough (1995b) entende essa relação como dialética: as ações podem provocar mudanças nas instituições, as quais podem provocar mudanças na estrutura social. A Figura 4 ilustra a relação dialética entre esses três elementos.

Figura 4 – A relação de determinação entre estrutura social, instituições e ações sociais



Fonte: Elaboração própria

[12] Fairclough (1995b) explica que uma instituição é, entre outras coisas, um aparato de interação verbal – ou uma ordem de discurso. Nessa perspectiva, uma instituição é um tipo de comunidade discursiva, com seus próprios textos e eventos, descritos em termos de contexto, sujeitos (suas identidades e relações), propósitos, tópicos.

A construção fotográfica de Jair Bolsonaro nas matérias de IstoÉ passa, portanto, por um jogo de determinações. O jornalista, em sua ação, é constrangido pela linha editorial da revista, assim como o é pelo gênero fotojornalístico e pela linguagem fotográfica. Apesar disso, ele encontra espaço para promover mudanças, e isso pode ocorrer, por exemplo, por meio da interdiscursividade ou pela intertextualidade de gêneros (FAIRCLOUGH, 1995b). Enquanto instituição, IstoÉ é constrangida pelos discursos, valores e conhecimentos que circulam e sustentam a sociedade. Ainda assim, ela pode causar mudanças nessas formações sociais. Com relação às instituições, Fairclough (1995b, p. 40) escreve:

> [As instituições], como ordens ideológicas e discursivas, são pluralistas, e não monistas, fornecem conjuntos alternativos de normas discursivas e ideológicas. Mais precisamente, são pluralistas, variam temporal e espacialmente, de uma formação social para outra, de acordo com fatores que incluem o equilíbrio de poder entre as classes sociais no nível da formação social, e de acordo com o grau em que as instituições da formação social são integradas ou, inversamente, autônomas.

Dito isso, a construção do Jair Bolsonaro fotográfico é constrangida e facilitada por IstoÉ. A revista disponibiliza o gênero fotojornalístico, a linguagem e as normas editoriais para tal construção, porém abre espaço para que o jornalista o faça a partir de seu próprio papel como sujeito dotado de intenções, ideologias e conhecimento. O jornalista é um sujeito institucional (FAIRCLOUGH, 1995b) que tem identidade, tem atributos e que desempenha um papel profissional. E ele usa sua posição para agir sobre a estrutura social.

Fairclough (1995b) explica que uma instituição pode abrigar duas ou mais formações ideológicas distintas que tendem a se associar a diferentes forças dentro dessa própria instituição. “Essa diversidade de formações ideológicas é uma consequência e uma condição para as lutas entre diferentes forças dentro da instituição” (FAIRCLOUGH, 1995b, p. 40). Diretamente relacionadas a lutas de classe, essas forças permitem ao jornalista agir contra determinações sociais que ditam formas de ver e falar sobre o mundo.

Enquanto instituição, IstoÉ constrói seus sujeitos institucionais como sujeitos ideológicos e discursivos; ela os constrói a fim de impor a eles constrangimentos a fim de determinar sobre eles normas de como agir sobre os textos que produzem. Aqui é relevante destacar o objetivo desta pesquisa: identificar as formas de avaliação presentes tanto na fotografia quanto na matéria jornalística. Essas formas devem estar conjugadas em um único discurso, de sorte a atestar a posição da revista em diferentes modos de representação da realidade.

CAPÍTULO 2

A linguagem da avaliação: o sistema de avaliatividade

Em relação à modelagem do significado atitudinal, diversos estudos no campo da Linguística têm explorado o espaço semântico da função interpessoal da linguagem – mais especificamente, explorado a avaliação na língua. Alguns desses trabalhos incluem os escritos de Palmer (1986) sobre modalidade, Chafe (1986) sobre evidencialidade, Biber e Finegan (1988; 1989) sobre *stance*. Essas pesquisas se esforçaram para estabelecer marcações lexicais e gramaticais na língua de julgamentos, atitudes e sentimentos.

O foco em itens lexicais explícitos de avaliação era uma limitação desses estudos. Somente avaliações marcadas por alguma categoria lexical ou gramatical faziam parte das investigações. Esse método restringia atitudes implícitas em um texto. Assim, julgamentos sensíveis ao contexto – aqueles implícitos e indiretos – não podiam ser identificados e analisados enquanto padrões de significado atitudinal.

Pesquisadores interessados em estabelecer diferentes tipos de recursos avaliativos têm proposto ferramentas mais refinadas de análise. Susan Hunston (1989), por exemplo, explorou os sistemas de valores na escrita científica e, para isso, analisou a avaliação implícita no discurso persuasivo presente em relatórios científicos. Isso lhe permitiu observar como a avaliação indireta evita que o discurso científico explicite uma linguagem atitudinal.

Outra importante contribuição foi dada por Ken Hyland (1996). Em seu estudo sobre *hedging* – recurso linguístico que modifica a força ou o valor de verdade de um enunciado –, o autor identifica as principais formas, funções e distribuições de *hedges* em textos acadêmicos, ao explorar o contexto institucional em que esse recurso avaliativo é empregado.

> [...] hedges em textos científicos é o resultado de escolhas informacionais, retóricas e pessoais que não podem ser totalmente compreendidas isoladamente de contextos sociais e institucionais. Análises linguísticas por si só não podem fornecer uma justificativa para tais escolhas [...]. Artigos de pesquisa revelam claramente a relação entre uma comunidade discursiva, padrões de conhecimento e representações textuais, e são essas combinações que motivam o uso de hedges (HYLAND, 1996, p. 452).

A partir de 1990, pesquisadores ligados à tradição sistêmico-funcional propuseram nova abordagem aos estudos da avaliação. O sistema de avaliatividade (*Appraisal*, em inglês) nasce com o propósito de estender a metafunção interpessoal da linguagem e, para isso, trata de três eixos ao longo dos quais a intersubjetividade do falante/escritor pode variar: a atitude, o engajamento e a gradação (esses eixos serão discutidos na sequência).

Foi no Departamento de Linguística da Universidade de Sydney que Martin e colegas deram início a *Write It Right* – projeto que fazia parte do *New South Wales Disadvantaged Schools Program,* composto basicamente por pesquisadores identificados com a Linguística Sistêmico-Funcional. Martin e colegas investigavam requisitos básicos de leitura que alunos do ensino médio precisavam ter para compreender diversos gêneros e, dessa forma, atuar efetivamente nos estudos de História, Ciências, Artes e Literatura.

Ainda durante os trabalhos, a equipe concluiu que seria fundamental uma compreensão mais precisa da semântica interpessoal. Em especial, seria necessário aprofundar na variável contextual de sintonia. Assim, surgiram as primeiras observações sobre a avaliação sob o viés sistêmico-funcional.

> [...] as descrições da fala e da estrutura de troca desenvolvidas na Universidade de Sydney durante a década de 1980 não nos ajudaram muito no que diz respeito ao estudo do significado interpessoal. Estávamos cientes de que os textos com os quais trabalhávamos posicionavam e reposicionavam os leitores de maneiras que precisávamos explicar – isso obviamente tinha a ver com a dinâmica das relações de sintonia dentro e ao redor dos textos. Para tratar disso, tivemos que mudar nosso foco da gramática para o léxico e desenvolver uma teoria para lidar com o que viemos a chamar de avaliatividade, que incluía recursos para modalizar, amplificar, reagir emocionalmente (afeto), julgar moralmente (julgamento) e avaliar esteticamente (apreciação) (MARTIN, 1995, p. 28).

Para Martin (2004), por ser construído essencialmente por uma perspectiva gramatical, o significado interpessoal não seria capaz de lidar com a produção, negociação e naturalização de posições avaliativas pessoais. Uma vez que esse significado é inscrito nas escolhas de modo, modalidade e léxico atitudinal, argumenta o autor, não há foco detalhado na semântica da avaliação, ou seja, há omissão em "como os interlocutores estão se sentindo, os julgamentos que fazem e o valor que atribuem aos vários fenômenos de sua experiência" (MARTIN, 2004, p. 144).

2.1 Abordagens teóricas ao conceito de avaliação

Há algum tempo, reconhece-se que a avaliação é um recurso retórico fundamental para a construção de significados no discurso. Esse reconhecimento tem sido acompanhado por diferentes definições do termo. Hunston (1989, p. 60) define a avaliação como "qualquer coisa que indica a atitude do escritor em relação ao valor de uma entidade no texto". A avaliação, pontua a autora, não se refere a um sistema de valores pessoais, mas sim a um sistema de valores estabelecidos social e institucionalmente.

Ken Hyland (1996; 2004) escreve que a avaliação pode expressar tanto a personalidade do escritor (dimensão atitudinal), quanto seu alinhamento ou não àquilo que escreve (dimensão interacional). O autor denomina essas duas possibilidades, respectivamente, de *stance* e engajamento. *Stance* diz respeito às "maneiras pelas quais o escritor se intromete no discurso para estampar sua autoridade pessoal nos argumentos" (HYLAND, 2004, p. 15). Por meio do engajamento, escritores "reconhecem a presença dos leitores, puxando-os para dentro da argumentação, chamando sua atenção, reconhecendo suas incertezas, incluindo-os como participantes do discurso e orientando-os para certas interpretações" (HYLAND, 2004, p. 16).

Sob o viés sistêmico-funcional, Poynton (1990) usa o termo avaliação para se referir às atitudes que o falante adota no discurso para construir papéis sociais, interagir e negociar esses papéis e essas relações com o leitor. A avaliação, ao lado do poder e da distância social, é uma dimensão semântica do discurso que está centrada "em questões de julgamento e valoração (bom/mau, certo/errado), e pode ser vista como menos pessoal do que social, derivando, em última análise, de crenças, valores e ideologias particulares" (POYNTON, 1990, p. 85).

Nessa perspectiva, itens lexicais avaliativos servem "tanto para fixar o falante em um determinado espaço social quanto para motivar a rejeição desse local" (POYNTON, 1990, p. 94). Na teoria sistêmico-funcional, a avaliação é uma das dimensões da sintonia – variável contextual que especifica o tipo de relação social que é estabelecida pelos interlocutores.

Também na esteira da Linguística Sistêmico-Funcional, Lemke (1998) define a avaliação como um recurso semântico capaz de criar relações interpessoais entre falante e ouvinte. Para o autor, avaliar é posicionar-se no discurso, é orientar o texto para o leitor (potencial ou real), é elogiar, criticar e julgar alguma entidade do mundo.

> [...] acreditamos que o que dizemos é provável, desejável, relevante, permitido, surpreendente, grave ou agradável. Ao fazermos essas avaliações de proposições e propostas, também orientamos nosso texto no mundo mais amplo de opiniões disponíveis e definimos ainda nossas identidades como criadores de significado, com valores e crenças particulares (LEMKE, 1998, p. 33).

A proposta do autor é entender melhor quais significados avaliativos a língua permite ao falante construir e como isso ocorre. Ainda que breve, o estudo conduzido por Lemke identifica 7 classes semânticas de atributos avaliativos (a saber: desejabilidade, probabilidade, necessidade, usualidade, importância, compreensibilidade e humor), instanciados em grupos nominais, orações e em trechos mais longos do texto.

Ainda que não empregue o termo avaliação [13], Halliday o associa ao sistema de modalidade. A modalidade representa o ponto de vista do falante acerca das proposições e propostas que formula. "Às vezes, os falantes querem sinalizar que não estão certos sobre suas mensagens, ou melhor, estão procurando uma posição entre um sim definitivo e um não definitivo" (BUTT, et. al., 2000, p. 113). A modalidade é um recurso de que o usuário da língua dispõe para expressar julgamentos e atitudes em relação àquilo que diz/escreve. "Com a modalidade, a dimensão é aquela da avaliação: a modalidade constrói uma região de incerteza onde posso expressar, ou pedir que você expresse, uma avaliação da validade do que está sendo dito" (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 144) [14].

Ao abordar a linguagem avaliativa, Halliday se volta para aspectos lexicais – mais precisamente para os epítetos interpessoais. Realizados por adjetivos, eles são "uma expressão da atitude subjetiva do falante em relação a alguma coisa" (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 376) e tendem a ser reforçados por como sinônimos e intensificadores.

Embora reconheçam que as muitas terminologias diferentes empregadas para descrever a avaliação são consequência do fato de ela ser um fenômeno complexo, com muitas facetas e funções, Thompson e Hunston (2000, p. 5) definem a avaliação como:

---

[13] Halliday emprega o termo *assessment*.

[14] A modalidade é usada para se referir a todas as posições que o falante assume em ter-mos de probabilidade, usualidade, obrigação e inclinação. Gramaticalmente, essas avaliações se realizam por meio de verbo modal, adjunto modal e metáfora interpessoal.

> [...] a expressão da atitude, do ponto de vista ou dos sentimentos do falante/escritor em relação a entidades e proposições sobre as quais está falando. Essa atitude pode estar relacionada à certeza, à obrigação, ao desejo ou a qualquer um de vários outros conjuntos de valores.

Sob a ótica linguístico-discursiva, os autores sugerem que a avaliação seja explicada a partir das funções desempenhadas pelos recursos linguísticos avaliativos. Para isso, identificam uma distinção entre a avaliação sobre entidades e sobre proposições. Enquanto entidades são avaliadas lexicalmente e envolvem pontos positivos e negativos, proposições são avaliadas gramaticalmente e envolvem graus de certeza.

Norman Fairclough (2003) usa o termo avaliação para se referir ao compromisso que o falante assume com valores sociais. Para o autor, a avaliação é um processo social na medida em que aquilo que é avaliativo é o que a sociedade considera ter valor. Fairclough usa quatro subcategorias de análise para identificar como a avaliação estrutura identidades no discurso – são elas: declaração avaliativa, declaração com modalidades deônticas, declaração com processo mental afetivo e suposição valorativa. A partir disso, considera que "aquilo com o que as pessoas se comprometem nos textos é parte importante de como elas se identificam – a textura de identidades" (FAIRCLOUGH, 2003, p. 164).

2.2 A avaliação em um modelo sistêmico-funcional

O sistema de avaliatividade desenvolveu-se dentro da Linguística Sistêmico-Funcional em resposta a questões referentes ao significado interpessoal, a saber:

i. como lidamos com a subjetividade no texto?
ii. como relações de poder, contato e afeto constroem significados interpessoais?
iii. até que ponto o léxico avaliativo pode ser tratado de forma mais sistemática?

Os princípios e as categorias propostas por Martin e White (2005) para investigar a avaliação são mais amplos do que aqueles até então apresentados por Halliday em sua gramática funcional. A modalidade e os epítetos interpessoais não se mostraram eficazes o bastante para as questões que o projeto *Write It Right* suscitava em termos de uma linguagem avaliativa – em especial, as dimensões afetiva e dialógica da linguagem.

> [...] questões relacionadas à semântica interpessoal provaram ser centrais nos vários projetos do *Write It Right*. Por exemplo, em todos os domínios do discurso, mostrou-se necessário explorar em que contextos, por quais meios linguísticos e para quais fins retóricos os escritores emitem juízos de valor, atribuem suas proposições a fontes externas e modalizam seus enunciados (WHITE, s.d.).

Na teoria sistêmico-funcional, é por meio dos significados interpessoais que o falante "se intromete no contexto de situação tanto para expressar suas próprias atitudes e julgamentos quanto para buscar influenciar as atitudes e os comportamentos dos outros" (HALLIDAY, 1978, p. 63). E a avaliatividade é um recurso semântico que o usuário da língua tem à sua disposição para construir significados interpessoais. Na verdade, ela o faz ao lado de dois outros sistemas: a negociação e o envolvimento [15].

A negociação concentra-se nos aspectos interativos do discurso: como os falantes adotam e atribuem papéis uns aos outros? O envolvimento compreende recursos empregados para negociar a solidariedade no discurso. Esses três recursos semânticos – avaliatividade, negociação e envolvimento – constroem e organizam significados subjetivos na linguagem, todos situados na variável contextual de sintonia (aspecto do contexto que se concentra na constituição e negociação de papéis e relações sociais).

Um esquema que representa a relação entre a variável contextual de sintonia, a semântica do discurso e a léxico-gramática é apresentado no Quadro 2.1.

Quadro 2.1 – A relação entre sintonia, semântica do discurso e léxico-gramática

Variável contextual	Semântica do discurso	Léxico-gramática
Sintonia	Negociação Envolvimento Avaliatividade	modo, léxico avaliativo, adjuntos modais, verbos modais, polaridade, repetição, metáfora gramatical

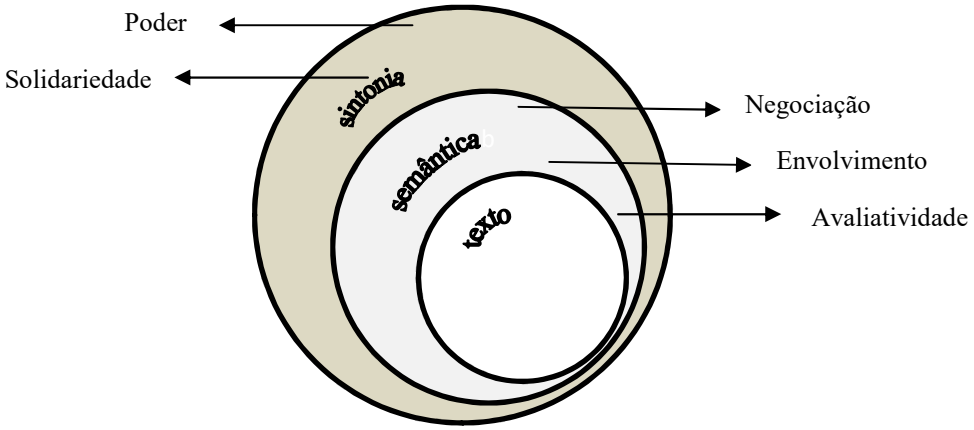
Fonte: Elaboração própria

Como explicam Martin e White (2005), as dimensões de negociação, envolvimento e avaliatividade estão diretamente relacionadas a outras duas dimensões – estas localizadas em um nível de abstração maior, na variável de sintonia: o poder e a solidariedade. Dito de outra

[15] Em termos léxico-gramaticais, negociação, envolvimento e avaliatividade realizam-se por meio do modo, do léxico avaliativo, de adjuntos e verbos modais, da polaridade, da repetição, da metáfora gramatical, de léxico técnico e de outros termos (ver Martin e White, 2005, p. 35).

forma, negociação, envolvimento e avaliatividade realizam e organizam relações de poder e solidariedade. A Figura 5 ilustra essa relação.

Figura 5 – A variável de sintonia e sua relação constitutiva com a dimensão semântica do discurso



Fonte: Elaboração própria

Poder se refere à posição relativa dos interlocutores na hierarquia social de uma cultura, enquanto solidariedade diz respeito ao grau de envolvimento institucional e ideológico entre os interlocutores (ver Martin, 1992, p. 523, para uma discussão desses conceitos).

2.3 O sistema de avaliatividade

Centrada na dimensão interpessoal da linguagem, a avaliatividade lida com a presença subjetiva do falante/escritor no texto, tanto em relação àquilo que diz/escreve, quanto em relação àqueles com quem se comunica. Trata-se, pois, de um sistema que se ocupa dos recursos linguísticos por meio dos quais falantes/escritores manifestam, negociam e naturalizam posições intersubjetivas e ideológicas no texto. Segundo Martin e Rose (2003, p. 26), "a avaliatividade é um sistema de significados interpessoais. Usamos os recursos da avaliatividade para negociar nossas relações sociais, dizendo aos nossos ouvintes ou leitores como nos sentimos em relação às coisas e às pessoas (ou seja, quais são nossas atitudes)".

Nessa perspectiva, avaliar significa aprovar e desaprovar, estimar e difamar, aplaudir e criticar coisas, objetos, pessoas e eventos. Significa também posicionar interlocutores para fa-

zerem o mesmo. Como explicam Martin e White (2005), por meio do sistema de avaliatividade, falantes/escritores constroem para si identidades autorais, alinham-se e desalinham-se em relação a outras vozes presentes no texto, e constituem comunidades que compartilham valores, sentimentos e avaliações em comum.

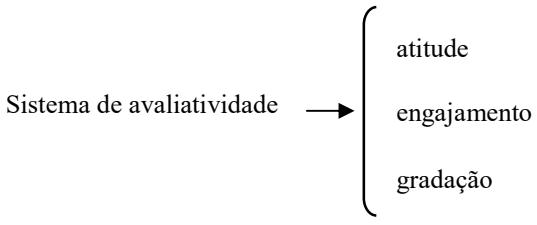
A avaliatividade revela-se, portanto, um recurso linguístico e discursivo à disposição do usuário da língua para que ele possa se posicionar diante daquilo e daqueles que o cercam.

> O termo 'Avaliatividade' é usado como um vocábulo abrangente para incluir todos os usos avaliativos da linguagem, incluindo aqueles pelos quais falantes/escritores adotam posições de valor e aqueles pelos quais negociam essas posições com seus reais ou potenciais interlocutores (WHITE, s.d., grifo do autor).

O universo de possibilidades avaliativas que está à disposição do falante/escritor é fator decisivo para o sistema de avaliatividade propor mapear a avaliação na língua. Para isso, a abordagem foca no significado além da oração, isto é, no nível da semântica do discurso. Como escreve Vian Jr. (2009, p. 100), "não se trata de um universo textual, em nível léxico-gramatical, mas vai além disso: um universo extra-textual, em nível semântico-discursivo".

A avaliatividade é formada por três subsistemas que interagem entre si: a atitude, o engajameto e a gradação – na verdade, são três regiões de significado que existem enquanto um potencial de significados (ver a Figura 6). A atitude está relacionada a sentimentos (incluindo reações emocionais), julgamentos do comportamento humano e apreciação de objetos, eventos e fenômenos. O engajamento diz respeito à fonte das atitudes e ao jogo de vozes em torno das opiniões expressas. A gradação lida com recursos para graduar as avaliações, ajustando o a força e o foco dos significados.

Figura 6 – O sistema de avaliatividade: atitude, engajamento e gradação



Fonte: Elaboração própria

Esses três sistemas podem ser progressivamente subdivididos da esquerda para a direita, refletindo maiores níveis de delicadeza – os quais permitem uma análise mais refinada da avaliação. Apenas o sistema de atitude será discutido nas seções a seguir, pois esta pesquisa trata somente de sentimentos afetivos, julgamentos e apreciações.

2.3.1 O sistema de atitude

A atitude divide-se em três regiões do sentimento humano: afeto, julgamento e apreciação. O afeto lida com recursos léxico-gramaticais que constroem reações emotivas. O julgamento abrange recursos usados para avaliar o comportamento humano, de acordo com vários princípios normativos. A apreciação, por sua vez, se refere à construção do valor das coisas. Mais abrangente que outras propostas de análise da linguagem afetiva, a atitude trata o léxico avaliativo de forma mais sistemática, já que propõe subsistemas às regiões de afeto, julgamento e apreciação (MARTIN, WHITE, 2005).

Atitudes realizam-se explícita ou implicitamente. No primeiro caso, a avaliação é inscrita por meio de um item lexical avaliativo. No segundo, ela é evocada via metáfora lexical ou gradação de significado atitudinal – aqui, o leitor é convidado a avaliar, pois a atitude não se manifesta explicitamente. Em relação à carga semântica, a atitude pode ser positiva ou negativa. Todos esses aspectos indicam a posição atitudinal do falante, ou melhor, indicam "como as posições de valor ou posturas do falante, que podem ser elogios ou críticas, funcionam para indicar uma avaliação positiva ou negativa de emoções, coisas ou do comportamento humano, de forma explícita ou implícita" (WHITE, s.d.).

A atitude é, portanto, um sistema de significados que mapeia os sentimentos que o usuário da língua pode usar para expressar aquilo que sente – isso feito dentro de três regiões semânticas: emoção, ética e estética (ver o Quadro 2.2). Além disso, como frisa White (1998), os sentimentos têm profundidade, logo podem ser graduados, ou seja, colocados em uma escala de valor. Isso significa que o léxico atitudinal possui graus de força sentimental.

Quadro 2.2 – A formação do sistema de atitude

	Subsistema de atitude		
Região do sentimento humano	afeto	julgamento	apreciação
Região semântica	emoção	ética	estética

Fonte: Elaboração própria

Embora afeto, julgamento e apreciação lidem com sentimentos, Martin (2000) explica que o afeto diz respeito a estados ou reações emotivas individuais e momentâneas, ao passo que julgamento e apreciação são sentimentos institucionalizados, isto é, formados por valores socialmente compartilhados.

2.3.2 Afeto: recursos que expressam emoções

Sentimentos relacionados a reações ou a estados emocionais de sujeitos humanos estão localizados no sistema de afeto. Essas emoções podem ser positivas ou negativas – estou feliz/ triste, contente/descontente. Isso significa que as pessoas podem ter sentimentos bons e ruins. Além disso, emoções podem ser expressas direta (por meio de termos que nomeiam sentimentos específicos) e indiretamente (por meio de inferências). O Quadro 2.3 reúne exemplos de afeto positivo e negativo, direto e indireto.

Quadro 2.3 – Opções para manifestar afeto

positivo	negativo	direto	indireto
feliz, grato, lúcido	triste, frustrado, confuso	prazer, amargura, alegria	clinicamente avaliado, inimputável

Fonte: Elaboração própria

A inscrição do afeto no texto – isto é, sua realização de forma direta – requer um participante denominado Afetado (aquele que experiencia o sentimento) e outro chamado Gatilho (o fenômeno que deflagra a emoção). Em alguns casos, o Gatilho não está explícito no texto, mas o contexto indica sua existência. No caso do afeto indireto, o sentimento é evocado: o leitor é provocado ou convidado a manifestar uma avaliação afetiva em relação a algo.

Nos termos da Gramática Funcional, o afeto realiza-se por meio de epítetos, atributos, processos mentais e comportamentais, adjuntos modais e nominalizações. Epítetos e atributos acrescentam qualidades ao participante avaliado: o epíteto o descreve, ao passo que o atributo confere a ele uma característica. Para esta pesquisa de doutorado, essa questão será analisada em termos do afeto que descreve o presidente Jair Bolsonaro e o afeto que lhe é conferido.

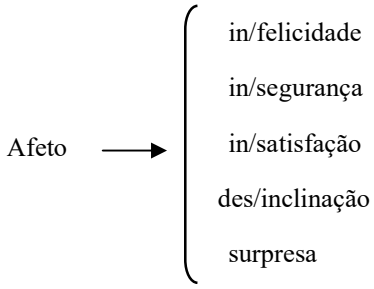
O afeto é definido por um conjunto de características de particular interesse para a presente pesquisa, quais sejam (ver Martin e White, 2005, pp. 46-48):

i. sentimentos são reações a fenômenos do mundo;
ii. reações e estados emotivos são lexicalizados em uma escala de intensidade;
iii. sentimentos são emoções que se manifestam tanto mental quanto fisicamente.

Dentro do sistema de afeto, Martin e White (2005) agrupam as emoções em três subsistemas. A in/felicidade diz respeito a sentimentos do coração – como tristeza, ódio, alegria e amor. A in/segurança cobre sentimentos relacionados ao bem-estar social – como abalado, assustado, confiante e confortável. Por fim, a in/satisfação envolve sentimentos de frustração e conquista, por isso estão direcionados para a busca de objetivos – como chateado, furioso, impressionado e atencioso.

Bednarek (2006) acrescenta dois outros subsistemas a esse agrupamento: des/inclinação e surpresa (ver a Figura 7). A des/inclinação diz respeito a desejos (desejar, querer, ignorar, desprezar), enquanto a surpresa trata de emoções que se sobrepõem ao domínio linguístico e se situa na fronteira entre a emoção e a cognição.

Figura 7 – O sistema de afeto



Fonte: Elaboração própria

De acordo com Bednarek (2006), a manifestação de emoções no discurso cumpre três funções: posicionar o falante, avaliar pessoas e fornecer informação. No contexto desta pesquisa de doutorado, isso significa que o afeto: posiciona o jornalista, avalia Bolsonaro e fornece informações acerca das atitudes do presidente frente à pandemia da Covid-19.

A autora acrescenta que emoções revelam as atitudes pessoais e ideológicas do falante em relação à sua experiência emocional. As escolhas de afeto observadas em nossa pesquisa (sejam as que descrevem Bolsonaro, sejam aquelas a ele atribuídas) são assumidas como atitudes oriundas da posição ideológica de IstoÉ. Bednarek (2006) ressalta que o contexto de uso da língua, os papéis sociais e a cultura são fatores determinantes naquilo que o usuário da língua sente. Dessa forma, esses são alguns dos fatores que explicam as escolhas de afeto feitas por jornalistas para avaliar o presidente Jair Bolsonaro.

2.3.3 Julgamento: a avaliação do comportamento humano

Quando o comportamento humano é avaliado, o usuário da língua recorre ao sistema de julgamento. Trata-se de uma região do significado atitudinal que lida com a maneira como as pessoas se comportam – seu caráter, seu desempenho em atividades sociais. De acordo com White (1998), julgar o comportamento humano tem como referência básica as normas e os valores que norteiam as condutas em sociedade, ou seja, o que é aceitável e inaceitável, moral e imoral, ético e antiético, e assim por diante.

O que está em foco nesse sistema é o quanto uma pessoa se aproxima das expectativas e exigências que regem as condutas humanas. As avaliações feitas dentro do julgamento podem ser positivas e negativas, diretas (inscritas) e indiretas (evocadas) – ver o Quadro 2.4.

Quadro 2.4 – Opções para julgar o comportamento humano

positivo	negativo	direto	indireto
inteligente, hábil, capaz, confiável, corajoso	desonesto, falso, injusto, corrupto, bruto	sucesso, responsável, injusto, isolado	comportamento alheio à realidade

Fonte: Elaboração própria

O sistema de julgamento divide-se em dois outros: sanção social e estima social (ver o Quadro 2.5). Quando julga pela sanção social, o usuário da língua parte de regulamentos e regras do comportamento humano. Como observa White (1998), essas normas podem ser legais e morais, logo julgamentos por sanção social guiam-se pela legalidade e moralidade – dito de outra forma, por aquilo que é certo e errado em uma sociedade.

> Do ponto de vista religioso, violações de sanção social serão vistas como pecados e, na tradição cristã ocidental, como pecados "mortais". Do ponto de vista legal, elas serão vistas como crimes. Assim, violar a sanção social é arriscar punição legal ou religiosa, por esse motivo o termo "sanção" (WHITE, 1998, p. 34, grifo do autor).

Por sua vez, julgamentos de estima social envolvem avaliações que podem elevar ou rebaixar o apreço, a consideração, a estima por alguém. Tais avaliações não possuem implicações legais e morais; implicam, sim, admiração e crítica. Os valores negativos de estima social são vistos como inadequados, anormais, inoportunos. Por essa razão, "se você violar a estima social, talvez precise se esforçar mais, praticar mais, consultar um terapeuta, ou possivelmente precise de um livro de autoajuda" (WHITE, 1998, p. 34).

> A estima social tende a ser policiada na cultura oral, por meio de bate-papo, fofocas, piadas e histórias de vários tipos – com o humor muitas vezes tendo um papel crítico a desempenhar (...). A partilha de valores nesta área é fundamental para a formação das redes sociais (família, amigos, colegas etc.). (MARTIN, WHITE, 2005, p. 52).

Julgar um comportamento por sanção ou estima social está diretamente relacionado à posição institucional de quem o faz (MARTIN, 2000). Além disso, para julgar, as pessoas se orientam por ideologias, crenças e conhecimentos que compartilham com seus pares enquanto membros de grupos ou comunidades. Logo, há sempre a possibilidade de um mesmo comportamento ser julgado diferentemente, segundo as posições ideológicas daqueles que julgam.

Quadro 2.5 – O sistema de julgamento: sanção e estima social

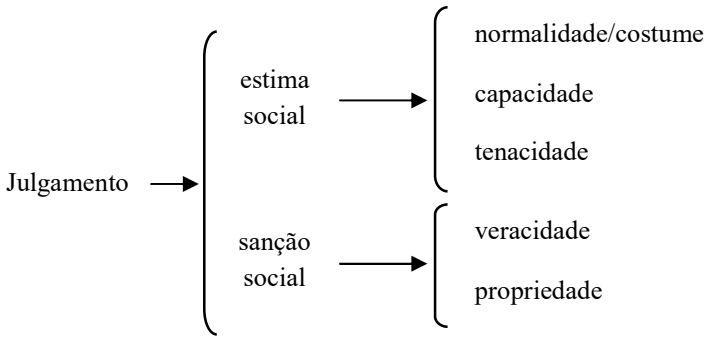
Sanção social
Julgamento baseado em princípios e normas que regem o comportamento humano. Aqui, as condutas são reguladas por instituições sociais, logo estão codificadas em textos escritos (leis, regulamentos, decretos).
Estima social
Julgamento cujas bases são a admiração e a crítica social. Aqui, as condutas são situadas dentro daquilo que é socialmente aceito, sem que haja penalidades para quem é negativamente avaliado.

Fonte: Elaboração própria

A sanção social divide-se em dois outros subsistemas: veracidade e propriedade. Avaliações dentro da veracidade indicam o quão honesto ou desonesto, sincero ou mentiroso, credível ou falso alguém é. Em relação a avaliações de propriedade, elas apontam para o quão bom ou ruim, ético ou corrupto, leal ou desleal alguém é.

A estima social, por sua vez, divide-se em: normalidade/costume, capacidade e tenacidade. Avaliações dentro da categoria de normalidade/costume revelam o quão habitual ou incomum o comportamento de alguém é. Quanto à capacidade, a avaliação indica o quão capaz ou incapaz alguém é. Por fim, avaliações dentro de tenacidade apontam o quão confiável ou enganador alguém é [16]. A Figura 8 traz o desenho de todo esse sistema de julgamento.

Figura 8 – O sistema de julgamento



Fonte: Elaboração própria

As categorias de julgamento foram propostas a partir da semântica da modalidade. De acordo com White (1998, p. 35), há um vínculo entre as categorias de julgamento e os valores subjacentes da modalidade. "A percepção aqui é que cada uma das cinco subcategorias de julgamento envolve uma avaliação institucionalizada de um valor de modalidade". Para Martin (1997), esse vínculo é nítido nas categorias de modulação – que são: obrigação, inclinação e habilidade. Nelas, argumenta o autor, haveria uma institucionalização de sentimentos de como as pessoas devem ou não devem se comportar.

Assim, na verdade, em um nível mais refinado, as cinco categorias de julgamento são motivadas pelas cinco categorias de modalidade – ver o Quadro 2.6.

[16] Nesse ponto, White (1998) ressalta que, como o julgamento é altamente determinado por valores culturais e ideológicos, não se deve presumir que todas as categorias avaliativas propostas para esse sistema se aplicam em contextos culturais diferentes.

Quadro 2.6 – As categorias de julgamento e o sistema de modalidade

	Julgamento	Modalidade
Estima social	normalidade (frequência ou descontinuidade de um comportamento) →	usualidade
	capacidade (habilidade ou inabilidade para fazer algo) →	habilidade
	tenacidade (confiança ou desconfiança na atitude de alguém) →	inclinação
Sanção social	veracidade (honestidade ou desonestidade de um comportamento) →	probabilidade
	propriedade (moralidade ou imoralidade de uma conduta) →	obrigação

Fonte: Elaboração própria

Como os significados de afeto, os de julgamento também podem ser localizados numa escala de força ou intensidade de valores, que variam entre baixo, médio e alto.

2.3.4 Apreciação: recursos que avaliam esteticamente as coisas

Recursos léxico-gramaticais usados para avaliar objetos, eventos e quaisquer fenômenos semióticos realizam-se no sistema de apreciação. Valores apreciativos constroem importância ou a irrelevância de produtos e processos. O que está em jogo é a estética das coisas, em que o significado apreciativo é apresentado como uma propriedade que tal coisa possui.

> A apreciação de coisas inclui nossas atitudes sobre programas de TV, filmes, livros, CDs; sobre pinturas, esculturas, casas, prédios públicos, parques; sobre peças, recitais, desfiles ou espetáculos e performances de qualquer tipo; sentimentos sobre a natureza – panoramas e vales, amanheceres e entardeceres, constelações, estrelas cadentes e satélites em uma noite estrelada (MARTIN; ROSE, 2003, p. 37).

Três categorias formam o sistema de apreciação: a reação, a composição e a valoração – ver o Quadro 2.7. A reação corresponde à forma como o falante reage às coisas. Essa reação pode-se dar de duas formas: impacto (o efeito que o objeto causa no falante) e qualidade (por meio de qual propriedade o objeto chama a atenção do falante) [17]. A composição diz respeito à forma como as coisas são percebidas. Nesse tipo de avaliação, os sentimentos concentram-se na organização, elaboração e forma pela qual as coisas são construídas. Isso permite ao falante avaliar produtos e processos quanto ao seu equilíbrio e à sua complexidade. Por fim, a valoração lida com o significado social atribuído às coisas (seu aspecto histórico, político, e-

[17] Na verdade, como apontam Martin e White (2005), existem fortes ligações entre a reação e o afeto. Neste último, emoções são sentidas por alguém (um participante consciente); naquela, um estado de coisas é avaliado esteticamente dentro de um cenário afetivo. Assim, avaliações emotivas dependem unicamente do sujeito falante, isto é, dependem de seu estado emocional. Por outro lado, reações apreciativas são avaliações acerca de qualidades ou propriedades objetivas das coisas – por isso, independem da disposição emotiva do falante.

conômico). Assim como o afeto e o julgamento, os valores apreciativos possuem status positivo e negativo. Eles também podem ser localizados em uma escala de força/intensidade.

Quadro 2.7 – Opções para avaliar produtos e processos

reação (impacto e qualidade)	composição (equilíbrio e complexidade)	valoração
notável, previsível, bom, ruim, lindo, feio, adorável,	equilibrado, defeituoso, simples, complicado, rico, vago	útil, ineficaz, valioso, falso, inovador, insignificante

Fonte: Elaboração própria

Martin (2000) ressalta que o ato de apreciar é particularmente sensível ao campo discursivo, pois os critérios para avaliar coisas, objetos e eventos são, em sua maioria, institucionalmente específicos a cada campo social. Em outras palavras, cada esfera discursiva possui valores próprios para avaliar o mundo. Assim, apreciar os fenômenos semióticos que envolvem um escândalo político não é semelhante a apreciar os fenômenos semióticos que tomam conta da música popular brasileira. Martin (2000) acredita que essa relação entre critérios avaliativos e campo é reflexo da relação entre as funções ideacional e interpessoal da linguagem.

Martin e White (2005) destacam a relação entre o sistema de apreciação e a forma como olhamos para as coisas, ou melhor, entre apreciação e processos mentais. Sob esse viés, a categoria reação relaciona-se com o afeto (algo des/agrada ao falante); a composição se associa à percepção (a visão que o falante tem daquilo que constitui as coisas); e a valoração se refere à cognição (a opinião do falante sobre os processos e produtos que avalia).

Alternativamente, como explicam os autores, a apreciação pode ser compreendida em termos metafuncionais: a reação relacionando-se com o significado interpessoal; a composição estando relacionada com o significado textual; e a valoração, com o significado ideacional – ver o Quadro 2.8.

Quadro 2.8 – Os subtipos de apreciação

Apreciação	Tipos de processos mentais	Metafunção
reação	afeição	interpessoal
composição	percepção	textual
valoração	cognição	ideacional

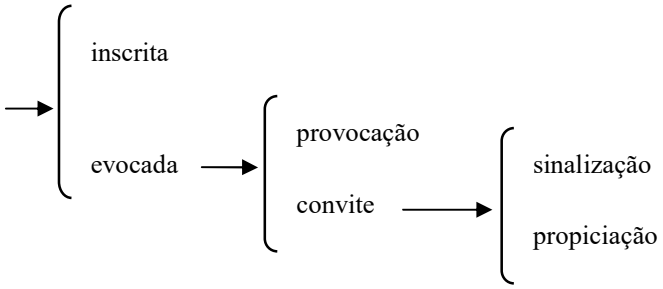
Fonte: Martin e White (2005, p. 57)

O sistema de apreciação realiza-se por elementos lexicais e gramaticais. Dessa forma, epítetos, nominalizações, adjuntos modais e processos podem codificar a avaliação sobre objetos, fenômenos e estados de coisas.

2.4 Avaliatividade visual: atitude em fotografias de imprensa

Como discutido anteriormente, atitudes avaliativas podem-se realizar de duas formas: inscrita (explicitamente realizada) ou evocada (implicitamente realizada). Enquanto a realização inscrita ocorre por meio de itens lexicais declaradamente avaliativos, a realização evocada, não. Ela ocorre por provocação ou convite – este subdividido em sinalização e propiciação. A Figura 9 representa essas possibilidades avaliativas.

Figura 9 – Estratégias para realizar atitudes avaliativas



Fonte: Elaboração própria

Esta seção discute detalhes sobre como atitudes são realizadas visualmente em fotografias de imprensa. Sugere-se que as opções apresentadas na Figura 12 se fazem em tais imagens, ou seja, atitudes visuais podem ser inscritas ou evocadas, podem estar explícitas ou não na foto – Economou (2009) propõe um estudo sistemático sobre essas possibilidades. Deve-se levar em consideração que, nas imagens, atitudes evocadas oferecem ao leitor maior liberdade de interpretação dos significados.

De acordo com Economou (2009), a inscrição de afeto, julgamento e apreciação em imagens é limitada em comparação com o modo verbal. Além disso, é mais comum encontrar atitudes evocadas do que inscritas. Isso significa dizer que a interpretação de atitudes em fotografias depende do conhecimento de mundo do leitor. Economou (2009) pontua ainda que fo-

tos naturalistas oferecem maior potencial para atitudes avaliativas. Isso significa que elas são capazes de criar um efeito avaliativo maior que outro tipo de imagem.

2.4.1 Afeto em fotografias de imprensa

Expressões faciais e gestos corporais associados a emoções como felicidade, tristeza, medo e choro são a parte visual mais comum do afeto. Para Economou (2009), elas se aproximam de um léxico visual universalmente compartilhado de emoções básicas. Tais sentimentos são valores afetivos primários que podem ser definidos como atitudes inscritas, isto é, atitudes explicitamente manifestadas. Assim como no modo verbal, um afeto visual inscrito aponta, com clareza, o modo como o leitor deve interpretar o sentimento expresso. De outra parte, um afeto visual evocado guarda estreita relação tanto com o contexto da imagem quanto com os saberes do leitor. Disso, decorre que emoções visuais nem sempre são reconhecidas.

Na análise de imagens, o participante experienciador da emoção, em termos avaliativos, é chamado de Afetado. Quanto ao fenômeno deflagrador da emoção, ele é chamado de Gatilho (que pode ou não ser retratado na imagem). As fotografias que compõem o *corpus* da pesquisa apresentam predominantemente apenas o participante Afetado, cabendo ao texto verbal apontar o que causa a emoção expressa por este participante.

De acordo com Economou (2009), os valores afetivos visuais mais facilmente expressos são aqueles pertencentes às três subcategorias do afeto verbal: a in/felicidade, a in/segurança e a in/satisfação. A Imagem 4 ilustra a satisfação enquanto afeto inscrito.

É válido ressaltar que algumas atitudes afetivas são menos facilmente visíveis. Na categoria in/felicidade, escolhas de amor e ódio são exemplos disso. Dificilmente elas são perceptíveis ao espectador. O mesmo se diz para suspeito e seguro na categoria in/segurança. Por último, sentimentos de frustração e vontade, na categoria de in/satisfação, não são facilmente inscritos em imagens. De fato, cada uma das três subcategorias de afeto verbal pode ser inscrita visualmente por meio de gestos e expressões corporais; contudo, como observa Economou (2009, p. 112), “poucas emoções específicas podem ser inequivocadamente identificadas”.

Imagem 4 – Afeto inscrito: satisfação

Fonte: IstoÉ, edição 2560

Afetos mais intensos (tais como emocionado e furioso) e surtos emocionais (como rir e chorar) são mais facilmente inscritos em imagens. Esses sentimentos são percebidos por características faciais mais extremas, geralmente acompanhadas por comportamentos, ações e gestos (ECONOMOU, 2009). Por outro lado, emoções de baixa intensidade (tais como incomodado, farto, nostálgico) estão abertas a diferentes interpretações, mesmo quando retratadas com gestos e comportamentos. A Imagem 5 apresenta uma atitude afetiva ambígua.

Imagem 5 – Afeto negativo ambíguo: preocupação ou incômodo?

Fonte: IstoÉ, edição 2568

Economou (2009) explica que afetos ambíguos são considerados evocados, em vez de inscritos. Isso faz com que sua interpretação dependa de dois fatores: o contexto da imagem e conhecimentos que o leitor detém. Por exemplo, é frequente o leitor reconhecer algum item

visual como fenômeno deflagrador de emoção, ou seja, reconhecer o Gatilho. É esse item o elemento capaz de fornecer a interpretação mais adequada à emoção ambígua.

Por exemplo, sem o contexto, emoções universalmente reconhecidas podem ser equivocadamente interpretadas. Em alguns contextos, lágrimas e sorriso podem, respectivamente, ser sinal de felicidade e ansiedade. Na Imagem 4, o sentimento de preocupação ou incômodo do presidente Jair Bolsonaro – desencadeado pela interação com o participante que se encontra ao seu lado – só pode ser adequadamente interpretado a partir de um contexto. Sem esse suporte, o afeto apresentado é ambíguo.

A legenda, componente verbal de fotografias de imprensa, também se mostra um fator que interfere na interpretação de emoções ambíguas. Ela serve para completar informativamente a imagem, para interpretá-la ou para comentá-la, de modo a direcionar o leitor para o que a imagem quer representar (SOUSA, 2004). A Imagem 6 ilustra um afeto ambíguo, em que a legenda auxilia o leitor a interpretar o valor afetivo manifestado pelo participante – neste caso, um sentimento de irritação.

Imagem 6 – Afeto negativo ambíguo: valentia ou irritação?

"Tchutchuca é mãe! É a avó! Eu te respeito! Você me respeita!" Paulo Guedes, ministro da Economia (Crédito: ANDRE COELHO / ESTADAO)

Fonte: IstoÉ, edição 2571

Em síntese, afetos visuais em fotografias de imprensa podem ser apresentados tanto de forma explícita quanto implícita. O afeto visual explícito limita-se ao que pode ser inscrito em um participante representado. Por outro lado, o afeto visual implícito inclui valores atribuídos pelos leitores aos participantes. Isto é, o afeto não está no participante representado; é o leitor que, a partir de elementos contextuais, atribui a esse participante um sentimento.

2.4.2 Julgamento em fotografias de imprensa

De acordo com Economou (2009), poucos valores de julgamento podem ser inequivocadamente inscritos em imagens. Quando o são, restringem-se a pessoas – assim como com valores afetivos. Seguindo a terminologia do sistema de avaliatividade, o indivíduo a quem o julgamento é atribuído é chamado de Avaliador e o comportamento retratado (que pode estar implícito), de Alvo.

Na Imagem 7, alguns homens são retratados batendo palmas e fazendo o sinal de uma arma – comportamentos analisados como positivos e visualmente inscritos. Neste caso, essas pessoas sãos os Avaliadores, enquanto o presidente Bolsonaro, o Alvo. A conduta do ex-capitão, que é a assinatura de um documento, teria sido, pois, elogiada – logo, situada no subsistema de estima social.

Imagem 7 – Julgamento positivo inscrito: estima social

Fonte: IstoÉ, edição 2576

De acordo com Economou (2009), julgamentos não inscritos visualmente podem ser interpretados a partir de algum ato específico ou a partir de qualquer informação visual. Nesse sentido, a imagem que retrata o abraço de uma pessoa sobre outra evoca julgamento positivo de lealdade – tenacidade. Por outro lado, quando a imagem retrata agressão física, evoca-se julgamento negativo de crueldade para o agressor – propriedade. É possível, sob esse viés, aproximar um léxico específico de comportamentos visuais. Assim, o abraço se aproxima dos termos leal, cuidadoso, protetor; enquanto a agressão, dos termos cruel, selvagem, criminoso.

Nesta pesquisa de doutorado, a interpretação de julgamentos evocados depende tanto da quantidade de informação visual e verbal presente na notícia, quanto dos atributos dos participantes representados. Segundo Economou (2009, p. 123), muitos valores são menos universais e mais dependentes do contexto: "[...] valores associados a um comportamento específico podem variar de acordo com o campo e a instituição em particular, ainda que dentro de uma cultura ou sociedade". A ausência de informações visuais na Imagem 8 é decisiva para que o leitor evoque mais de um valor de julgamento para o comportamento de Jair Bolsonaro.

Imagem 8 – Julgamento negativo: capacidade ou tenacidade?

Fonte: IstoÉ, edição 2581

Ainda sobre o sistema de julgamento, Economou (2009) ressalta que o leitor pode atribuir significados avaliativos para participantes humanos que não estão envolvidos em ações ou comportamentos. Isto é, mesmo que a pessoa não seja retratada em qualquer tipo de ação, é possível haver valores de julgamento em sua representação. Além disso, sempre que um participante for identificado como pertencente a uma classe ou um grupo social, o significado avaliativo atribuído a ele pode ser reforçado por estereótipos.

2.4.2.1 Relação entre afeto e julgamento em fotografias de imprensa

Fotografias de imprensa com maior efeito avaliativo, afirma Economou (2009), parecem ser aquelas em que a atitude visualmente inscrita nas pessoas retratadas integra valores de afeto e julgamento. Ou seja, nessas imagens pessoas claramente expressam alguma emoção e se comportam de determinada maneira. A Imagem 9 retrata Jair Bolsonaro e alguns minis-

tros de seu governo. Na fotografia, valores positivos de afeto e julgamento são inscritos nos participante representados, o que confere à imagem maior efeito avaliativo. É possível identificar nas expressões faciais deles um sentimento de segurança, e em suas posturas corporais, lealdade.

Imagem 9 – Afeto e julgamento positivos: segurança e tenacidade

Fonte: IstoÉ, edição 2592

Avaliações afetivas e comportamentais podem não ser percebidas pelo leitor, seja porque ele não conhece a pessoa retratada, seja porque o aprova ou o desaprova social, política ou ideologicamente. Neste último caso, se o leitor for simpatizante da pessoa contra quem algum afeto ou julgamento negativo é evocado, ele pode não perceber o valor avaliativo em questão, ou se esse leitor não for admirador do participante a favor de quem algum afeto ou julgamento positivo é atribuído ou evocado.

Dessa forma, é possível que um leitor não perceba o afeto negativo evocado pela expressão facial de Jair Bolsonaro na Imagem 10. Caso não reconheça que o presidente é criticado por divulgar notícias falsas em suas redes sociais – assunto central da notícia da qual a fotografia é parte integrante, por exemplo –, o leitor pode não perceber que Bolsonaro expressa insegurança ou insatisfação em sua face.

Para Economou (2009), valores de afeto e julgamento realizados visualmente em fotografias de imprensa têm mais impacto do que se realizados por meio de palavras. Isso, porque, por meio de recursos visuais, é possível inscrever e evocar múltiplos afetos e julgamentos em uma única imagem. Além disso, a realidade material retratada no foto é fator decisivo na realização visual de valores afetivos e comportamentais. Imagens de natureza política, por exem-

plo, articulam elementos da ordem social, econômica e política de uma realidade de mundo, o que possibilita ao fotógrafo capturar múltiplos significados visuais (SOUSA, 2004), entre eles emoções e comportamentos dos participantes representados.

Imagem 10 – Afeto negativo: insegurança ou insatisfação?

Fonte: IstoÉ, edição 2608

Por fim, Economou (2009) destaca que quanto mais detalhada e/ou naturalista uma fotografia de imprensa é, mais propenso é que ela registre valores avaliativos de afeto e/ou julgamento nos participantes representados. Embora as fotos que compõem o *corpus* desta pesquisa não sejam naturalistas, elas apresentam emoções e comportamentos nos registros de Jair Bolsonaro.

2.4.3 Apreciação em fotografias de imprensa

No se refere a fotografias de imprensa, Economou (2009) sustenta que não é possível inscrever avaliações apreciativas. Isso significa dizer que o fotógrafo não registra na imagem sua reação a algum elemento visual. Ele pode apenas evocar uma reação no leitor, ou seja, a apreciação nunca está marcada nos elementos visuais, ela depende que o leitor ative seus conhecimentos acerca daquilo que está representado visualmente para que haja uma reação.

Na Imagem 11, não há a inscrição de avaliações apreciativas – ou seja, não há a reação do fotógrafo a quaisquer elementos visuais presentes na imagem. Há sim a inscrição de atitudes afetivas e comportamentais, tanto em Jair Bolsonaro quanto nos dois homens retratados ao seu lado. Ainda assim, o leitor pode inferir um significado apreciativo para a situação em

questão. Ele pode avaliar a imagem em termos do estado de saúde do presidente, julgando a cena como algo ruim. Pode ainda avaliar o significado social da situação retratada, apreciando-a negativamente. Seja como for, isso só ocorre a partir de um conjunto de conhecimentos que o leitor reúne sobre o evento fotografado, em seu tempo e espaço.

Imagem 11 – Apreciação negativa evocada

Fonte: IstoÉ, edição 2624

Assim como valores de afeto e julgamento inscritos ou evocados visualmente podem ser simultâneos e interagir de maneira complexa na fotografia, valores apreciativos evocados visualmente também podem interagir com valores de afeto e julgamento. Segundo Economou (2009, p. 134), "esse potencial de inscrever e evocar uma combinação de atitudes simultaneamente é um dos vários fatores que contribuem para a maior complexidade e poder avaliativo de uma única figura visual em relação a um único texto verbal".

Qualquer elemento visual representado em uma imagem pode ser alvo de apreciação. Os alvos mais diretos são objetos salientes: casas, cartazes, móveis, lugares ou fenômenos naturais. Todavia, participantes humanos também podem ser alvo de apreciação, desde que seu corpo (ou parte dele) seja avaliado pelo leitor como um objeto. Na Imagem 12, o pedaço de um portão sobreposto à pintura de Bolsonaro e de seus filhos (Eduardo e Flávio) pode evocar no leitor uma reação quanto à composição da imagem.

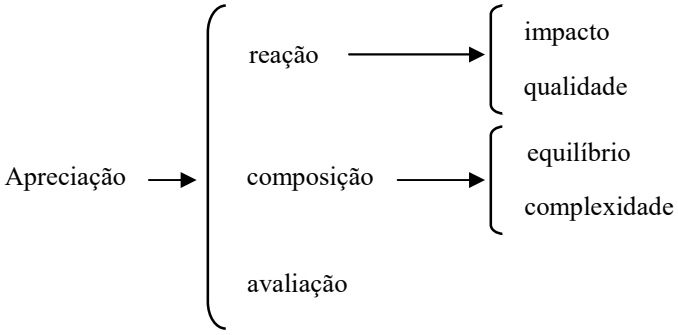
A apreciação, considerada o mais amplo dos tipos de atitude, pode incorporar ou proporcionar valores de afeto e julgamento. O valor apreciativo evocado na Imagem 12 pode proporcionar um valor de julgamento negativo em relação às ações políticas de Bolsonaro e seus filhos. Com isso, é possível atribuir à imagem um julgamento negativo do tipo propriedade.

Imagem 12 – Apreciação positiva evocada: composição

Fonte: IstoÉ, edição 2629

Assim como no modo verbal, a apreciação visual divide-se em três tipos: reação, composição e valoração (ver a Figura 10). O primeiro corresponde à reação que uma coisa provoca no leitor, isto é, como algo capta a atenção do leitor, em termos de impacto ou qualidade. De acordo com Economou (2009), embora a reação se refira a uma emoção incorporada, ela é diferente do afeto, pois se concentra em coisas, objetos ou eventos. Em outras palavras, na reação a fonte da avaliação apreciativa não é uma pessoa; é um produto, um processo ou um estado de coisas.

Figura 10 – Os tipos de apreciação



Fonte: Elaboração própria

Outro tipo de apreciação é a composição. Ela se baseia na estética das coisas, ou seja, em seus detalhes. Essa avaliação ocorre em termos de proporção ou complexidade. Segundo Martin e White (2005), estão concentrados aqui sentimentos que dizem respeito à organização, elaboração e forma pela qual objetos, coisas e eventos foram construídos. Por último, a

apreciação baseada no valor das coisas é categorizada como valoração. Nela, o leitor avalia o significado social de algo.

Resumindo, o foco da apreciação está nos elementos visuais que podem ser avaliados pelos leitores, positiva ou negativamente. De acordo com White (2014), é o potencial desses elementos para evocar valores de apreciação que está em questão na análise visual de imagens. Sendo assim, a descrição da apreciação ocorre em termos da capacidade de um elemento afetar o leitor emocionalmente (reação); dar-lhe um prazer visual (composição); e informar-lhe acerca de alguma coisa (valoração).

CAPÍTULO 3

Metodologia: os passos da pesquisa

Como já explicado anteriormente, esta tese analisa marcas avaliativas verbais e visuais em reportagens de capa da revista IstoÉ a fim de revelar as relações que significados atitudinais estabelecem entre si no discurso. Para isso, foi necessário gerar e coletar dados de acordo com uma série de escolhas metodológicas. Antes de adentrar essas questões, importa refletir brevemente sobre os pressupostos dos quais nos valemos para orientar a busca por conhecimento nesta pesquisa, ou seja, refletir epistemologicamente.

A reportagem jornalística é um gênero narrativo; a essência do texto é a história que se narra. Todavia, ao narrar, o jornalista também descreve, argumenta, opina e orienta o leitor na direção de um ponto de vista particular. Isso implica escolhas. Escolher qual história narrar, escolher o personagem central da história, escolher o que contar a seu respeito, escolher personagens secundários, escolher quais vozes inserir no texto. Tais escolhas se fazem por meio de palavras e imagens alinhadas a uma linha editorial – ou melhor, alinhadas a uma ideologia. Assim, aquilo que o leitor lê, vê e interpreta no texto da reportagem é a materialização de um discurso, ou melhor, de um sistema de valores, conhecimentos e representações do mundo.

Nessa perspectiva, qualquer projeto de pesquisa que investigue a ordem social e a ordem do discurso por trás de uma reportagem deve analisar não apenas essas escolhas, mas notadamente o que as motiva. Deve compreender o contexto em que as seleções foram operadas e os significados construídos. Nada disso está dado ao analista do discurso. É ele quem deve depreender toda essa construção discursiva do texto para que possa escolher qual teoria e método de pesquisa podem construir o caminho para uma investigação segura. Partir dessa premissa nos permite construir um método de análise das reportagens do *corpus* capaz de gerar explanações contextualmente consistentes acerca de como significados atitudinais verbais e visuais são construídos e se relacionam entre si no discurso.

3.1 A escolha do *corpus*

Inicialmente, algumas questões precisam ser levantadas. Por que escolher reportagens da revista IstoÉ no intento de analisar a convergência de marcas avaliativas verbais e visuais nos textos? Uma segunda questão diz respeito à escolha do período de coleta das matérias: por que os anos de 2020 e 2021? Por fim, existe a justificativa de o porquê selecionar reportagens que narram e comentam ações de Jair Bolsonaro.

Justifica-se a escolha por IstoÉ devido à quantidade de matérias de capa publicadas sobre Jair Bolsonaro no período 2020/2021. Foram 56 capas com referência ao ex-capitão – ver o Quadro 3.1. Esses dados são suficientes para identificar duas visões: primeiro, apontam significativa visibilidade concedida ao presidente; segundo, indicam que as ações do mandatário, suas falas, seu poder institucional, tudo é preditor de publicização.

Quadro 3.1 – O presidente Jair Bolsonaro nas capas de IstoÉ

Data e edição dos exemplares			
07/02/2020 (nº 2613)	29/05/2020 (nº 2629)	05/02/2021 (nº 2664)	18/06/2021 (nº 2683)
14/02/2020 (nº 2614)	12/06/2020 (nº 2631)	12/02/2021 (nº 2665)	02/07/2021 (nº 2685)
21/02/2020 (nº 2615)	03/07/2020 (nº 2634)	19/02/2021 (nº 2666)	09/07/2021 (nº 2686)
28/02/2020 (nº 2616)	10/07/2020 (nº 2635)	26/02/2021 (nº 2667)	13/08/2021 (nº 2691)
06/03/2020 (nº 2617)	17/07/2020 (nº 2636)	19/03/2021 (nº 2670)	20/08/2021 (nº 2692)
13/03/2020 (nº 2618)	28/08/2020 (nº 2642)	26/03/2021 (nº 2671)	10/09/2021 (nº 2695)
20/03/2020 (nº 2619)	04/09/2020 (nº 2643)	02/04/2021 (nº 2672)	17/09/2021 (nº 2696)
03/04/2020 (nº 2621)	11/09/2020 (nº 2644)	16/04/2021 (nº 2674)	24/09/2021 (nº 2697)
10/04/2020 (nº 2622)	09/10/2020 (nº 2648)	23/04/2021 (nº 2675)	15/10/2021 (nº 2700)
24/04/2020 (nº 2624)	13/11/2020 (nº 2653)	14/05/2021 (nº 2678)	22/10/2021 (nº 2701)
01/05/2020 (nº 2625)	04/12/2020 (nº 2656)	21/05/2021 (nº 2679)	19/11/2021 (nº 2705)
08/05/2020 (nº 2626)	11/12/2020 (nº 2657)	28/05/2021 (nº 2680)	03/12/2021 (nº 2707)
15/05/2020 (nº 2627)	08/01/2021 (nº 2660)	04/06/2021 (nº 2681)	10/12/2021 (nº 2708)
22/05/2020 (nº 2628)	15/01/2021 (nº 2661)	11/06/2021 (nº 2682)	17/12/2021 (nº 2709)

Fonte: Elaboração própria

Para John Thompson (2008), esse tipo de cobertura é um traço comum na era da nova visibilidade. Hoje, a exposição da vida pública e privada de figuras políticas é uma estratégia ideológica diariamente adotada pela imprensa. Expor o que políticos falam, o que fazem, as alianças que constroem, tudo importa para jornais, revistas e portais de comunicação, uma vez que a vida política passou a se orientar por questões de caráter e confiança, não mais por temas ideológicos e partidários. Isso fez com que a ética e a moral se tornassem politizadas.

Na cultura jornalística, eventos que contam com a presença do presidente da república são noticiáveis. Bednarek e Caple (2012) escrevem que pessoas da elite atraem a atenção de jornais e portais de comunicação, isso porque suas ações são mais consequentes do que as ações de pessoas sem destaque na sociedade. A notoriedade é, portanto, um critério de noticiabilidade (TRAQUINA, 2005a). O presidente Bolsonaro é um ator político em cujas ações a imprensa enxerga maior probabilidade de ocupar o noticiário. O ex-capitão é alguém que possui uma agenda pública; os eventos de que participa possuem relações estreitas com a democracia, com a economia, com a gestão do país. Justifica-se, assim, por que selecionar reportagens em que a pauta da notícia é a atuação política de Jair Bolsonaro.

A história do Brasil foi profundamente impactada no início de 2020 pela pandemia do vírus SARS-CoV-2. A doença afetou as áreas econômica, política e de saúde pública de forma singular. O número de infectados e mortos concorreu diretamente com a lotação de hospitais, com a exposição de grupos vulneráveis ao vírus e com o acesso a itens essenciais como alimentação, medicamentos e transporte público. Ademais, a necessidade de ações para contenção de mobilidade social e a urgência de testagem estiveram em pauta. Nesse cenário, o então presidente da república Jair Messias Bolsonaro adotava comportamento negacionista ao minimizar os efeitos da doença e provocar aglomerações de viés político.

Isso colocou o presidente no centro do debate público – logo, era ele peça central para uma visibilidade mediada pela imprensa. Se antes a discussão de temas de interesse público estava restrita a espaços físicos que delineavam a esfera pública, hoje são os espaços digitais que abrigam tal discussão (HABERMAS, 2008). Nessa lógica, IstoÉ, por meio das matérias publicadas em seu portal digital, não só dá visibilidade à figura de Jair Bolsonaro, mas também dita o que é tema de interesse público.

Esta tese assume que as reportagens selecionadas para análise são recortes de acontecimentos em que Bolsonaro é a figura central. Nessa lógica, o presidente é transposto para certo universo discursivo – mais precisamente, para determinada linha editorial que guia toda uma construção avaliativa de sentimentos, comportamentos e valores ligados ao mandatário. Na perspectiva da Análise Crítica do Discurso, essa linha editorial constitui uma ordem discursiva, e esta pesquisa analisa apenas o aspecto identificacional dos textos em questão, ou seja, apenas a construção de identidades e identificações.

3.2 A coleta do *corpus*

Como explica Charaudeau (2011), as ciências da linguagem – âmbito em que se situa esta tese – fazem parte das disciplinas que privilegiam um *corpus* de pesquisa. Isso implica a compilação de dados que são constituídos em objeto de análise. Sem pretensões de tecer comentários políticos, este trabalho reúne textos de natureza política, os quais formam um objeto de análise, qual seja: a convergência de significados avaliativos verbais e visuais na direção de um discurso institucional – o discurso de IstoÉ.

Nenhum *corpus* existe em si. Ele é sempre construído e depende de dois fatores: o posicionamento teórico assumido na pesquisa e o objetivo de análise. Esta tese adota a perspectiva funcionalista da linguagem, em particular a Linguística Sistêmico-Funcional. Isso implica partir de uma premissa básica: toda a arquitetura da linguagem está organizada em linhas funcionais. O *corpus* selecionado para esta pesquisa reúne três pontos fundamentais que sedimentam as discussões funcionalistas: o uso (em relação ao sistema linguístico), o significado (em relação à forma linguística) e o social (em relação ao sujeito que produz o texto).

Outra posição aqui assumida é que a fotografia de imprensa constrói, reproduz e contesta discursos. Muito mais que imagem, ela é o resultado de um investimento de significado – logo, conforma uma visão de mundo. Isso nos impede de tratá-la como texto dissociado da notícia verbal. A fotografia é a notícia. O *corpus* que integra a tese apresenta fotografias cuja figura central é Jair Bolsonaro. Unidas a legendas, elas narram eventos e avaliam a atuação do mandatário numa série de acontecimentos em torno da pandemia do novo coronavírus.

Antes de se chegar às reportagens selecionadas para o estudo em pauta, foi preciso identificar todas as edições publicadas por IstoÉ nos anos de 2020 e 2021. Essa coleta se deu manualmente no seguinte endereço eletrônico: https://istoe.com.br/edicoes/. Nele, estão disponíveis as publicações do periódico, que ocorrem semanalmente. Essa primeira etapa da pesquisa gerou 92 edições.

Após essa coleta inicial, foram selecionadas somente as edições em cuja capa estava o presidente Jair Bolsonaro ou em cujo texto verbal da capa havia alguma referência a ele. Esse critério gerou 56 edições. De acordo com Vilas Boas (1996), a capa de revista anuncia os fatos mais importantes abordados na edição, incluindo a reportagem principal, que é objeto de

análise desta pesquisa. Assim, eleger a presença do presidente na capa da edição como critério de seleção é optar por exemplares em que ele é o assunto principal.

A capa de revista é um gênero cuja produção está reservada a um grupo de profissionais responsáveis pela arte, diagramação e infografia da revista. Segundo Vilas Boas (1996), a elaboração desse texto é feita a partir da matéria mais importante da edição, com base em dois objetivos: sintetizar as informações que serão apresentadas e causar impacto no leitor. A seleção das 56 edições não foi guiada por tais propósitos.

O método seguinte à escolha das 56 edições foi situá-las no contexto da pandemia do novo coronavírus. Foram selecionados, então, apenas exemplares que estampavam eventos relacionados à crise sanitária – período em que a atuação política de Bolsonaro se intensificou por razões associadas à forma como administrava a questão. O resultado desse procedimento gerou 26 edições. O passo seguinte foi escolher as reportagens que apresentavam uma ou mais fotografias jornalísticas legendadas cujo ator principal era Jair Bolsonaro.

É importante frisar que fotografia jornalística difere da ilustração fotográfica. Esta é a imagem usada para ilustrar a notícia. Ela não configura um recorte do real, pois é montada para acompanhar a matéria jornalística. Emprega-se esse tipo de foto para "compreender melhor um objeto, um conceito ou uma ideia, seja por representá-lo mimeticamente, seja por interpretar visualmente características essenciais para sua compreensão, por meio de procedimentos visuais e simbólicos" (BAEZA, 2001a, p. 39). A Imagem 13 ilustra uma fotoilustração.

Imagem 13 – Ilustração fotográfica ou fotoilustração

CAVALEIROS DO APOCALÍPSE Bolsonaro, seus filhos e seu guru: incansáveis nos ataques ao Legislativo e ao Judiciário

Fonte: IstoÉ, edição 2618

Quanto à fotografia jornalística (usada como critério de seleção das reportagens desta pesquisa), ela é produzida em função dos valores de informação, factualidade, atualidade e relevância. De acordo com Baeza (2001a), fotografias jornalísticas são influenciadas pelas naturezas documental e testemunhal da realidade. Isso faz com que elas guardem um compromisso com o real. Esse tipo de imagem possui dois polos: o imediatismo e o tratamento interpretativo da informação. A Imagem 14 ilustra o que é uma foto jornalística.

Imagem 14 – Fotografia jornalística ou fotografia de imprensa

PELA CULATRA O presidente acompanha militares em Formosa (GO): tentativa canhestra de intimidação (Crédito:Marcos Correa)

Fonte: IstoÉ, edição 2697

A opção por reportagens cujas fotografias são legendadas encontra fundamento nos escritos de Sousa (2004). O autor escreve que não há fotojornalismo sem legenda. As palavras que se aliam à imagem fotográfica carregam uma espécie de "isso quer dizer" em relação ao fato registrado. Para Susan Sontag (2003, p. 14), "todas as fotografias esperam sua vez de serem explicadas ou deturpadas por suas legendas".

Dessa forma, a fotografia é um texto vulnerável às alterações que a legenda pode lhe apresentar. Essa é a posição adotada por Barthes (1982), para quem a legenda tem a função de reduzir a polissemia inerente à produção fotográfica, direcionando leituras e entendimentos em torno da foto. Por isso, a palavra que acompanha a imagem pode explicar, alterar ou contestar a foto – porém, nunca, como pontua Barthes (1982, p. 22), dublar a imagem, "pois na passagem de uma estrutura a outra elaboram-se fatalmente significados segundos".

A partir dessas posições teóricas, adotou-se o seguinte critério para recorte do *corpus* até então selecionado: a presença de fotografias jornalísticas legendadas. Esse método gerou

16 exemplares. Todos eles apresentaram as seguintes características: a capa estampava o presidente (ou fazia referência verbal a ele), a reportagem principal da edição retratava um evento associado à atuação de Jair Bolsonaro na pandemia do novo coronavírus e as fotografias que formavam a notícia eram legendadas e tinham o ex-capitão como ator central.

A inviabilidade de pôr em análise e discussão dados de 16 exemplares no corpo desta pesquisa fez com que elegêssemos as edições mais acessadas no portal de IstoÉ. Assim, estaríamos investigando somente as reportagens mais lidas – logo, as que mais atraíram a atenção do público leitor da revista. Para isso, foi enviado e-mail para atendimento@editora3.com.br, que é o canal de atendimento digital que IstoÉ disponibiliza em seu site. Sem retorno da revista, tivemos que adotar outro critério de seleção e buscamos amparo em Fairclough (2003).

Para o autor, a análise textual e discursiva é inevitavelmente seletiva: escolhemos fazer certas perguntas sobre eventos sociais e textos, e não outras possíveis. Há sempre motivações particulares para tal. Com esta tese, não foi diferente. A escolha de quais reportagens seriam objeto de análise passou, então, pelo crivo do pesquisador. Foram escolhidas 5 edições a partir da repercussão social e midiática que seus conteúdos causaram na imprensa. Tal critério, todavia, não coloca em risco a validade dos métodos listados até aqui. O Quadro 3.2 reúne essas 5 reportagens e apresenta uma síntese delas.

Quadro 3.2 – *Corpus* da pesquisa

Reportagem	Fato desencadeador do texto jornalístico
Um ignorante irresponsável	O presidente Jair Bolsonaro participa de ato pró-governo em frente à Esplanada dos Ministérios, no dia 15/03/2022. A manifestação ocorreu apesar da proibição de aglomerações em espaços públicos para conter o coronavírus.
Até aonde ele quer ir?	Bolsonaro discursa para manifestantes em frente ao Quartel General do Exército em Brasília, no dia 19/04/2020. Os apoiadores do presidente pediam intervenção militar e o fechamento do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal.
Bolsonaro acuado	A prisão de Fabrício Queiroz (ex-assessor de Flávio Bolsonaro), inquéritos no Supremo Tribunal Federal, a pandemia da Covid-19 e a recessão econômica formam um cenário negativo para o presidente. Suas atitudes são: o afastamento do discurso radical e a adoção de medidas políticas claramente pragmáticas, a fim de satisfazer aos desejos do Centrão.
O capitão cloroquina	Está em pauta o empenho de Jair Bolsonaro em divulgar a cloroquina como medicamento eficaz contra o novo coronavírus. A matéria narra uma série de condutas em que o mandatário estimula a população a consumir tal produto.
Bolsonaro no banco dos réus	A matéria narra os bastidores da instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a atuação do governo Bolsonaro na pandemia do novo coronavírus. Os planos de trabalho da comissão visavam apurar a distribuição de cloroquina e a demora na compra de vacinas.

Fonte: Elaboração própria

3.3 As categorias de análise

Para identificar, interpretar e analisar significados atitudinais realizados verbal e visualmente, recorremos às categorias semânticas de afeto, julgamento e apreciação. Em cada uma dessas categorias, aprofundamos em níveis mais delicados, isto é, em categorias mais refinadas [18]. O Quadro 3.3 sintetiza todas essas categorias no sistema de atitude.

Quadro 3.3 – Categorias de análise no sistema de atitude

Categoria semântica	subcategorias
afeto	in/felicidade
	in/segurança
	in/satisfação
	des/inclinação
julgamento	estima social (normalidade, capacidade, tenacidade)
	sanção social (veracidade, propriedade)
apreciação	reação (impacto, qualidade)
	composição (equilíbrio, complexidade)
	valoração

Fonte: Elaboração própria

Todo o procedimento de identificação das atitudes verbais e visuais foi realizado manualmente, sem o auxílio de programas de computação. No modo verbal, as atitudes foram identificadas por meio de um grupo de itens lexicais, que estão apresentados no Quadro 3.4.

Quadro 3.4 – Itens lexicais avaliativos

substantivos	sucesso, falha, tragédia, triunfo, possibilidade
adjetivos	esplêndido, terrível, surpreendente, óbvio, importante, possível, falso
advérbios	alegremente, infelizmente, curiosamente, possivelmente, necessariamente
verbos	suceder, falhar, vencer, perder, duvidar

Fonte: Elaboração própria

Com relação às fotografias, a identificação dos significados atitudinais também se deu de forma manual, por meio das categorias de enquadramento, plano, ângulo e legenda. O enquadramento abrange tudo aquilo que a foto captura. É o fotógrafo quem decide incluir e ex-

[18] A delicadeza é uma escala de corre de um ponto fixo em uma extremidade (o ponto menos delicado) até outro ponto no final da escala (ponto mais delicado). Dessa forma, quanto mais delicada é uma rede de sistemas, mais complexas são as relações entre os termos. Segundo palavras de Halliday e Matthiessen (1997), "a delicadeza é um princípio muito simples, mas eficaz na organização de sistemas. Ela ordena os sistemas em uma escala que parte de sistemas de opções mais gerais e alcança aqueles mais específicos".

cluir personagens, objetos, paisagens. As fotos que compõem o *corpus* desta pesquisa têm Jair Bolsonaro em seus enquadramentos. O plano compreende a distância entre o fotógrafo e o referente. Isso lhe permite destacar particularidades da cena registrada ou se afastar delas. Cada plano adotado atua de forma específica na significação da imagem.

Analisar o ângulo significa analisar a posição da câmera em relação ao referente capturado: se na mesma altura, se abaixo ou acima dele. Nesta pesquisa, a escolha do ângulo implica valorizar ou desvalorizar a figura do presidente Bolsonaro. Quanto à legenda, trata-se do texto verbal inserido sob a fotografia a fim de descrever ou explicar a cena registrada.

CAPÍTULO 4

Análise dos dados

Neste capítulo, estão as identificações, interpretações e análises dos dados coletados do *corpus*. Importa compreender como atitudes verbais e visuais são construídas nos textos de IstoÉ a fim de que se possa constatar como significados convergem na direção de um discurso único sobre os fatos narrados. As análises estão separadas por seções de modo que cada reportagem é apresentada e analisada em uma seção específica.

As discussões se fazem não só por meio da categorização das avaliações, mas também por meio de uma abordagem discursiva às atitudes que se manifestam. Isso implica ir além da oração; implica atingir o nível semântico das escolhas léxico-gramaticais e visuais, o que requer a compreensão e a interpretação de cada contexto que compreende as reportagens. Dessa forma, as análises linguísticas estão acompanhadas por personagens, acontecimentos e conceitos que descrevem e explicam as avaliações atitudinais selecionadas nos textos.

4.1 Avaliatividade verbal: marcas atitudinais na reportagem Um ignorante irresponsável

Esta seção analisa as marcas avaliativas verbais de afeto, julgamento e apreciação na reportagem *Um ignorante irresponsável*. O texto origina-se em um contexto político e sanitário particular. Em março de 2020, mais precisamente no dia 15, apoiadores do presidente Jair Bolsonaro realizaram um ato pró-governo na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. Criticavam o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal. O evento ocorria no momento em que o Ministério da Saúde orientava as pessoas a evitarem aglomerações e a usarem máscara. A matéria jornalística foi publicada no dia 20 de março, cinco dias após o evento.

A participação do presidente no protesto se deu por meio de acenos, cumprimentos e *selfies*. Antes disso, ele havia passado pela manifestação de carro, com os vidros fechados. Só após circular pela capital federal, Bolsonaro foi para o Palácio do Planalto, onde encontrou um grupo de apoiadores.

No texto *Um ignorante irresponsável*, foram identificadas 17 ocorrências de afeto em relação a Bolsonaro e suas ações. Em 16 dessas avaliações, o sentimento expresso é negativo. Prevalecem escolhas linguísticas no subsistema de segurança; no total, são 12; todas no polo negativo. O Quadro 4.1 mostra o quantitativo de ocorrências no sistema de afeto.

Quadro 4.1 – Ocorrências de afeto na reportagem Um ignorante irresponsável

Atitude	Categoria	Polaridade	Ocorrência
Afeto	segurança	positiva	0
		negativa	12
	satisfação	positiva	0
		negativa	4
	inclinação	positiva	1
		negativa	0

Fonte: Elaboração própria

Jair Bolsonaro é o participante afetado nas doze ocorrências de insegurança. O predomínio desse tipo de sentimento revela a opção do jornalista por emoções ligadas à angústia e ao mal-estar do presidente. Importa destacar que apenas uma voz externa ao texto manifesta afeto: é a voz de Miguel Reale Júnior, ex-ministro da Justiça, que expressa sentimentos de inclinação e insegurança. As realizações verbais de afeto estão no Quadro 4.2.

Quadro 4.2 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de afeto na reportagem Um ignorante irresponsável

Nominalização	descompensação, incapacidade, perturbações psicológicas, alienação
Atributo	traído, inimputável, comprometido mentalmente, incapacitado
Epíteto	transtornos psíquicos, atordoamento, narcisismo frustrado
Processo	deseja, sabe, obnubilando, importa, condenou
Adjunto circunstancial	em total desconexão com a realidade

Fonte: Elaboração própria

Ao recorrer a essas escolhas atitudinais, constrói-se um Jair Bolsonaro emocionalmente perturbado. O objetivo é representá-lo como alguém despreparado para o exercício da Presidência da República, alguém que é movido pelo descontrole emocional. É com esse discurso que IstoÉ se afasta do presidente, não estabelecendo vínculo afetivo com ele. No recorte [1], é possível perceber esse afastamento pelo uso das nominalizações *alienação*, *incapacidade* e *perturbações psicológicas*.

[1] O mito parece dar sinais de alienação **[afeto: insegurança]** e deixa transparecer que pode estar sofrendo, eventualmente, de incapacidade **[afeto: insegurança]** e perturbações psicológicas **[afeto: insegurança]**.
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

Esses estados emotivos indicam como Bolsonaro responde a questões relacionadas à sua participação no ato pró-governo, ocorrido em 15 de março de 2020, em frente à Esplanada dos Ministérios. A carga semântica desses termos mostra um presidente desequilibrado mentalmente. Essas avaliações são empregadas para descredibilizar discursivamente o presidente. No recorte [2], o jornalista recorre a epítetos para descrever o estado emotivo de Bolsonaro. Os termos possuem a mesma carga semântica das nominalizações do recorte [1]. Essa repetição revela o objetivo de questionar a aptidão do mandatário para o cargo da presidência.

[2] Quanto a eventuais transtornos psíquicos **[afeto: insegurança]**, talvez decorrententes do atordoamento **[afeto: insegurança]** diante de seu fracasso como governante e também fruto do narcisismo frustrado **[afeto: insatisfação]**, eles têm de ser clinicamente avaliados.
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

Em [3], o adjunto circunstancial *em total desconexão com a realidade* reforça a postura discursiva de IstoÉ: avaliar o presidente como alguém vulnerável emocionalmente e, por isso, incapaz de ocupar a chefia do Poder Executivo Federal. Estar totalmente desconectado da realidade é, naquele contexto de 2020, negar o coronavírus ainda no início da sua propagação na sociedade brasileira. Naquela ocasião, o presidente se mostrou contrário às medidas de restrição como o distanciamento social e o uso de máscara. É importante destacar como a nominalização *desconexão* se relaciona com as expressões atitudinais usadas em [1] e [2]:

sinais de alienação → incapacidade → perturbações psicológicas → transtornos psíquicos → atordoamento → narcisismo frustrado → **desconexão**

[3] Mas ele classificou o isolamento, que hoje ocorre em todo o mundo como prevenção ou tratamento do coronavírus, como um golpe político, em total desconexão com a realidade **[afeto: insegurança]**.
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

A única voz externa ao texto se articula à voz autoral a fim de questionar a sanidade mental do presidente. No recorte [4], o jornalista recorre à voz de Miguel Reale Júnior para reforçar a posição de que Bolsonaro é incapaz de ocupar a Presidência da República. Essa avaliação ocorre tanto no fenômeno desencadeado pelo processo mental *deseja* quanto no atributo *inimputável*.

[4] Uma saudável sugestão veio do jurista Miguel Reale Júnior, ex-ministro da Justiça na gestão FHC e um dos autores do pedido de impeachment de Dilma Rousseff. Reale deseja **[afeto: inclinação]** que o Ministério Público submeta Bolsonaro a uma junta médica que dirá se ele tem ou não sanidade mental para o exercício da Presidência da República. Segundo Reale, o capitão deve ser "considerado inimputável" **[afeto: insegurança]** por ter participado da manifestação.
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

A escolha da voz de Miguel Reale Júnior diz muito sobre o posicionamento discursivo de IstoÉ. Esse discurso reportado se soma à voz autoral para reprovar o presidente. Não há, portanto, imparcialidade por parte da revista. Não importa ao jornalista inserir uma voz que avalia o quão disposto ou seguro mentalmente Bolsonaro estava – o que poderia ter sido feito com a voz de algum aliado, por exemplo. Isso sugere a interferência ideológica da revista na identificação e representação do presidente.

Cabe destacar aqui a função das aspas no atributo *inimputável*. Elas indicam não apenas as palavras de Reale Júnior sobre a condição mental de Bolsonaro; indicam como o jornalista aproxima o discurso do ex-ministro do seu, a fim de reforçar uma avaliação afetiva negativa – aquela de que o presidente é uma pessoa emocionalmente descontrolada. Maingueneau (1997) explica que o enunciador pode empregar as aspas a fim de se apropriar da autoridade da voz alheia com o propósito de sustentar uma posição discursiva.

Ao atribuir ao presidente sentimentos de insegurança, por meio de expressões altamente avaliativas, o jornalista constrói um discurso que atinge a reputação de Bolsonaro. O objetivo é não só se afastar dos valores que moldam a identidade do presidente, mas também desqualificá-lo. Para John Thompson (2002), o campo político é sensível ao discurso da imprensa, pois este está aberto e tem acesso facilitado às massas, criando relações de cumplicidade recíproca. A imprensa é, por conseguinte, um veículo decisivo na relação entre políticos e eleitores. É nesse viés que o discurso crítico elaborado por IstoÉ no sistema de afeto é uma ameaça à reputação política do presidente.

Dessa forma, IstoÉ coloca no centro da discussão a reputação e as relações de confiança em Jair Bolsonaro de modo a questioná-las. De acordo com Thompson (2002), ao noticiar eventos de natureza escandalosa, a imprensa tem o potencial de esvaziar a estima e a notoriedade de atores políticos. Isso, porque as representações semióticas em torno do evento mobilizam um discurso infamante, isto é, um discurso forjado por críticas e julgamentos negativos.

Assim, ao não se alinhar aos sentimentos do presidente, o jornalista busca naturalizar uma posição de leitura. Essa mesma posição é construída nas escolhas linguísticas de julgamento. Foram identificadas 37 ocorrências, sendo 33 no polo negativo e outras 4 no positivo. O subsistema de estima social concentra 29 dessas avaliações; as outras 8 são realizadas por sanção social. O Quadro 4.3 apresenta todas essas ocorrências.

Quadro 4.3 – Ocorrências de julgamento na reportagem Um ignorante irresponsável

Atitude	Categoria	Subcategoria	Polaridade	Ocorrência
Julgamento	estima social	normalidade	positiva	0
			negativa	3
		capacidade	positiva	3
			negativa	11
		tenacidade	positiva	1
			negativa	11
	sanção social	propriedade	positiva	0
			negativa	8

Fonte: Elaboração própria

A voz autoral realiza 29 julgamentos no polo negativo. Esse predomínio de avaliações reflete o controle que IstoÉ exerce sobre o evento que noticia – controle este materializado na língua e no discurso. Para van Dijk (2008, p. 19), dentro do esquema de controle da informação, a dimensão lexical é a que está mais sob o controle do jornalista. Nessa lógica, monitorar o que é escrito sobre Bolsonaro configura-se uma "maneira de exercer controle sobre a mente das pessoas". O autor argumenta que a manipulação da realidade externa ao leitor é essencial para que o discurso dominante seja mais facilmente aceito e convertido em prática social.

Quando escolhe avaliar negativamente comportamentos do presidente no tocante à sua participação no ato pró-governo, ocorrido em 15 de março, o jornalista busca controlar a interpretação que o leitor fará de tal conduta. Essa manipulação da informação revela ao leitor comportamentos essencialmente impróprios para um chefe do Poder Legislativo Federal.

Como destaca Fairclough (1995b), a ideologia investe a linguagem de várias maneiras e em vários níveis. Um desses níveis é o léxico. Para o autor, existe sempre uma justificativa para esse investimento. No caso desta pesquisa, a justificativa está na linha editorial da revista IstoÉ, que constrói um discurso crítico tanto para Bolsonaro quanto para sua forma de fazer política. No subsistema de normalidade, por exemplo, a crítica constrói-se por meio dos ter-

mos *comportamento alheio à realidade*, *ideias fora do lugar* e *andando em um arame sem rede embaixo*, presentes nos recortes [5], [6] e [7], respectivamente, e reunidos no Quadro 4.4.

[5] Vinte e quatro horas depois, Bolsonaro demonstrou que a sua atitude pode ter origem em causas bem mais graves, a julgar pelas declarações ilógicas que ele fez circular, exibindo um comportamento alheio à realidade **[julgamento: estima social / –normalidade]**.

[6] O capitão ainda é novo para tantas ideias fora do lugar **[julgamento: estima social / –normalidade]**.

[7] Na mente do paraquedista Bolsonaro, talvez sempre tenha existido um equilibrista imaginário andando em um arame sem rede embaixo **[julgamento: estima social: –normalidade]**. Agora, o presidente descobriu que o arame arrebentou. Descobriu também que o equilibrista está em queda livre. E que o equilibrista é ele.

[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

A nominalização sublinhada em [5] identifica um presidente alienado. Essa postura de Jair Bolsonaro diante do avanço do coronavírus destoa daquilo que lhe cabe como presidente da república, que é "cuidar da saúde e da assistência pública" (BRASIL, 1988). O que o jornalista julga incomum é exatamente o afastamento do presidente daquilo que, para IstoÉ, é protocolar para o chefe do Poder Executivo Federal.

O adjunto *ideias fora do lugar*, no trecho [6], é uma metáfora e remete o leitor à ideia de que o presidente age de modo incomum. Nos termos de Lakoff e Johnson (2002), trata-se de uma metáfora orientacional que identifica Bolsonaro como alguém desinformado. No contexto retratado na reportagem, as ideias fora do lugar traduzem-se como ações sanitárias e políticas guiadas ideologicamente.

No recorte [7], a oração *andando em um arame sem rede embaixo* é também uma construção metafórica, o que implica compreender uma coisa em termos de outra (LAKOFF; JOHNSON, 2002). Andar em um arame sem rede embaixo, no cenário da pandemia, significa adotar medidas ariscadas, tal como se aglomerar com simpatizantes, questionar decretos sobre o fechamento do comércio e desprezar a doença. É importante ressaltar que metáforas destacam ou encobrem certos aspectos daquilo que representam. Neste caso, a metáfora em questão realça o despreparo do presidente para com questões de saúde pública.

Quadro 4.4 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Um ignorante irresponsável: as ocorrências por normalidade

Oração	andando em um arame sem rede embaixo
Nominalização	comportamento alheio à realidade
Adjunto	ideias fora do lugar

Fonte: Elaboração própria

Ainda no subsistema de estima social, foram identificadas 14 avaliações por capacidade. O propósito do jornalista é reprovar o comportamento de Bolsonaro no que se refere à sua participação no protesto ocorrido em 15 de março de 2020, na Esplanada dos Ministérios. Isso, porque 9 ocorrências são realizadas no polo negativo. Essa reprovação é construída já no título da matéria por meio do atributo *ignorante irresponsável* – ver o recorte [8].

[8] Um ignorante irresponsável **[julgamento: estima social / –capacidade]**
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

Segundo van Dijk (1988, p. 143), "títulos, geralmente, expressam a informação central ou mais importante da macroestrutura de uma notícia". O título é o primeiro conteúdo semântico lido na matéria, por isso lhe cabe ativar conceitos, valores e conhecimentos sobre o evento ou a pessoa nele denotada. Esses modelos ativados, explica o autor, funcionam como referências para a interpretação da notícia. Nas palavras de van Dijk (1988, p. 143), o título é uma "estrutura de controle da informação". Nesse sentido, ao usar *ignorante irresponsável* no título da matéria, o jornalista não só ativa no leitor um modelo cognitivo a respeito do presidente Jair Bolsonaro, mas também aponta quais leituras deverão ser feitas no texto.

Esse modelo cognitivo é discursivamente alimentado pela nominalização *ignorância*, presente nos recortes [9] e [10]. O termo, ainda que omita agente e alvo da ação de ignorar, remete o leitor à ideia de que Bolsonaro despreza os protocolos de segurança atestados por órgãos de saúde pública. Essa mesma leitura avaliativa é construída por meio de *irresponsabilidade*, que reforça a crítica elaborada no título da matéria.

[9] No domingo 15, contrariando ordens da OMS para que se evitem aglomerações, ele combinou ignorância **[julgamento: estima social / –capacidade]** e irresponsabilidade **[julgamento: estima social / –capacidade]** ao participar de manifestação em Brasília contra o Congresso Nacional e o STF.

[10] A ignorância **[julgamento: estima social / –capacidade]** é perdoável em muita gente que não tem condições de se esclarecer sobre determinado assunto, hipótese que está distante do mandatário.

[11] Quanto à irresponsabilidade **[julgamento: estima social / –capacidade]**, essa é dolosa, sobretudo porque colocou em risco a saúde pública.
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

No recorte [12], o modelo cognitivo apresentado no título é reforçado pela nominalização *fracasso*. Esse termo julga o presidente em termos de seus insucessos enquanto chefe do Poder Executivo Federal e reforça os significados atitudinais presentes em *ignorância* e *irresponsabilidade*. Esse percurso discursivo por meio do sistema de avaliatividade mostra como o jornalista mantém o controle sobre os significados atitudinais que reprovam Bolsonaro. Nessa lógica, o presidente é avaliado como alguém incapaz, despreparado e imprudente, e o reflexo de suas ações resulta em um governo sem êxito.

[12] Quanto a eventuais transtornos psíquicos, talvez decorrententes do atordoamento diante de seu fracasso **[julgamento: estima social / –capacidade]** como governante e também fruto do narcisismo frustrado, eles têm de ser clinicamente avaliados.
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

Essa organização do conteúdo semântico global da matéria também é notada no recorte [13]. É nele que, a fim de sustentar a reprovação a comportamentos de Bolsonaro, o jornalista recorre a uma voz externa. Quem julga as condutas do presidente é a deputada estadual por São Paulo Janaína Paschoal, um dos principais nomes do bolsonarismo, eleita em 2018 com mais de 2 milhões de votos.

[13] Na Assembleia Legislativa de São Paulo, a deputada Janaina Paschoal, que também participou da elaboração do pedido de afastamento de Dilma, foi definitiva: "esse senhor tem de sair **[julgamento: estima social / –capacidade]** da Presidência da República, deixem assumir o vice-presidente, Hamilton Mourão, que entende de defesa. Nosso País está entrando em uma guerra contra um inimigo invisível".
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

O processo material *sair* é empregado junto ao verbo modalizador *tem de*, o qual remete ao grau de obrigação do julgamento expresso. Por meio dessa construção gramatical deôntica, a deputada manifesta a necessidade de que Bolsonaro deixe a presidência. O processo *sair* reprova a capacidade política do presidente, identificando-o como alguém despreparado.

Cabe registrar que esse julgamento carrega credibilidade. É proferido por alguém que é aceito na comunidade de apoiadores do presidente. Dessa forma, ao usar a voz da deputada para reforçar significados atitudinais de reprovação a Bolsonaro, o jornalista usa a reputação da parlamentar para sustentar suas críticas. Segundo Fairclough (2003), o discurso direto pode

ser usado para que o autor tome para si o dizer de outro. No recorte [13], o jornalista assume para si o julgamento conferido pela deputada, isso porque essa avaliação converge para o discurso crítico construído ao longo da reportagem.

A voz do presidente Bolsonaro também é inserida na matéria, mas para elogiar a gestão de seu governo – recorte [14]. O autoelogio é inserido na forma de discurso direto e se faz por meio do processo *está ganhando*. O termo é uma expressão metafórica e aponta o sucesso das ações do presidente no combate ao coronavírus.

[14] A hipótese de que algo sombrio pode estar obnubilando a mente do mandatário ficou pairando na coletiva que ele convocou: "nosso time está ganhando de goleada **[julgamento: estima social / +capacidade]**. Então vamos elogiar o seu técnico, e o técnico se chama Jair Bolsonaro".
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

Nessa lógica, a vitória do governo implica um derrotado, que, para o presidente, seria o novo coronavírus. Em março de 2020, período em que Bolsonaro proferiu esse dizer, o Ministério da Saúde registrara 5.717 casos da doença, com 201 mortes [19]. O julgamento positivo trazido no recorte [14] destoa, portanto, do discurso crítico construído por IstoÉ.

É possível estabelecer um nexo entre o julgamento *está ganhando* e os afetos negativos atribuídos ao presidente – principalmente as nominalizações *alienação*, *incapacidade* e *perturbações psicológicas*. O jornalista constrói uma relação de causa/efeito entre as avaliações que atribui ao presidente: a ignorância, a inabilidade para o cargo e o desequilíbrio mental geram efeitos, e um deles é Bolsonaro acreditar que suas decisões no combate ao vírus são acertadas. A construção dessa lógica avaliativa, cabe frisar, é resultado da escolha de um discurso. A linha editorial de IstoÉ assume uma posição crítica às ações do presidente, o que resulta um discurso que o reprova, rebaixando sua reputação.

Sobre as realizações de julgamento por capacidade, importa destacar que as lexicalizações são indicadores de ideologia, opiniões e crenças (FOWLER, 1991). O vocabulário que o jornalista usa para avaliar condutas do presidente mapeia uma identidade para o ex-capitão, nivelada pela linha editorial de IstoÉ. Os termos reunidos no Quadro 4.5 instituem um discurso que desacredita a competência de Jair Bolsonaro, ao mesmo tempo em que o inscreve como um político incompetente. Essas realizações linguísticas estabelecem maneiras partícula-

[19] Dados obtidos em https://covid.saude.gov.br/.

res de identificar Bolsonaro – maneiras que seriam diferentes se propostas por um jornalista de viés ideológico diferente daquele do de IstoÉ.

Quadro 4.5 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Um ignorante irresponsável: as ocorrências por capacidade

Epíteto	irresponsabilidade
Atributo	ignorante irresponsável
Oração	viver em vão a esmolar
Processo	esclarecer, sair, está ganhando
Nominalização	ignorância, fracasso, método, queda

Fonte: Elaboração própria

Dessa forma, IstoÉ projeta uma identidade particular para o presidente, associando-o a valores que minam sua reputação política – tais como incompetência e despreparo. Na categoria de tenacidade, aquela em que o falante avalia comportamentos em relação à confiabilidade do indivíduo, cada escolha linguística para julgar condutas de Bolsonaro importa, pois. Predominam avaliações no polo negativo – são 11 no total. Interessa ao jornalista identificar o presidente como alguém controverso e desleal. Isso está presente no recorte [15], que faz parte do *lead* da reportagem.

[15] Se Jair Bolsonaro tiver ou não coriza assim que deixar a Presidência da República, isso é problema dele **[julgamento: estima social / –tenacidade]**. Mas Bolsonaro não é dono de seu nariz **[julgamento: estima social / –tenacidade]** enquanto ocupar o mais alto cargo do Poder Executivo do País.
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

Neste recorte, são os elementos contextuais que evidenciam avaliações por tenacidade. Aqui, o jornalista provoca o leitor a julgar a conduta do presidente de ter participado de uma manifestação popular quando o Ministério da Saúde solicitava que as pessoas não se aglomerassem, pois o contágio do coronavírus proliferava de forma crescente no país. Essa participação soa, para o jornalista, uma conduta reprovável.

Cabe ressaltar que o *lead* cumpre uma função discursiva específica no texto da notícia: ele é o sumário da narrativa – uma espécie de resumo semântico da macroestrutura da notícia (VAN DIJK, 1988). Nele, constam as informações mais importantes. É com base nessa estrutura de relevância que o jornalista organiza seu discurso crítico ao presidente Bolsonaro, projetando para ele uma identidade particular: um político incompetente e desleal.

No recorte [16], por meio da oração *sem retirar os olhos do próprio umbigo*, o jornalista novamente provoca o leitor a avaliar o presidente. O objetivo é reforçar uma identidade para Bolsonaro: aquela de alguém não confiável e despreparado.

[16] Sem retirar os olhos do próprio umbigo **[julgamento: estima social / –tenacidade]**, ele dizia "se me contaminei", portanto é bom avisá-lo que é igual a "responsabilidade" caso tivesse contaminado outras pessoas.
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

Neste recorte, a postura do presidente é a de um político egocêntrico, insensível em relação ao que a aglomeração de pessoas durante a pandemia pode ocasionar. Como se trata de um julgamento provocado, depende de o leitor reconhecer que aglomerações facilitam a propagação do coronavírus e julgar que Bolsonaro não pensa no bem comum, pensa apenas em consolidar o prestígio que tem para com seus apoiadores.

As nominalizações *inadequação* e *descompasso*, presentes nos recortes [17] e [18], avaliam duas posturas do presidente diante da disseminação do vírus no país. Esses termos são o aspecto discursivo da identidade projetada para Bolsonaro. Um comportamento inadequado é um comportamento impróprio, inoportuno para uma dada situação. No recorte [17], o jornalista considera inapropriado o chefe do Poder Executivo Federal negar a existência do vírus quando 5.717 casos da doença já tinham sido registrados.

[17] Juntem-se a isso as informações que têm vazado de inadequação **[julgamento: estima social / –tenacidade]**: o presidente teria chegado a comentar com "acepipes" que o coronavírus é um plano estratégico do governo chinês para recuperar economicamente o país.
[18] Na terça-feira, o descompasso **[julgamento: estima social / –tenacidade]** aumentou: Bolsonaro anunciou que, nesse sábado 21, "darei uma festa tradicional para comemorar o meu aniversário de 65 anos de idade".
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

Já um comportamento descompassado é um comportamento dissociado da realidade. No recorte [18], o jornalista reprova o fato de o presidente festejar seu aniversário ao lado de várias pessoas num cenário de pandemia do coronavírus.

Se assumirmos que a identidade tem um aspecto discursivo, como argumenta Norman Fairclough (2003), então as escolhas linguísticas que o jornalista faz para julgar as condutas de Bolsonaro são mais que identificações; são significados que lhe conferem um papel político – o presidente é aquele que sabota o combate ao novo coronavírus. Essa relação entre dis-

curso e identidade é dialética. O discurso infamante que o jornalista constrói manifesta-se por meio de um estilo avaliativo próprio; estilo este que forja o discurso ultrajante.

Ainda na categoria de tenacidade, a personalidade do político Jair Bolsonaro é novamente reprovada, desta vez em razão de sua conduta para com Luiz Henrique Mandetta, então Ministro da Saúde. No recorte [19], por meio da nominalização *perseguição*, o jornalista reforça o perfil desleal projetado para o presidente. Ainda que o tipo de perseguição não tenha sido especificado no texto, é possível pressupor que Bolsonaro aborrecia Mandetta em razão de divergências sobre o isolamento social.

[19] E, convenhamos também, método é o que não falta na perseguição **[julgamento: estima social / –tenacidade]** de Bolsonaro a Mandetta, o melhor quadro do governo. O problema é o ego **[julgamento: estima social / –tenacidade]**: como pode Mandetta cobrir-se de glórias e ele, o "mito", viver em vão a esmolá-las? Como Mandetta atua em parceria com o governador de São Paulo, João Doria, na construção de um plano de contingência? Narcisista **[julgamento: estima social / –tenacidade]** que é, Bolsonaro diz que se sentiu traído.
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

Neste mesmo recorte [19], o epíteto *ego* e o atributo *narcisista* avaliam a personalidade de Bolsonaro naquele contexto de divergências. O que está em questão é a conduta do presidente diante de uma matéria que o incomoda: as medidas de combate ao coronavírus. Ao empregar o léxico atitudinal *ego*, o jornalista aponta para como o ex-capitão tem excessivo apreço por sua própria pessoa. Desde o agravamento da crise do vírus no Brasil, Bolsonaro e Mandetta se desentenderam sobre como enfrentar o problema. O presidente defendia uma posição particular, alinhada aos seus apoiadores: apenas pessoas do grupo de risco deveriam se isolar. É esse comportamento que o jornalista critica, uma conduta que atende só à vontade do presidente.

Quanto ao léxico *narcisista*, o propósito é não apenas julgar novamente esse comportamento divergente para com Mandetta. É também enfatizar a personalidade do presidente, atribuindo-lhe um transtorno: o narcisismo. Com esse julgamento, o jornalista espera que o leitor reconheça Bolsonaro como alguém com o senso inflado de sua própria importância, alguém que coloca a saúde da população em segundo plano.

Como indicam Martin e White (2005), pela categoria de tenacidade, avaliamos o quão confiável alguém é para desempenhar certa tarefa. As escolhas linguísticas realizadas pelo jornalista nessa categoria revelam o quanto Bolsonaro é desleal. Suas ações são julgadas como incoerentes para alguém que é presidente da república. O Quadro 4.6 reúne essas escolhas. Do

ponto de vista do discurso, elas se orientam para a estrutura social, pois estão diretamente associadas à linha editorial de IstoÉ e à construção de uma identidade política para Bolsonaro.

Quadro 4.6 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Um ignorante irresponsável: as ocorrências por tenacidade

Processo	roer, elogiar
Atributo	narcisista
Epíteto	ego
Nominalização	inadequação, descompasso, perseguição
Oração	Bolsonaro não é dono de seu nariz, sem retirar os olhos do próprio umbigo

Fonte: Elaboração própria

Quanto aos julgamentos por sanção social, foram identificadas 08 ocorrências; 05 são realizadas pela voz autoral, 01 pelo jornal O Estado de São Paulo e 02 por Bolsonaro. Em todas elas, o julgamento é negativo, na categoria de propriedade. É válido destacar que julgamentos negativos por sanção social configuram-se condenações discursivas de ações antiéticas ou imorais que fogem das convenções do comportamento humano.

A fim de construir essas condenações, a voz autoral recorre a processos materiais. O objetivo é representar Bolsonaro como participante que provoca o desenrolar de ações que se opõem a normas de combate ao coronavírus. No recorte [20], *contrariando* e *participar de manifestação* afirmam que a ida do presidente a um protesto popular, logo no início da pandemia, é uma atitude antiética; inclusive, passível de punição pelo Código Penal Brasileiro. Destacam-se aqui os participantes afetados pelas ações descritas: *ordens da OMS* e *o Congresso Nacional e o STF*. Trata-se de entidades que atuaram diretamente no combate à doença.

[20] No domingo 15, contrariando **[julgamento: sanção social / –propriedade]** ordens da OMS para que se evitem aglomerações, ele combinou ignorância e irresponsabilidade ao participar de manifestação **[julgamento: sanção social / –propriedade]** em Brasília contra o Congresso Nacional e o STF.
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

No recorte [21], é por meio do processo material *colocou em risco* que o jornalista reprova a participação do presidente no protesto. Aqui, o participante afetado é o termo *a saúde pública*. A escolha desse alvo dimensiona a consequência da ação descrita – ou seja, aglomerar-se, no período de disseminação do vírus, é uma ação irresponsável para com a saúde das pessoas. No trecho [22], o processo *desrespeitar* avalia negativamente a postura de Bolsonaro diante das recomendações do Ministério da Saúde para conter o avanço do coronavírus. E a

escolha desse termo é cara ao propósito discursivo de IstoÉ. A ideia é descrever como o presidente desconsiderava protocolos de seu próprio governo.

[21] Quanto à irresponsabilidade, essa é dolosa, sobretudo porque colocou em risco **[julgamento: sanção social / –propriedade]** a saúde pública.

[22] Claro que não dá para demitir Mandetta, então o presidente passou a roer-lhe por dentro, e uma dessas doidas doídas roídas foi desrespeitar as recomendações de isolamento **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.

[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

Tanto *colocou em risco* quanto *desrespeitar* são escolhas atitudinais que culpabilizam o ex-capitão. Representam comportamentos que questionam o caráter de Bolsonaro, ao mesmo tempo em que o identificam como um político irresponsável e transgressor. Essa identificação está presente no julgamento *infringiu*, no recorte [23]. Nele, Bolsonaro é o ator da ação de violar uma lei: o Código Penal Brasileiro.

[23] Bolsonaro infringiu **[julgamento: sanção social / –propriedade]** os artigos 267 e 268 do Código Penal Brasileiro, que tratam da propagação de epidemias e doenças contagiosas, uma vez que, no domingo, ainda era dúvida se ele se infectara na viagem aos EUA.

[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

Esse não alinhamento do jornalista às condutas do presidente expõe uma seleção linguística acertada com a linha editorial de IstoÉ – ver o Quadro 4.7. Os julgamentos constroem uma realidade específica para comportamentos de Bolsonaro, a saber: atentados contra a saúde e a vida de brasileiros. A projeção dessa realidade dialoga com a forma como o presidente procurava, naquele período, induzir a população a desacreditar da eficácia de medidas contra a proliferação do coronavírus. Juntar-se a seus apoiadores no protesto era uma das formas que o ex-capitão usava para tal propósito. No recorte [24], uma voz externa é usada para reprovar essa conduta do presidente.

[24] O Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, condenou: "a orientação sobre aglomeração é 'não' para todos". Vale citar um número apurado pelo jornal O Estado de S. Paulo: Bolsonaro teve "contato físico com duzentas e setenta e duas pessoas **[julgamento: sanção social / –propriedade]** (…)".

[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

O último recorte analisado na categoria de sanção social traz a voz do presidente Jair Bolsonaro – recorte [25]. É ele quem julga sua própria atitude de se juntar a apoiadores caso um novo ato pró-governo que ocorra. Por meio das orações *se o povo aparecer aqui, vou lá para frente de novo. Se me contaminei, a responsabilidade é minha*, o jornalista provoca o lei-

tor a avaliar a conduta do presidente como antiética e/ou irresponsável. E não só isso. Insere a voz do presidente no texto a fim de sustentar os julgamentos negativos conferidos a ele – principalmente aqueles de tenacidade. É como se o próprio Jair reprovasse seu comportamento. O objetivo dessa estratégia discursiva é alinhar o leitor às opiniões expressas na reportagem.

[25] A descompensação (termo técnico que significa incapacidade psíquica de gerar uma resposta adequada) chegou ao auge quando Bolsonaro declarou que "se o povo aparecer aqui, vou lá para frente de novo. Se me contaminei, a responsabilidade é minha" **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

Ao não abrir espaço para vozes dissonantes à sua, o jornalista controla a informação, disponibilizando ao leitor apenas julgamentos que reprovam condutas do presidente. Tais condutas revelam valores que ferem regras quase que universais do comportamento humano. O que está sendo avaliado aqui é a forma como Bolsonaro quebra regras do decoro presidencial. Na reportagem *Um ignorante irresponsável*, posturas e declarações do presidente são julgadas como condutas dissonantes não só de protocolos de combate e prevenção ao vírus, mas também de valores que conformam a compostura de um chefe do Poder Executivo Federal.

Quadro 4.7 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Um ignorante irresponsável: as ocorrências por propriedade

Nominalização	contato
Processo	contrariando, participar de manifestação, colocou em risco, desrespeitar, infringiu, vou
Oração	Se o povo aparecer aqui, vou lá para frente de novo. Se me contaminei, a responsabilidade é minha.

Fonte: Elaboração própria

Com relação à categoria semântica de apreciação, a reportagem apresentou 27 ocorrências. Os participantes avaliados vão da participação de Bolsonaro no ato pró-governo, passando pelo coronavírus, até chegar ao próprio presidente. Nessas ocorrências, há o predomínio de apreciações negativas; são 24 no total. E isso diz muito sobre o discurso do jornalista. Importa expressar desgostos e críticas ao protesto, à figura política de Bolsonaro e a suas ações. Não há espaço para escolhas linguísticas que os enalteçam. O Quadro 4.8 reúne o quantitativo das ocorrências de apreciação.

Nas avaliações do tipo valoração negativa, o jornalista aprecia o significado social e a relevância de fatos ligados à participação de Bolsonaro no protesto pró-governo. Nesse viés, chama a atenção apreciações que depreciam a pandemia do coronavírus. Os trechos [26], [27]

e [28] reúnem essas avaliações. Nelas, o mandatário descreve o tratamento da doença e o vírus como insignificantes e para isso usa os termos *golpe político*, *plano estratégico* e *fantasia*. Com esses recortes, o jornalista sinaliza a posição negacionista do presidente.

[26] Mas ele classificou o isolamento, que hoje ocorre em todo o mundo como prevenção ou tratamento do coronavírus, como um golpe político **[apreciação: –valoração]**, em total desconexão com a realidade.
[27] o presidente teria chegado a comentar com "acepipes" que o coronavírus é um plano estratégico do governo chinês **[apreciação: –valoração]** para recuperar economicamente o país.
[28] Nada a estranhar, se lembrarmos que ele já deixou claro que o vírus é uma fantasia da mídia brasileira **[apreciação: –valoração]**.
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

Ainda na subcategoria de valoração, estão apreciações negativas quanto à figura política de Jair Bolsonaro. Nos recortes [29] e [30], com o atributo *mito*, o jornalista despreza o valor positivo que o termo pode agregar à *persona* do presidente. O apelido, recorrentemente usado por apoiadores do mandatário, não está incluído no discurso do jornalista – e isso pode ser notado tanto pelo tom crítico da reportagem quanto pelas aspas. Estas designam a linha de demarcação de dois discurso: o de IstoÉ e o de apoiadores de Bolsonaro.

[29] O "mito" **[apreciação: –valoração]** parece dar sinais de alienação e deixa transparecer que pode estar sofrendo, eventualmente, de incapacidade e perturbações psicológicas.
[30] O problema é o ego: como pode Mandetta cobrir-se de glórias e ele, o "mito" **[apreciação: –valoração]**, viver em vão a esmolá-las?
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

É importante destacar que mito deriva do verbo mitar, conhecido nas redes sociais por pessoas que tentam pôr fim a uma discussão com frases de efeito. Ainda quando era deputado federal, em discursos na Câmara e programas de televisão, Bolsonaro se notabilizou por declarações que chamavam a atenção pelo extremismo, encontrando eco em uma parcela da sociedade. Esse contexto foi peça-chave para que ele passasse a ser chamado de mito.

Outros dois termos avaliativos são usados para valorar negativamente a figura política de Jair Bolsonaro. São o epíteto *paraquedista* e o atributo *equilibrista imaginário*, presentes no recorte [31]. Com o primeiro, evoca-se a ideia de que o presidente ainda carrega consigo aptidões que lhe eram necessárias quando integrava a Brigada de Infantaria Paraquedista, em 1977 – competências estas desnecessárias para a gestão do país. Com o segundo termo, o jor-

nalista remete o leitor à ideia de um presidente da república sem preparo político, na medida em que se arisca e arisca o país por meio das decisões que toma.

[31] Pelo amor de Deus, presidente, gravidez não é doença. Na mente do paraquedista **[apreciação: –valoração]** Bolsonaro, talvez sempre tenha existido um equilibrista imaginário **[apreciação: –valoração]** andando em um arame, sem rede embaixo.
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

Ocorrências apreciativas do tipo qualidade negativa constroem a reação do jornalista a fatos relacionados à ida de Jair Bolsonaro na manifestação do dia 15 de março. As escolhas linguísticas revelam aquilo que há de ruim nesses fatos. Por isso, cada escolha importa para a análise aqui realizada.

Quadro 4.8 – Ocorrências de apreciação na reportagem Um ignorante irresponsável

Atitude	Categoria	Subcategoria	Polaridade	Ocorrência
Apreciação	reação	impacto	positiva	0
			negativa	2
		qualidade	positiva	1
			negativa	8
	composição	equilíbrio	positiva	0
			negativa	0
		complexidade	positiva	0
			negativa	4
	valoração		positiva	2
			negativa	10

Fonte: Elaboração própria

No recorte [32], o atributo *auge* aprecia negativamente o estado mental do presidente. Bolsonaro havia declarado que participaria novamente de qualquer manifestação pública a seu favor, ainda que pudesse contaminar as pessoas com coronavírus. A escolha do termo *auge* retrata uma posição claramente crítica a essa possibilidade. Essa reação negativa também é notada no recorte [33], com o atributo *absurdo*.

[32] A descompensação (termo técnico que significa incapacidade psíquica de gerar uma resposta adequada) chegou ao auge **[apreciação: reação / –qualidade]** quando Bolsonaro declarou que "se o povo aparecer aqui, vou lá para frente de novo. Se me contaminei, a responsabilidade é minha".
[33] Na terça-feira, o presidente anunciou que o segundo teste deu negativo. Não importa. Isso não o exime do absurdo **[apreciação: reação / –qualidade]** de, quando permanecia sob suspeição, ter ido à manifestação.
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

Em termos semânticos, *absurdo* remete o leitor à ideia de que a ida do presidente ao ato pró-governo é contrária à razão e ao bom senso. Esse tipo de reação negativa perpassa todo o texto noticioso, como mostra o trecho [34].

[34] Quanto à irresponsabilidade, essa é dolosa **[apreciação: reação / –qualidade]**.
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

A escolha do atributo *dolosa* mostra como o jornalista compreende a participação de Bolsonaro naquele evento: como um crime intencional. É importante destacar que essas reações negativas partem do *lead* da reportagem, onde os qualificadores *graves* e *ilógicas* estão presentes, como mostra o recorte [35].

[35] Vinte e quatro horas depois, Bolsonaro demonstrou que a sua atitude pode ter origem em causas bem mais graves **[apreciação: reação / –qualidade]**, a julgar pelas declarações ilógicas **[apreciação: reação / –qualidade]** que ele fez circular, exibindo um comportamento alheio à realidade.
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

Qualificar condutas de Jair Bolsonaro como *graves* e *ilógicas* no *lead* significa sinalizar ao leitor como o evento narrado deve ser interpretado. De acordo com van Dijk (1991), no *lead* está o modelo de situação do texto noticioso; é nele que estão as informações e ideias que irão guiar toda a lógica narrativa. E é exatamente isso que o jornalista entrega ao leitor, como analisado nos recortes anteriores.

Cabe destacar que a única ocorrência de qualidade positiva se refere à possibilidade de o ex-capitão ser avaliado por uma junta médica, que pode constatar sua insanidade mental. No trecho [36], usa-se o qualificador *saudável* para reagir positivamente a essa viabilidade.

[36] Então se saberá se o presidente pode seguir na função ou terá de ser dela afastado. Uma saudável **[apreciação: reação / +qualidade]** sugestão veio do jurista Miguel Reale Júnior, ex-ministro da Justiça na gestão FHC e um dos autores do pedido de impeachment de Dilma Rousseff. Reale deseja que o Ministério Público submeta Bolsonaro a uma junta médica que dirá se ele tem ou não sanidade mental para o exercício da Presidência.
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

Na subcategoria de composição, estão 04 apreciações – todas negativas. Ao recorrer a esse tipo de avaliação, importa ao jornalista apreciar o nível de complexidade das ações do presidente para combater o avanço do coronavírus. A reprovação de um desses atos está no recorte [37], por meio do processo *aumentou*. A avaliação recai sobre o anúncio que Bolsona-

ro faz sobre a celebração de seu aniversário em meio à disseminação da Covid-19. Cabe notar que *aumentou* pressupõe que o presidente já havia tomado atitudes equivocadas antes.

[37] Na terça-feira, o descompasso aumentou **[apreciação: composição / –complexidade]**: Bolsonaro anunciou que, nesse sábado 21, "darei uma festa tradicional para comemorar o meu aniversário de 65 anos de idade".
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

No trecho [38], o jornalista descreve como *contraditório* o fato de Bolsonaro ser representado, num encontro entre alguns presidentes da América Latina, por Mandetta – ministro com quem o ex-capitão travava conflitos de ordem política e sanitária. A escolha desse atributo guarda relação semântica com a apreciação construída no recorte [37]. A contradição apontada é resultado de atitudes equivocadas tomadas pelo mandatário.

[38] Para o encontro virtual, que envolveu os presidentes da Argentina, Chile, Uruguai, Equador, Peru, Paraguai, Bolívia e Colômbia, ele foi convidado, mas se fez representar pelo ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, e, inacreditável, por… Mandetta. Tudo contraditório **[apreciação: composição / –complexidade]**.
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

Outra apreciação do tipo complexidade negativa é construída no trecho [39]. O qualificador *sombrio*, um epíteto, revela o nível de incerteza e obscuridade no que tange à figura do presidente Bolsonaro. Avaliar sua condição mental por meio desse termo significa depreciar o ex-capitão, atribuindo-lhe incapacidade. No recorte [40], por meio da metáfora *o arame arrebentou*, tem-se outra apreciação negativa que o desqualifica. O que está em cena é o despreparo do mandatário.

[39] A hipótese de que algo sombrio **[apreciação: composição / –complexidade]** pode estar obnubilando a mente do mandatário ficou pairando na coletiva que ele convocou.
[40] Pelo amor de Deus, presidente, gravidez não é doença. Na mente do paraquedista Bolsonaro, talvez sempre tenha existido um equilibrista imaginário andando em um arame, sem rede embaixo. Agora, o presidente descobriu que o arame arrebentou **[apreciação: composição / –complexidade]**.
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

Todas essas apreciações negativas constroem, semanticamente, uma *persona* Jair Bolsonaro e contribuem sobremaneira para a noticiabilidade do evento retratado. Acontecimentos que narram histórias de figuras políticas atendem a um critério de noticiabilidade, logo estão mais suscetíveis a serem transformados em notícia. Em *Um ignorante irresponsável*, o jornalista procede a essa construção e usa um modelo de situação (VAN DIJK, 1991) para isso –

que é o despreparo do ex-capitão para as responsabilidades de um presidente da república. E, como analisado, as apreciações negativas construídas na reportagem cumprem essa função.

O léxico atitudinal realizado no subsistema de apreciação está no Quadro 4.9. O predomínio de atributos negativos (são 16 construções linguísticas) revela a predileção do jornalista por reprovar eventos, significados e coisas relacionadas à postura do presidente diante do avanço do coronavírus. Por meio de atributos, é possível conferir uma característica a um participante da oração. É nessa lógica gramatical que o jornalista se apoia.

Quadro 4.9 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de apreciação na reportagem Um ignorante irresponsável

Nominalização	disseminação
Adjunto	absurdamente
Processo	nada a estranhar, aumentou, arrebentou
Epíteto	graves, ilógicas, saudável, sombrio, paraquedista
Atributo	inacreditável, mito, dolosa, absurdo, golpe, definitiva, auge, bom, plano estratégico do governo chinês, fantasia da mídia brasileira, novo, inacreditável, contraditório, ofensivo, gravidez , equilibrista imaginário

Fonte: Elaboração própria

Na seção a seguir, são analisadas duas fotografias que constituem o texto *Um ignorante irresponsável*. O foco da análise é o discurso fotográfico, o que inclui enquadramento, ângulo, plano e legenda. Busca-se investigar se existe convergência ou divergência de posicionamento em relação às avaliações verbais presentes na reportagem – em outras palavras, se o discurso avaliativo verbal encontra eco nas fotos.

4.1.2 O discurso fotográfico em Um ignorante irresponsável

As duas fotografias jornalísticas que retratam Bolsonaro estão assim distribuídas espacialmente: a Fotografia 1 está abaixo do *lead* e a Fotografia 2, ao final da matéria. Ambas são fruto de trabalho profissional – haja visto os créditos dados a fotógrafos nas legendas. A primeira imagem enquadra o presidente à frente de um grupo de apoiadores. A segunda o registra ao lado de alguns de seus ministros – todos sentados – durante uma entrevista coletiva.

A Fotografia 1 atende a um interesse particular: dar visibilidade à participação do presidente na manifestação do dia 15 de março. E isso se faz a partir da visão do repórter fotográ-

fico, da linha editorial de IstoÉ e de elementos da linguagem fotográfica. Partindo de um percurso gerativo da imagem, Bolsonaro é enquadrado junto a um grupo de apoiadores, os quais conferem riqueza de detalhes para a informação veiculada. As bandeiras do Brasil, as camisas verde-amarelo e os cartazes – que contêm mensagens de ataque ao Congresso, ao Supremo e à urna eletrônica – são elementos que simbolizam apoio ao presidente.

É importante destacar que a escolha dessa imagem concentra-se no valor-notícia em questão: a participação de Jair Bolsonaro em um ato pró-governo. É sabido que a equipe jornalística de IstoÉ dispunha de outras fotografias daquele evento – segundo Sousa (1997), os periódicos geralmente adquirem mais de uma foto e as utilizam em diferentes oportunidades. A seleção da imagem capturada na Fotografia 1 reflete, pois, uma posição institucional específica. Retratar o presidente junto a apoiadores que pedem o fechamento do Congresso e do Supremo, no exato momento em que o Brasil ganhava mortos e infectados pelo coronavírus, é indispensável para o discurso infamante que a revista constrói para o mandatário.

Fotografia 1 – Edição nº 2619

Bolsonaro participa de manifestação durante a pandemia

BRASÍLIA, DOMINGO 15 O "mito", ainda sem saber se estava contaminado ou não, foi à manifestação contra o Congresso e o STF: eventual crime contra a saúde pública (Crédito: DIDA SAMPAIO)

O ângulo escolhido pelo repórter fotográfico é o linear. O objetivo é ser fidedigno ao real, ou seja, retratar o presidente e seus apoiadores de forma imparcial, sem (des) valorizar a figura deles. O plano da imagem é médio, realçando a cena em que o presidente se encontra. Bolsonaro está no primeiro plano. Isso permite ao leitor estar mais próximo do presidente, observando com mais detalhes sua emoção ao interagir com o público.

Por meio desses elementos, o repórter fotográfico constrói mais do que um registro da manifestação; constrói um discurso. Nele, nota-se uma cena favorável ao presidente, um apoio por parte de pessoas que compartilham as mesmas ideias que ele defendia quanto ao coronavírus e à relação institucional entre os Poderes da República. Sem a legenda, que é um dos elementos da linguagem fotojornalística, o discurso imagético que o fotógrafo constrói não encontra eco no texto verbal da reportagem. Como discutido na seção 4.1, o jornalista constrói um discurso avaliativo que reprova não apenas a ida do presidente ao protesto, mas também uma série de condutas inoportunas e descompassadas.

Além disso, cabe a observação de que o presidente posa para a foto; não se trata, pois, de uma imagem inusitada, que atribui significados ambíguos para o corpo e o rosto do mandatário. Em outras palavras, a fotografia não cria um fato novo – senão aquele da participação de Bolsonaro no evento em questão. A categoria fotografia-posada é uma escolha que o repórter faz a partir da relação discurso fotográfico/objeto representado (KOSSOY, 2002). Optar por esse tipo de imagem significa optar por pouca carga informativa, já que o fotógrafo pouco pode oferecer de si para o acontecimento narrado.

Sousa (1997, p. 85) sustenta que, como qualquer outro discurso, também os discursos fotográficos manipulam a realidade: "podem jogar com as ideologias, as crenças, os mitos e as expectativas". É exatamente isso que IstoÉ faz com a legenda da Fotografia 1: ela manipula a interpretação da imagem.

Fotografia 1 – Legenda: BRASÍLIA DOMINGO 15 O "mito", ainda sem saber se estava contaminado ou não, foi à manifestação contra o Congresso e o STF; eventual crime contra a saúde pública.

A legenda faz progredir a ação retratada na foto ao fixar um significado que a imagem não contém, a saber: o crime contra a saúde pública. Esse recurso – denominado por Roland Barthes (1982) de ancoragem – orienta o leitor a interpretar certos significados da imagem. O texto da legenda opera, portanto, no nível ideológico da fotografia. A expressão *eventual crime contra a saúde pública* visa orientar o leitor para um significado: a conduta do presidente é reprovável. A relação foto/legenda não é, pois, de ilustração, uma vez que a imagem não representa visualmente o que está escrito.

Com relação ao termo *crime*, trata-se de um léxico atitudinal que julga a ida do presidente ao protesto – mais especificamente, trata-se de um julgamento negativo por sanção social, na categoria propriedade. Essa avaliação condena o comportamento de Bolsonaro. Está incluída aqui uma conduta que fere norma legal – neste contexto, o artigo 268 do Código Penal Brasileiro (BRASIL, 1940). Esse é o motivo pelo qual o léxico *crime* é categorizado como sanção social.

A reportagem *Um ignorante irresponsável* apresenta 08 ocorrências avaliativas do tipo sanção social por propriedade. Como analisado na seção 4.1, trata-se de julgamentos que avaliam atitudes antiéticas de Jair Bolsonaro no contexto do ato pró-governo ocorrido em 15 de março de 2020. Em uma dessas ocorrências, no trecho [41], o jornalista julga o comportamento descrito como um crime. Essa construção avaliativa estabelece uma convergência de significados atitudinais entre os textos da legenda e da matéria.

[41] Bolsonaro infringiu **[julgamento: sanção social / –propriedade]** os artigos 267 e 268 do Código Penal Brasileiro, que tratam da propagação de epidemias e doenças contagiosas, uma vez que, no domingo, ainda era dúvida se ele se infectara na viagem aos EUA.
[Um ignorante irresponsável, IstoÉ, ed. nº 2619]

A Fotografia 2 enquadra Jair Bolsonaro sentado entre ministros de Estado; todos usam máscara. O momento é uma entrevista coletiva ocorrida em 18 de março de 2020. Por se tratar de uma foto espontânea, aos olhos do leitor leigo, ela é considerada objetiva porque mostra a realidade do evento em questão. Aos olhos do repórter fotográfico, não. Aquele momento é a oportunidade para um flagrante. Cada participante direciona o olhar para um ponto específico. E é esse momento que importa ao fotojornalista capturar.

Fotografia 2 – Edição nº 2619

Bolsonaro ao lado de ministros de Estado

SHOW NA QUARTA-FEIRA 18
O presidente Bolsonaro reuniu ministros em coletiva sobre a pandemia: imobilismo mascarado (Crédito:CLAUDIO REIS / FramePhoto)

Ao integrar essa fotografia no corpo da matéria *Um ignorante irresponsável*, a equipe editorial de IstoÉ constrói um discurso: o desarranjo político no governo Bolsonaro. Sabe-se que, quando um fato se torna notícia, há um processo complexo de escolhas na sua produção (TRAQUINA, 2005b). E a fotografia é uma delas. Em termos semânticos, essa desarticulação associa-se àquilo que a manchete anuncia: o despreparo do presidente. A Fotografia 2 cumpre, dessa forma, a função de ampliar o significado verbal da matéria.

Outra camada de significação diz respeito ao plano, que é médio. Essa escolha aproxima a cena de uma visão objetiva da realidade. É possível que a relevância das informações transmitidas e o gênero coletiva de imprensa tenham interferido nessa decisão. Naquele momento, o Governo Federal anunciava medidas de combate à Covid-19, que se alastrava pelo país. O ângulo de tomada da imagem também oferece ao leitor uma visão objetiva daquele evento. Ele é nivelado, simétrico ao leitor. Assim, nem os participantes nem o leitor são (des) valorizados um em relação ao outro.

Nesse viés, a legenda atua como elemento indispensável para o discurso imagético da Fotografia 2. Os termos *show* e *imobilismo mascarado* impõem sobre a imagem significados que atuam como a antítese de poder e reputação que o presidente possui. A fixação desses significados ocorre por meio da ancoragem (BARTHES, 1982). A legenda tira, portanto, qualquer ambiguidade que a foto possa ter e diz ao leitor qual mensagem visual deve ser lida. O objetivo é induzir o leitor a interpretar aquela entrevista como um evento negativo.

Fotografia 2 – Legenda: SHOW NA QUARTA-FEIRA. O presidente Bolsonaro reuniu ministros em coletiva sobre a pandemia: imobilismo mascarado.

Sob o sistema de avaliatividade, *show* e *imobilismo mascarado* são escolhas linguísticas situadas no subsistema de julgamento. Com o termo *show*, o jornalista avalia negativamente a coletiva de imprensa. Isso, porque, durante o evento, o presidente criticou a imprensa e minimizou sua participação no ato pró-governo ocorrido no dia 15 de março. A avaliação ocorre em termos da insistência do mandatário em confrontar a realidade de pandemia que o vírus SARS-CoV-2 impôs ao país. Trata-se, portanto, de um julgamento por estima social, do tipo tenacidade negativa.

Em relação a *imobilismo mascarado*, tem-se um julgamento negativo por estima social, na categoria capacidade. Jair Bolsonaro é criticado quanto à resistência em seguir as recomendações científicas no que tange às formas de prevenção e proteção à Covid-19. O que está sendo julgado é a inação do presidente, ou melhor, o quão inconsequente ele é para com a saúde da população brasileira. Assim, julgá-lo negativamente na categoria capacidade significa desacreditá-lo enquanto gestor público.

Como apontou o Quadro 4.3, foram identificadas 11 ocorrências de julgamento do tipo capacidade negativa e também outras 11 por tenacidade negativa. Nelas, o presidente é avaliado enquanto um gestor incompetente e despreparado. É exatamente essa crítica que a legenda constrói com os termos *show* e *imobilismo mascarado*. Nota-se, assim, uma convergência de significados atitudinais, os quais ameaçam a reputação do ator político Jair Bolsonaro.

4.1.3 Marcas atitudinais nas fotografias de Um ignorante irresponsável

As Fotografias 1 e 2 constroem diferentes significados atitudinais para Jair Bolsonaro. Na Fotografia 1, o sorriso do presidente constrói um sentimento positivo de afeto, inscrevendo um valor de satisfação: o mandatário se sente realizado por estar ao lado de seus apoiadores na manifestação contra o Congresso e o Supremo Tribunal Federal. Nessa lógica, tanto o grupo de pessoas atrás do presidente quanto a natureza do evento são gatilhos para a emoção descrita em sua face.

É importante destacar que, no fotojornalismo, a emoção é um valor-notícia (CAPPLE, 2013). Sentimentos de alegria, tristeza, medo, surpresa, choque expressos na face de um participante podem dar origem a uma notícia, pois podem gerar um fato noticioso. Na Fotografia 1, o sorriso do presidente não gera um fato novo. Na verdade, ele integra uma narrativa que descreve a participação do mandatário no evento do dia 15 de março. Ainda assim, a imagem foi selecionada para compor a matéria *Um ignorante irresponsável*. Isso, porque a foto serve de suporte semiótico para a crítica que o jornalista constrói para o presidente.

Como mostra o Quadro 4.1, foram identificadas 12 ocorrências de afeto do tipo insegurança e outras 4 do tipo insatisfação. O que o texto verbal da matéria constrói afetivamente é um Jair Bolsonaro instável emocionalmente, alguém despreparado para o cargo que exerce. Ainda que a Fotografia 1 não retrate esse personagem, ela é peça-chave para o discurso crítico construído no texto da matéria. A imagem é usada exatamente para retratar um ator político desconectado com a realidade da pandemia. Essa correlação semiótica aproxima, em termos avaliativos, os modos verbal e visual.

Com relação ao sistema de julgamento, a Fotografia 1 apresenta um grupo de apoiadores de Jair Bolsonaro avaliando-o positivamente. O mandatário é alvo de acenos, sorrisos e registros fotográficos, os quais semioticamente expressam admiração. A inscrição desse julgamento ocorre na categoria de estima social, cujo valor se aproxima da lealdade do ex-capitão a princípios que seus apoiadores partilham entre si; essa é a razão de sua presença no protesto.

Essa exaltação visual a Bolsonaro não se faz presente no texto verbal da matéria. São 33 ocorrências avaliativas do tipo julgamento negativo – ver o Quadro 4.3. Predominam avaliações nos subsistemas de capacidade e tenacidade. As ações descritas constroem um ator político inconsequente, desqualificado e controverso. São condutas de alguém que rompe os protocolos políticos de um chefe do Poder Executivo Federal. Tem-se, dessa forma, uma distância entre os discursos avaliativos verbal e visual. O Jair Bolsonaro celebrado por apoiadores na Fotografia 1 não existe no modo verbal. Se os apoiadores o festejam visualmente, no modo verbal o jornalista o desaprova por meio de críticas e sanções.

Essa posição ideológica assumida semioticamente por IstoÉ ameaça, pois, a imagem pública do presidente (WEBER, 2009), o que, com efeito, ameaça seu prestígio e sua influência política – ou melhor, ameaça seu poder simbólico. É com essa autoridade para coordenar,

regular e impor princípios e valores sociais que Jair Bolsonaro mobiliza sua base de apoiadores e simpatizantes. Dessa forma, criticar o presidente significa desestabilizar essa base.

Quanto às atitudes apreciativas visuais, sabe-se que elas não são inscritas, como argumenta Economou (2009), ou seja, o fotógrafo não registra na imagem sua reação a objetos, eventos e ações; ele evoca tal reação no leitor. Sendo assim, na Fotografia 1, não há qualquer avaliação apreciativa elaborada pelo repórter fotográfico. Há frases contidas nos cartazes, a vestimenta dos apoiadores, os acenos ao presidente e as bandeiras do Brasil, os quais convocam o leitor a atribuir significado à cena registrada.

Dessa forma, o leitor que é apoiador das ideias de Bolsonaro pode atribuir àquele evento um significado social e político positivo. Pode interpretá-lo como uma manifestação de apoio ao presidente, o que certamente exalta a reputação do mandatário. Por outro lado, apoiando-se no contexto da pandemia e na natureza criminosa exposta no cartaz mais ao fundo da imagem (que traz escrito "Fechamento do Congresso já" e "Fechamento do STF já"), o leitor que é crítico ao ex-capitão pode ler todos os elementos que compõem a imagem de forma negativa, reprovando o significado social e político do evento. Assim, o valor atribuído a tudo que forma a foto está diretamente associado à ideologia em que o leitor se apoia.

No modo verbal, como mostra o Quadro 4.8, predominam apreciações negativas; são 24 no total. Com elas, o jornalista busca se aproximar daqueles leitores que reprovam os significados social e político do ato pró-governo. As construções linguísticas do tipo qualidade e valoração negativa descrevem rejeições do jornalista à natureza do evento, estabelecendo uma convergência semiótica entre imagem e texto verbal da matéria.

Com relação à Fotografia 2, ela não inscreve significado afetivo. A máscara que cobre parte do rosto de Bolsonaro não permite a identificação de qualquer sentimento de in/felicidade, in/segurança, in/satisfação, des/inclinação ou surpresa. Como discutido na seção 4.1, ao longo da reportagem *Um ignorante irresponsável*, Jair Bolsonaro é avaliado negativamente na categoria de insegurança em 12 ocorrências e em outras 4 na categoria de insatisfação. Esse presidente emocionalmente abalado e inseguro não está retratado visualmente na Fotografia 2. Cabe destacar que o contexto da imagem não é narrado no texto verbal da matéria – ao contrário do que acontece com a Fotografia 1. Na reportagem, não há menção à entrevista coletiva que a Fotografia 2 retrata.

Apesar dessa não inscrição de afeto visual na Fotografia 2, é possível correlacionar o léxico atitudinal *imobilismo* – presente na legenda – com as ocorrências verbais de afeto e depreender um sentimento de desinclinação visual no presidente, isto é, um desejo de não cooperar para com as medidas de combate ao coronavírus. Para Economou (2009, p. 112), o valor afetivo de desinclinação não é facilmente inscrito em imagens fotográficas.

Com relação à inscrição de significados visuais no subsistema de julgamento, é importante destacar que "poucos valores podem ser inscritos de forma inequívoca numa fotografia" (ECONOMOU, 2009, p. 121). Em razão disso, na Fotografia 2, o repórter fotográfico convoca o leitor a atribuir significado à atitude dos ministros em relação ao presidente. Ainda que não esbocem qualquer reação à conduta de Bolsonaro, que parece fazer ou se preparar para fazer um pronunciamento, é possível identificar atributos na imagem capazes de conferir julgamentos positivos à figura do ex-capitão.

A posição espacial que ocupa entre os ministros confere valor ao presidente. Bolsonaro é o centro da informação, o que implica uma relação de poder sobre os outros participantes. É como se eles estivessem em posição de subordinação. Ainda que não manifestem gestualmente essa relação, os quatro ministros reconhecem valores de confiança e credibilidade em Bolsonaro. Esse tipo de leitura visual, ressalta Economou (2009), é altamente dependente de conhecimentos de mundo e do campo discursivo da imagem.

A relação entre os valores de julgamento inscritos verbalmente e evocados visualmente na Fotografia 2 não converge para um discurso avaliativo uniforme. Enquanto a maior parte das escolhas linguísticas situadas nos sistemas de estima e sanção social avaliam negativamente condutas do presidente antes, durante e após o protesto ocorrido em frente ao Palácio do Planalto (ver o Quadro 4.3), atribuindo-lhe uma identidade política de mau gestor, o enquadramento da Fotografia 2 não realça nem adiciona avaliações nessa direção discursiva. Não há, portanto, integração entre os dois modos semióticos. Existe, sim, com o recurso da legenda, a construção de um discurso crítico à gestão que Bolsonaro faz do governo.

Com relação aos significados apreciativos visuais na Fotografia 2, é importante notar onde a entrevista coletiva retratada ocorre: em um ambiente do poder federal. As bandeiras do Brasil e da República – e ao fundo o brasão da República – podem remeter o leitor à ideia de

uma ocasião solene, logo significativa para os atores representados. Além disso, por se tratar de uma entrevista em que foram apresentadas medidas de combate ao avanço da Covid-19, o leitor pode atribuir ao evento valores atitudinais de eficácia e relevância.

Por meio do modo verbal, como discutido na seção 4.1, as apreciações apontam reações negativas principalmente em relação a três "coisas": o coronavírus, o protesto pró-governo e a figura do presidente da república. A Fotografia 2 permite ao leitor avaliar o político Jair Bolsonaro – não seu comportamento, mas sua representatividade. A reação pode ser positiva, caso seja associada a ele a relevância da entrevista coletiva. Essa avaliação, contudo, não concorre com o discurso verbal que IstoÉ constrói no sistema de apreciação, isso porque ao presidente são atribuídas avaliações que desqualificam sua reputação política.

Sendo assim, nota-se que a Fotografia 2 não está totalmente integrada, em termos semânticos, ao texto verbal da notícia. Não se observa uma convergência explícita entre as atitudes verbais e visuais construídas pelo jornalismo de IstoÉ.

4.2 Avaliatividade verbal: marcas atitudinais na reportagem Até aonde ele quer ir?

A reportagem *Até aonde ele quer ir?* noticia e comenta a participação de Jair Bolsonaro em uma manifestação pró-governo ocorrida em 19 de abril de 2020, em frente ao Quartel General do Exército, em Brasília. No evento, apoiadores do presidente empunhavam faixas e cartazes com mensagens contra a democracia – mais precisamente, contra o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal. A matéria ainda faz referência a outros protestos de mesma natureza que ocorreram em diferentes estados naquele dia.

Naquela ocasião, Jair Bolsonaro, que não usava máscara, discursou para o público em cima da caçamba de uma caminhonete. Em sua fala, o mandatário defendeu a democracia, no entanto não condenou os pedidos de intervenção militar e da volta do Ato Institucional nº 5, presentes em faixas erguidas pelos manifestantes. A par dessas reivindicações e sob gritos de "mito", o presidente usou a ocasião – que era transmitida ao vivo pelas suas redes sociais – para consolidar seu capital político e difundir valores e crenças a respeito de adversários, do coronavírus e do sistema político do país.

É importante pontuar que o acontecimento narrado ocorreu quando o Brasil sofria com o avanço da Covid-19; havia milhares de pessoas infectadas e algumas centenas de mortes. A multidão de simpatizantes do ex-capitão se aglomerara para ouvi-lo, contrariando orientações de isolamento social recomendadas pela Organização Mundial de Saúde, a fim de evitar a propagação do coronavírus.

As impressões afetivas no texto *Até aonde ele quer ir?* dividem-se entre positivas e negativas: são 18 ocorrências no polo negativo e outras 8 no positivo – ver o Quadro 4.10. A voz autoral realiza 15 avaliações de natureza negativa e, para isso, recorre a processos e qualificadores que sugerem sentimentos ruins acerca de ações do presidente Bolsonaro.

Quadro 4.10 – Ocorrências de afeto na reportagem Até aonde ele quer ir?

Atitude	Categoria	Polaridade	Ocorrência
Afeto	segurança	positiva	3
		negativa	6
	satisfação	positiva	0
		negativa	8
	inclinação	positiva	5
		negativa	4

Fonte: Elaboração própria

O recorte [1] contempla o título e o lead da reportagem. Neles, estão inscritos 3 afetos: 1 por desinclinação e 2 por insegurança.

[1] Até aonde ele quer **[afeto: desinclinação]** ir?
Isolado **[afeto: insegurança]** politicamente e acuado **[afeto: insegurança]** pela crise econômica e sanitária, o presidente Jair Bolsonaro desafia ainda mais os Poderes.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

Com o processo mental *quer*, o jornalista sinaliza um sentimento negativo para com o presidente. A série de atos antidemocráticos dos quais Bolsonaro participou, incluindo aquele ocorrido em frente ao Quartel General do Exército, carrega o proprósito político do ex-capitão: provocar os outros Poderes da República para avançar um projeto de poder. Esse é o motivo por que interpretar o afeto *quer* no polo negativo dos sentimentos.

A inscrição desse afeto no título da matéria possui mais que uma função avaliativa. O título de uma notícia centraliza a narrativa noticiosa e ativa no leitor conhecimentos e crenças que, imediatamente, o orientam na construção cognitiva da informação (VAN DIJK, 1991). Assim, o processo mental *quer* guia o leitor para o ponto central da reportagem: o interesse de Jair Bolsonaro em promover atos antidemocráticos e atacar instituições da República.

Os atributos *isolado* e *acuado* – presentes no recorte [1] – constroem um Jair Bolsonaro vulnerável afetivamente. Essas avaliações identificam o presidente como alguém solitário e

pressionado diante do cenário político e econômico desenhado tanto por suas ações quanto pela pandemia do novo coronavírus. A escolha por esses sentimentos ruins visa rebaixar a reputação do presidente e construir sua *persona*: alguém sem crédito político.

Os protestos ocorridos em 19 de abril são usados como gatilho para uma série de sentimentos construídos ao longo da matéria. Os participantes experienciadores incluem autoridades políticas e ministros do Supremo Tribunal Federal, como mostram [2], [3] e [4].

[2] A dimensão e ousadia das manifestações provocou repúdio **[afeto: insatisfação]** e mobilizou líderes do Congresso, membros do STF e militares da reserva e da ativa, temerosos **[afeto: insegurança]** com a associação das Forças Armadas ao apelo golpista.

[3] "É assustador **[afeto: insegurança]** ver manifestações pela volta do regime militar, após 30 anos de democracia", divulgou Luís Roberto Barroso, ministro do STF. Seus colegas Gilmar Mendes e Marco Aurélio Mello também criticaram **[afeto: insatisfação]** os atos.

[4] Enquanto isso, a reação **[afeto: insatisfação]** contra o presidente continuava. Vinte de 27 governadores divulgaram uma carta aberta "em defesa da democracia".

[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

No recorte [2], quem experiencia sentimentos negativos quanto à manifestão bolsonarista é todo um grupo de atores políticos e militares, que exterioriza afetos de ordem mental e comportamental. Em [3], os participantes experienciadores são ministros do Supremo. O atributo *assustador* e o processo verbal *criticaram* são reações negativas ao ato, assim como o é o sentimento expresso pela nominalização *reação*, no recorte [4].

Em todos esses recortes, a figura do ex-capitão está em cena – ainda que de forma implícita. As reações emotivas de natureza negativa em questão atingem o personagem político Jair Bolsonaro; atingem aquilo que Weber (2009) denomina imagem pública. A credibilidade, o respeito, a fama do presidente são, portanto, questionadas pelos sentimentos construídos.

Nos recortes [5] e [6], estão identificadas outras ocorrências de afeto negativo. Ao novamente expôr a insatisfação de atores políticos para com a participação de Bolsonaro na manifestação, o jornalista reforça o discurso crítico que impõe ao mandatário.

[5] Demonstraram aos ministros de farda o desconforto **[afeto: insegurança]** com as imagens de Bolsonaro em frente ao QG do Exército.

[6] Enquanto isso, a reação **[afeto: insatisfação]** contra o presidente continuava. Vinte de 27 governadores divulgaram uma carta aberta em defesa da democracia. Parlamentares de quase todos os partidos repudiaram **[afeto: insatisfação]** a ação do presidente. A Frente Nacional de Prefeitos divulgou uma nota condenando **[afeto: insatisfação]** o atentado à democracia.

[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

As realizações lexicais *desconforto*, *repudiaram* e *condenando*, semanticamente, retratam sentimentos ruins e reprováveis. Para o termo *desconforto*, o afeto descreve um comportamento de mal-estar em relação à presença do presidente em manifestação de natureza golpista. Quanto aos processos verbais *repudiaram* e *condenando*, têm-se dizeres que reprovam a atitude do mandatário. Tudo isso faz parte daquilo que John Thompson (2002) denomina discurso infamante: um discurso construído na e pela imprensa para condenar ações consideradas antiéticas e imorais cometidas por agentes políticos.

A voz do presidente Jair Bolsonaro constrói 6 significados afetivos: 5 deles são processos mentais de valor desiderativo, ou seja, expressam desejos do mandatário. No recorte [7], o processo mental em destaque externaliza a recusa do presidente em se relacionar com os outros Poderes. Esse desejo guarda relação direta com o propósito das manifestações antidemocráticas, assim como com as legendas das Fotografias 3 e 4.

[7] "Não queremos **[afeto: desinclinação]** negociar nada. Agora é o povo no poder", discursou em frente ao QG do Exército, em Brasília.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

No recorte [8], o sentimento afetivo avalia a vontade do presidente em permanecer no cargo, a despeito dos pedidos de *impeachment* contra ele na Câmara dos Deputados – eram 24 em 2020, como consta na reportagem.

[8] "Não vão me tirar daqui, tenho certeza **[afeto: inclinação]**", disse.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

Os sentimentos afetivos expressos por esses processos desiderativos externalizam não somente disposições pessoais – aquilo que Jair Bolsonaro quer que aconteça; eles reforçam o sistema de valores que o presidente compartilha com sua comunidade discursiva.

Outras 3 manifestações afetivas oriundas da voz do presidente avaliam a estratégia adotada por ele sempre que ameaça a ordem democrática: o recuo. Os termos sublinhados no recorte [9] externam afetos de inclinação e segurança em relação às ameaças antidemocráticas presentes nas manifestações do dia 19 de abril. Mesmo após iniciar os protestos contra os Poderes da República, Bolsonaro deseja que seus apoiadores não externalizem essa sua vontade.

[9] "Esquece **[afeto: inclinação]** esta conversa de fechar. Aqui não tem fechar nada, dá licença aí. Aqui é democracia, respeito **[afeto: segurança]** à Constituição brasileira. E aqui é a minha casa e a tua casa, então peço **[afeto: inclinação]** que, por favor, não se fale isso aqui", afirmou.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

Neste recorte, nota-se que o presidente usa reações afetivas para refutar a possibilidade de fechamento do Congresso e do Supremo Tribunal Federal. Os processos *esquece* e *peço* mostram isso. Eles projetam fenômenos que retratam a nova posição política de Jair Bolsonaro, ante as consequências das manifestações.

As valorações de afeto encontradas na reportagem *Até aonde ele quer ir?* realizam-se por meio de processos, nominalizações e qualificadores. O Quadro 4.11 reúne todas essas ocorrências. A predileção é por processos do tipo mental. Com eles, o jornalista constrói uma relação distante para com apoiadores do presidente Bolsonaro, já que se trata de sentimentos ruins acerca de ações do mandatário.

Quadro 4.11 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de afeto na reportagem Até aonde ele quer ir?

Epíteto	humor
Atributo	isolado, acuado, temerosos, assustador
Nominalização	repúdio, desconforto, reação, respeito, repulsa, percepção
Processo	quer, queixou-se, criticaram, repudiaram, condenando, negou, esquece, peço, aceitar, transigir

Fonte: Elaboração própria

As avaliações atitudinais no sistema de julgamento constroem a *persona* Jair Bolsonaro enquanto um agente político que confronta a ordem democrática do país. Essa é a razão pela qual boa parte das ações do presidente é criticada pela voz autoral na categoria de estima social e condenada na de sanção social. O que está em jogo nessas críticas e sanções é o caráter do presidente, ou seja, o quanto seus comportamentos se distanciam das expectativas que a sociedade tem sobre ele.

A desaprovação dos comportamentos do presidente é construída a partir de um sistema de normas sociais que determinam como agentes políticos devem se comportar em suas funções. Foram identificadas 87 ocorrências de julgamento, sendo: 38 na categoria de estima social e outras 49 na de sanção social. Desse total, 63 estão situadas no polo negativo. O Quadro 4.12 apresenta o levantamento dessas ocorrências.

Quadro 4.12 – Ocorrências de julgamento na reportagem Até aonde ele quer ir?

Atitude	Categoria	Subcategoria	Polaridade	Ocorrência
Julgamento	estima social	normalidade	positiva	0
			negativa	5
		capacidade	positiva	7
			negativa	6
		tenacidade	positiva	13
			negativa	7
	sanção social	veracidade	positiva	1
			negativa	1
		propriedade	positiva	3
			negativa	44

Fonte: Elaboração própria

A voz autoral inscreve 74 julgamentos – 56 deles são avaliações negativas na forma de críticas e sanções. Partindo do pressuposto de que as escolhas linguísticas que realizam tais julgamentos têm sua razão de ser, já que há sempre modos diferentes de se avaliar a mesma coisa (FOWLER, 1991), é indispensável analisar essas escolhas. É importante ressaltar que, na Linguística Sistêmico-Funcional, o vocabulário ou o léxico é um dos fatores determinantes da estrutura ideacional. Dessa forma, as seleções linguísticas que o jornalista faz para julgar condutas do presidente equivalem a um mapa de como ele experiencia tais fatos. Esta tese não toma tais escolhas como uma lista de palavras, mas, sim, como construções discursivas forjadas na linha editorial de IstoÉ, ou seja, guiadas por uma ideologia.

Com relação à categoria de estima social, os dados apresentados no Quadro 4.12 mostram o uso maior de julgamentos por tenacidade. São 20 ocorrências, com predomínio de avaliações positivas. Comportamentos inscritos nesse subsistema expressam a perseverança em algo. No caso da reportagem, é a obstinação do presidente que está em cena. No recorte [10], a insistência do mandatário em impor seu projeto político de poder é inscrita no processo material *tenta atrair*. É importante destacar o alvo dessa ação: os militares. Bolsonaro buscava suporte militar para sua tentativa de afrontar o Supremo Tribunal Federal e o Congresso.

[10] Isolado politicamente e acuado pela crise econômica e sanitária, o presidente Jair Bolsonaro desafia ainda mais os Poderes. Tenta atrair **[julgamento: estima social / +tenacidade]** os militares para seu plano autoritário. [Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

No recorte [11], essa dedicação do presidente é retratada por meio de suas próprias palavras. O atributo *patriotas* e o processo material *lutar* são julgamentos que descrevem o quão tenazes os apoiadores do ex-capitão devem ser para sustentar seu projeto político. O emprego desses termos avaliativos visa prestigiar esses simpatizantes, reforçando o vínculo ideológico entre as partes.

[11] O ato teve seu ápice em Brasília, com o presidente montado na caçamba de uma caminhonete. "Temos um novo Brasil pela frente. Todos, sem exceção, precisam ser patriotas **[julgamento: estima social / +tenacidade]**. Acabou a época da patifaria. Vocês têm a obrigação de lutar **[julgamento: estima social / +tenacidade]** pelo País de vocês", declarou.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

A matéria revela que a manifestação bolsonarista em frente ao Quartel do Exército teve apoio de figuras militares importantes do governo Bolsonaro. O recorte [12] traz isso. Nele a nominalização *benção* e o processo *avalizaram* descrevem o tipo de apoio que militares ocupantes do Palácio do Planalto prestaram à manifestação.

[12] Ocorre que foi um ataque contra as instituições, e com a bênção **[julgamento: estima social / +tenacidade]** dos militares do Planalto. O ministro da Defesa e Luiz Eduardo Ramos (Secretaria de Governo) chegaram a ser convidados por Bolsonaro para acompanhá-lo em frente ao QG do Exército. Não foram, mas avalizaram **[julgamento: estima social / +tenacidade]** o chefe.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

No recorte [13], o ator do processo material *apoiar* não é apresentado. No entanto, é possível inferir o papel dos militares nessa ação. Nesse sentido, fica claro que os militares podem ser vistos pela comunidade de apoiadores de Bolsonaro como indivíduos leais ao projeto de poder arquitetado pelo presidente.

[13] Os atos do domingo foram organizados com o pretexto de apoiar **[julgamento: estima social / +tenacidade]** o presidente diante de seus projetos malogrados no Congresso.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

Na contramão disso, estão o jornalista e políticos que repudiaram os protestos. No trecho [14], é o jornalista quem reprova a conduta de manifestantes e seu esforço para promover um confronto com os Poderes da República. A nominalização *carreatas* caracteriza essa atitude. Já em [15], a crítica é construída por parlamentares do Congresso, ministros do Supremo e militares opositores de Bolsonaro. O processo material *mobilizou* implica uma reunião de posicionamentos contrários às manifestações.

[14] As carreatas **[julgamento: estima social / –tenacidade]** ocorreram em várias capitais, inclusive em frente aos hospitais lotados com pacientes da Covid-19 — daí ganharem o apelido, apropriado, de carreatas da morte.
[15] A dimensão e ousadia das manifestações provocou repúdio e mobilizou **[julgamento: estima social / +tenacidade]** líderes do Congresso, membros do STF e militares da reserva e da ativa.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

No recorte [16], quem rejeita o teor golpista das manifestações é o presidente da Câma dos Deputados. Para representar isso, usa o processo material *lutar*, situando-o semanticamente na categoria de tenacidade. A posição por ele assumida descreve o quão determinados estavam aqueles que se puseram contrários aos atos.

[16] Maior alvo dos ataques virtuais, Rodrigo Maia quis demonstrar tranquilidade: "No Brasil, temos de lutar **[julgamento: estima social / +tenacidade]** contra o corona e o vírus do autoritarismo. Não temos tempo a perder com retóricas golpistas. Não há caminho fora da democracia".
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

Ainda na categoria de tenacidade, são encontradas ocorrências avaliativas que reprovam o projeto político de poder proposto pelo presidente Bolsonaro. Os recortes [17] e [18] ilustram como esses julgamentos são linguisticamente construídos. O processo *concretiza* descreve o tipo de ação que o mandatário materializa em função desse projeto de poder. Cabe observar aqui o alvo do processo: *seu sonho caudilhesco*. O ex-capitão é fascinado pelo poder autoritário e é isso que move suas ações. Com relação às nominalizações *bravatas*, *cooptação* e *intimidação*, têm-se condutas de natureza imprudente para alguém que ocupa a Presidência da República, por isso são categorizadas no polo negativo de tenacidade. Com esses termos, o jornalista retrata um presidente obstinado pelo poder, ao mesmo tempo em que o reprova.

[17] Aos poucos, Bolsonaro concretiza seu sonho caudilhesco **[julgamento: estima social / –tenacidade]**.
[18] Suas bravatas **[julgamento: estima social / –tenacidade]** foram minimizadas, enquanto avançava na cooptação **[julgamento: estima social / –tenacidade]** do Exército, na intimidação **[julgamento: estima social / –tenacidade]** dos opositores.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

Reprovar condutas obstinadas por poder é componente indispensável para o discurso do jornalista, que se propõe a criticar a postura institucional de Jair Bolsonaro diante de uma pandemia de vírus. Nesse processo, as escolhas léxico-gramaticais são cruciais. Como o Quadro 4.13 mostra, a predileção do jornalista é por nominalizações e processos materiais, que lhe permitem mapear, semanticamente, ações que rompem valores socialmente aceitos para um chefe do Poder Executivo Federal.

Quadro 4.13 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Até aonde ele quer ir?: as ocorrências por tenacidade

Atributo	patriotas
Nominalização	benção, carreatas, bravatas, cooptação, intimidação, apoio, aval
Processo	atrair, lutar, avalizaram, apoiar, mobilizou, concretizar, divulgaram, culpou, buzinando

Fonte: Elaboração própria

Com relação às ocorrências de julgamento do tipo capacidade, importa ao jornalista avaliar o despreparo do presidente e de seu governo para as funções que lhes cabem. No recorte [19], o ex-capitão é considerado fraco, por isso é cercado pelos Poderes Legislativo e Judiciário. A ação é fruto da ofensiva de Bolsonaro contra o Congresso e o Supremo nas manifestações do dia 19 de abril. Com o processo material *acuado*, o jornalista revela que o presidente é alguém sem apoio institucional.

[19] Acham que o presidente está sendo acuado **[julgamento: estima social / –capacidade]** pelo outros Poderes.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

No trecho [20], as investidas do ex-capitão contra a ordem democrática de direito são avaliadas negativamente por meio do epíteto *loucuras*. Os comportamentos de Bolsonaro são descritos, pois, como irresponsáveis. O que está em jogo aqui é o capital político do presidente; é sua reputação frente a eleitores e outros pares. Esse tipo de crítica visa minar a capacidade do mandatário de agir politicamente. Segundo com John Thompson (2002), crítica tal qual essa é um potencial esvaziador de reputação.

[20] As supostas loucuras **[julgamento: estima social / –capacidade]** de Bolsonaro ocorrem com método.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

Nos recortes [21] e [22], as críticas direcionam-se à gestão do governo. Com o epíteto *errática* e a nominalização *desarticulação*, o jornalista reprova pautas bolsonaristas que, naquele momento, conduziam o país a uma polarização política. Esses termos detalham, em termos semânticos, um governo despreparado.

[21] O mandato de Bolsonaro já pode ser dividido em duas fases. Até o 19 de abril, havia uma gestão errática **[julgamento: estima social / –capacidade]**, contida pelo Judiciário e norteada por um Congresso reformista.
[22] Os atos do domingo foram organizados com o pretexto de apoiar o presidente diante de seus projetos malogrados no Congresso, ainda que a culpa seja da própria desarticulação governista **[julgamento: estima social / –capacidade]**.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

A voz de Jair Bolsonaro constrói dois julgamentos do tipo capacidade positiva. No recorte [23], simpatizantes do presidente são descritos como pessoas competentes, uma vez que ocupam posição de poder na gestão do mandatário. Essa avaliação fortalece o vínculo ideológico entre as partes e alimenta o discurso bolsonarista – que se sustenta pelo extremismo. Colocar *o povo no poder* é filiar-se ao populismo, ou seja, é apelar ao povo, contrapondo o grupo à elite política.

[23] "Não queremos negociar nada. Agora é o povo no poder **[julgamento: estima social / +capacidade]**", discursou em frente ao QG do Exército, em Brasília.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

No trecho [24], é por meio da oração *não vão me tirar daqui* que o mandatário é categórico quanto ao seu poder como presidente. Bolsonaro avalia a si mesmo como capaz de reprimir um avanço do Judiciário sobre suas pautas políticas e negocia com seu público um confronto com tal instituição. Ao expor esse julgamento, o jornalista busca reforçar suas críticas ao presidente, identificando-o como alguém sem preparo, equilíbrio e decoro. É esse Jair Bolsonaro que IstoÉ descreve discursivamente nas categorias de julgamento – e no sistema de afeto, como já discutido.

[24] Diante de apoiadores religiosos, fez alusão aos políticos que "querem abalar a Presidência". "Não vão me tirar daqui **[julgamento: estima social / +capacidade]**, tenho certeza", disse apontando para a sede do Judiciário.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

No recorte [25], com o atributo *capitão de baixo clero saudoso do regime militar*, nota-se o contraponto feito pelo jornalista à fala de Jair Bolsonaro no trecho anterior. Nesse julgamento, constrói-se um distanciamento de valores. O jornalista não se coloca no discurso extremista do mandatário. Longe disso. Resgata o histórico de insubordinação do então capitão no quartel e sua exaltação à ditadura militar.

[25] Os 13 anos do PT levaram ao Petrolão e a uma nova crise institucional, com a ruína econômica e a eleição de um capitão do baixo clero saudoso do regime militar **[julgamento: estima social / –capacidade]**. O País não deveria repetir seus erros.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

O Quadro 4.14 reúne as escolhas léxico-gramaticais realizadas na categoria de julgamento por capacidade. Esse mapa gramatical revela um vocabulário direcionado à proposta avaliativa do discurso institucional de IstoÉ, qual seja: a crítica à postura do presidente diante das manifestações antidemocráticas. Em termos semânticos, essas escolhas interessam ao leitor não alinhado à pauta bolsonarista, haja visto as desaprovações construídas por meio dos termos *errática*, *loucuras*, *medíocre*, *capitão de baixo clero saudoso do regime militar*, *desarticulação*. Como destaca Fowler (1991), o vocabulário que forja um discurso se molda ao propósito em questão, e o vocabulário do jornalista modela-se ao discurso crítico da revista.

Quadro 4.14 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Até aonde ele quer ir?: as ocorrências por capacidade

Epíteto	errática, loucuras
Atributo	medíocre, o povo no poder, capitão de baixo clero saudoso do regime militar
Nominalização	desarticulação, ação
Processo	acuado, tirar, estão fazendo, soltou, manter, tem avançado

Fonte: Elaboração própria

Com relação à categoria de normalidade, foram identificados 5 julgamentos; todos no polo negativo. As ocorrências avaliam condutas de Jair Bolsonaro que fogem da liturgia do cargo de presidente. Considerada essencial no exercício da presidência, a compostura é um elemento simbólico que constitui a reputação política (THOMPSON, 2002). O desapreço do mandatário por tal valor está presente no recorte [26], no uso do processo material *montado*.

[26] O ato teve seu ápice em Brasília, com o presidente montado na caçamba de uma caminhonete **[julgamento: estima social / –normalidade]**.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

Estar sobre a caçamba de uma caminhonete para participar de um protesto contra instituições do Estado não é uma postura esperada de um chefe do Poder Executivo Federal. Assim como não o é convidar ministros de Estado para participar de tal manifestação, cuja essência é golpista – como narra a reportagem. No recorte [27], esse convite é avaliado de forma negativa por meio do processo verbal *chegaram a ser convidados*.

[27] O ministro da Defesa e Luiz Eduardo Ramos (Secretaria de Governo) chegaram a ser convidados **[julgamento: estima social / –normalidade]** por Bolsonaro para acompanhá-lo em frente ao QG do Exército.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

Outro comportamento atípico construído pela voz autoral é realizado por meio da nominalização *inflexão*, no recorte [28]. Embora o agente da ação não esteja inscrito na oração, ele é recuperado pelo contexto e aponta para Jair Bolsonaro. A *inflexão* descreve a postura do governo logo após os primeiros meses de gestão: o afastamento de pautas democráticas. Bolsonaro e sua base de apoio político apostaram no radicalismo e na intimidação das instituições para solidificar valores para com sua base eleitoral. Essa é a conduta não esperada que o jornalista julga na categoria de normalidade.

[28] Depois disso, ocorreu uma inflexão **[julgamento: estima social / –normalidade]**, rumo a um governo autoritário, com a intimidação explícita das instituições.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

No trecho [29], ao presidente Bolsonaro é atribuído um descrédito: não ser respeitado, mesmo ainda ser portar a faixa presidencial. Essa qualificação sinaliza ao leitor que o mandatário nunca nutriu apreço dentro das funções que lhe cabia – no caso em questão, as funções de capitão no Exército. O objetivo dessa escolha linguística é depreciar o personagem político Jair Bolsonaro.

[29] O bolsonarismo segue a cartilha do chavismo, na Venezuela. Como Bolsonaro, o ditador Hugo Chávez também era um oficial medíocre que pregava a sublevação, tendo sido preso e expulso da corporação. Não era levado a sério **[julgamento: estima social / –normalidade]**.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

Em síntese, a adoção de atitudes direcionadas para o acirramento de tensões para com os outros Poderes é o foco dos julgamentos do tipo normalidade. O Quadro 4.15 reúne as escolhas léxico-gramaticais que realizam tais avaliações. Elas materializam comportamentos atípicos de quem ocupa a presidência da república. Segundo John Thompson (2002), atores políticos geralmente adotam posturas conservadoras no âmbito de suas ações, buscando costurar laços de confiabilidade com seus pares. As avaliações negativas construídas na categoria de normalidade não descrevem esse personagem político na figura de Jair Bolsonaro.

Quadro 4.15 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Até aonde ele quer ir?: as ocorrências por normalidade

Processo	montado, chegaram a ser convidados
Nominalização	inflexão, recuo
Atributo	levado a sério

Fonte: Elaboração própria

Todo o descrédito atribuído a Bolsonaro por meio das escolhas atitudinais na categoria de estima social também é construído na categoria de sanção social. Como indicou o Quadro 4.12, foram identificadas 49 ocorrências avaliativas nesta categoria: 2 do tipo veracidade e outras 47 do tipo propriedade. Sobressaem-se julgamentos negativos, ou melhor, condenações de natureza ética e moral acerca de condutas políticas do presidente. Cabe destacar que julgamentos por sanção social fundamentam-se em regras sociais do comportamento humano.

Duas ocorrências no polo positivo avaliam condutas do Supremo Tribunal Federal em relação à gestão política do governo Bolsonaro. No recorte [30], o processo material *barrar* valora positivamente a ação de cassar o mandato do presidente. Em [31], é a nominalização *reação* que avalia de forma positiva a conduta do Supremo em permitir que Bolsonaro seja investigado por seus atos durante as manifestações. O alinhamento ideológico do jornalista se faz com julgamentos fundados naquilo que a Constituição Federal de 1988 entende como crimes de responsabilidade (BRASIL, 1988).

[30] Há 24 pedidos de impeachment no Congresso, assim como ações no STF para barrá-lo **[julgamento: sanção social / +propriedade]**.

[31] E foi também a primeira vez que ocorreu uma reação **[julgamento: sanção social / +propriedade]** no campo jurídico capaz de trazer problemas sérios para o presidente. O procurador-geral da República, Augusto Aras, pediu autorização ao STF para investigar os atos pró-golpe.

[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

Ao participar de um dos atos antidemocráticos ocorridos naquele 19 de abril, Bolsonaro atenta contra os Poderes Legislativo e Judiciário. O cometimento desse crime é a mola propulsora para um conjunto de julgamentos negativos que o jornalista faz. Nos recortes [32] e [33], os processos materiais *desafia*, *promoveu* e *apoiou* materializam críticas às condutas representadas. Nessas ocorrências, o alvo das ações é a ordem democrática.

[32] Isolado politicamente e acuado pela crise econômica e sanitária, o presidente Jair Bolsonaro desafia **[julgamento: sanção social / –propriedade]** ainda mais os Poderes.

[33] Promoveu **[julgamento: sanção social / –propriedade]** seu ataque mais ousado contra a ordem democrática no último domingo, 19, quando apoiou **[julgamento: sanção social / –propriedade]** manifestações pelo País que pediam a intervenção militar e um novo AI-5.

[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

Nos recortes [34] e [35], o jornalista reforça a natureza criminosa das ações do presidente por meio da nominalização *ataque* e do processo *tinha investido*. Aqui, novamente, os

alvos das ações são escolhas linguísticas importantes para o discurso condenatório que é construído. Importa para o jornalista deixar explícito quem sofre os ataques e as investidas de Bolsonaro para, assim, identificar como um clima de tensão política foi instaurado por ele.

[34] Ocorre que foi um ataque **[julgamento: sanção social / –propriedade]** contra as instituições.
[35] No dia anterior, já tinha investido contra o STF **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

Nos recortes [36] e [37], são as nominalizações *crimes* e *quebra de decoro* que condenam condutas do presidente. Esses comportamentos são reprováveis sob o ponto de vista dos valores que constituem as funções de um chefe do Poder Executivo Federal. Toda e qualquer infração político-administrativa cometida pelo presidente está sujeita à sanção penal.

[36] Por enquanto, no Congresso e no meio político, a percepção majoritária é que não existem ainda as condições para o início de um processo de impeachment, apesar dos seus crimes de responsabilidade **[julgamento: sanção social / –propriedade]** em série.
[37] Os advogados Thiago Santos Aguiar de Pádua e José Rossini Campos do Couto Correa acusam o presidente de quebra de decoro **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

As críticas construídas nessa categoria avaliativa se fazem por meio de um padrão de escolhas lexicais. Os processos e as nominalizações que materializam a opinião do jornalista encontram-se no ponto mais alto de uma escala de valores negativos. A carga semântica que esses elementos linguísticos carregam impõe ao evento ocorrido as dimensões de uma guerra. Nos recortes [38], [39] e [40], as nominalizações *ataque*, *atentado* e *cruzada* situam metaforicamente os fatos narrados no campo da guerra. Isso implica a existência de um inimigo – que, para Jair Bolsonaro, são o Congresso e o Supremo.

[38] Ocorre que foi um ataque **[julgamento: sanção social / –propriedade]** contra as instituições.
[39] A Frente Nacional de Prefeitos divulgou uma nota condenando o atentado à democracia **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.
[40] Os atos do domingo foram organizados com o pretexto de apoiar o presidente diante de seus projetos malogrados no Congresso, ainda que a culpa seja da própria desarticulação governista, e de sua cruzada **[julgamento: sanção social / –propriedade]** contra as orientações médicas pelo isolamento social.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

Outro padrão de escolha lexical na categoria de propriedade é a nominalização *escalada*, presente nos recortes [41], [42] e [43]. Esse termo descreve um tipo de violência simbólica promovida por Bolsonaro e seus apoiadores. Trata-se de críticas e ameaças a adversários políticos que criam um clima de polarização, um conflito entre "nós" e "eles".

[41] A escalada golpista **[julgamento: sanção social / –propriedade]** exige resposta das instituições.
[42] Assim, tem avançado cada vez mais em sua escalada antidemocrática **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, que agora prega explicitamente a ruptura institucional.
[43] O impeachment é traumático, mas transigir com a escalada bolsonarista **[julgamento: sanção social / –propriedade]** pode ter um custo muito maior.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

O léxico *escalada* tem em si uma carga semântica que julga a condução política do governo Bolsonaro. É possível interpretar outras escolhas atitudinais de propriedade como a materialização dessa escalada. Isso está no recorte [44], por meio dos nomes *golpe* e *fechamento* e do processo material *desafiando*.

[44] ...está em curso um golpe **[julgamento: sanção social / –propriedade]** em câmera lenta. À luz do dia, buzinando em frente aos hospitais, desafiando as autoridades **[julgamento: sanção social / –propriedade]** em plena emergência sanitária, pregando o fechamento do Congresso e do STF **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, lideradas pelo presidente. Até quando?
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

No recorte [45], a escalada bolsonarista é julgada por meio do qualificador *autoritário* e da nominalização *intimidação*. Em [46], isso fica por conta do processo *conclamando* e da nominalização *golpe*. Todos esses termos descrevem negativamente a ideologia bolsonarista. Trata-se de condutas extremistas para um governo democrático.

[45] Depois disso, ocorreu uma inflexão, rumo a um governo autoritário **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, com a intimidação **[julgamento: sanção social / –propriedade]** explícita das instituições.
[46] Dessa forma, o presidente quis deixar claro que estava conclamando as Forças Armadas a se unirem ao povo em torno de si mesmo **[julgamento: sanção social / –propriedade]** — uma alusão óbvia a um golpe **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

Essa posição condenatória à escalada do presidente contra os Poderes da República é reforçada por meio de vozes externas. No recorte [47], quem reprova as manifestações do dia 19 de abril é o ministro do Supremo Dias Toffoli. As nominalizações *autoritarismo* e *ataques* descrevem negativamente aqueles atos.

[47] Dias Toffoli, sem citar Bolsonaro, declarou que o autoritarismo **[julgamento: sanção social / –propriedade]** e os ataques à democracia **[julgamento: sanção social / –propriedade]** são gestos "nefastos".
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

Em [48], a condenação à escalada se faz, novamente, por meio da nominalização *autoritarismo* e da oração *não há caminho fora da democracia*. Desta vez, a voz inserida no texto é a de Rodrigo Maia, presidente da Câmara dos Deputados. No trecho [49], são os processos *apoie*, *afronta* e *exalta* que reprovam condutas antiéticas do presidente nas cenas do ato antidemocrático. A opinião em questão é do governador João Doria.

[48] Maior alvo dos ataques virtuais, Rodrigo Maia quis demonstrar tranquilidade: "No Brasil, temos de lutar contra o corona e o vírus do autoritarismo **[julgamento: sanção social / –propriedade]**. Não temos tempo a perder com retóricas golpistas. Não há caminho fora da democracia" **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.
[49] "Lamentável que o presidente da República apoie **[julgamento: sanção social / –propriedade]** um ato antidemocrático, que afronta **[julgamento: sanção social / –propriedade]** a democracia e exalta **[julgamento: sanção social / –propriedade]** o AI-5", declarou o governador João Doria.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

Em termos léxico-gramaticais, essas opiniões valorativas se fazem principalmente por meio de processos e nominalizações, como mostra o Quadro 4.16. Isso significa dizer que essas escolhas satisfazem as necessidades de julgamento do jornalista. Elas representam o modo como ele percebe tudo aquilo relacionado aos atos antidemocráticos ocorridos em 19 de abril de 2020. E mais: satisfazem à comunidade de leitores para quem a revista se direciona. Esse levantamento das escolhas linguísticas no texto da notícia é tarefa fundamental para uma análise crítica do discurso. "É tarefa elementar, mas fundamental, para o analista crítico anotar, no discurso que estuda, quais são os termos que ocorrem habitualmente, quais segmentos do mundo gozam de atenção discursiva constante" (FOWLER, 1991, p. 82).

Quadro 4.16 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Até aonde ele quer ir?: as ocorrências por propriedade

Epíteto	autoritário
Adjunto	em frente ao QG do Exército
Oração	não há caminho fora da democracia
Processo	desafia, promoveu, apoiou, barrar, conclamando, tinha investido, provocada, apoie, afronta, exalta, avança, endossaram, impedido, esmaga
Nominalização	escalada, pedidos, cruzada, intimidação, sublevação, ataque, atentado, autoritarismo, incitação, reação, atos pró-golpe, quebra, denúncia, crime, impedimento, marcha golpista, ruptura, recrutamento, golpe, fechamento

Fonte: Elaboração própria

Quanto às avaliações no subsistema de apreciação, foram identificadas 35 ocorrências. Predominam aquelas do tipo reação – são 21, sendo 18 delas inscritas no polo negativo. Importa ao jornalista reprovar fatos e coisas relacionadas aos atos antidemocráticos a partir da qualidade e do impacto de tais fatores. Outra escolha avaliativa recorrente no texto é a de valoração. São 10 ocorrências, sendo 9 inscritas no polo negativo. O Quadro 4.17 reúne esse levantamento avaliativo na matéria *Até aonde ele quer ir?*.

Quadro 4.17 – Ocorrências de apreciação na reportagem Até aonde ele quer ir?

Atitude	Categoria	Subcategoria	Polaridade	Ocorrência
Apreciação	reação	impacto	positiva	0
			negativa	4
		qualidade	positiva	3
			negativa	14
	composição	equilíbrio	positiva	1
			negativa	0
		complexidade	positiva	0
			negativa	3
	valoração		positiva	1
			negativa	9

Fonte: Elaboração própria

As características do evento em questão são o foco das apreciações negativas do tipo reação. No recorte [50], os qualificadores *autoritário* e *ousado* são reações negativas à natureza do acontecimento. Essas escolhas descrevem as manifestações como ataques à democracia, ao mesmo tempo em que revelam a posição editorial de IstoÉ para com os fatos narrados. Isso também é observado no trecho [51], com o atributo *carreatas da morte*. O traço metafórico do termo permite ao jornalista (re) conceituar os atos, atribuindo-lhes outros significados que não aqueles defendidos por seus idealizadores – como intervenção militar e fechamento do Supremo e do Congresso.

[50] Tenta atrair os militares para seu plano autoritário **[apreciação: reação / –qualidade]**. Promoveu seu ataque mais ousado **[apreciação: reação / –qualidade]** contra a ordem democrática no último domingo.

[51] As carreatas ocorreram em várias capitais, inclusive em frente aos hospitais lotados com pacientes da Covid-19 — daí ganharem o apelido, apropriado, de carreatas da morte **[apreciação: reação / –qualidade]**.

[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

No recorte [52], sob o viés legal, a natureza dos atos é descrita com o atributo *gravíssimo*. As pautas exigidas pelos manifestantes definem-se como crimes contra a ordem democrática, e é nesse argumento que o jornalista se apoia para empregar tal termo.

[52] O procurador-geral da República, Augusto Aras, pediu autorização ao STF para investigar os atos pró-golpe citando o artigo 23 da Lei de Segurança Nacional, que trata da subversão da ordem política e social. Sorteado, o ministro Alexandre de Moraes rapidamente acatou o pedido, ressaltando que o episódio é gravíssimo **[apreciação: reação / –qualidade]**.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

No recorte [53], o atributo *azar* está situado no cenário de ataques e ameaças virtuais contra membros do Supremo Tribunal Federal. As críticas miram a desmoralização da Corte. Inserir Jair Bolsonaro num contexto de adversidade jurídica é fundamental para o discurso repressor que o jornalista constrói. Essa é a razão das escolhas lexicais *ameaça* e *danosa*. Elas exprimem o quão desagradáveis politicamente são os inquéritos que investigam a participação do ex-capitão em eventos de natureza antidemocrática.

[53] Bolsonaro deu azar **[apreciação: reação / –qualidade]**. Já está a cargo de Moraes outro inquérito que investiga ataques virtuais ao STF, que se soma agora ao segundo inquérito como uma ameaça **[apreciação: reação / –qualidade]** concreta para o presidente. Segundo especialistas, outra peça é ainda mais danosa **[apreciação: reação / –qualidade]** a Bolsonaro. Trata-se de um mandado de segurança protocolado no STF por um ex-assessor da ministra do STF Rosa Weber e um ex-conselheiro da OAB. Os advogados Thiago Santos Aguiar de Pádua e José Rossini Campos do Couto Correa acusam o presidente de quebra de decoro, um crime de responsabilidade passível de impeachment.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

Novamente, é importante pontuar que tais escolhas, em um nível macro, buscam o derretimento do capital político do presidente. O que está em discussão é o compromisso, a ética e a moral do mandatário, que são impactados por inquéritos que investigam crimes por ele cometidos. Para a comunidade de leitores que não simpatizam com Bolsonaro, essas apreciações reforçam valores comuns entre eles, tais como incompetência e autoritarismo.

Esse reforço é observado nas apreciações negativas do tipo qualidade grifadas nos trechos [54] e [55]. Os qualificadores *lamentável* e *nefastos* são atributos que reprovam a natureza das manifestações, ao mesmo tempo em que exprimem opiniões categóricas acerca delas. As vozes do governador João Doria e Dias Toffoli são inseridas no texto de modo a aproximar posições ideológicas em comum: aquela do jornalista (IstoÉ) e a dos agentes políticos citados. Segundo Maingueneau (1997, p. 91), o sujeito que usa aspas deve oferecer ao leitor "certa imagem de si mesmo, ou melhor, da posição de locutor que assume através das aspas".

[54] "Lamentável **[apreciação: reação / –qualidade]** que o presidente da República apoie um ato antidemocrático, que afronta a democracia e exalta o AI-5", declarou o governador João Doria.

[55] Dias Toffoli, sem citar Bolsonaro, declarou que o autoritarismo e os ataques à democracia são gestos "nefastos" **[apreciação: reação / –qualidade]**.

[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

As escolhas linguísticas do tipo valoração negativa estão direcionadas para um conjunto de eventos no entorno do presidente, tais como sua gestão e a ida ao protesto do dia 19 de abril. Para o jornalista, importa valorar tais coisas negativamente a fim de reforçar a relevâncias das questões em cena. No trecho [56], o termo *ápice* descreve o quão inaceitável é o chefe do Poder Executivo Federal estar em cima de uma caminhonete discursando para pessoas que pediam intervenção militar e fechamento da Suprema Corte e do Congresso. O nome *ápice* retrata a cena como o momento mais inconcebível daquela ocasião.

[56] O ato teve seu ápice **[apreciação: –valoração]** em Brasília, com o presidente montado na caçamba de uma caminhonete.

[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

Nos recortes [58], [59] e [60], os termos *golpista* e *antidemocrático* são escolhas feitas para depreciar o valor daqueles atos. A ideia é torná-los um acontecimento criminoso, basta ver as pautas defendidas. Essa seleção vocabular justifica os julgamentos negativos por sanção social realizados pelo jornalista e afasta qualquer interpretação que possa considerá-los manifestações políticas ou participação da vida pública do país.

[58] A dimensão e ousadia das manifestações provocou repúdio e mobilizou líderes do Congresso, membros do STF e militares da reserva e da ativa, temerosos com a associação das Forças Armadas ao apelo golpista **[apreciação: –valoração]**.

[59] "Lamentável que o presidente da República apoie um ato antidemocrático **[apreciação: –valoração]**, que afronta a democracia e exalta o AI-5", declarou o governador João Doria.

[60] Maior alvo dos ataques virtuais, Rodrigo Maia quis demonstrar tranquilidade: "No Brasil, temos de lutar contra o corona e o vírus do autoritarismo. Não temos tempo a perder com retóricas golpistas **[apreciação: –valoração]**. Não há caminho fora da democracia".

[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

O não alinhamento ideológico aos atos materializa-se, portanto, linguística e discursivamente. Não há também alinhamento à gestão política do presidente, e isso pode ser notado nos qualificadores *descrédito* e *malogrados*, nos recortes [60] e [61]. Para o jornalista, é importante associar o insucesso político do governo Jair Bolsonaro às manifestações de cunho

golpista. Essa relação se constrói por um vínculo de causa e efeito: o fracasso político é abafado por protestos.

[60] Além do descrédito **[apreciação: –valoração]** crescente no País, Bolsonaro já é motivo de repulsa na comunidade internacional, e coleciona denúncias em tribunais multilaterais.
[61] Os atos do domingo foram organizados com o pretexto de apoiar o presidente diante de seus projetos malogrados **[apreciação: –valoração]** no Congresso, ainda que a culpa seja da própria desarticulação governista, e de sua cruzada contra as orientações médicas pelo isolamento social, seguidas pelos governadores e prefeitos.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

O professor Marcos Nobre, no livro *Ponto-final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia* (2020, p. 1), define o mandato do presidente como um "projeto autoritário de poder", em que o método do caos impera. Segundo o autor, uma das estratégias políticas recorrentemente empregadas pelo mandatário é a "cortina de fumaça", que se trata de falas e ações usadas para desviar a atenção de questões caras ao governo – uma delas é o fracasso político.

Com relação às escolhas avaliativas realizadas no subsistema de composição, as apreciações do tipo complexidade negativa descrevem detalhes das consequências dos protestos. Em [62] e [63], os epítetos *sérios* e *maior* dimensionam a gravidade desses efeitos. Em [64], o processo *fechou*, metaforicamente, também cumpre essa função avaliativa.

[62] E foi também a primeira vez que ocorreu uma reação no campo jurídico capaz de trazer problemas sérios **[apreciação: composição / –complexidade]** para o presidente.
[63] O impeachment é traumático, mas transigir com a escalada bolsonarista pode ter um custo muito maior **[apreciação: composição / –complexidade]**.
[64] O clima em Brasília fechou **[apreciação: composição / –complexidade]**.
[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

Essas escolhas apreciativas exprimem críticas àquilo que os protestos antidemocráticos entregaram. Para Marcos Nobre (2020, p. 3), a gravidade dos atos é real porque a participação de Bolsonaro neles era um ritual político.

> Transformou em um ritual macabro dos domingos ir a atos públicos em que manifestantes exigem coisas como um novo AI-5, o fechamento do Congresso e do STF, uma intervenção militar. Bolsonaro ataca governadores e prefeitos que adotam medidas de isolamento social, quarentenas e lockdowns, recusa-se a produzir um plano de emergência econômica à altura da necessária sustentação de pessoas e empresas.

As realizações de apreciação ocorrem majoritariamente por meio de atributos e epítetos – ver o Quadro 4.18. Importa ao jornalista avaliar a relevância social dos protestos e de tudo aquilo relacionado a eles usando basicamente adjetivos, os quais cumprem a função de criticar aqueles eventos em sua forma e valor.

Quadro 4.18 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de apreciação na reportagem Até aonde ele quer ir?

Processo	fechou
Nominalização	aglomeração, ameaça
Adjunto	em defesa da democracia, com método
Atributo	ápice, carreatas da morte, dimensão, lamentável, nefastos, gravíssimo, azar, danosa, má, críticos, descrédito, pouca, traumático, maior
Epíteto	autoritário, ousado, novo, ousadia, golpista, antidemocrático, golpistas, péssima, antidemocrática, estratégico, pacificador, pequena, tarde, sérios, certas

Fonte: Elaboração própria

É importante ressaltar que os protestos ocorridos em 19 de abril de 2020 não são fenômenos que, por si só, podem ser classificados como bons ou ruins. As categorias de afeto, julgamento e apreciação, com as quais o jornalista avalia Jair Bolsonaro e as manifestações, são partes de um processo discursivo e ideológico mais amplo, formadas por uma linha editorial (que impõe ao jornalista o que ele deve e o que não deve avaliar), um contexto (onde se desenvolvem as condições materiais de existência dos fatos) e uma linguagem (que interpreta, comunica e constrói significados).

4.2.1 O discurso fotográfico em Até aonde ele quer ir?

Bolsonaro está presente em duas fotografias que compõem a reportagem *Até aonde ele quer ir?*. Inserida após o *lead*, a Fotografia 3 registra o presidente discursando sobre a carroceria de uma caminhonete, durante um protesto ocorrido em frente ao Quartel General do Exército em Brasília, no dia 19 de abril de 2020. Naquela ocasião, apoiadores do presidente estendiam faixas e cartazes quem pediam o fechamento da Suprema Corte e do Congresso. Em diversos veículos de imprensa, o evento foi denominado antidemocrático.

A inserção da foto após o *lead* diz muito sobre o papel da imagem no texto da matéria. Como explica van Dijk (1988), o *lead* resume semanticamente a macroestrutura da notícia. É ele que fornece ao leitor a informação-base do texto, definindo uma situação e preparando o

leitor para uma interpretação específica dos fatos que serão narrados. Assim, no que tange à Fotografia 3, ela pode ser interpretada como o *lead* visual da matéria, fornecendo detalhes específicos da narrativa, como participantes, lugar, ações. Isso significa dizer que, ao enquadrar Bolsonaro sobre a carroceria de uma caminhonete, discursando para um grupo de apoiadores, a reportagem sinaliza ao leitor que essa será a narrativa contada verbalmente no texto.

Fotografia 3 – Edição nº 2624

Bolsonaro sobre a carroceria de uma caminhonete

ESCALADA Em frente ao QG do Exército, em Brasília, Bolsonaro discursa para os manifestantes que pedem o fechamento do Congresso e do STF: "Acabou a época da patifaria" (Crédito: Ueslei Marcelino)

É importante registrar que os significados que uma fotografia constrói originam-se na pauta jornalística e na ação do repórter fotográfico. Dessa forma, ao receber a pauta e chegar ao Quartel General, o profissional sabe o assunto que deve registrar. Seu trabalho consiste em "traduzir para o leitor o significado que construiu da realidade" (BONI, 2000, p. 265). Para isso, vale-se de elementos de significação durante e após os registros. Tais elementos são atributos atrelados ao significante, os quais auxiliam – ou mesmo induzem – o leitor a se aproximar dos significados pretendidos pelo repórter fotográfico.

Assim, como a pauta da notícia era o ato pró-Bolsonaro, que continha manifestações antidemocráticas, o fotógrafo flagra o presidente diante do público, e para isso utiliza elementos de significação para passar a ideia da pauta. Logo, o presidente, seus apoiadores, as faixas que pedem intervenção militar e camisas verde-amarelo incluídos no enquadramento materializam visualmente a ideia que deveria ser traduzida.

Os elementos de visualidade na Fotografia 3 mostram Jair Bolsonaro em frente de um grupo de manifestantes. O registro foca sua performance; seus braços estão erguidos em direção ao público. Ele parece discursar ou se preparar para discursar. O enquadramento coloca o

mandatário dentro da manifestação, basta ver sua posição central. O plano da imagem situa o leitor numa reduzida cena do acontecimento, o que diminui a dimensão do ato. As centenas de apoiadores lá presentes são visualmente diminuídas a uma ou duas dezenas de pessoas. É importante pontuar que esses simpatizantes ajudam no equilíbrio da imagem. Sem eles, a performance não produz efeito.

Outro elemento de significação visual usado pelo repórter fotográfico é o ângulo: a câmera é situada abaixo do presidente. Essa escolha valoriza a figura do mandatário, pois o coloca numa posição de superioridade, tanto sobre os manifestantes quanto sobre o leitor. Nesse registro, o fotógrafo utiliza-se da profundidade da imagem para situar Bolsonaro no segundo plano, deixando seus apoiadores no primeiro – porém, todos estão desfocados e de frente para o mandatário. O que o fotojornalista parece querer registrar é o domínio que o ex-capitão exerce sobre as pessoas lá presentes.

As faixas erguidas por apoiadores do presidente também compõem o arranjo imagético da fotografia. Elas conferem à cena capturada um teor de crítica e rejeição às decisões do Congresso e do Supremo. As faixas contêm a mesma mensagem: *Intervenção militar já com Bolsonaro no poder*. A associação entre Bolsonaro e manifestantes exigindo tal ação constitui uma das bases da ideologia bolsonarista: a nostalgia da ditadura militar (NOBRE, 2020).

Ao recorrer a esses elementos de significação visual, o fotojornalista busca assegurar que o observador leia completamente a imagem e, bem assim, a mensagem fotográfica.

> (...) o fotojornalista deve valer-se dos recursos técnicos e de conhecimentos teóricos para fazer com que, através da mensagem fotográfica, cujo conteúdo deve ser de cariz informativo, o leitor atinja o nível dos efeitos e das significações dos eventos, isto é, dos factos e dos acontecimentos (SOUSA, 2004, p. 63).

Importa observar aqui o papel discursivo da legenda na construção da Fotografia 3. A conciliação entre imagem e legenda é uma das estratégias do fotojornalismo para informar ou manipular. Nessa lógica, o léxico atitudinal *escalada* é usado para apreender o significado visual das faixas, emprestando à imagem um discurso – aquele de que a manifestação tinha natureza golpista. Ao mesmo tempo em que ressalta um significado visual, *escalada* orienta o leitor na interpretação da cena capturada. Nota-se que a legenda serve como mediadora entre o momento vivido pelo repórter no Quartel General do Exército e a imagem vista pelo leitor.

Fotografia 3 – Legenda: ESCALADA. Em frente ao QG do Exército, em Brasília, Bolsonaro discursa para os manifestantes que pedem o fechamento do Congresso e do STF: “Acabou a época da patifaria”.

Ainda no texto da legenda, tem-se uma fala do presidente entre aspas: *Acabou a patifaria*. Como explica Maingueneau (2004), ao inserir palavras entre aspas, o locutor chama a atenção do coenunciador para o fato de empregar exatamente as palavras que coloca entre aspas. A equipe de jornalismo de IstoÉ busca justamente isso. Pretende mostrar ao leitor o que Bolsonaro disse em discurso para seus apoiadores. E a escolha dessa fala tem sua razão de ser. Trata-se de um ataque verbal a adversários políticos dirigido para um público que, ávido por um golpe militar, também tecia ataques a adversários políticos do presidente.

O uso do termo *patifaria* reforça, na verdade, o significado atitudinal de *escalada*. Os ataques e as ameaças verbais que Jair Bolsonaro promove contra adversários políticos, ou melhor, a escalada que faz, se materializa no nome *patifaria*. O cruzamento desses dois termos com os elementos de significação visual da Fotografia 3 mostra que IstoÉ busca induzir o leitor a significar a cena recortada como a materialização dos ataques de Bolsonaro contra os Poderes do Estado. Assim, a imagem ancora os significados construídos verbalmente. A fotografia é, portanto, a própria escalada bolsonarista. Neste caso, como destaca Kossoy (2002), a imagem torna-se espetáculo para se conseguir um objetivo por meio da informação verbal.

A Fotografia 4 registra um encontro familiar entre Jair Bolsonaro e três de seus filhos: Eduardo, Flávio e Carlos. Não é possível identificar o local onde se reúnem, apenas a data: dia 19 de abril de 2020 – o dia dos protestos contra o Congresso e o Supremo Tribunal Federal. A foto é acompanhada pela seguinte legenda:

Fotografia 4 – Edição nº 2624

Bolsonaro reunido com seus filhos

PLANO DE ATAQUE Os Bolsonaros se preparam no domingo, 19, para participar dos atos de ataque ao Congresso e ao STF (Crédito:Divulgação)

Fotografia 4 – Legenda: PLANO DE ATAQUE. Os Bolsonaros se preparam no domingo, 19, para participar dos atos de ataque ao Congresso e ao STF.

É imprescindível considerar os momentos de apropriação e resignificação dessa imagem. A Fotografia 4 foi publicada no Twitter de Eduardo Bolsonaro. Ela circulou por vários portais de comunicação dias após o ato pró-intervenção militar. Isso mostra que os elementos de significação visual presentes na foto foram criados, em potencial, por uma equipe que assessora o presidente, não pela pauta jornalística de IstoÉ. Logo, o enquadramento, o plano, o ângulo, tudo é resultado de um registro guiado por valores que não aqueles da linha editorial da revista, mas, sim, por aqueles da ideologia bolsonarista.

O enquadre fotográfico oferece ao observador a seguinte leitura: Bolsonaro e os filhos reunidos em uma mesa. Os detalhes que formam a imagem conferem à cena um cariz de simplicidade. Tudo é simples e distante dos atributos que a vida política oferece à família: a vestimenta dos participantes, os alimentos, a ausência de forro sobre a mesa. Por trás dessa construção semiótica estaria o retrato fiel de um encontro entre o presidente e os filhos. Essa visualidade cria a ilusão de que existe uma relação transparente entre o referente e o observador.

De acordo com o que escreve Dubois (1990), a ideia da mimese fotográfica aproxima o observador daquilo que ele vê, criando a ilusão de que este pode tocar o mundo retratado. O leitor mais alinhado ao discurso bolsonarista acredita, pois, que aquela imagem é a expressão da verdade, sem a presença de recursos de manipulação. É essa a adesão buscada pelo deputado Eduardo Bolsonaro quando publicou a foto em seu perfil no Twitter.

O plano da imagem é médio. O registro captura Bolsonaro e os filhos da cabeça até a cintura. Isso confere proximidade entre os participantes representados e o observador, fazendo com que este se sinta engajado na representação. Além disso, o enquadramento coloca o presidente como a informação mais importante: é ele que está no domínio da ação; Flávio e Carlos posicionam-se de frente para o pai, e todos estão atentos ao que ele diz. Esse plano não confere destaque ao cenário; assim, não importa representar o contexto do encontro, mas, sim, apenas o encontro, que é denominado como *reunião* na postagem feita por Eduardo Bolsonaro em seu perfil no Twitter, como mostra a Imagem 14.

Nota-se, desse modo, como as escolhas linguísticas *plano de ataque* e *reunião*, respectivamente, na Fotografia 4 e na Imagem 15 constroem posições ideológicas diferentes. A equipe de jornalismo de IstoÉ define a conversa entre Bolsonaro e os filhos como um ato político que traçou estratégias para os protestos ocorridos em 19 de abril; por outro lado, Eduardo Bolsonaro a define como um encontro, sem qualquer referência às manifestações. Essas visões de mundo distintas atestam o que Sontag (2003, p. 14) entende por legenda fotográfica: "todas as fotos esperam sua vez de serem explicadas ou deturpadas por suas legendas".

Imagem 15 – Registro do encontro entre Bolsonaro e filhos antes dos atos pró-intervenção militar

Fonte: https://twitter.com/BolsonaroSP?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor

Na Fotografia 4, o termo *plano de ataque* não encontra correspondência visual na imagem. Ou seja, em termos visuais, aquele encontro não é construído como um ato político que arquitetou ataques no dia 19. Assim, os elementos de significação visual não autenticam o que a legenda afirma. Logo, é a equipe de jornalismo de IstoÉ quem impõe um discurso sobre a imagem, impõe um significado verbal que a imagem não constrói. Tem-se, pois, o que Barthes (1982) denomina fixação: a mensagem linguística orienta a interpretação visual, exercendo controle sobre a imagem e restringindo a liberdade dos significados.

Segundo Boni (2000), a interação entre a legenda e o texto verbal da notícia é uma das estratégias que a imprensa usa para conduzir a interpretação das informações. A legenda tende a se reverberar na notícia, só que dentro de uma narrativa detalhada. Essa estratégia de diálogo guia o leitor na construção dos significados. O *plano de ataque* presente na legenda é con-

textualizado no texto verbal da notícia. Atores, ações, alvos, lugares, circunstâncias, tudo é apresentado ao leitor de modo a conduzi-lo a uma leitura única do que ocorreu naquele 19 de abril. E um desses acontecimentos é o encontro registrado na Fotografia 4 – encontro que teria arquitetado um plano de ataque à Suprema Corte e ao Congresso.

De acordo com Kossoy (2002), a legenda é inserida quando a imagem se vê objeto de uma série de adaptações que visam a sua inserção no corpo da matéria. Em tal processo, alerta o autor, são muitas as possibilidades de manipulação elaboradas pelo veículo de imprensa, o que torna a fotografia vulnerável às alterações de seus significados. Assim, a inserção da legenda pode conferir à foto *status* de novo documento, criado para "gerar uma diferente compreensão dos fatos, os quais passam a ter uma nova trama, uma nova realidade, *uma outra verdade*" (KOSSOY, 2002, p. 55, grifo do autor).

4.3.2 Marcas atitudinais nas fotografias de Até aonde ele quer ir?

As Fotografias 3 e 4 constroem significados atitudinais de formas distintas em razão do modo como foram criadas: a primeira, por um profissional jornalista que presta serviço para IstoÉ; a segunda, por uma equipe que assessora Jair Bolsonaro. Com relação ao afeto, na Fotografia 3, é possível identificar seriedade na face do presidente – o que equivale ao sentimento de segurança. A situação em que está inserido, a saber, um protesto de natureza política que enaltece sua reputação e ataca Poderes da República, é o gatilho para tal sensação.

Na reportagem *Até aonde ele quer ir?*, são 3 ocorrências de afeto do tipo segurança. Em 2 delas, o presidente manifesta tal sentimento em relação aos atos antidemocráticos do dia 19 de abril. No trecho [65], está uma fala de Jair Bolsonaro, proferida para um grupo de apoiadores no Palácio da Alvorada, no dia seguinte aos atos. *Respeito* é uma nominalização que descreve um sentimento positivo do ex-capitão em relação à Constituição brasileira; uma sensação de segurança quanto ao que ela assegura. Em [66], é o processo *negou* que inscreve o afeto do tipo segurança. Em ambas as ocorrências, o presidente expressa convicção daquilo que sente, isto é, certo controle emocional – assim como ocorre na Fotografia 3.

[65] “Esquece esta conversa de fechar. Aqui não tem fechar nada, dá licença aí. Aqui é democracia, respeito **[afeto: segurança]** à Constituição brasileira. E aqui é a minha casa e a tua casa, então peço que, por favor, não se fale isso aqui”, afirmou.

[66] Diante do clima conflagrado, a reação de Bolsonaro foi a mesma que demonstra sempre que avança o sinal. Culpou a imprensa e negou **[afeto: segurança]** qualquer intenção antidemocrática**.**

[Até aonde ele quer ir?, IstoÉ, ed. nº 2624]

Essa inter-relação semiótica traça uma convergência de significados atitudinais afetivos. O Jair Bolsonaro seguro emocionalmente que esteve presente na manifestação é o mesmo que o texto verbal da matéria descreve. O que está por trás desses sentimentos é um personagem político confortável com tudo aquilo que o cerca. A justificativa para tal sensação está na fidelidade do presidente ao projeto autoritário que impôs ao país (NOBRE, 2020).

Ainda que na Fotografia 4 a face do presidente não esteja visível ao observador, é possível falar em afeto do tipo segurança. O semblante dos filhos permite ao leitor deduzir que o teor da conversa é sério, e isso implica que o mandatário traduza emocionalmente em sua face tal teor, assim como o fez na Fotografia 4. É importante pontuar que no texto verbal de *Até aonde ele quer ir?* não predominam sentimentos do tipo segurança. Diversamente, predominam afetos do tipo insegurança e insatisfação.

Com relação ao subsistema de julgamento, as Fotografias 3 e 4 inscrevem avaliações positivas do tipo estima social. Em 3, um grupo de manifestantes celebra o mandatário; em 4, são seus filhos que o fazem. Em ambos os casos, é possível identificar ações do tipo tenacidade positiva, já que os comportamentos do ex-capitão são avaliados como tenazes: Bolsonaro sustenta a posição política de que a Suprema Corte e o Congresso tolhem suas ações de combate ao coronavírus. Na primeira imagem, apoiadores erguem os braços em direção a ele, direcionam-lhe câmeras de celular e empunham cartazes que o enaltecem (os quais contêm o enunciado *Intervenção militar já com Bolsonaro no poder*). Tais indivíduos veem no presidente alguém confiável. Na segunda, é o olhar dos filhos que constrói um julgamento positivo de aceitação, o que também implica uma relação de confiança.

De acordo com Economou (2009), seria possível aproximar esses julgamentos visuais de léxicos específicos, tais como apoio, concordância, aprovação. É como se os apoiadores do presidente gritassem *eu apoio Bolsonaro*, e seus filhos dissessem *eu concordo com você*. Nessa lógica, as legendas poderiam ser reescritas conforme tais julgamentos – o que implicaria uma mudança de ordem ideológica no discurso de IstoÉ.

Os dados apresentados no Quadro 4.12 mostram o predomínio de julgamentos positivos na categoria tenacidade. São avaliações que descrevem ações do presidente no que tange à sua insistência em pressionar a Suprema Corte e o Congresso a fim de impor sobre eles pautas políticas que traduzem a ideologia bolsonarista. O que as imagens recortadas nas Fotografias 3 e 4 trazem é exatamente essa persistência. Essa convergência de significados visuais e verbais é fundamental para a construção de um discurso único em relação ao comportamento do presidente. Quando o jornalista concorre imagem e palavra numa única direção semântica, ele não abre espaço para interpretações diferentes daquela que inscreve na matéria.

Para a comunidade de leitores alinhados ao presidente, tais julgamentos elevam a imagem pública do mandatário, já que o aproximam de valores de lealdade e coragem. O Bolsonaro retratado verbal e visualmente é justo e correto para com as pautas da ideologia bolsonarista. Desse modo, uma vez que o valor positivo de estima social serve para fortalecer os laços entre os membros de uma comunidade (MARTIN; WHITE, 2005), pode-se afirmar que as Fotografias 3 e 4 reforçam o vínculo entre as ideias do presidente e as de seus apoiadores.

Cabe pontuar que verbalmente, no subsistema de julgamento, predominam avaliações negativas – ver o Quadro 4.12. A voz autoral constrói 56 avaliações em forma de críticas e sanções a comportamentos do presidente, e duas dessas avaliações estão nas legendas das Fotografias 3 e 4. Para o jornalismo de IstoÉ, é crucial marcar uma posição contrária ao apreço que a imagem de Jair Bolsonaro pode suscitar em seus simpatizantes. Ciente de que a imagem de um instante qualquer pode ser extraordinariamente expressiva e tecnicamente irrepreensível (SOUSA, 2004), a revista seleciona os termos *escalada* e *plano de ataque* a fim de desconstruir uma possível leitura das fotos que aprove as condutas do presidente.

Quanto à apreciação visual, a Fotografia 3 apresenta artefatos que permitem ao leitor atribuir valor composicional positivo à manifestação. Os dois cartazes presentes na imagem contêm dizeres de apoio ao presidente (*Intervenção militar já com Bolsonaro no poder*). Há ainda apoiadores vestidos de camisetas verde-amarelo – consideradas símbolo do bolsonarismo. Os braços erguidos em direção ao presidente revelam-se também modos de significar apoio. Essas avaliações contrastam com as ocorrências verbais de apreciação presentes na matéria – aliás, nem há, ao longo do texto da notícia, referência a tais modos de significação. A reportagem não detalha o encontro do presidente com seus apoiadores em frente ao Quartel General do Exército, em Brasília.

Por outro lado, esses mesmos artefatos podem ser lidos diferentemente. O leitor não alinhado ao presidente assume tais modos de significação como constituintes de um crime: trata-se de uma manifestação contra a democracia brasileira. O protesto tinha entre os manifestantes defensores do fechamento do Congresso, do Supremo e da reedição do AI-5 – o ato institucional que endureceu o regime militar.

Os dados reunidos no Quadro 4.17 mostram o predomínio de apreciações negativas. São 30 ocorrências. A predileção do jornalista é por reações do tipo qualidade e por valorações. Importa a ele reprovar fatos e coisas relacionadas aos atos antidemocráticos a partir das qualidade e do impacto deles. Para o leitor não alinhado aos valores defendidos naquele evento, tais apreciações convergem para o texto da legenda e das faixas na Fotografia 3. Assim, as escolhas linguísticas que o jornalista faz cumprem papel decisivo para o discurso que constrói – ver o Quadro 4.18. Por meio de epítetos e atributos, ele deprecia a qualidade e o significado das reivindicações solicitadas pelos apoiadores do presidente.

O discurso engendrado verbalmente no subsistema de apreciação encontra eco na legenda da Fotografia 4. Naquela imagem, não se observam objetos ou outros artefatos que visualmente estabelecem relação com a qualidade ou o significado negativo dos atos ocorridos em 19 de abril. O cenário, os objetos sobre a mesa, a vestimenta dos participates, nada disso está associado às escolhas apreciativas *ameaça*, *aglomeração*, *carreatas da morte*, *nefastos*, *gravíssimo* e outros termos que o Quadro 4.18 reúne.

Resumindo, nota-se que o jornalista constrói seu discurso crítico à participação de Jair Bolsonaro nos atos antidemocráticos a partir de uma convergência de significados atitudinais nos modos verbal e visual. Para isso, recorre estrategicamente a imagens – forjadas por legendas – que descrevem e narram o contexto das ações do ex-capitão antes e durante os eventos. A ideia é transmitir ao leitor um cenário de golpe preparado pelo presidente, por isso é importante inseri-lo em tal contexto. Para isso, as escolhas semióticas verbais e visuais exercem papel decisivo, na medida em que descrevem Jair Bolsonaro como alguém despreparado para o cargo que exerce.

4.3 Avaliatividade verbal: marcas atitudinais na reportagem Bolsonaro acuado

A terceira reportagem que constitui o *corpus* desta pesquisa, ao contrário das duas primeiras, não surge a partir de um acontecimento público. A matéria *Bolsonaro acuado* cobre uma série de eventos que tratam da nova agenda política do presidente – necessária em razão de estar ameaçado por inquéritos no Supremo, por pedidos de *impeachment* na Câmara e pela prisão de Fabrício Queiroz. A reportagem narra e comenta o movimento político que o ex-capitão adotou após ter sua imagem pública desgastada pelo discurso radical que sustenta.

Os flertes com o golpismo, o negacionismo do novo coronavírus e os ataques a adversários políticos dão lugar a ações pragmáticas. Isso se justifica porque, como narra a reportagem, aliados do presidente haviam notado que seu capital político estava desgastado, dentro e fora da arena política. Na verdade, o carisma, o poder de decisão, a confiabilidade, tudo isso estava se corroendo. A reportagem *Bolsonaro acuado* traz a nova agenda de Jair Bolsonaro, a qual compreende posturas moderadas, próximas do que se espera de um chefe do Poder Executivo Federal. Ainda assim, o discurso que constrói o texto da reportagem é crítico às ações do presidente, na medida em que as considera uma encenação política temporária.

Desse modo, *Bolsonaro acuado* negocia com o leitor significados atitudinais que avaliam negativamente o presidente, contestando o alcance e a autenticidade de sua nova agenda política. A ideia é, inicialmente, compartilhar com o leitor um presidente pressionado por mudanças no discurso radical. Essa é a razão para avaliá-lo inseguro emocionalmente, temeroso das consequências do seu radicalismo. Os significados das condutas de Bolsonaro são negociados a partir de sua tentativa de se afastar de uma agenda de costumes cara à ideologia bolsonarista, tais como o autoritarismo e o negacionismo científico.

As ocorrências verbais de afeto em *Bolsonaro acuado* guiam-se, discursiva e semanticamente, por aquilo que o título da matéria anuncia. Títulos constroem modelos de eventos sociais e, para tal fim, definem e avaliam coisas, pessoas, acontecimentos em conformidade com uma posição política particular (VAN DIJK, 1991). O recorte [1] traz o título da reportagem em questão. Nele, o atributo *acuado* é o ponto de partida para a compreensão avaliativa e discursiva do texto, em que, para o presidente, é construído um modelo de situação.

[1] Bolsonaro acuado **[afeto: insegurança]**
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Esse modelo descreve Jair Bolsonaro como alguém inseguro quanto ao cenário político ao seu redor. Naquele momento, o mandatário se encontrava em situação incômoda perante ministros do Supremo e deputados federais, isso em razão de ataques verbais feitos à Corte e à Câmara. Em termos cognitivos, essa avaliação afetiva de natureza negativa equivale à forma como o jornalista representa mentalmente o presidente.

A escolha desse léxico atitudinal revela que o jornalista não se alinha a posições ideológicas que reconhecem no ex-capitão a imagem de um político seguro ou corajoso. Afetivamente, constrói-se um Bolsonaro vulnerável às pressões que o cercam. Na matéria *Bolsonaro acuado*, foram identificadas 19 ocorrências de afeto: 11 realizam-se no polo negativo e outras 8, no positivo. O Quadro 4.19 reúne o quantitativo dessas ocorrências.

Quadro 4.19 – Ocorrências de afeto na reportagem Bolsonaro acuado

Atitude	Categoria	Polaridade	Ocorrência
Afeto	felicidade	positiva	0
		negativa	0
	segurança	positiva	0
		negativa	8
	satisfação	positiva	2
		negativa	1
	inclinação	positiva	6
		negativa	2

Fonte: Elaboração própria

A prevalência do afeto do tipo insegurança (8 ocorrências) justifica-se pelo título da matéria. A ideia é descrever e comentar o que seria o sentimento *acuado*. A voz autoral faz isso no recorte [2], em que *mudar o humor* e *abateu*, mais do que realizarem sentimentos de in-

segurança, identificam os gatilhos para o presidente se sentir *acuado*. A mudança de humor de Bolsonaro é provocada pela prisão de Fabrício Queiroz, ex-assessor parlamentar de Flávio na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, e pela crise que esse acontecimento provocou.

[2] O tiro de misericórdia para mudar o humor presidencial **[afeto: insegurança]**, no entanto, foi a prisão de Fabrício Queiroz, amigo de décadas de Bolsonaro e ex-assessor de seu filho Flávio. Ele é acusado pelo Ministério Público do Rio de ser o operador de um esquema de rachadinhas liderado pelo filho na Assembleia fluminense. O escândalo, que inclui o envolvimento com milícias, levou a crise para dentro do Palácio do Planalto. Isso abateu **[afeto: insegurança]** Bolsonaro mais que qualquer adversidade enfrentada desde o início do governo.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Após reverberar um discurso de ruptura institucional irreversível, com desfecho imprevisível, o presidente se vê pressionado por mudança no tom, principalmente por receio de que inquéritos no Supremo e pedidos de *impeachment* na Câmara avancem sobre ele. Esse é o contexto em que o jornalista se apoia para identificar na figura do mandatário medo. O recorte [3] aborda esse cenário.

[3] As apurações do inquérito das Fake News agora serão compartilhadas com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que pode usá-las nos pedidos de impugnação da chapa Bolsonaro-Mourão, pelo suposto uso massivo de propaganda ilegal em redes sociais em 2018. É uma ameaça que não existia. O presidente finalmente percebeu **[afeto: insegurança]** o risco de sua trajetória de confronto.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Com o processo mental *percebeu*, o jornalista sinaliza um sentimento de insegurança em Bolsonaro, provocado por um inquérito que pode impugnar sua eleição. Chama a atenção o fenômeno projetado por esse processo: a trajetória de confronto político do mandatário. No livro *Ponto-final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia* (2020), Paulo Nobre argumenta que Bolsonaro sempre fez a política da guerra e da morte como seu *modus operandi*. Isso consiste buscar sempre o confronto com adversários. Tudo em que enxerga, de alguma forma, o sistema, ele confronta: a imprensa, o Congresso, o Supremo, a política, a ciência.

No recorte [4], o sentimento de insegurança é inscrito por uma voz externa. O fenômeno projetado pelo processo mental *viu* descreve a vulnerabilidade do presidente por efeito do modo beligerante como age. Nele, está em cheque o capital político do mandatário, que, em parte, sustenta sua política de guerra e morte. Segundo John Thompson (2002), é no crédito social, na estima, na confiabilidade que políticos se apoiam em momentos de crise. Bolsonaro ter sua reputação ameaçada significa perder apoio, perder capital político.

[4] “Bolsonaro viu **[afeto: insegurança]** o tamanho da conta, que ameaça sua própria sobrevivência”, diz o cientista político Carlos Pereira, da FGV.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

No recorte [5], com o processo *precisa*, o jornalista descreve a sensação de insegurança vivida por Bolsonaro após Fabrício Queiroz ser preso. O ex-assessor e amigo próximo do presidente é investigado por participação em suposto esquema de rachadinha no gabinete de Flávio. A ligação íntima entre Queiroz e a família Bolsonaro é o gatilho para a vulnerabilidade emocional do ex-capitão. Seu receio é que, sem apoio na Câmara, a Casa dê andamento aos pedidos de *impeachment* que pesam contra ele.

[5] “Queiroz sinaliza muita vulnerabilidade. O presidente está fraco e precisa **[afeto: insegurança]** do suporte do Congresso”, diz o cientista político Carlos Pereira, da FGV.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Nota-se, dessa forma, como o título da matéria ativa no leitor a informação-base para a compreensão lógica do texto. O jornalista quer que o leitor identifique vulnerabilidade emocional no presidente, por isso o descreve como *acuado* e escolhe processos mentais que projetam realidades adversas ao ex-capitão. O objetivo é explicar como avanços nas investigações do escândalo das rachadinhas o atingem.

Na contramão desses sentimentos ruins, estão duas manifestações afetivas positivas realizadas pelo próprio presidente. No recorte [6], Bolsonaro sente-se satisfeito após colocar em prática sua nova agenda política – pautada por ações pragmáticas que sinalizam diálogo com os outros Poderes da República. Tal afeto se realiza por meio do atributo *satisfação* e da nominalização *prazer*. Os gatilhos para esses sentimentos são situações agradáveis ao mandatário: trata-se de um encontro com os presidentes da Câmara e do Senado e uma viagem para a inauguração de uma obra pública.

[6] “É uma satisfação **[afeto: satisfação]** tê-los aqui. É um sinal que juntos nós podemos fazer muito pela nossa pátria”, declarou. Aproveitou para convidá-los a integrar sua nova agenda. “Tive o prazer **[afeto: satisfação]** de estar em Araguari e, ao retornar, pousamos em um pequeno vilarejo de forma inopinada. Tinha umas 30 casinhas lá e vimos muita gente humilde”, acrescentou.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Nota-se, desse modo, que o jornalista se distancia de tais sentimentos, pois assume, já no título da matéria, que Jair Bolsonaro está inseguro em relação ao atual momento político que vivencia. Nessa lógica, a satisfação que diz ter seria uma resposta estratégica para não externalizar uma sensação de apreensão. Para sustentar a nova agenda política, o ex-capitão precisa se mostrar confiante e agradável. E é isso que se lê no recorte [7].

[7] Bolsonaro não ataca mais a imprensa, não participa de atos golpistas, prega a harmonia com o Supremo Tribunal Federal e o Congresso e demonstrou até compaixão **[afeto: inclinação]** com as vítimas da Covid-19.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

O atributo *compaixão* descreve positivamente o sentimento piedoso de simpatia para com pessoas vítimas do vírus da Covid-19. A escolha lexical confere ao presidente o papel de um líder de Estado complacente com a dor alheia. A partir da informação-base que o título da matéria entrega ao leitor, depreende-se que tal afeto é simulado. O jornalista descreve isso no recorte [8]. Nele, o adjunto *contra a sua própria natureza* expõe esse sentimento falso, que é realizado na categoria de insatisfação.

[8] A escalada da crise levou o mandatário a procurar um caminho de harmonia contra a sua própria natureza **[afeto: insatisfação]**. Toda a sua carreira foi fundada nos ataques e na polarização. Ele nunca cogitou **[afeto: desinclinação]** ter um papel conciliador, nem procurou **[afeto: desinclinação]** governar para todos os brasileiros, independentemente das opções políticas.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

De acordo com o que escreve o jornalista, os reais sentimentos do presidente são estes descritos no recorte [8]. Os processos mentais *cogitou* e *procurou* realizam afeto do tipo desinclinação. Eles revelam ao leitor quem é o verdadeiro Jair Bolsonaro: alguém que nunca foi sensato; pelo contrário, sempre falou para sua comunidade de apoiadores e governa somente para eles. É com esses afetos avaliativos que o jornalista desconstrói o valor semântico dos termos *satisfação* e *prazer*, presentes no recorte [6].

As escolhas linguísticas que realizam as avaliações de afeto representam o propósito comunicativo que o jornalista imprime sobre o texto, ou melhor, representam uma ideologia, um modo particular de descrever a relação do presidente com a política. E essa descrição pauta-se na ideia de que Jair Bolsonaro está acuado, logo emocionalmente abalado por pressões de natureza política e jurídica. Em razão disso, prevalecem escolhas que descrevem o estado

emocional do ex-capitão – ver o Quadro 4.20. Trata-se de processos mentais na forma de desejos e percepções que realizam avaliações sobre as experiências de mundo do mandatário.

Quadro 4.20 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de afeto na reportagem Bolsonaro acuado

Nominalização	conhecimento, prazer
Atributo	compaixão, satisfação, acuado
Processo	abateu, quer, refletindo, viu, precisa, percebeu, cogitou, procurou, insistir, planeja
Adjunto circunstancial	para mudar o humor presidencial, contra a sua própria natureza

Fonte: Elaboração própria

Como já discutido, o sistema de julgamento compreende significados que servem para avaliar o comportamento humano, a partir de normas institucionalizadas sobre como os indivíduos devem ou não se comportar. Em *Bolsonaro acuado*, o foco das avaliações é o comportamento do presidente diante de pressões que ameaçam sua reputação. A mudança de postura retratada no texto justifica-se pela queda de popularidade do mandatário. Na obra *Ponto-final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia* (2020), Paulo Nobre escreve sobre isso:

> [...] a maioria dos governantes mundo afora conseguiu bem ou mal melhorar suas taxas de aprovação no combate à Covid-19, mesmo aqueles que primeiramente minimizaram a magnitude da ameaça, mesmo aqueles que depois foram punidos por terem inicialmente subestimado a dimensão da ameaça. Bolsonaro, ao contrário, foi daqueles três ou quatro líderes globais que não conseguiram manter ou melhorar seus índices de aprovação. A desaprovação de Bolsonaro aumentou significativamente em poucas semanas a partir do agravamento da pandemia no país, e o atual presidente tende a perder muito em índices de aprovação em um tempo relativamente curto, de poucos meses (NOBRE, 2020, p. 10).

É nesse contexto que o jornalista faz uso de 86 avaliações no subsistema de julgamento. Importa descrever como Bolsonaro age diante de um cenário adverso; mais precisamente, importa avaliar seu esforço para fazer uma nova agenda política prosperar – agenda distante de seu bastião mais fanático de apoiadores. Por isso, na categoria de estima social, prevalecem julgamentos do tipo tenacidade positiva: são 37 ocorrências. Paralelamente, o jornalista não abre mão de tecer críticas ao despreparo e à inaptidão do presidente para a função que lhe cabe: são 14 julgamentos do tipo capacidade. Além disso, há sanções às condutas ilegais e antiéticas cometidas pelo presidente e por seus aliados ao longo da pandemia: são 20 ocorrências do tipo propriedade. Esses e outros dados estão reunidos no Quadro 4.21.

Quadro 4.21 – Ocorrências de julgamento na reportagem Bolsonaro acuado

Atitude	Categoria	Subcategoria	Polaridade	Ocorrência
Julgamento	estima social	normalidade	positiva	0
			negativa	4
		capacidade	positiva	2
			negativa	14
		tenacidade	positiva	37
			negativa	7
	sanção social	veracidade	positiva	0
			negativa	2
		propriedade	positiva	0
			negativa	20

Fonte: Elaboração própria

Já no *lead* da reportagem, recorte [9], os processos *salvar*, *conteve* e *tenta se conciliar* materializam avaliações positivas em relação à tentativa do presidente de preservar seu cargo e sua reputação. As ações descritas revelam o quão determinado Bolsonaro estava para isso. A escolha por processos materiais permite ao jornalista inserir o ex-capitão como ator das ações, logo como participante obrigatório. Isso significa colocá-lo em primeiro plano.

[9] Para salvar **[julgamento: estima social / +tenacidade]** seu governo, Jair Bolsonaro conteve **[julgamento: estima social / +tenacidade]** a ala ideológica, passou a ser tutelado pelos militares e tenta se conciliar **[julgamento: estima social / +tenacidade]** com o STF e o Congresso.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Ainda no *lead*, estão outros dois julgamentos do tipo tenacidade positiva. As nominalizações *inaugurações* e *transformação*, no recorte [10], descrevem condutas direcionadas à nova agenda política do presidente. Como se trata de avaliações inseridas no *lead*, elas serão ampliadas e contextualizadas ao longo da reportagem. Segundo van Dijk (1993, p. 86), é no *lead* que o jornalista insere um breve resumo da notícia, acompanhado de opiniões implícitas: "o resumo exige uma avaliação do que é mais importante, interessante ou pertinente, e tal juízo depende, naturalmente, da interpretação e da avaliação que o jornalista faz dos acontecimentos, de modo que o resultado pode ser a parcialidade".

[10] A nova estratégia inclui uma agenda de inaugurações **[julgamento: estima social / +tenacidade]** e a transformação do Bolsa Família **[julgamento: estima social / +tenacidade]** em uma marca própria.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

O *lead* de *Bolsonaro acuado* deixa implícita uma opinião sobre a nova agenda do presidente: o ex-capitão está empenhado em preservar sua reputação, porém se mostra vulnerável politicamente. Segundo Nobre (2020), a base de apoio de Bolsonaro é sustentada pelo núcleo duro bolsonarista: trata-se de pessoas que concordam com posicionamentos radicalizados do presidente em relação a família, pátria, porte de armas e conservadorismo. A manutenção dessa base foi um objetivo conscientemente buscado pelo ex-capitão em vários momentos de seu mandato. Nessa lógica, a implantação de uma nova agenda, mais direcionada ao pragmatismo político, significou um afastamento desse núcleo.

No recorte [11], os processos *ataca*, *participa* (antecedidos pelo adjunto modal *não*) e *prega* são julgamentos construídos em torno do novo modo de fazer política do presidente. Os comportamentos em cena não estão alinhados à ideologia bolsonarista, mas são selecionados pelo jornalista porque retomam tal sistema de valores. Ataques à imprensa, ida a protestos antidemocráticos e a polarização política são condutas recorrentemente praticadas por Bolsonaro ao longo de seus primeiros meses de governo (NOBRE 2020).

[11] Confrontado com as ameaças crescentes ao seu governo, Jair Bolsonaro não ataca mais a imprensa **[julgamento: estima social / +tenacidade]**, não participa de atos golpistas **[julgamento: estima social / +tenacidade]**, prega a harmonia com o Supremo Tribunal Federal (STF) e com o Congresso **[julgamento: estima social / +tenacidade]**.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Cabe destacar os alvos das ações descritas neste recorte. A grande imprensa é recorrentemente atacada pelo presidente por meio de insultos. Sua relação com a mídia se faz, geralmente, no contato com veículos pequenos e alinhados a seu governo. Essa hostilidade serve de combustível para a solidificação dos valores do bolsonarismo. Outro alvo são os atos golpistas. Eles são eventos-chave para a manifestação e transmissão de ideias a que o presidente se vincula (STARLING; LAGO; BIGNOTTO, 2022). Não afrontar a grande imprensa e não comparecer a tais atos significa interromper vínculos com o núcleo de apoio do bolsonarismo.

No recorte [12], julgamentos acerca do novo modo de governar projetado por Bolsonaro estão refletidos nos processos *minimizar*, *criar*, *imprimir* e *recuperar*. Novamente, é importante registrar as escolhas linguísticas que realizam o participante Meta dos processos em questão. *Uma agenda positiva* e *uma marca realizadora* descrevem o que é a nova agenda po-

lítica do presidente. Trata-se de propostas que visam construir o novo papel para Bolsonaro na política do governo.

[12] O plano é minimizar as acusações criminais **[julgamento: estima social / –tenacidade]** e criar uma agenda positiva **[julgamento: estima social / +tenacidade]**, imprimindo uma marca realizadora **[julgamento: estima social / +tenacidade]**. Bolsonaro planeja recuperar a popularidade **[julgamento: estima social /+tenacidade]** com inaugurações, que estão sendo discutidas com aliados políticos e deputados do Centrão.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Por outro lado, com *as acusações criminais* e *a popularidade*, o jornalista sinaliza ao leitor o propósito que a nova agenda esconde. Disposto a sustentar um confronto com parlamentares e membros da Suprema Corte, Bolsonaro precisa de capital político, ou seja, precisa de reconhecimento de seus pares e apoiadores para que suas falas e condutas sejam aceitas. A razão para o jornalista selecionar os processos *minimizar* e *recuperar* é exatamente essa.

O modelo mental que o jornalista constrói no título da matéria, que é *Bolsonaro acuado*, é mais uma vez expandido; agora, com os processos *minimizar* e *recuperar*. Nos recortes [13] e [14] isso também pode ser observado.

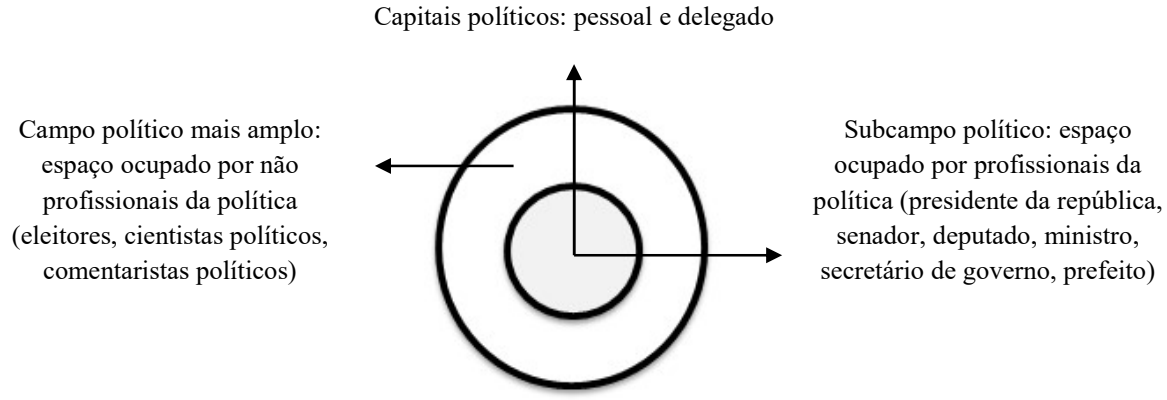
[13] Para proteger o clã **[julgamento: estima social / +tenacidade]** e preservar seu mandato **[julgamento: estima social / +tenacidade]**, o presidente mudou sua estratégia.
[14] De uma forma tardia, buscou apoio junto ao Centrão **[julgamento: estima social / +tenacidade]**. Mas fez isso de uma forma frágil, para se salvar do impeachment **[julgamento: estima social / +tenacidade]**.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Proteger, *preservar*, *buscou* e *salvar* são comportamentos que retratam uma posição defensiva do presidente. Descrevem também o esforço do ex-capitão em sua empreitada. Aqui é importante distinguir dois tipos de capital: pessoal e delegado (BOURDIEU, 2009). A notoriedade que o agente político possui por ser honesto e bom caráter, ou por dispor de alguma competência específica, denomina-se capital pessoal. Por outro lado, o capital delegado compreende a reputação que o agente adquire por ocupar um cargo, ou seja, o agente é detentor de um prestígio que pertence, na verdade, ao campo político – ver a Figura 11.

As ações tenazes de Jair Bolsonaro visam defender esses dois capitais. Como explica Nobre (2020), o presidente tem fidelizado um naco de apoiadores que o acompanha em diferentes pautas. E tem também um bloco político na Câmara que reverbera suas posições. Sem o suporte deles, o mandatário perde capital – logo, perde a capacidade de gerir comportamentos

e ideias a seu favor. Particularmente, o termo *o clã*, que é Meta do processo *proteger*, indica que a mudança de postura em cena esconde razões pessoais, não republicanas.

Figura 11 – O campo político e os tipos de capital



Elaboração própria

Desse modo, ao julgar as ações do presidente que estão direcionadas à criação de uma nova agenda política, o jornalista descreve movimentos estratégicos e pragmáticos, que, para a base do bolsonarismo, significa uma aproximação da "velha" política. Nos trechos [15], [16] e [17], os comportamentos do ex-capitão refletem o quão pressionado ele está para se afastar do extremismo bolsonarista. Relações institucionais com o SupremoTribunal Federal e com o Congresso não estiveram nas pautas da política do presidente desde a campanha eleitoral de 2018. Bolsonaro sempre reforçou que a "velha" política é um dos grandes inimigos da prosperidade (NOBRE, 2020).

[15] Para criar pontes com o STF **[julgamento: estima social / +tenacidade]**, André Mendonça (Justiça e Segurança), Jorge Oliveira (Secretaria-Geral) e José Levi (Advocacia-Geral) já tinham sido despachados a São Paulo a fim de dialogar com o ministro Alexandre de Moraes, que é o relator dos inquéritos das Fake News e dos atos antidemocráticos.

[16] Ao buscar a harmonia **[julgamento: estima social / +tenacidade]** com os outros Poderes, o presidente tem se esforçado **[julgamento: estima social / +tenacidade]** de uma forma inédita.

[17] Ocorreu em uma cerimônia organizada no Palácio do Planalto, marcada pelo aceno de paz **[julgamento: estima social / +tenacidade]** aos presidentes da Câmara, Rodrigo Maia, e do Senado, Davi Alcolumbre.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Sendo assim, as pontes criadas com a Corte, a busca por harmonia com os outros Poderes e o aceno de paz aos presidentes da Câmara e do Senado são tentativas de preservar capital político, mesmo a contragosto do bolsonarismo.

Quanto à realização léxico-gramatical dos julgamentos por tenacidade, chama a atenção a prevalência de processos, em especial o tipo material – ver o Quadro 4.22. Por meio de tal recurso, o jornalista inscreve Bolsonaro como ator de ações materiais que descrevem comportamentos relacionados ao empenho do presidente em mudar sua agenda política. Com processos materiais, o participante Ator é obrigatório na oração, ainda que não seja mencionado.

Quadro 4.22 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Bolsonaro acuado: as ocorrências por tenacidade

Nominalização	inaugurações, transformação, aceno, blefe, escolha, pressão, corrida, distensão, mudança
Processo	salvar, conteve, tenta se conciliar, ataca, participa, prega, proteger, preservar, minimizar, criar, imprimindo, recuperar, dar, passará, ser abandonado, buscou, reuniu, desgastou, diminuir, tenta sobreviver, tem se esforçado, convidar, desanuviar, criar, reinventar, perdeu, controlar, desmanchar, mobilizar

Fonte: Elaboração própria

Ainda que prevaleçam julgamentos do tipo tenacidade positiva para as ações do presidente no contexto de uma crise institucional, o jornalista recorre a críticas na forma de julgamentos por incapacidade. Importa sinalizar ao leitor a inaptidão do mandatário. No *lead* da reportagem, o recorte [18], essa inabilidade é criticada por meio do processo *passou a ser tutelado*. O presidente é colocado como Meta desse processo, e os militares, Ator.

[18] Para salvar seu governo, Jair Bolsonaro conteve a ala ideológica, passou a ser tutelado pelos militares **[julgamento: estima social / –capacidade]** e tenta se conciliar com o STF e o Congresso.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

O que está em jogo é a governabilidade do presidente – que parece ter sido perdida nos constantes ataques aos Poderes da República. A escolha lexical do termo *tutelado* é capital para o discurso da incapacidade de Bolsonaro para o cargo que exerce. Isso, porque, de acordo com Oyama (2020), a participação das Forças Armadas no governo Jair Bolsonaro sempre ganha espaço quando o ex-capitão enfrenta uma crise com os demais poderes constitucionais.

Ainda no *lead*, estão outras críticas ao presidente. No recorte [19], estão as nominalizações *mudança* e *reveses*. São comportamentos de alguém que perdeu força, principalmente dentro do campo político – aquele em que estão profissionais da política. Também neste trecho, está um julgamento não inscrito. O fortalecimento de movimentos pró-democracia, tal como o Stop Bolsonaro, implica o enfraquecimento do mandatário. Esse tipo de subentendi-

do, denominado por Fairclough (2003) de implicatura lógica, não entrega ao leitor significados explícitos, mas, sim, implícitos.

[19] A mudança **[julgamento: estima social / –capacidade]** vem após vários reveses **[julgamento: estima social / –capacidade]**: a prisão de Queiroz, os inquéritos no STF que ameaçam sua família, a pandemia e a recessão. Eles fortalecem movimentos pró-democracia, como o Stop Bolsonaro, que aconteceu no dia 28 em cerca de 60 cidades e 26 países e mobilizou as redes sociais **[julgamento: estima social / –capacidade]**.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

A escolha da nominalização *reveses* mostra os insucessos do presidente num curto período de tempo – o que, para o jornalista, o torna mais fraco. No recorte [20], o processo *perdeu* reforça essa opinião. O poder de decisão não está tão somente com o presidente. Inquéritos no Supremo, a presença em atos antidemocráticos, interferência na Polícia Federal, tudo isso o deixou fragilizado, sem capital político – por isso a escolha do participante Meta *protagonismo*. Isso é avaliado nos recortes [21], por meio da nominalização *ameaças*, e [22], por meio do processo *assolam*.

[20] A ala fardada passou a mandar mais, e o núcleo ideológico, próximo dos filhos, perdeu protagonismo **[julgamento: estima social / –capacidade]**.
[21] Confrontado com as ameaças crescentes ao seu governo **[julgamento: estima social / –capacidade]**, Jair Bolsonaro não ataca mais a imprensa, não participa de atos golpistas, prega a harmonia com o Supremo Tribunal Federal (STF) e com o Congresso.
[22] O cerco se fecha a partir dos vários inquéritos que assolam **[julgamento: estima social / –capacidade]** o presidente, sua família e colaboradores no STF.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

O retrato dessa perda de capital político está avaliado no recorte [23]. A nominalização *indicação* descreve uma atitude que, em tese, deveria passar pelo crivo do presidente. No entanto, por se ver incapaz de gerir a crise que criou, Bolsonaro entregou decisões à ala militar.

[23] Um exemplo desse movimento é a escolha do novo ministro da Educação, que passou por critérios mais técnicos e menos doutrinários, apesar da desastrada indicação avalizada pelos militares de um ex-oficial da Marinha que nem esse título tinha **[julgamento: estima social / –capacidade]**.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

O jornalista busca suporte para essa opinião na fala do cientista político Carlos Pereira. No recorte [24], o adjunto circunstancial *de uma forma frágil* reprova a conduta do presidente ao buscar apoio político no bloco de parlamentares denominado Centrão. A escolha do léxico *frágil* é fundamental para a construção do discurso crítico que o jornalista se preza a tecer. O

objetivo é questionar a capacidade do mandatário. Ainda neste recorte, o atributo *fraco* destaca o isolamento político vivido pelo ex-capitão naquele momento.

[24] "Bolsonaro viu o tamanho da conta, que ameaça sua própria sobrevivência. De uma forma tardia, buscou apoio junto ao Centrão. Mas fez isso de uma forma frágil **[julgamento: estima social / –capacidade]**, para se salvar do impeachment. Queiroz sinaliza muita vulnerabilidade. O presidente está fraco **[julgamento: estima social / –capacidade]** e precisa do suporte do Congresso", diz.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Essas construções avaliativas situam condutas que se fazem no campo político, isto é, em "um pequeno mundo social relativamente autônomo no interior do grande mundo social" (BOURDIEU, 2011, p. 195). No entanto, são condutas que não estão isentas de pressões e interferências de outros campos, tais como o da imprensa e da opinião pública. Os julgamentos que o jornalista tece a respeito de Jair Bolsonaro são descrições de princípios e regras de como o campo político funciona. Nele, a reputação, o prestígio, a estima são recursos dos quais o agente político necessita para agir, e as críticas construídas pelo jornalista visam atingir exatamente esses recursos. A respeito do campo político, Bourdieu escreve (2011, p. 195):

> É um universo no qual operam critérios de avaliação que lhe são próprios e que não teriam validade no microcosmo vizinho. Um universo que obedece a suas próprias leis, que são diferentes das leis do mundo social ordinário. Quem quer que entre para a política, assim como alguém que ingresse em uma religião, deve operar uma transformação, uma conversão. Mesmo que esta não lhe apareça como tal, mesmo que não tenha consciência disso, ela lhe é tacitamente imposta, e a sanção em caso de transgressão é o fracasso ou a exclusão.

No recorte [25], a fragilidade política do presidente é novamente inscrita sob a forma de um julgamento. A metáfora *vai aumentar a fatura pelo apoio* expõe a falta de capital político do mandatário. O Centrão é formado por parlamentares de diferentes partidos que, tradicionalmente, trocam apoio por cargos – prática que foi criticada por Jair Bolsonaro durante a campanha à eleição presidencial de 2018 (OYAMA, 2020).

[25] Para diminuir a tensão, buscou uma coalizão. Mas, com as investigações avançando, esse roteiro pode ser acidentado. Vai ser difícil manter o apoio da sociedade e do Congresso, e o Centrão vai aumentar a fatura pelo apoio **[julgamento: estima social / –capacidade]**.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

A opção pela metáfora diz muito sobre o que o jornalista quer sinalizar ao leitor. *Aumentar a fatura* representa o custo da aproximação com o Centrão e denota fragilidade do presidente. Bolsonaro precisará aumentar o número de cargos e espaços que estarão à disposição desses parlamentares. Isso significa perder capital político, perder poder de decisão.

Por fim, é importante registrar que a voz de Jair Bolsonaro realiza uma única avaliação do tipo julgamento por capacidade. No trecho [26], por meio do discurso direto, o presidente se julga capaz de promover mudanças no país, usando sua nova agenda política. O processo *fazer* materializa a experiência que Bolsonaro espera efetivar. Esse julgamento representa, na verdade, uma ruptura de discurso. As críticas que o jornalista constrói sobre a atuação política do ex-capitão o distanciam dessa capacidade de "fazer muito pela nossa pátria".

[26] Ao buscar a harmonia com os outros Poderes, o presidente tem se esforçado de uma forma inédita. A renovação do auxílio emergencial foi simbólica. Ocorreu em uma cerimônia organizada no Palácio do Planalto na terça-feira, marcada pelo aceno de paz aos presidentes da Câmara, Rodrigo Maia, e do Senado, Davi Alcolumbre. "É uma satisfação tê-los aqui. É um sinal que juntos nós podemos fazer muito pela nossa pátria **[julgamento: estima social / +capacidade]**", declarou.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Bolsonaro é julgado como político incapaz e frágil para as demandas que o cargo de presidente da república requer. Isso é construído nas 14 ocorrências de julgamento por incapacidade. As aspas no recorte [26] servem para que o jornalista se afaste do discurso do mandatário, não assumindo responsabilidade por aquilo que ele anuncia.

O Quadro 4.23 reúne as escolhas léxico-gramaticais realizadas na subcategoria de capacidade. Prevalecem nominalizações e processos materiais que constroem críticas à fragilidade do presidente Bolsonaro para se colocar à frente de um projeto que visa reduzir o radicalismo no governo e abrir espaço para o pragmatismo político. O objetivo de tais escolhas é retratar alguém sem poder de decisão sobre os rumos do próprio governo.

Quadro 4.23 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Bolsonaro acuado: as ocorrências por capacidade

Atributo	fraco
Nominalização	mudança, reveses, ameaças, indicação, apoio
Processo	passou a ser tutelado, mobilizou, assolam, mandar, perdeu, fazer, procurar

Fonte: Elaboração própria

As 4 ocorrências de julgamento por normalidade são críticas à forma inusitada como o presidente conduz o cargo de chefe do Poder Executivo Federal. O propósito da matéria *Bolsonaro acuado* não é descrever essa realidade de mundo, por isso há um número baixo de avaliações nessa subcategoria. As escolhas léxico-gramaticais distribuem-se em nominalizações e processos – ver o Quadro 4.24.

Quadro 4.24 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Bolsonaro acuado: as ocorrências por normalidade

Nominalização	aparições, sinalização
Processo	incluiu, mudou

Fonte: Elaboração própria

Nos recortes [27] e [28], *aparições* e *sinalização* são nominalizações que descrevem e criticam comportamentos incomuns no universo político de um presidente da república.

[27] Acabaram suas aparições diárias no "cercadinho" do Palácio do Alvorada **[julgamento: estima social / –normalidade]**, que geravam crises diárias.

[28] Para criar pontes com o STF, André Mendonça (Justiça e Segurança), Jorge Oliveira (Secretaria-Geral) e José Levi (Advocacia-Geral) já tinham sido despachados a São Paulo a fim de dialogar com o ministro Alexandre de Moraes, que é o relator dos inquéritos das Fake News e dos atos antidemocráticos. A visita foi mal recebida por outros ministros, que interpretaram o gesto como uma má sinalização institucional **[julgamento: estima social / –normalidade]** — a interlocução entre o Executivo e o Judiciário deveria ter acontecido com o presidente do STF, Dias Toffoli.

[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Bolsonaro utiliza um espaço no Palácio da Alvorada para interagir com seus apoiadores desde que se elegeu presidente da república. Denominado "cercadinho", o local foi palco de diversos pronunciamentos e discussões com a imprensa. Essa prática – diferentemente da coletiva de imprensa, em que o chefe de Estado comunica fatos relevantes por meio de veículos de comunicação – é informal e coloca lado a lado jornalistas e apoiadores do ex-capitão. Além de se tornar uma forma de propaganda para a imagem do mandatário, o local se tornou perigoso para os profissionais de imprensa.

O jornalista parte desse cenário para julgar as aparições de Bolsonaro no cercadinho como uma conduta incomum para alguém com as atribuições de presidente. Essa crítica guarda relação direta com os julgamentos do tipo incapacidade, na medida em que também avalia o ex-capitão como alguém despreparado.

A outra crítica construída por meio de uma nominalização se dá com o fato de Bolsonaro buscar construir interlocução com a Suprema Corte de forma não convencional – evitando contato direto com o presidente de tal instância. O epíteto *má* descreve essa crítica e reforça a ideia de despreparo por parte do ex-capitão.

No trecho [29], o julgamento negativo recai sobre uma ação incomum numa live presidencial – momento em que o chefe de Estado anuncia feitos e projetos do governo: o presidente da Embratur tocou a música Ave Maria na sanfona em homenagem às vítimas do novo coronavírus. Naquele dia, o Brasil registrava 55 mil mortes pela doença.

[29] Confrontado com as ameaças crescentes ao seu governo, Jair Bolsonaro não ataca mais a imprensa, não participa de atos golpistas, prega a harmonia com o Supremo Tribunal Federal (STF) e o Congresso e demonstrou até compaixão com as vítimas da Covid-19 em uma live bizarra que incluiu o presidente da Embratur como sanfoneiro **[julgamento: estima social / –normalidade]**.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Com esses julgamentos, negocia-se com o leitor a ideia de que Bolsonaro é um político sem respeito pela liturgia do cargo. Ainda que esses comportamentos avaliados na subcategoria de normalidade não sejam crimes, eles representam a desmoralização de valores e costumes da boa política. Segundo a jornalista Thaís Oyama (2020, p. 9), antes mesmo de se tornar presidente, o ex-capitão já mantinha hábitos na Câmara dos Deputados que o deixaram conhecido como político do baixo clero.

> Mais do que um deputado do baixo clero, ele era um representante daquilo que os jornalistas de Brasília apelidaram de cota folclórica do Congresso – parlamentares que costumam despertar a atenção pelo histrionismo, pelos arroubos verbais no plenário e pelas confusões em que se metem. Desde que chegou à Câmara, aos 35 anos, até seu último dia de mandato, aos 63, Bolsonaro se limitou a apresentar, quase sempre como coautor, emendas de interesse dos militares, propostas jamais aprovadas para a área de segurança e ideias que foram direto para o anedotário do Legislativo, como o projeto de castração química de estupradores, a obrigatoriedade de civis cantarem o Hino Nacional com a mão no peito e a inclusão do nome de um dos seus ídolos confessos, o falecido Enéas Carneiro, no Livro dos Heróis da Pátria.

Na categoria de sanção social, foram identificadas 22 ocorrências avaliativas. O foco não está em qualquer evento inédito de natureza imoral ou antiética. Trata-se de fatos já noticiados em IstoÉ, tais como a disseminação de fake news, os atos antidemocráticos, a tentativa de interferência na Polícia Federal e o esquema de rachadinha no antigo gabinete do senador Flávio Bolsonaro. Isso implica uma posição crítica sobre condutas condenáveis, tanto sob o viés legal quanto institucional.

No recorte [30], os julgamentos em destaque compreendem atitudes de Jair Bolsonaro que quebram regras legais. A difusão de notícias falsas, a presença em protestos antidemocráticos e a tentativa de interferir na gestão da Polícia Federal são comportamentos reprováveis. Essas ações justificam o estado emotivo descrito no título da matéria, a saber *acuado*. Sem capital político para manipular os efeitos desses inquéritos, o ex-capitão se vê fragilizado.

[30] O cerco se fecha a partir dos vários inquéritos que assolam o presidente, sua família e colaboradores no STF: Fake News **[julgamento: sanção social / –veracidade]**, atos antidemocráticos **[julgamento: sanção social / –propriedade]** e interferência na Polícia Federal **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

No trecho [31], o jornalista detalha os motivos que levaram o presidente a interferir na autonomina da Polícia Federal. Os processos materiais *tentou interferir* e *usar* e a nominalização *perseguição* descrevem não somente condutas criminosas, mas também uma tentativa do ex-capitão de se apropriar de uma instituição de Estado como instrumento político. Bolsonaro quis exonerar e admitir pessoas sem a anuência do então ministro da Justiça Sergio Moro. O objetivo era blindar investigações que pudessem prejudicá-lo e usar o órgão para intimidar adversários políticos.

[31] Bolsonaro está sendo obrigado a se reinventar. Já perdeu a imagem anticorrupção desde que descartou Sergio Moro e, ao que tudo indica, tentou interferir na PF **[julgamento: sanção social / –propriedade]** para usá-la em defesa de seus filhos e amigos **[julgamento: sanção social / –propriedade]** e como instrumento de perseguição de adversários **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Para situar tais julgamentos no subsistema de sanção social, o jornalista se baseia nos crimes em questão: obstrução de Justiça, corrupção passiva privilegiada, falsidade ideológica e advocacia administrativa.

As sanções do jornalista também se direcionam à tática do confronto institucional que Jair Bolsonaro promove contra os outros Poderes. No recorte [32], com as nominalizações *ataques* e *polarização*, o jornalista negocia com o leitor o *modus operandi* político do ex-capitão: o confronto.

[32] Toda a sua carreira foi fundada nos ataques **[julgamento: sanção social / –propriedade]** e na polarização **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Os comportamentos em questão descrevem o que Pedro Nobre (2020) chama de política da guerra e morte e Thaís Oyama (2020), de política do confronto. Os autores explicam que a prática ganha força, sobretudo, na militância radicalizada bolsonarista. Essa identificação está no trecho [33], por meio do epíteto *extremistas* e do processo *pregando*.

[33] Os extremistas **[julgamento: sanção social / –propriedade]** que rondavam a praça dos Três Poderes pregando o fechamento do Congresso e do STF **[julgamento: sanção social / –propriedade]** foram presos.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

A escolha do léxico *extremistas* descreve e avalia parte da militância bolsonarista. Trata-se de apoiadores do presidente Jair Bolsonaro fanáticos e engajados em assuntos caros ao ex-capitão, tais como a defesa da família tradicional, o porte de arma de fogo, o conservadorismo e a negação à ciência. A ação desse grupo de pessoas mira ameaças ao Supremo e ao Congresso e a defesa do AI-5; ato institucional que permitiu a militares o fechamento dos Poderes e a suspensão dos direitos políticos durante a Ditadura Militar.

No recorte [34], o jornalista emprega o léxico *confronto* para julgar negativamente a tática política usada por Bolsonaro. O termo pressupõe a existência de dois lados opostos – neste caso, o presidente e os outros Poderes – e um contexto de tensão entre eles. Negociar esse valor atitudinal faz parte do discurso crítico que o jornalista constrói. Importa explicar ao leitor os comportamentos antiéticos e ilegais do ex-capitão que o colocaram em estado de fragilidade e mudança de agenda política.

[34] Essa mudança de rota era previsível, segundo Pereira. Ele acha que a estratégia do confronto **[julgamento: sanção social / –propriedade]** com o Congresso e as instituições, inclusive com a imprensa, só poderia gerar benefícios no curto prazo.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

No trecho [35], as nominalizações *interferência* e *ameaça* também são sanções impostas ao *modus operandi* político de Jair Bolsonaro. Trata-se de comportamentos que descrevem atos criminosos. A Constituição Federal (1988) considera crime processos violentos ou ilegais para a alteração da ordem política. Quando negocia com o leitor tais julgamentos, o jornalista, de fato, negocia uma identidade para o mandatário. Rotulá-lo como alguém que cometeu descalabros, desatinos e trapalhadas está no cerne do discurso construído em *Bolsonaro acuado*.

[35] Com isso, diminui o fantasma da interferência do Exército **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, sem contar a ameaça de um golpe **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, feita várias vezes pelo presidente, de forma não muito velada.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Fairclough (2003) escreve que o estilo é um aspecto discursivo das identidades, isto é, de modos de ser. O vocabulário que o jornalista seleciona para julgar condutas de Bolsonaro permite ao leitor identificar um "modo de ser" do presidente. Os termos *interferência*, *ameaça*, *falcatruas*, *confronto*, *ataques*, *perseguição* e *golpe* – reunidos no Quadro 4.25 – ajudam a tecer a identidade política do ex-capitão, que é construída ao longo de todo o sistema de avaliatividade. O governante, explica John Thompson (2002; 2018), enquanto uma celebridade, tem a obrigação de cumprir a liturgia do poder. É exatamente isso que a identidade projetada para Bolsonaro questiona.

Quadro 4.25 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Bolsonaro acuado: as ocorrências por veracidade e propriedade

Epíteto	extremistas
Atributo	operador
Processo	liderado, tentou interferir, usar,
Nominalização	atos, interferência, fechamento, envolvimento, ameaça, falcatruas, confronto, ação, ataques, perseguição, uso, polarização, golpe

Fonte: Elaboração própria

A relação dialética entre discurso e estilo é explicada por Norman Fairclough (2003). Para o autor, discursos manifestam-se por meio de estilos – em outras palavras, modos de representar a realidade social implicam modos de (se) identificar. Necessariamente, então, ao descrever a mudança de rumo político do governo Jair Bolsonaro, o jornalista identifica-o e constrói para ele uma identidade, que é a identidade do confronto.

Quanto ao sistema de apreciação, o jornalista serve-se dele para significar socialmente fatos relacionados ao modo Bolsonaro de governar o país. Nesse cenário, a nova agenda política do presidente é avaliada negativamente sob a justificativa de que se trata de um recuo estratégico e falso, na medida em que o ex-capitão estava pressionado por inquéritos que avançavam sobre ele na Suprema Corte, ao mesmo tempo em que pedidos de *impeachment* se avolumavam na Câmara dos Deputados.

Sobressaem-se apreciações do tipo valoração negativa. São 26 ocorrências. Há ainda avaliações negativas do tipo qualidade e complexidade – ver o Quadro 4.26.

Quadro 4.26 – Ocorrências de apreciação na reportagem Bolsonaro acuado

Atitude	Categoria	Subcategoria	Polaridade	Ocorrência
Apreciação	reação	impacto	positiva	0
			negativa	0
		qualidade	positiva	0
			negativa	5
	composição	equilíbrio	positiva	0
			negativa	0
		complexidade	positiva	0
			negativa	6
	valoração		positiva	3
			negativa	26

Fonte: Elaboração própria

Apreciar algo na subcategoria de valoração implica avaliar o significado social ou a importância de objetos, eventos, artefatos e entidades. No texto *Bolsonaro acuado*, importa ao jornalista dimensionar negativamente a política Jair Bolsonaro estabelecida no Governo Federal. Isso está presente no trecho [36]. Nele, as nominalizações em destaque codificam o valor social negativo do radicalismo político adotado pelo ex-capitão, antes de moderar o tom contra seus adversários.

[36] No decorrer do tempo, esse método de ação só poderia gerar passivos **[apreciação: –valoração]**, animosidades **[apreciação: –valoração]** e ressentimentos **[apreciação: –valoração]**.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Esses significados atitudinais negativos vão ao encontro do que Pedro Nobre (2020, p. 10) denomina "político do colapso". Segundo o autor, Bolsonaro está sempre canalizando para si a devastação institucional e social das crises que afligem a população. Ao atribuir a esse modo de agir efeitos como *passivos*, *animosidades* e *ressentimentos*, o jornalista negocia com o leitor essa ideia de crise, degradação e decadência.

No recorte [37], a voz do cientista político Carlos Pereira reverbera o valor social negativo do radicalismo do presidente. Com o processo *ameaça*, ele avalia o impacto desse modelo de governar e negocia com o leitor o fato de que Bolsonaro pode perder capital político. A escolha do termo *vulnerabilidade* é importante para a construção desse discurso avaliativo,

pois indica que o ex-capitão está exposto a tudo aquilo que gerou por meio de sua política radical. No recorte [38], o jornalista reforça essa posição de Carlos Pereira. Desta vez, o léxico *ameaça* é usado como atributo: descreve-se o impacto do modo Jair Bolsonaro de fazer política por meio de um predicado.

[37] "Bolsonaro viu o tamanho da conta **[apreciação: –valoração]**, que ameaça **[apreciação: –valoração]** sua própria sobrevivência. De uma forma tardia, buscou apoio junto ao Centrão. Mas fez isso de uma forma frágil, para se salvar do impeachment. Queiroz sinaliza muita vulnerabilidade **[apreciação: –valoração]**.

[38] As apurações do inquérito das Fake News agora serão compartilhadas com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que pode usá-las nos pedidos de impugnação da chapa Bolsonaro-Mourão, pelo suposto uso massivo de propaganda ilegal em redes sociais em 2018. É uma ameaça **[apreciação: –valoração]** que não existia.

[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Em [39], o cientista político Carlos Pereira novamente avalia o significado do estilo de governo do presidente. Para isso, recorre a atributos a fim de criticá-lo. A ideia é conferir a esse método um valor negativo, sinalizando disrupção. Isso se repete no recorte [40], desta vez na voz do jornalista. A nominalização *efeito bumerangue* é uma apreciação negativa do caos político imposto por Bolsonaro. O termo indica que, se as ameaças e os ataques às instituições serviram para estimular apoiadores radicais do presidente, serviram também para a instalação de inquéritos no Supremo.

[39] "As instituições são fortes e não correm riscos. Isso não quer dizer que ele não tente um golpe. Mas querer não é poder. Se insistir, quem vai perder é ele. O retrato atual não é positivo para o governo **[apreciação: –valoração]**, e pode ficar muito pior **[apreciação: –valoração]**."

[40] As investidas serviram para mobilizar sua base radical, mas também tiveram um efeito bumerangue **[apreciação: –valoração]**.

[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Segundo Pedro Nobre (2020, p. 10), Bolsonaro sempre se colocou como um político pretensamente antissistema, com uma postura antipolítica – mesmo com cargo parlamentar desde 1988. Isso significa se colocar fora da política e combater privilégios da instituição. Foi com essa lógica que "venceu a eleição de 2018, porque conseguiu canalizar para sua candidatura a devastação social e institucional das crises sobrepostas que nos afligem desde 2013". Os ataques e as ameaças que o ex-capitão tece contra os Poderes do Estado são reflexos desse modo *outsider* de agir, o qual é criticado pelo jornalista nas escolhas apreciativas que faz no subsistema de valoração.

A predileção por avaliações valorativas do tipo negativo mostra ainda como o jornalista vê a transição política do presidente Bolsonaro: ela não é oportuna sob o viés da ética política. No recorte [41], embora empregue o epíteto *nova* para descrever essa transição, o jornalista avalia tal fato negativamente, pois pressupõe que o presidente já havia usado outra estratégia para amenizar a pressão política sobre si.

[41] A nova **[apreciação: –valoração]** estratégia inclui uma agenda de inaugurações e a transformação do Bolsa Família em uma marca própria. A mudança vem após vários reveses.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

O trecho trazido em [42] também contêm o léxico *novo*, que é usado para qualificar de forma negativa a agenda política de Jair Bolsonaro. De natureza irônica, o termo questiona a validade desse personagem forjado por ações e projetos que visam abafar os efeitos de inquéritos no Supremo Tribunal Federal. O que está sendo questionada é a credibilidade dessa nova agenda política, na medida em que Bolsonaro precisa do colapso para se manter no poder. Sem um opositor, sem um inimigo, o ex-capitão não sabe fazer política, pois acredita que as instituições do Estado querem controlar seu governo (NOBRE, 2020).

[42] Nos últimos dias, o Brasil está conhecendo um novo **[apreciação: –valoração]** presidente.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

No recorte [43], a seleção do termo *Centrão* é estratégica para o discurso do jornalista. Ele está inserido numa oração relacional, empregado como Valor da Característica *o terceiro suporte do novo governo*. Isso significa que o jornalista atribui ao novo governo uma identidade: o alinhamento ao Centrão – que é o nome dado a um bloco político que transita entre governos de direita e de esquerda, oferecendo apoio em troca de cargos e recursos. O objetivo é usar a estrutura estatal para se manter no poder.

[43] O terceiro suporte do novo **[apreciação: –valoração]** governo é o Centrão **[apreciação: –valoração]**.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Assim, com o termo *Centrão*, o jornalista sinaliza ao leitor que o *novo* governo busca fidelidade em parlamentares que não guardam princípios éticos – logo, nada há de inédito, singular ou original na nova agenda de Bolsonaro. É válido registrar que, antes de se eleger presidente, o ex-capitão repudiava qualquer tipo de aproximação a parlamentares do Centrão, sob a justificativa de não aceitar apoio político por cargos e recursos (OYAMA, 2020).

No recorte [44], os epítetos *fisiológicos* e *sedentos de cargos* são qualificadores que reprovam o valor dos partidos que compõem o Centrão. Na arena política, o fisiologismo define-se como relações de poder em que ações e decisões são tomadas em troca de benefícios privados – isso, claro, em detrimento do bem-comum. Esse é o motivo, portanto, para o jornalista avaliar negativamente a aproximação entre Bolsonaro e parlamentares do Centrão.

[44] A corrida pelo apoio desses partidos fisiológicos **[apreciação: –valoração]** e sedentos de cargos **[apreciação: –valoração]** tem se acelerado sob a coordenação do general Luiz Eduardo Ramos.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Avaliações apreciativas também servem ao propósito de revelar o cenário no entorno da nova agenda presidencial – pressionada por uma série de fatos de ordem política e jurídica. Nos recortes [45] e [46], as nominalizações *cerco* e *tiro de misericórdia* descrevem avaliativamente essa tensão. Elas traduzem a pressão sob a qual o presidente se encontrava antes de adotar uma moderação política. O termo *tiro* tem função discursiva importante, pois remete o leitor à ideia de que a prisão de Fabrício Queiroz é um fato impactante – assim como um tiro disparado por uma arma de fogo o é.

[45] O cerco **[apreciação: composição / –complexidade]** se fecha a partir dos vários inquéritos que assolam o presidente, sua família e colaboradores no STF.
[46] O tiro de misericórdia **[apreciação: –valoração]** para mudar o humor presidencial, no entanto, foi a prisão de Fabrício Queiroz.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Esses termos atitudinais retomam o modelo de situação construído no título da reportagem. Eles reforçam a ideia de que Bolsonaro está acuado, pressionado por eventos alheios à sua vontade. No trecho [47], o jornalista usa uma voz externa para resgatar esse sentimento. É o cientista político Carlos Pereira que, por meio de uma oração relacional, sinaliza o cenário adverso em torno do presidente. O adjunto modal *não* modifica o sentido do processo *é* e avalia tal cenário como negativo. As posições extremistas assumidas pelo ex-capitão, sua proximidade com Fabrício Queiroz e o desprezo por protocolos de segurança contra o coronavírus justificam por que Carlos Pereira avalia a situação do presidente como ruim.

[47] "O retrato atual não é positivo para o governo **[apreciação: –valoração]**, e pode ficar muito pior **[apreciação: –valoração]**".
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Em [48], as avaliações por complexidade, todas do tipo negativo, revelam circunstâncias políticas desfavoráveis ao ex-capitão.

[48] Para diminuir a tensão, buscou uma coalizão. Mas, com as investigações avançando, esse roteiro pode ser acidentado **[apreciação: composição / –complexidade]**. Vai ser difícil **[apreciação: composição / –complexidade]** manter o apoio da sociedade e do Congresso, e o Centrão vai aumentar a fatura pelo apoio. Há uma tempestade perfeita se formando **[apreciação: composição / –complexidade]**. Além da crise de saúde com a pandemia, que já provocou mais de 60 mil óbitos e 1,5 milhão de infectados, a crise econômica vai cobrar um preço enorme para a sociedade. "Bolsonaro tenta sobreviver em uma situação gravíssima **[apreciação: composição / –complexidade]**," afirma Pereira.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Os atributos *acidentado* e *difícil* são apreciações negativas em relação à busca por refúgio e aliança com deputados do Congresso. O termo *tempestade* reforça o pessimismo construído em torno disso. A ideia é negociar com o leitor um cenário político agitado para Bolsonaro. Ainda neste recorte [48], o epíteto *gravíssima* guarda relação semântica com as escolhas lexicais anteriores, descrevendo o valor composicional dessa conjuntura política.

Em síntese, as escolhas linguísticas que realizam avaliações do tipo apreciação materializam o discurso infamante do qual o jornalista precisa para criticar Bolsonaro e seu estilo de governo. Para codificar linguisticamente essa opinião, ele recorre, sobretudo, a epítetos e atributos a fim de qualificar negativamente coisas e fatos relacionados ao modo como o presidente conduz sua política de governo.

Quadro 4.27 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de apreciação na reportagem Bolsonaro acuado

Processo	ameaça
Nominalização	escalada, efeito bumerangue, estrago, tiro, escândalo, adversidade, cerco
Atributo	positivo, pior, ameaça, mal, gravíssima, simbólica, difícil, acidentado, previsível, Centrão
Epíteto	frutos eleitorais, carregado, radical, polarizado, benefícios, amigo, ideológicos, desastradas, sedentos, fisiológicos, passivos, ressentimentos, animosidades, novo, vulnerabilidade, crises

Fonte: Elaboração própria

Assim, as escolhas léxico-gramaticais realizadas no subsistema de apreciação são respostas ao interesse discursivo do jornalista na questão em cena. Importa depreciar o valor dos fatos e das ideias que forjam o governo Jair Bolsonaro, inclusiva sua nova agenda política. Isso é peça-chave na forma como a reputação do presidente é ameaçada. Se perder capital político, o ex-capitão perde o poder sobre a narrativa da nova agenda.

4.3.1 O discurso fotográfico em Bolsonaro acuado

Jair Bolsonaro é retratado em três fotografias na reportagem *Bolsonaro acuado*. A Fotografia 5 é uma delas. Inserida após o *lead*, ela registra o presidente usando máscara, com a cabeça levemente inclinada para baixo. O plano não é informativo; não é possível identificar onde o mandatário está. Não há um pano de fundo na imagem. Isso faz com que o observador não se situe na cena registrada. Esse tipo de plano – denominado grande plano – enfatiza particularidades do objeto fotografado. Neste caso, importa ao fotógrafo capturar a expressão facial do presidente.

O movimento que Bolsonaro faz com a cabeça é espontâneo; a foto não é posada, e isso é fator importante para sua publicação (CAPLE, 2013). Ainda que a máscara sobre a boca do presidente esconda parte de sua expressão, ao observador é possível depreender evidências de um sentimento ligado a fragilidade ou abatimento. Primeiro, pelo título da reportagem – a saber, *Bolsonaro acuado*. Depois, pela legenda – com *derrotado*. Ambos os termos fixam na imagem significados que ela não inscreve. O plano da imagem não permite ao observador assegurar que o gesto feito pelo presidente é resultado de sua fragilidade política ou porque ele está abatido. Permite, sim, vê-lo com a cabeça baixa.

Fotografia 5 – Edição nº 2634

Bolsonaro cabisbaixo

DERROTADO Bolsonaro muda a rota do governo diante das investigações do STF e das crises graves na saúde e na economia. Prisão de Queiroz foi a gota d'água (Crédito: Mateus Bonomi/AGIF/AFP)

Fotografia 5 – Legenda: DERROTADO. Bolsonaro muda a rota do governo diante das investigações do STF e das crises graves na saúde e na economia. Prisão de Queiroz foi a gota d´água.

É fundamental trazer aqui a leitura que Boris Kossoy (2002, p. 21) faz sobre as realidades fotográficas. Para o autor, as fotos "nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram (estética/ideologicamente) congelados num dado momento de sua existência/ocorrência". A imagem capturada na Fotografia 5 é justamente um recorte criteriosamente feito num certo momento em que o presidente Bolsonaro parecia conceder uma entrevista. É por isso que ela não descarta a descrição verbal, pois precisa de palavras para construir um discurso único – tanto no plano verbal quanto no visual.

Os termos *acuado* e *derrotado* negociam, assim, um discurso com o observador: o de que Jair Bolsonaro está fragilizado. O objetivo é conduzir o leitor à tese de que o ex-capitão está entregue, vencido. Para isso, subordina a imagem ao texto verbal da matéria. Como explica Boris Kossoy (2002), imagens precisam chamar a atenção para si, a fim de se destacarem no contexto de uma informação, na medida em que o observador nem sempre consegue analisar e interpretar uma fotografia. *Acuado* e *derrotado* cumprem exatamente esta função: guiar o leitor na construção de um significado para a Fotografia 5.

A segunda parte da legenda, responsável por informar o leitor acerca daquilo que a fotografia enquadra (MARTINS FILHO, 2003), também fixa significado para a imagem. Com a expressão *Bolsonaro muda a rota do governo*, o jornalista informa ao leitor um evento que a foto não registra. Nenhum signo imagético remete o observador à ideia de que Bolsonaro promove uma mudança política no governo. Essa parte da legenda ancora a imagem na realidade de um significado específico, não visível ao leitor. Dessa forma, a equipe jornalística de IstoÉ opera forte controle sobre as possibilidades de interpretação da Fotografia 5, fazendo com que predomine somente seu discurso.

Cabe frisar que a reportagem *Bolsonaro acuado* relata e comenta por que o presidente diminuiu sua retórica radical para dar espaço a ações pragmáticas. A legenda da Fotografia 5 é, pois, uma síntese do que a matéria oferece detalhadamente ao leitor. Nesse viés, a imagem do ex-capitão com a cabeça inclinada para baixo é a representação visual dessa mudança de postura política. Para Julianne Newton (2001), é essa relação dinâmica entre o que pode ser visto, lido e depreendido das semioses verbal e visual da notícia que alicerça a construção de significados nos textos multimodais da imprensa moderna.

Na Fotografia 6, Jair Bolsonaro está sobre uma ponte. Sua cabeça, seu olhar e seus braços direcionam-se para a água que corre abaixo dele. O ângulo escolhido para o registro é frontal, sugerindo naturalidade daquilo que é fotografado. O plano é médio, o que permite ao observador se situar parcialmente na cena, assim como ver o presidente e sua ação. Em síntese, importa ao fotógrafo produzir uma realidade visual em que Bolsonaro legitima o evento do qual participa – visto que seus dedos indicam aprovação à água que corre sob a ponte.

Fotografia 6 – Edição nº 2634
Bolsonaro posa para a inauguração de obra pública

NOVA AGENDA Inauguração no Ceará de trecho da transposição do rio São Francisco, no dia 26, repetiu a estratégia de Lula
e mirou regiões em que Bolsonaro é fraco: o Norte e o Nordeste (Crédito:Alan Santos)

Fotografia 6 – Legenda: NOVA AGENDA. Inauguração no Ceará de trecho da transposição do rio São Francisco, no dia 26, repetiu a estratégia de Lula e mirou regiões onde Bolsonaro é fraco: o Norte e o Nordeste.

A fotografia é posada. Logo, a postura do presidente é planejada; visa atender a uma necessidade política. Essa manipulação fotográfica é decisiva para o discurso que a imagem constrói. Bolsonaro está posicionado no lado esquerdo do enquadre. De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), elementos colocados nessa posição contêm informações já fornecidas e compartilhadas, sendo, pois, dados já familiares ao observador. Por outro lado, elementos posicionados no lado direito apresentam informação nova – os autores usam os termos dado e novo para conceituar tais descrições.

Assim, Bolsonaro é a informação já conhecida; a obra inaugurada, não. Importa ao fotógrafo conduzir o olhar do leitor para o lado direito da imagem, na medida em que aquele cenário retrata a nova agenda política do presidente. Negocia-se, desse modo, o discurso da eficiência do gestor público. Com o recurso da legenda, esse discurso ganha contornos mais cla-

ros. Em caixa alta, está o termo *nova agenda*, cuja função jornalística é descrever a cena capturada (MARTINS FILHO, 2003) e ancorar os significados da imagem.

A segunda parte da legenda projeta sobre a imagem dois significados verbais. E isso ocorre com o emprego dos termos *inauguração* e *repetiu a estratégia de Lula*. A presença do presidente sobre a ponte, com os braços e o olhar apontados para a água, significa a inauguração de uma obra. O viés explicitamente ideológico está na afirmação de que essa ação esconde uma política eleitoreira – a conquista de apoio popular em troca de obra pública.

Ciente de que a fotografia ganha força inaudita quando exposta na imprensa (SOUSA, 1997), IstoÉ simboliza a mudança de postura de Bolsonaro por meio de uma imagem em que o presidente inaugura uma obra pública. Desse modo, o Bolsonaro que abaixou o tom crítico em relação a membros do Supremo e do Congresso é o mesmo que agora inaugura uma obra de transposição do rio São Francisco. É importante registrar que uma das estratégias políticas da nova agenda presidencial incluía um roteiro de inaugurações de obras iniciadas por governos anteriores. O propósito era identificar no presidente a figura de um político atuante e próximo de questões do interesse público. A reportagem relata esse objetivo da seguinte forma:

> Bolsonaro planeja recuperar a popularidade com inaugurações, que estão sendo discutidas com aliados políticos e deputados do Centrão. Uma lista com 30 rodovias, viadutos, estradas pavimentadas e pontes restauradas está sendo preparada pelo ministro Tarcísio de Freitas (Infraestrutura). A inauguração de um trecho da transposição do rio São Francisco no Ceará, no dia 26, já fez parte desse roteiro.
> [Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Percebe-se, assim, que as Fotografias 5 e 6 negociam discursos que divergem entre si. Enquanto que, na Fotografia 5, Jair Bolsonaro é retratado como alguém fragilizado politicamente, na 6 ele é representado como um político compromissado.

A Fotografia 7 apresenta ao leitor uma narrativa visual que se aproxima daquela construída na Fotografia 6. A imagem registra Bolsonaro entre os presidentes da Câmara dos Deputados (Rodrigo Maia) e do Senado (Davi Alcolumbre). O ex-capitão posiciona-se entre os dois parlamentares, com os braços estendidos por trás de ambos. Somente Alcolumbre retribui a saudação – o que pode ser lido como um gesto de lealdade. Nos anos de 2019 e 2020, Bolsonaro proferiu diversos ataques verbais a Rodrigo Maia.

Fotografia 7 – Edição nº 2634
Bolsonaro ao lado dos presidentes da Câmara e do Senado

BANDEIRA BRANCA Bolsonaro anuncia a prorrogação do auxílio emergencial, que vai se incorporar ao Bolsa Família, e faz um gesto de conciliação a Rodrigo Maia (esq.) e Davi Alcolumbre (Crédito:Pedro Ladeira)

Fotografia 7 – Legenda: BANDEIRA BRANCA. Bolsonaro anuncia a prorrogação do auxílio emergencial, que vai se incorporar ao Bolsa Família, e faz um gesto de conciliação a Rodrigo Maia (esq.) e Davi Alcolumbre.

Assim como na Fotografia 6, na 7 os participantes posam para a foto. Eles encenam, portanto, as posições que tomam, os gestos que fazem. Tudo é consentido. Segundo Newton (2001), nesse tipo de fotografia, o participante fotografado se deixa mostrar a fim de retratar uma realidade visual negociada com o fotógrafo. Bolsonaro, Maia e Alcolumbre, previamente, assumem posturas favoráveis à realidade que desejam revelar.

Com o ângulo frontal, o jornalista busca atribuir à imagem a naturalidade de encontros entre representantes de Poderes do Estado. Nenhum dos participantes é valorizado sobre o outro. A escolha do plano oferece pouca informação ao observador, já que o cenário se limita a um fundo que estampa o brasão da República. O abraço que Bolsonaro promove sinaliza cordialidade para com Rodrigo Maia e Alcolumbre. Além disso, a disposição dos três na imagem diz muito sobre a informação que o repórter fotográfico deseja transmitir. O presidente está no centro da imagem, ele é o núcleo da informação visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Isso significa que Maia e Alcolumbre são participantes marginais, subordinados a Bolsonaro.

É por meio da legenda que outros significados do encontro entre Bolsonaro, Maia e Alcolumbre são fixados. O termo *bandeira branca* ancora a imagem no contexto da mudança de postura política assumida pelo presidente. Com essa expressão, o jornalista representa verbalmente um acordo de paz que o ex-capitão sela com os representantes do Poder Legislativo

Federal. O encontro seria, então, a representação visual da redução de atritos que o mandatário se propõe a fazer em sua nova agenda.

Ainda na legenda, a expressão *gesto de conciliação* reforça o significado de *bandeira branca*. Esses termos são a leitura verbal do encontro entre Bolsonaro e os presidentes da Câmara e do Senado. No texto da reportagem, tal leitura é definida como uma *estratégia*, que só foi adotada por um motivo claro: o presidente percebeu que tinha seu cargo ameaçado. O trecho abaixo traz essa representação:

> A nova estratégia inclui uma agenda de inaugurações e a transformação do Bolsa Família em uma marca própria. A mudança vem após vários reveses: a prisão de Queiroz, os inquéritos no STF que ameaçam sua família, a pandemia e a recessão.
> [Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Em síntese, as Fotografias 6 e 7 constroem visualmente os novos compromissos políticos de Bolsonaro, após ele abandonar a retórica radical do bolsonarismo. Essas imagens atendem aos valores do leitor mais alinhado ao presidente, já que trazem uma imagem positiva do mandatário. É possível afirmar que essas fotografias reforçam seu capital político, na medida em que expõem o discurso do agente político comprometido com suas funções.

Assim, as fotografias que compõem a reportagem *Bolsonaro acuado* veiculam discursos diferentes entre si, mas que se correlacionam semanticamente com o texto verbal da matéria. A Fotografia 5 descreve um sentimento de fragilidade emocional do presidente – realidade retratada e negociada desde o título da notícia. Em contrapartida, as Fotografias 6 e 7, não. Eles descrevem ações pragmáticas do universo político, tais como inauguração de obras públicas e encontros com lideranças políticas.

4.3.2 Marcas atitudinais nas fotografias de Bolsonaro acuado

Segundo Economou (2009), o afeto visual mais familiar às pessoas está nas expressões faciais, nos gestos e na topografia do corpo humano. Sorrisos, olhares, posturas e acenos traduzem sentimentos de alegria, tristeza, coragem, medo. Fala-se, assim, na existência de um léxico visual das emoções humanas, que é universalmente compartilhado. É possível reconhecer

esse léxico na Fotografia 5: a cabeça de Jair Bolsonaro levemente inclinada para baixo e os olhos fechados sinalizam vulnerabilidade afetiva, ou melhor, insegurança.

A inscrição visual desse sentimento negativo converge para o afeto do tipo insegurança inscrito verbalmente na matéria. São 7 ocorrências avaliativas que explicitamente descrevem um Jair Bolsonaro fragilizado e pressionado. Uma dessas avaliações está no título da matéria – *Bolsonaro acuado*. Como a manchete centraliza a narrativa noticiosa e ativa no leitor conhecimentos e crenças que, imediatamente, o orientam na construção cognitiva da informação (VAN DIJK, 1991), importa ao jornalista descrever visualmente essa narrativa. A correlação desses significados atitudinais nos planos verbal e visual confere unidade ao discurso que é construído ao longo da reportagem. A Figura 12 ilustra essa correlação semântica.

Figura 12 – Correlação semântica entre significados afetivos verbais e visuais em Bolsonaro acuado

O gatilho desse sentimento afetivo visual não está inscrito na imagem, mas o leitor pode recuperá-lo no corpo da matéria. No *lead*, o jornalista afirma que "a prisão de Queiroz, os inquéritos no STF que ameaçam sua família, a pandemia e a recessão" detiveram o avanço da retórica radical de Bolsonaro. Isso o obrigou a adotar uma postura moderada. Ao não inscrever nenhum gatilho para a insegurança do presidente, o fotojornalista busca realçar esse sentimento. Não importa, pois, significar visualmente quais são os motivos que fizeram o ex-capitão se sentir afetivamente vulnerável.

A inscrição visual de vulnerabilidade negocia com o leitor, ainda, a imagem pública do mandatário. O objetivo é mostrar que o ex-capitão perdeu capital político, e a cabeça levemente inclinada para baixo junto a olhos fechados são a tradução disso.

Na Fotografia 5, ainda que Bolsonaro não esteja envolvido em nenhuma ação material, ele pode ser alvo de um julgamento por parte do leitor. Segundo Economou (2009), os atributos visíveis em uma pessoa podem lhe proporcionar valores positivos ou negativos quanto à sua normalidade ou capacidade. Na imagem, o semblante do ex-capitão permite ao leitor julgá-lo na categoria de capacidade, identificando nele fraqueza política. Essa crítica sustenta-se nos conhecimentos que o observador possui sobre a atuação de Bolsonaro ao longo de seu mandato. Para Economou (2009), atitudes evocadas dependem de um contexto mais amplo de significados que extrapola a imagem.

Durante os anos de 2019 e 2020, Bolsonaro fomentou um permanente colapso institucional como maneira de governar. É nesse sentido que Pedro Nobre (2020, p. 12) argumenta que "ele representa a normalização do estado de crise, a transformação do colapso em forma de governar". As participações em manifestações populares de natureza antidemocrática, os ataques às instituições do Estado, o negacionismo do novo coronavírus retratam tal estilo de fazer política. Esses fatores podem atuar como critérios para que o leitor julgue Bolsonaro como um gestor despreparado e use esse conhecimento diante da Fotografia 5.

No modo verbal, foram identificadas 16 ocorrências de julgamento do tipo capacidade, sendo que 14 realizam-se na forma de críticas ao presidente – ver o Quadro 4.21. As escolhas léxico-gramaticais nessa categoria avaliativa descrevem o despreparo do mandatário na gestão democrática e ética do governo. Bolsonaro é identificado como alguém sem poder de decisão dentro de seu próprio governo, com capital político reduzido. Para o jornalista, é fundamental estabelecer essa convergência de significados atitudinais nos planos verbal e visual, a fim de construir uma unidade para seu discurso crítico ao presidente.

Se na Fotografia 5 é possível identificar a inscrição de afeto do tipo insegurança na face de Jair Bolsonaro, o mesmo não ocorre com a Fotografia 6. Nesta imagem, o sentimento é positivo e está inscrito na expressão corporal do mandatário. Os dedos polegares exprimem satisfação, e a postura corporal reforça esse valor afetivo. Dorothy Economou (2009) explica que emoções podem ser representadas por meio do arranjo do corpo – o que envolve gestos e

movimentos. Na Fotografia 6, Bolsonaro posiciona a cabeça e os braços na direção da obra que inaugura, sinalizando orgulho daquilo que foi construído.

Aqui, cabem duas observações. A primeira diz respeito à divergência de sentimentos manifestados por Bolsonaro nas Fotografias 5 e 6. O presidente inseguro na Fotografia 5 não é visto na Fotografia 6, onde ele expressa entusiasmo e satisfação. O texto verbal da notícia também inscreve afetos positivos e negativos para o presidente ao narrar diferentes realidades de mundo. Numa delas, Bolsonaro é pressionado por aliados a abandonar o discurso radical contra outros Poderes da República, sentindo-se, em razão disso, acuado. Em outra realidade, ele muda sua agenda política e se aproxima de compromissos de natureza pragmática, sentindo-se, por consequência, inclinado a agir.

A segunda observação se refere aos gatilhos dos sentimentos inscritos. Enquanto a Fotografia 5 não dispõe de qualquer informação visual que aponte para a causa do afeto do tipo insegurança, a Fotografia 6 o faz em relação ao afeto do tipo satisfação. A água que corre sob a ponte traduz a inauguração de uma obra pública, e é isso que desperta no presidente tal sentimento. A decisão de incluir/excluir tais informações das imagens reflete a forma como o jornalismo de IstoÉ controla o significado visual das notícias que veicula. Para a revista, importa ao leitor saber o que motiva em Jair Bolsonaro a emoção do tipo satisfação. Por outro lado, saber o que lhe causa um afeto de insegurança, não.

Como mostra o Quadro 4.19, foram identificadas somente 2 ocorrências de afeto do tipo segurança na reportagem *Bolsonaro acuado*. Ambas são manifestações emotivas construídas pela voz de Jair Bolsonaro, como mostra o recorte [49], já analisado anteriormente.

[49] "É uma satisfação **[afeto: satisfação]** tê-los aqui. É um sinal que juntos nós podemos fazer muito pela nossa pátria", declarou. Aproveitou para convidá-los a integrar sua nova agenda. "Tive o prazer **[afeto: satisfação]** de estar em Araguari e, ao retornar, pousamos em um pequeno vilarejo de forma inopinada. Tinha umas 30 casinhas lá e vimos muita gente humilde", acrescentou.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

O afeto do tipo segurança inscrito visualmente na Fotografia 6 converge, pois, para os sentimentos expressos pelo presidente no modo verbal. Ainda que os gatilhos para tais afetos não sejam os mesmos, as emoções descrevem um presidente contente com o cenário que lhe é apresentado.

Com relação ao subsistema de apreciação, a Fotografia 6 permite ao leitor avaliar positivamente o evento em questão nas categorias de composição e valoração. A presença de Jair Bolsonaro na inauguração de uma obra pública confere valor de notícia ao acontecimento. O status, a importância ou a posição política do participante retratado em uma fotografia transmite noticiabilidade ao evento narrado (CAPLE, 2013). Nessa lógica, o leitor pode apreciar positivamente a situação representada, atribuindo a ela relevância política. Além disso, a disposição espacial do presidente na imagem – afastado do público e próximo da obra inaugurada – pode ser esteticamente avaliada de forma positiva pelo observador em termos de equilíbrio, pois se trata de uma obra sob a responsabilidade da União, por isso faz sentido que Bolsonaro figure como ator principal do evento.

É importante ressaltar que as ocorrências verbais de apreciação identificadas na reportagem divergem do cenário imagético retratado na Fotografia 6. No plano verbal, essas ocorrências estão concentradas na categoria de valoração: são 26 realizações no polo negativo e 3 no positivo; ver o Quadro 4.26. Sobressaem-se críticas à escalada agressiva do presidente contra contra membros da Suprema Corte e da Câmara dos Deputados. Ademais, as ocorrências de apreciação do tipo complexidade descrevem circunstâncias políticas desfavoráveis ao mandatário: são 6 ocorrências. Nenhuma dessas realidades está subentendida na Fotografia 6.

A Fotografia 7 reúne Bolsonaro, Davi Alcolumbre e Rodrigo Maia. Com os braços estendidos por trás de Maia e Alcolumbre, o presidente expressa cordialidade para com os dois, o que, em termos afetivos, pode ser lido como um sentimento de segurança. O gatilho para tal afeto é o encontro ocorrido entre eles. A nova agenda política do ex-capitão exigia ações de natureza pragmática – tal como uma boa relação institucional com o Poder Legislativo Federal. No encontro em questão, Bolsonaro assinara a prorrogação por mais dois meses do chamado coronavoucher, o auxílio emergencial de R$ 600,00 a pessoas de baixa renda, trabalhadores informais, desempregados e microempreendedores autônomos durante a pandemia.

Esse sentimento de segurança construído pela expressão corporal do presidente não está refletido verbalmente na matéria *Bolsonaro acuado* – ver o Quadro 4.19. Na reportagem, o jornalista não atribui ao ex-capitão nenhum afeto do tipo segurança. Todavia, tal sentimento se aproxima daquilo que a Fotografia 6 descreve. As realidades de mundo registradas nas Fotografias 6 e 7 reúnem, em sua gênese, cenários da nova agenda política de Jair Bolsonaro – o que a Fotografia 5 não o faz. Satisfação e segurança são sentimentos que implicam um estado

de confiança e acolhimento – em outras palavras, o que a nova agenda pretendia oferecer ao mandatário.

No modo verbal, 3 ocorrências de afeto do tipo inclinação mostram-se, semanticamente, relacionadas a esse estado de confiança e acolhimento descrito visualmente nas Fotografias 6 e 7. Nos recortes [49], [50] e [51], os termos *compaixão*, *planeja* e *quer* (estes dois últimos com orações projetadas) são sentimentos que revelam a vontade do presidente de efetivar sua nova agenda política.

[49] [Bolsonaro] demonstrou até compaixão **[afeto: inclinação]** com as vítimas da Covid-19 em uma live bizarra que incluiu o presidente da Embratur como sanfoneiro.
[50] Bolsonaro planeja **[afeto: inclinação]** recuperar a popularidade com inaugurações, que estão sendo discutidas com aliados políticos e deputados do Centrão.
[51] Agora, Bolsonaro quer **[afeto: inclinação]** criar o seu próprio Bolsa Família.
[Bolsonaro acuado, IstoÉ, ed. nº 2634]

Ainda sobre a Fotografia 7, no que tange ao subsistema de julgamento, o abraço que o presidente promove é lido como um gesto de aprovação para com Rodrigo Maia e Davi Alcolumbre. Bolsonaro é, então, o participante avaliador, enquanto os presidentes da Câmara e do Senado, alvos. O julgamento visual em questão é de estima social do tipo tenacidade. O que está sendo avaliada é a dedicação do ex-capitão ante um cenário político adverso. Na legenda, o termo *gesto de conciliação* converge para esse julgamento visual. A Figura 13 retoma a Fotografia 7 e aponta a correlação semântica entre esses julgamentos verbais e visuais.

Figura 13 – Correlação semântica entre valores de julgamento visuais e verbais em Bolsonaro acuado

BANDEIRA BRANCA Bolsonaro anuncia a prorrogação do auxílio emergencial, que vai se incorporar ao Bolsa Família, e faz um gesto de conciliação a Rodrigo Maia (esq.) e Davi Alcolumbre (Crédito:Pedro Ladeira)

Abraço (significante): gesto de conciliação (significado)

Além dessa correlação semiótica, é possível notar aquela entre a Fotografia 7 e o texto verbal da matéria *Bolsonaro acuado*. Como já discutido na seção 4.3 e mostrado no Quadro 4.21, prevalecem, no subsistema de estima social, ocorrências verbais do tipo tenacidade: são 37 realizações no polo positivo e outras 7 no negativo. Ao longo da reportagem, o ex-capitão é bem avaliado quanto à sua decisão de mudar a postura política, deixando de lado o radicalismo ideológico. Esse comportamento é retratado na Fotografia 7, cuja imagem descreve a persistência do presidente em diminuir os confrontos com o Poder Legislativo Federal.

Para compreender essa encenação política, é preciso compreender que Bolsonaro é um político antissistema que, como argumenta Nobre (2020, p. 15), precisa do sistema: "para ele, governar seria o mesmo que se render ao sistema". O autor explica que a tática populista e radical do presidente consiste em atacar as instituições do Estado – leia-se o sistema – sem a intenção real de sugerir ou promover quaisquer mudanças em seu funcionamento. O ex-capitão precisa do colapso e da crise social para fazer política. Assim, o gesto de conciliação que ele faz aos presidentes da Câmara e do Senado, após sucessivos ataques ao Poder Legislativo Federal, é parte de sua estratégia de governo.

Com relação aos significados visuais do tipo apreciação na Fotografia 7, os atores fotografados podem proporcionar relevância ao evento em questão. Os três participantes fazem parte da elite política do país, pois ocupam os cargos mais altos nos Poderes Legislativo e Executivo. Como explica Caple (2013), eventos que contam com a presença de políticos, autoridades públicas e celebridades estão propensos a serem noticiados. Isso, porque suas ações são mais consequentes do que ações de pessoas sem destaque na sociedade. Assim, o leitor pode atribuir importância ao encontro fotografado, avaliando-o na categoria de valoração.

No modo verbal, as ocorrências avaliativas por apreciação em *Bolsonaro acuado* não atribuem esse valor social ao encontro entre o ex-capitão, Davi Alcolumbre e Rodrigo Maia. Logo, entre os modos verbal e visual, não se constrói uma convergência de significados avaliativos no que tange à categoria de valoração. No modo verbal, apreciações do tipo valoração estão concentradas no polo negativo, na forma de reprovações ao modo como o presidente faz política. É possível notar, sim, uma correlação semântica de significados apreciativos visuais nas Fotografias 6 e 7. Em ambas as imagens, o leitor pode conferir aos eventos representados relevância social, já que reúnem personalidades da política envolvidos em acontecimentos importantes dentro e fora do campo político.

4.4 Avaliatividade verbal: marcas atitudinais na reportagem O capitão cloroquina

Em *O capitão cloroquina*, o que está em pauta é o empenho do presidente Jair Bolsonaro em divulgar a cloroquina como medicamento eficaz contra o novo coronavírus. A matéria narra uma série de condutas em que o mandatário estimula a população a consumir tal produto; algumas dessas condutas são narradas pelo próprio ex-capitão, na forma do discurso direto. A reportagem contextualiza três meses em que Bolsonaro fez aparições públicas exibindo a cloroquina e proferiu discursos nas redes sociais a favor do fármaco.

Ao longo da matéria, o jornalista aponta que o presidente politizou o vírus. Bolsonaro insinuara que a China teria fabricado a Covid-19 em laboratório, no contexto de uma guerra química contra o mundo. Por trás dessa atitude, estaria a tentativa, segundo a reportagem, de encobrir uma gestão econômica e de saúde pública insatisfatória e desacreditada por especialistas, população e imprensa. Além dessa estratégia, estaria a necessidade de fazer aceno à sua base de apoiadores – contrária à ideia da aquisição de vacinas para conter o avanço da doença. *O capitão cloroquina* expõe o desprezo de Bolsonaro para com a gravidade do novo coronavírus, logo para com a ciência e a medicina.

As 23 ocorrências de afeto em *O capitão cloroquina* descrevem sentimentos acerca do novo coronavírus e da cloroquina – medicamento propagandeado pelo presidente Jair Bolsonaro como tratamento indicado para a Covid-19. Essas ocorrências estão concentradas sobretudo no subsistema de segurança, como mostra o Quadro 4.28. Isso significa que interessa ao jornalista avaliar sentimentos relacionados ao bem-estar social de Bolsonaro e de outros participantes acerca da campanha pró-cloroquina promovida pelo mandatário.

Quadro 4.28 – Ocorrências de afeto na reportagem Bolsonaro acuado

Atitude	Categoria	Polaridade	Ocorrência
Afeto	felicidade	positiva	1
		negativa	0
	segurança	positiva	8
		negativa	5
	satisfação	positiva	0
		negativa	0
	inclinação	positiva	8
		negativa	1

Fonte: Elaboração própria

O subsistema de afeto contempla respostas avaliativas a emoções sentidas pelo falante ou atribuídas a outro ator social, e abrange não somente aspectos linguísticos, mas também pragmáticos. De acordo com Alba-Juez (2018, p. 229), a expressão linguística de sentimentos emerge dentro de um contexto avaliativo, o qual determina o tipo de afeto que o falante manifesta. “O tipo de sistema emotivo expresso por determinada situação discursiva tem ligação clara com a forma como os interlocutores avaliam essa situação”.

Em *O capitão cloroquina*, os aspectos linguísticos reservam-se a processos mentais e comportamentais; ver o Quadro 4.29. Essa predileção indica o propósito de descrever sentimentos na forma de desejos e percepções acerca da cloroquina e do novo coronavírus. Com relação aos aspectos pragmáticos, é imprescindível pontuar que a reportagem foi produzida durante uma crise de saúde pública sem precedentes na história das epidemias, em que o presidente da república propagandeava um tratamento ineficaz contra a doença (AMADO, 2022).

Quanto aos aspectos linguísticos, as realizações de afeto do tipo inclinação revelam os desejos do presidente de ter a cloroquina como medicamento usado no tratamento da Covid-19. Isso está presente nos trechos [1], [2] e [3], por meio dos processos mentais *quer* e *dese-*

java. É importante registrar que esse desejo do ex-capitão enfrentou forte resistência de dois ex-ministros da pasta da Saúde, Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich, os quais deixaram o governo porque se recusaram a indicar a cloroquina no tratamento precoce da doença.

[1] Com a cloroquina, quer **[afeto: inclinação]** causar um efeito de segurança na população, vender uma solução populista e mostrar que existe uma saída para uma doença letal.

[2] "Seu raciocínio é político, ele não tem compromisso com a saúde e quer **[afeto: inclinação]** simplesmente que as pessoas retomem a vida normal o quanto antes, prescrevendo um medicamento sobre o qual não há nenhum estudo conclusivo", diz.

[3] Em sua jornada embrutecida em defesa da cloroquina, Bolsonaro desejava **[afeto: inclinação]**, inclusive, mudar a bula do remédio e já acumulou estoques do produto suficientes para 18 anos de consumo em uma situação normal, segundo o Ministério da Defesa.

[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

No trecho [4], a ocorrência de afeto do tipo inclinação descreve negativamente o sentimento de Bolsonaro acerca dos efeitos da cloroquina em pacientes acometidos pelo coronavírus. O processo mental *preocupa*, antecedido pelo adjunto modal *não*, sinaliza o desprezo do presidente para com tais indivíduos. Sinaliza ainda, implicitamente, o despreparo de quem ocupa o cargo de chefia do Poder Executivo Federal em um período de pandemia.

[4] Contrariando o médico grego Hipócrates, que dizia que a função primordial de qualquer procedimento de saúde, antes de curar, é não prejudicar, o presidente expõe a população ao risco e não se preocupa com as consequências de suas iniciativas **[afeto: desinclinação]**.

[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

Essa falta de empatia com as vítimas da doença também está presente em outro trecho, o [5]. No dia 28 de abril de 2020, quando as mortes por coronavírus no Brasil passaram de 5 mil, Bolsonaro comentou:

[5] E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre.

[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

No recorte [6], por meio do processo mental *inspirado*, o jornalista sinaliza que a inclinação de Bolsonaro para com a cloroquina encontrou motivação nas ideias do então presidente dos Estados Unidos Donald Trump. Assim como o norte-americano, o ex-capitão foi contra medidas de isolamento social impostas por poderes estaduais para tentar conter a epidemia do coronavírus. Outra ação imitada pelo mandatário brasileiro foi jogar sua base de apoiadores contra instituições do Estado, alegando que elas não atendiam as necessidades da população.

Em suma, ambos se assemelhavam no tom radical dos discursos que faziam durante a pandemia – discursos direcionados às suas bases de apoio.

[6] Inspirado no americano Donald Trump, **[afeto: inclinação]** outro presidente a defender de maneira irresponsável remédios não provados, Bolsonaro vem fazendo propaganda da cloroquina desde abril.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

Ainda sobre as ocorrências na categoria de inclinação, os recortes [7] e [8] trazem sentimentos atribuídos a Bolsonaro no que tange ao seu modo de pensar diante da pandemia do coronavírus. As avaliações em questão são proferidas por Luiz Henrique Mandetta, ex-Ministro da Saúde do próprio governo Bolsonaro. O processo mental *pensa* e a nominalização *raciocínio* sinalizam afetos do tipo inclinação: trata-se de sentimentos de desprezo pela situação crítica pela qual o país passa no enfrentamento da doença.

[7] Ele só pensa politicamente e sem base científica, afirma **[afeto: inclinação]**.
[8] "Seu raciocínio é político **[afeto: inclinação]**, ele não tem compromisso com a saúde".
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

A única ocorrência de afeto do tipo felicidade descreve o sentimento de contentamento de Bolsonaro em relação ao uso que fez da cloroquina. No recorte [9], *contente* é um processo comportamental por meio do qual o jornalista sinaliza ao leitor a posição do presidente quanto à escolha do fármaco para o tratamento do coronavírus.

[9] Contente **[afeto: felicidade]** com a melhora no seu quadro clínico, declarou pelas redes sociais que o tratamento com a substância estava dando certo.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

Esse sentimento de felicidade reflete a defesa incondicional e reiterada que o mandatário promovia da cloroquina. Ainda que a droga tivesse sido testada e reprovada para o tratamento de pacientes com o novo coronavírus, Bolsonaro não apenas fez propaganda do medicamento, ele autorizou gasto público para financiar sua produção – tarefa que coube ao Laboratório do Exército executar.

Quadro 4.29 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de afeto na reportagem O capitão cloroquina

Nominalização	preocupação, raciocínio, evolução
Processo	doente, sentiu mal, contente, mal, sabemos, inspirado, pensa, quer, acredita, sentiu-se febril, dor no corpo, desejava, queria, convencidos, preocupa-se

Fonte: Elaboração própria

Quanto ao afeto do tipo segurança, importa ao jornalista descrever a condição mental do presidente após se contagiar pelo vírus. A reportagem *O capitão cloroquina* lista uma série de falas proferidas por Bolsonaro que minimizam a gravidade da doença – refletindo seu negacionismo em relação ao coronavírus. No recorte [10], o ex-capitão manifesta confiança no medicamento que propagandeia. O processo mental *confio* expressa tal sentimento.

[10] Contente com a melhora no seu quadro clínico, declarou pelas redes sociais que o tratamento com a substância estava dando certo. "Eu confio na hidroxicloroquina **[afeto: segurança]**, e você?", perguntava para seu público com uma pílula na mão.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

No trecho [11], Bolsonaro é participante experienciador de dois processos mentais que projetam seu sentimento sobre a eficácia da cloroquina. É importante pontuar que a posição defendida pelo mandatário ia ao encontro do que a bula do medicamento prescrevia sobre sua eficiência e efeitos colaterais. Em [12], o afeto do tipo segurança está no processo *acredita*.

[11] "Sabemos **[afeto: segurança]** que hoje em dia existem outros remédios que podem ajudar a combater o coronavírus, sabemos **[afeto: segurança]** que nenhum tem a sua eficácia cientificamente comprovada, mas (sou) mais uma pessoa em que está dando certo", concluiu.
[12] Agora que pegou o vírus, acredita **[afeto: segurança]** que tenha mais autoridade para tratar do assunto.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

A autoridade que o presidente atribui a si ao defender a eficácia da hidroxicloroquina faz parte da ideologia bolsonarista, afirma o jornalista Guilherme Amado (2022). O autor explica que o negacionismo e a desinformação orbitam o discurso do ex-capitão sobre a ciência. Ao se colocar como porta-voz da eficiência do fármaco, Bolsonaro estaria não somente promovendo desinformação, estaria também reforçando valores do bolsonarismo; postura essencial para a obtenção e manutenção de capital dentro de sua comunidade.

Por meio desses sentimentos avaliativos, o jornalista registra a posição ideológica que sustentava a propaganda da hidroxicloroquina e de outros medicamentos que o presidente promovia. A confiança no primeiro fármaco fez com que Bolsonaro autorizasse medidas que facilitavam a prescrição da cloroquina para pessoas acometidas pelo vírus.

A convicção do presidente na eficácia da cloroquina é construída avaliativamente por meio da nominalização *evolução*, no recorte [13]. O sentimento em questão é o de segurança.

[13] Diariamente, Bolsonaro vem descrevendo a evolução positiva **[afeto: segurança]** de seu quadro.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

Importa destacar que o jornalista se afasta desses sentimentos de segurança em relação à coloquina, haja visto que Bolsonaro é descrito como participante experienciador dos processos presentes nos recortes [10], [11], [12] e [13]. O jornalista opta por discursos diretos e indiretos, abrindo espaço para a voz do ex-capitão. Sendo assim, é o presidente quem confia, acredita, sabe e evolui – não o jornalista.

Com relação às ocorrências avaliativas do tipo julgamento, nota-se que as 83 escolhas – ver o Quadro 4.30 – justificam-se pelo propósito que guia a reportagem: avaliar a defesa pública feita por Bolsonaro acerca do uso da cloroquina como medicamento indicado para o tratamento da Covid-19. Importa ao jornalista, sobretudo, construir críticas na forma de sanções a essa alegação.

Quadro 4.30 – Ocorrências de julgamento na reportagem O capitão cloroquina

Atitude	Categoria	Subcategoria	Polaridade	Ocorrência
Julgamento	estima social	normalidade	positiva	0
			negativa	1
		capacidade	positiva	1
			negativa	3
		tenacidade	positiva	1
			negativa	23
	sanção social	veracidade	positiva	0
			negativa	47
		propriedade	positiva	0
			negativa	7

Fonte: Elaboração própria

Os julgamentos do tipo estima social priorizam a tenacidade de Jair Bolsonaro para emplacar a cloroquina como medicamento indicado no tratamento do novo coronavírus. São 23 escolhas avaliativas na forma de críticas. O único julgamento do tipo tenacidade positiva ocorre quando o jornalista elogia a conduta de dois ex-ministros da Saúde que agiram na contramão das posições do presidente. Isso pode ser lido no recorte [14].

[14] Enquanto isso, no Brasil segue-se o caminho oposto. Há dois meses, depois que dois ministros, Mandetta e Nelson Teich, divergiram do presidente sobre o uso da substância **[julgamento: estima social / +tenacidade]** e perderam o cargo **[julgamento: estima social / –tenacidade],** o Ministério, já sob o comando de Pazuello, bai-

xou um novo protocolo em que recomenda o uso da droga desde os primeiros sinais da Covid-19, inclusive para crianças e gestantes.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

A escolha do processo *divergiram* descreve a postura de Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich diante da insistência de Bolsonaro para com a cloroquina. Ainda no trecho [14], com o processo *perderam*, o jornalista avalia negativamente o alcance dessa obsessão, que foi o desligamento de dois ministros da Pasta da Saúde. Julgamento semelhante, mas com o processo *derrubou*, pode ser lido no recorte [15].

[15] Inspirado no americano Donald Trump, outro presidente a defender de maneira irresponsável remédios não provados, Bolsonaro vem fazendo propaganda da cloroquina desde abril e, nesse período, derrubou dois ministros **[julgamento: estima social / –tenacidade]**, os médicos Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich, por causa de divergências relacionadas ao uso indiscriminado da substância.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

Nesta última ocorrência, Bolsonaro é colocado como participante ator da ação; os dois ministros, como meta. Essa construção gramatical reforça a ideia de que o presidente agiu diretamente para que o Ministério da Saúde liberasse o uso amplo e precoce da cloroquina. No recorte [16], o julgamento em questão se faz na forma de uma crítica à atitude do ex-capitão de produzir um número expressivo da droga. A escolha do processo *acumulou* descreve isso.

[16] Em sua jornada embrutecida em defesa da cloroquina, Bolsonaro desejava, inclusive, mudar a bula do remédio e já acumulou estoques do produto suficientes para 18 anos de consumo em uma situação normal **[julgamento: estima social /–tenacidade]**, segundo o Ministério da Defesa.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

Outra vez, Bolsonaro é o ator da ação representada. O objetivo é representá-lo como participante obrigatório na construção gramatical de modo a lançar sobre ele o foco da avaliação. Isso se repete nos trechos [17] e [18].

[17] Bolsonaro age, neste momento, quando as mortes pela Covid-19 se aproximam de 70 mil, pensando na sua reeleição, em 2022 **[julgamento: estima social / –tenacidade]**. Como destaca Mandetta, que sofreu nas mãos do Bolsonaro por causa de suas restrições à cloroquina, o objetivo do presidente é encontrar uma solução política para uma crise de saúde.
[18] Bolsonaro reforçou seu intento de politizar a doença **[julgamento: estima social / –tenacidade]**.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

Em ambos, julga-se a tenacidade do presidente em politizar o coronavírus. Os comportamentos descritos pelos processos *age* e *politizar* vão ao encontro do que o ex-ministro Luiz Henrique Mandetta narra no livro *Um paciente chamado Brasil* (2020). Jair Bolsonaro, conta

ele, buscou minar a Agência Nacional de Vigilância Sanitária, questionou a segurança das vacinas e desprezou protocolos de prevenção à doença. Tudo isso motivado por uma ideologia negacionista, pautada na questão econômica.

> Ele queria no seu entorno pessoas que dissessem aquilo que ele queria escutar. E o que ele queria escutar era que a cloroquina era a salvação. Vamos dar esse remédio e pronto, está resolvido, era o que ele achava. Nunca na cabeça dele houve a preocupação de propor a cloroquina como um caminho de saúde. A preocupação dele era sempre "vamos dar esse remédio porque com essa caixinha de cloroquina na mão os trabalhadores voltarão à ativa, voltarão a produzir" (MANDETTA, 2020, p. 113).

A insistência do presidente em emplacar a cloroquina é novamente criticada, desta vez no recorte [19]. Por meio dos processos *ampliar* e *multiplicar*, bem como pela nominalização *gastos*, o jornalista negocia com o leitor a dimensão do plano em questão. Importa aqui não apenas reprovar a conduta do ex-capitão, mas expor seu projeto político.

[19] A mistificação em torno de seu uso contra a Covid-19, porém, fez o governo ampliar sua produção no Laboratório Químico e Farmacêutico do Exército **[julgamento: estima social / –tenacidade]**. Mais de R$ 1,58 milhão foram gastos na compra do princípio ativo para multiplicar por cem o volume normal de fabricação da droga **[julgamento: estima social / –tenacidade]**. Cerca de 95% dos gastos foram destinados para compra de cloroquina em pó **[julgamento: estima social / –tenacidade]**.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

O discurso que o jornalista constrói avaliativamente contesta a tese de Bolsonaro sobre a cloroquina: se a eficácia do medicamento para o coronavírus não foi comprovada, não haveria razão para elevar o número de comprimidos produzidos. Essa crítica é reforçada novamente no trecho [20]. O processo relacional *tem* sinaliza pose entre duas entidades: o Governo Federal e a cloroquina. A ideia é mostrar a responsabilidade do Planalto nas medidas adotadas para conter o avanço da doença.

[20] Governo tem estoque de cloroquina para 18 anos de consumo normal **[julgamento: estima social / –tenacidade]**. O medicamento, rejeitado pela OMS no combate à Covid-19, é comumente indicado para a malária.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

É importante registrar que a cloroquina fez parte do kit covid: denominação atribuída a um conjunto de medicamentos que supostamente curariam a pessoa acometida pelo vírus. No livro *Um paciente chamado Brasil* (2020), Mandetta argumenta que a obsessão do presidente pelo fármaco fazia parte de sua ideologia negacionista à ciência.

> Para Bolsonaro a solução sempre foi simples: o projeto dele para o combate à pandemia é dizer que o governo tem o remédio e quem tomar o remédio vai ficar bem. Só vai morrer quem já ia morrer de qualquer maneira. E ele não conseguiu se desfazer da ideia mesmo com as pesquisas internacionais alertando para o risco do medicamento, dos seus efeitos colaterais, o risco da automedicação e sobre as sérias dúvidas quanto à eficácia da cloroquina no tratamento (MANDETTA, 2020, p. 114).

Assim, é inevitável dissociar essa tenacidade ao despreparo do mandatário. As ocorrências de julgamento do tipo capacidade mostram como o projeto político por trás da propaganda da cloroquina se sustentava na incapacidade de Jair Bolsonaro para as funções que lhe cabiam. No recorte [21], é possível ler exatamente isso no processo *vilipendia* e na nominalização *ignorância*.

[21] O que vê hoje é um presidente que vilipendia diariamente a ciência e a medicina **[julgamento: estima social / – tenacidade]** e dá sucessivos exemplos de ignorância **[julgamento: estima social / –capacidade]**.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

O ato de desacreditar a ciência e a medicina é parte integrante da tentativa de emplacar a cloroquina como tratamento adequado à Covid-19. E mais: parte integrante do discurso anticiência da ideologia bolsonarista (AMADO, 2022). As ameaças sistemáticas a todo discurso científico que atestava a gravidade da doença foi duramente criticado por Bolsonaro. Essa parece ser a razão de selecionar o termo avaliativo *ignorância*.

No recorte [22], a crítica ao despreparo do presidente e de sua equipe de governo fica a cargo de uma voz externa. O julgamento se faz por meio do processo material *vai ser jogada* e se refere aos milhões de comprimidos de cloroquina produzidos pelo Laboratório Químico e Farmacêutico do Exército. A crítica negocia com o leitor a posição assumida pelo jornalista no trecho [19], quando emprega os processos *ampliar* e *multiplicar* para avaliar a tenacidade de Bolsonaro para com a droga em questão.

[22] "Queria saber o que o governo vai fazer com esse estoque", afirma o médico Leonardo Weissmann, infectologista do Hospital Emílio Ribas e membro da Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI). "Provavelmente uma boa parte vai ser jogada no lixo porque perderá a validade" **[julgamento: estima social / –capacidade]**.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

No recorte [23], o julgamento está centrado nas consequências da politização que Bolsonaro promoveu sobre o coronavírus. As normas e os decretos relativos à doença publicados pelo Governo Federal, aliados às falas do mandatário, atrasaram medidas direcionadas a combater o vírus. A escolha do processo *atrasou* descreve avaliativamente isso.

[23] Para a OMS, o grande erro do governo brasileiro na condução do combate à pandemia tem sido a "politização do vírus", que atrasou **[julgamento: estima social / –capacidade]** as autoridades no reconhecimento da gravidade da doença e impôs uma visão distorcida de como combatê-la.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

É importante destacar que a única ocorrência de julgamento do tipo capacidade positiva é atribuída à voz do presidente. No recorte [24], o atributo *autoridade* constrói um elogio ao ex-capitão – resultado de sua experiência com o vírus após ser contraído pelo doença.

[24] Circulou sem se preocupar com seus semelhantes e fez novas afirmações estapafúrdias: "Vírus é como chuva, vai atingir você", declarou. Agora que pegou o coronavírus, acredita que tenha mais autoridade **[julgamento: estima social / +capacidade]** para tratar do assunto.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

Ainda no subsistema de estima social, está uma única ocorrência de julgamento do tipo normalidade. No trecho [25], o atributo *típico* avalia negativamente a postura do presidente de politizar o vírus. Essa postura é considerada um comportamento comum do ex-capitão.

[25] Como destaca Mandetta, que sofreu nas mãos do Bolsonaro por causa de suas restrições à cloroquina, o objetivo do presidente é encontrar uma solução política para uma crise de saúde, algo que é típico de sua maneira de pensar **[julgamento: estima social / –normalidade]**.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

De fato, como explica Mandetta (2020, p. 160), desde a confirmação dos primeiros casos da doença no Brasil, Bolsonaro politizou o vírus, acreditando ser tudo aquilo uma conspiração liderada por seus inimigos políticos: "Quando ele viu a adesão da população às pautas da saúde, criou na cabeça a teoria de que o isolamento social era uma conspiração do Doria, do DEM, do Rodrigo Maia, minha, do Nordeste".

Os julgamentos negativos à postura do presidente Jair Bolsonaro são críticas ao negacionismo e à negligência no enfrentamento à Covid-19. O que se negocia com o leitor é o despreparo do ex-capitão. As realizações léxico-gramaticais dessas avaliações estão concentradas na forma de processos materiais, logo na metafunção ideacional; ver o Quadro 4.31. Isso permite ao jornalista construir uma realidade de mundo para o presidente na forma de discurso, atribuindo-lhe papel central na tentativa de emplacar um medicamento sem eficácia para o tratamento da doença.

Quadro 4.31 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem O capitão cloroquina: as ocorrências por tenacidade, normalidade e capacidade

Adjunto	sem máscara
Atributo	típico, autoridade
Nominalização	aumento, gastos, compromisso, solução, reação, tentativa, ignorância, tratamento, uso
Processo	vilipendia, dizer, politizar, tomou, derrubou, tem, age, sofreu, comportando, encontrou, circulou, acumulou, ampliar, multiplicar, vai ser jogada, divergiram, perderam

Fonte: Elaboração própria

Os julgamentos realizados no subsistema de sanção social somam-se 54 realizações – todas no polo negativo. Prevalecem ocorrências na categoria de veracidade, isto é, julgamentos que condenam as mentiras que Jair Bolsonaro conta para promover a cloroquina. O discurso que tais avaliações engendram aponta que o ex-capitão agrega à epidemia um ambiente político de conflitos.

Depreende-se, portanto, que a postura do presidente para com tal medicamento viola normas legais. A matéria *O capitão cloroquina* mostra que Bolsonaro faz propaganda massiva de um remédio que seria infalível contra o novo coronavírus. Os julgamentos construídos pelo jornalista fundamentam-se nos artigos 132 e 283 do Código Penal (BRASIL, 1940):

Art. 132 – Expor a vida ou a saúde de outrem a perigo direto e iminente
Pena – detenção, de três meses a um ano, se o fato não constitui crime mais grave

Art. 283 – Inculcar ou anunciar cura por meio secreto ou infalível:
Pena – detenção, de três meses a um ano, e multa.

No recorte [26], por meio da nominalização *indução*, o jornalista reprova o comportamento de Bolsonaro para promover a cloroquina. Induzir é fazer com que alguém acredite ou passe a acreditar em algo. Era esse o propósito do presidente em relação à eficácia de tal medicamento. Ele queria que a população acreditasse na eficiência do remédio, a despeito de evidências científicas atestarem sua inutilidade.

[26] Entre os absurdos cometidos pelo presidente Jair Bolsonaro em seu governo, o maior e mais grave é a indução do uso da cloroquina e de seu derivado, a hidroxicloroquina, no combate ao coronavírus **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

O próprio Ministério da Saúde admitia essa ineficácia em documentos oficiais. Isso sinaliza como o presidente sabotava ações do seu próprio governo. Mandetta (2020, p. 113) narra uma situação em que tal realidade já se fazia presente no Planalto: "Foi nesse dia que percebi que ele estava convocando por conta própria pessoas alinhadas à política que ele achava adequada, que era a da defesa da cloroquina".

A defesa de um medicamento ineficaz exigiu de Jair Bolsonaro má-fé. Esse comportamento é negativamente avaliado no recorte [27], por meio dos processos *iludir* e *tenta criar*.

[27] Além de iludir os brasileiros **[julgamento: sanção social / –veracidade]**, Bolsonaro, evidentemente, tenta criar algum efeito placebo entre seus seguidores, fazer com que se curem baseados em crenças **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

Com essas escolhas avaliativas, o jornalista descreve como Bolsonaro induzia a população a acreditar na eficiência da cloroquina. Essa apologia ao fármaco se reveste, portanto, de mentiras. A ideia é situar tais comportamentos no âmbito da ética política. No recorte [28], o processo material *mudar* descreve uma conduta criminosa, expondo o papel do presidente na tarefa de tornar a cloroquina medicamento indicado para curar o novo coronavírus.

[28] Em sua jornada embrutecida em defesa da cloroquina, Bolsonaro desejava, inclusive, mudar a bula do remédio **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

No trecho [29], Bolsonaro é novamente representado como ator de processos materiais que descrevem sua atuação na defesa da cloroquina. Isso ocorre com *incentivar* e *afrontar*. A escolha léxico-gramatical do adjunto *sem ser médico* é, portanto, fundamental nessa lógica avaliativa, pois sinaliza ao leitor que o presidente age não só de forma irresponsável, mas criminosa. Na verdade, como revela Mandetta (2020), Bolsonaro cercou-se de médicos que realmente acreditavam na eficácia da cloroquina. O aconselhamento paralelo que recebia reforçava sua ideologia negacionista, explica o ex-ministro.

[29] Ele já poderia estar sendo acusado de charlatanismo **[julgamento: sanção social / –veracidade]** por incentivar **[julgamento: sanção social / –veracidade]** o uso de substâncias farmacêuticas sem ser médico **[julgamento: sanção social / –veracidade]** e afrontar um protocolo técnico **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

Ainda neste trecho [29], a nominalização *charlatanismo* reforça o julgamento de que o presidente iludiu a boa-fé de pessoas acometidas pelo vírus ou assustadas com o avanço da doença. No trecho [30], esse julgamento é construído pelo processo material *intensifica*. Na oração, Bolsonaro é o agente da ação representada.

[30] Mesmo assim, agora que diz estar doente, que seu teste deu positivo para a Covid-19, ele intensifica seus esforços para alardear os milagres da cloroquina **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

Recorrer a essa representação de mundo é essencial para o discurso crítico que o jornalista constrói para a atuação do presidente. Importa representá-lo como o agente responsável por divulgar e orientar o uso da cloroquina para o combate à Covid-19. Isso ocorre também no recorte [31], em que os processos materiais *politizar* e *propagandear* condenam ações direcionadas à defesa do fármaco.

[31] Dois dias depois, Bolsonaro reforçou seu intento de politizar a doença **[julgamento: sanção social / –veracidade]** e propagandear um tratamento duvidoso **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

As ocorrências de julgamento do tipo veracidade revelam como o jornalista busca descredibilizar Jair Bolsonaro. E as escolhas léxico-gramaticais são indispensáveis para isso. No recorte [32], por meio do processo *vilipendia*, descreve-se o menosprezo do presidente em relação à ciência e à medicina. O comportamento retratado fez parte do discurso anticiência que o mandatário verbalizou para enaltecer a cloroquina. Mais do que condenar a postura de Jair Bolsonaro, o termo expõe seu despreparo e mira o estoque de capital político do ex-capitão.

[32] O que se vê hoje é um presidente que vilipendia diariamente a ciência e a medicina **[julgamento: sanção social / –veracidade]** e dá sucessivos exemplos de ignorância.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

A escolha do processo *vilipendia* não está descolada da realidade. Bolsonaro sempre se colocou contra medidas para contenção do coronavírus (AMADO, 2022). Sua divergência não era apenas com adversários políticos. A objeção era com a saúde, as orientações médicas, a ciência. Em razão disso, justifica-se a seleção do léxico atitudinal em questão.

Outros termos que negociam o despreparo do presidente, assim como a natureza negacionista de suas ações, estão no recorte [33]. Os processos materiais *defender* e *vem fazendo* avaliam negativamente condutas de Bolsonaro em sua jornada na defesa da cloroquina. As ações descritas mostram o papel desempenhado por ele nesse projeto.

[33] Inspirado no americano Donald Trump, outro presidente a defender de maneira irresponsável remédios não provados, **[julgamento: sanção social / –veracidade]** Bolsonaro vem fazendo propaganda da cloroquina desde abril **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

Condenar tais condutas implica descredibilizar o presidente. O capital político que ele reúne lhe confere uma posição de superioridade social – consequentemente, uma posição de poder (BOURDIEU, 2009). Nessa lógica, ao condenar os comportamentos em questão, o jornalista ataca esse atributo; ataca a "inteligência" e a "sensibilidade" que o capital político lhe proporciona. Isso também é visto no recorte [34].

[34] Como destaca Mandetta, que sofreu nas mãos do Bolsonaro por causa de suas restrições à cloroquina, o objetivo do presidente é encontrar uma solução política para uma crise de saúde **[julgamento: sanção social / –veracidade]**, algo que é típico de sua maneira de pensar.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

O comportamento em cena mostra que Bolsonaro trata a complexidade do coronavírus pelo viés político, o que alimentava o discurso anticiência em sua base de apoio (AMADO, 2022). Situar esse julgamento no subsistema de sanção social por veracidade implica considerar que o presidente mente e induz a população a usar medicamento ineficaz contra o vírus.

No recorte [35], para descredibilizar o capital político de Bolsonaro, o jornalista usa o atributo *capitão cloroquina*. O termo carrega consigo uma crítica à ação do presidente para a promoção da cloroquina. Nos trechos [36] e [37], observa-se essa mesma estratégia avaliativa, desta vez com os qualificadores *garoto-propaganda* e *curandeiro de feira*.

[35] O capitão cloroquina **[julgamento: sanção social / –veracidade]**
[36] Como bom garoto-propaganda **[julgamento: sanção social / –veracidade]**, dirá que foi graças a ela.
[37] Como um curandeiro de feira **[julgamento: sanção social / –veracidade]**, oferece a substância para o povo como uma prevenção ou uma cura mágica e busca a legitimidade dos enfermos para falar da doença.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

Os valores negociados são os de obscurantismo, crime e despreparo. Como narra o jornalista Guilherme Amado (2022), Bolsonaro usou a cloroquina como peça de propaganda negacionista em diversas situações, como em lives na internet, entrevistas à imprensa, interações com apoiadores. O presidente emprestou seu capital político à publicidade do fármaco.

Os comportamentos descritos nestes recortes confrontam a legislação sobre propaganda de medicamentos. A lei 9.294 determina que comunicações sobre fármacos tarja preta ou vermelha (caso da hidroxicloroquina) devem ser obrigatoriamente direcionadas a profissionais de saúde e publicadas somente em veículos técnico-científicos (BRASIL, 1996). As restrições que a lei impõe são burladas pelo presidente.

Além de Bolsonaro, seu governo também é julgado quanto ao empenho para emplacar a cloroquina como medicamento para tratar a Covid-19. No recorte [38], os comportamentos do então Ministro da Saúde Eduardo Pazuello são reprovados por meio de julgamentos do tipo veracidade. Em cena, estão condutas enganosas quanto à eficácia do fármaco.

[38] Colocou no lugar o general Eduardo Pazuello, que só faz criar facilidades para estimular o consumo do remédio **[julgamento: sanção social / –veracidade]**, como mudar seu protocolo de utilização **[julgamento: sanção social / –veracidade]** e permitir seu uso **[julgamento: sanção social / –veracidade]**, inclusive, para crianças e gestantes. A principal função de Pazzuello, neste momento, é distribuir comprimidos pelo Brasil **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

Pazuello é o ator dos processos em destaque. Cabe a ele operar um plano de tornar a cloroquina medicamento disponível para a população brasileira. Essa representação está construída também no recorte [39], em que o general é outra vez colocado como participante principal da ação descrita.

[39] O Ministério, já sob o comando de Pazuello, baixou um novo protocolo em que recomenda o uso da droga desde os primeiros sinais da Covid-19 **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

A recomendação que Pazuello faz em relação à cloroquina é julgada como uma conduta desonesta, na medida em que a eficácia do remédio já havia sido questionada por autoridades em saúde pública. Uma dessas autoridades é a Organização Mundial de Saúde, que é inserida no texto da reportagem para reforçar as sanções ao governo Bolsonaro. No recorte [40], a sanção se faz por meio das nominalizações *erro, politização* e *visão distorcida*.

[40] Para a OMS, o grande erro do governo brasileiro na condução do combate à pandemia **[julgamento: sanção social / –veracidade]** tem sido a "politização do vírus" **[julgamento: sanção social / –veracidade]**, que atrasou as autoridades no reconhecimento da gravidade da doença e impôs uma visão distorcida **[julgamento: sanção social / –veracidade]** de como combatê-la.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

A instituição avalia que Bolsonaro e sua equipe de ministros estimularam o radicalismo político ao tratar das formas de prevenção e tratamento do coronavírus. Isso fica claro com os termos *politização do vírus* e *visão distorcida*. O governo Jair Bolsonaro travou uma disputa de ordem ideológica e política com estudos científicos acerca da produção de vacinas contra o vírus SARS-CoV-2. Desde o início da testagem dos imunizantes, o presidente e ministros refutavam os resultados obtidos, desqualificando-os em entrevistas à imprensa e em redes sociais. No trecho [40], importa ao jornalista trazer a voz da Organização Mundial de Saúde a fim de registrar o caráter enganador das ações do presidente.

Outra autoridade que tem a voz inserida no texto de modo a criticar comportamentos do governo quanto à adoção da cloroquina é o médico Leonardo Weissmann – infectologista e membro da Sociedade Brasileira de Infectologia. No recorte [41], é ele quem julga negativamente a insistência do governo Bolsonaro no fármaco em questão. Por meio do processo *insistindo*, reforça-se o discurso crítico ao presidente, na medida em que expõe sua política de saúde pública para combater o vírus.

[41] Weissmann, como a maioria de seus pares, vê o governo, sem evidências científicas, insistindo numa medicação ineficaz contra a Covid-19 **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

A articulação dessa voz com aquela da Organização Mundial de Saúde, ao lado da voz do jornalista, mostra como o discurso construído ao longo da reportagem não abre espaço para a contradição. Os comportamentos avaliados são atos criminosos, na medida em que se trata de condutas que ferem legislações sobre o uso e a propaganda de medicamento. A presença de um único discurso no texto – explica Fairclough (2003) – sinaliza como as posições de poder e o controle dos significados são negociados socialmente.

Para o jornalista, não importa negociar valores em defesa da ideologia bolsonarista, em particular aqueles do negacionismo científico. Essa postura ideológica reflete – como argumenta van Dijk (1988) – a imprensa como instrumento de convencimento político. Paralelo

às sanções que impõe ao presidente e ao seu governo, o jornalista negocia e sustenta valores políticos – por isso as escolhas léxico-gramaticais são imprescindíveis. É com elas que ele critica o comportamento enganador de Bolsonaro quanto à cloroquina, ao mesmo tempo em que negocia uma única leitura para os fatos descritos. Essas escolhas traduzem a linha editorial de IstoÉ e significam a ótica através da qual a empresa vê o mundo.

No nível léxico-gramatical, os julgamentos do tipo veracidade estão concentrados majoritariamente na forma de processos materiais e verbais – ver o Quadro 4.32. Importa ao jornalista representar experiências avaliativas enquanto dizeres e ações de Bolsonaro em relação a falácias sobre a cloroquina. Isso lhe permite colocar o presidente como participante central das realidades de mundo retratadas.

Jair Bolsonaro esteve à frente de um projeto político e ideológico de emplacar a cloroquina como medicamento eficaz na prevenção e cura do vírus SARS-CoV-2. Esse é o motivo principal para situá-lo como participante dizente e ator de processos que representam falas e ações do mandatário sobre o fármaco.

Quadro 4.32 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem O capitão cloroquina: as ocorrências por veracidade

Adjunto	sem ser médico
Atributo	capitão cloroquina, garoto-propaganda, curandeiro de feira
Nominalização	charlatanismo, divergências, incentivo, mentira, jornada, erro, politização, visão distorcida, caminho oposto, distorções, propaganda bolsonarista, estrago
Processo	vilipendia, incentivar, afrontar, promove, intensifica, politizar, propagandear, defender, vem fazendo, criar, mudar, permitir, distribuir, encontrar, vai intensificar, prescrevendo, oferece, busca, vender, insistindo, defendia, recomenda, mostrar, iludir

Fonte: Elaboração própria

No subsistema de propriedade, as realizações léxico-gramaticais estão distribuídas na forma de nominalizações e processos – ver o Quadro 4.33. Na verdade, sobressaem processos materiais, o que indica a prevalência por colocar Bolsonaro como ator central das ações reprovadas e, assim, fomentar o discurso crítico à sua gestão.

Quadro 4.33 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem O capitão cloroquina: as ocorrências por propriedade

Nominalização	superfaturamento, uso
Processo	contribuir, expõe, ajudar, atrapalha, aumenta

Fonte: Elaboração própria

No recorte [42], a sequência de ações descritas resume o papel desempenhado por Bolsonaro no combate ao coronavírus. Os processos *expõe*, *atrapalha*, *aumenta* e *ajuda* – antecedido pelo adjunto modal de negação *não* – são julgamentos na forma de sanção social à responsabilidade que cabe ao mandatário.

[42] (...) o presidente expõe a população ao risco **[julgamento: sanção social / –propriedade]** e não se preocupa com as consequências de suas iniciativas. Além de não ajudar no combate à doença **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, ele atrapalha **[julgamento: sanção social / –propriedade]** e, diante do avanço da pandemia, aumenta o sofrimento dos brasileiros **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

Com esses julgamentos, o jornalista mostra como o presidente se furta ao seu dever de chefe do Poder Executivo Federal e atua para prejudicar o cenário de pandemia no país. No livro *Sem máscara: o governo Bolsonaro e a aposta pelo caos*, Amado (2022, p.63) explica que o ex-capitão, desde os primeiros casos da doença, sempre menosprezou a gravidade da situação: "(Bolsonaro) defendeu que 'a questão do coronavírus' era fantasiosa. 'Muito do que tem ali é mais fantasia, a questão do coronavírus, que não é isso tudo que a grande mídia propaga'".

Quanto às avaliações construídas por meio de escolhas léxico-gramaticais realizadas no subsistema de apreciação, foram identificadas 23 ocorrências. Predominam avaliações negativas construídas pela voz autoral, particularmente as do tipo valoração; são 17 ocorrências. A voz de Jair Bolsonaro não realiza nenhuma avaliação apreciativa, ao passo que vozes compatíveis com o discurso do jornalista, sim; são 3 ocorrências. O levantamento quantitativo das avaliações do tipo apreciação está reunido no Quadro 4.34.

Quadro 4.34 – Ocorrências de apreciação na reportagem O capitão cloroquina

Atitude	Categoria	Subcategoria	Polaridade	Ocorrência
Apreciação	reação	impacto	positiva	0
			negativa	2
		qualidade	positiva	1
			negativa	2
	composição	equilíbrio	positiva	0
			negativa	0
		complexidade	positiva	0
			negativa	0
	valoração		positiva	0
			negativa	18

Fonte: Elaboração própria

Ainda no *lead* da reportagem, o jornalista tece críticas àquilo que seria o maior e mais grave erro do governo Bolsonaro: a aposta na cloroquina. No recorte [43], negocia-se com o leitor uma reação negativa à política de saúde pública adotada pelo mandatário.

[43] Entre os absurdos cometidos pelo presidente Jair Bolsonaro em seu governo, o maior **[apreciação: reação / –impacto]** e mais grave **[apreciação: reação / –impacto]** é a indução do uso da cloroquina e de seu derivado, a hidroxicloroquina, no combate ao coronavírus.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

A decisão de negar a gravidade do vírus fez parte dos primeiros pronunciamentos que o presidente deu em cadeia de rádio e televisão para falar sobre a doença. No dia 24.03.2020, por exemplo, ele declarou que a imprensa espalhou pânico em torno do coronavírus:

> Grande parte dos meios de comunicação foi na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio de um grande número de vítimas na Itália, um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. Um cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país (GRIPEZINHA: leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre covid-19, 2020).

Inserir as avaliações *maior* e *grave* já no *lead* significa antecipar ao leitor o tema global da notícia. Segundo van Dijk (1988), o *lead* é um dos objetos do discurso da imprensa. É nele que o jornalista deposita a informação mais importante ou proeminente da notícia. Nessa lógica, os epítetos *maior* e *grave* suscitam, discursivamente, os significados globais da reportagem. Dessa forma, os fios condutores para que o leitor faça inferências sobre os significados atitudinais do texto estão nas apreciações negativas *maior* e *grave*.

No trecho [44], seguindo o fio condutor de significados atitudinais presentes no *lead*, o jornalista, avalia negativamente a eficácia da cloroquina, agora por meio da nominalização *malefício* e do processo *aumentando*.

[44] Não há qualquer comprovação de que a droga que ele promove funcione. Pelo contrário, todos os ensaios preliminares com alguma credibilidade mostram que causa mais malefícios **[apreciação: reação / –qualidade]** do que benefícios, aumentando o risco de arritmias e ataques cardíacos nos contaminados **[apreciação: reação / –qualidade]**.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

O que está sendo criticada é a qualidade do medicamento, que, já naquele pronunciamento do dia 24 de março era anunciado como o remédio que poderia curar a Covid-19.

> Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einsten, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da cloroquina no tratamento da Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre este remédio (GRIPEZINHA: leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre covid-19, 2020).

Omitidos desse pronunciamento estavam os efeitos colaterais graves que a cloroquina causava nos pacientes. No trecho [45], o jornalista faz alusão a tais consequências por meio do epíteto *maléficos* e do processo *inibir*.

[45] Weissmann, como a maioria de seus pares, vê o governo, sem evidências científicas, insistindo numa medicação ineficaz contra a Covid-19 que já apresentou efeitos maléficos **[apreciação: –valoração]**. Cerca de 10% dos contaminados pela Covid-19 enfrentam complicações cardíacas por causa de doenças pré-existentes. Nesse grupo, o risco de um comprometimento grave e até fatal cresce consideravelmente. Não faltam argumentos para inibir o uso indiscriminado da droga **[apreciação: –valoração]**.

Com *maléficos*, o jornalista expõe novamente os riscos da cloroquina no tratamento da Covid-19, a fim de rebaixar seu valor social. A repetição desse discurso cumpre a função de controlar os significados atitudinais ativados no *lead* – recorte [43]. O processo material *inibir* é outra escolha léxico-gramatical nessa lógica avaliativa. Com ele, o jornalista afasta seu discurso das posições que acreditam que o medicamento tem efeito favorável na evolução clínica de pacientes acometidos pela doença.

Ciente de que a imprensa é um campo de disputa de significados, o jornalista constrói e ampara seu discurso em apreciações que rebaixam o valor social do discurso do presidente Jair Bolsonaro. Isso ocorre com o epíteto *estapafúrdias* no recorte [46]. Em cena, está uma fala do mandatário sobre o vírus da Covid-19.

[46] Circulou sem se preocupar com seus semelhantes e fez novas afirmações estapafúrdias: **[apreciação: –valoração]** "Vírus é como chuva, vai atingir você", declarou.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

O qualificador *estapafúrdias* confere à fala do presidente uma dimensão descabida, irracional, ilógica. Isso se repete com *tolices* em [47].

[47] Festival de tolices **[apreciação: –valoração]**. O que Bolsonaro diz sobre a Covid-19:
- Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar.
- E daí?! Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou messias, mas não faço milagre.
- Pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

Essas descrições avaliativas mostram que o presidente imprimia à realidade pandêmica um viés ideológico. Amado (2022, p. 107) explica que Bolsonaro, por diversas vezes, usou o coronavírus para atacar adversários políticos, atribuindo-lhes a culpa pela crise econômica que o país enfrentava. O ex-capitão, explica o autor, sempre buscou dividir o espectro político entre nós e eles, a fim de acirrar conflitos já existentes desde a eleição presidencial para 2018.

> Em 25 de março, no dia seguinte ao pronunciamento, o Palácio do Planalto ensaiou lançar a campanha "O Brasil não pode parar", uma defesa da tese de que o isolamento social seria pior do que a pandemia em si. Produziu-se um vídeo que, à guisa de experimentação, foi inicialmente distribuído no perfil da Secretaria de Comunicação no Instagram e em perfis bolsonaristas. O texto repetia a mensagem de Bolsonaro na televisão na véspera e dizia que a covid só era perigosa para idosos.

Rebaixar o significado social de falas do presidente é reforçar o discurso condenatório direcionado à ação propagandista que o ex-capitão promove em favor da cloroquina. É, pois, negar a desordem que o discurso de Bolsonaro impõe sobre a realidade da pandemia. No tercho [48], o jornalista expõe e reprova essa desordem por meio do atributo *desacreditado*.

[48] O comportamento de Bolsonaro encobre uma grande preocupação e não é mais do que uma tentativa de salvar seu governo, desacreditado **[apreciação: –valoração]** pela reação atabalhoada no combate ao coronavírus.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

No recorte [49], outro atributo que desqualifica o discurso pró-cloroquina é *desastre*. Seu emprego guarda relação semântica com *maior* e *grave* – presentes no recorte [43]. Essas escolhas estão alinhadas ao discurso pró-ciência a que o jornalista recorre e distantes do estímulo à desinformação, estratégia política adotada por Bolsonaro para promover a cloroquina.

[49] Segundo o médico sanitarista Gonzalo Vecina Neto, professor da USP e ex-presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, o que está acontecendo com a cloroquina "é um desastre" **[apreciação: –valoração]**.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

No recorte [50], a avaliação apreciativa não está inscrita. Ela exige que o leitor reconheça o histórico do médium João de Deus – autoproclamado curandeiro espiritual. Lado a lado, colocam-se dois tipos de tratamento de doenças: a cloroquina e a cirurgia espiritual. Para o ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, autor da avaliação em questão, ambos os métodos são inválidos.

[50] "O médium João de Deus tem o mesmo índice de cura que a cloroquina" **[apreciação: –valoração]**, diz o ex-ministro. "Como, em média, 97% das pessoas que pegam a doença se curam com ou sem remédios ou apesar deles, o presidente aproveita esse espaço de incerteza para promovê-la".
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

Outras ocorrências de apreciação que desqualificam o discurso pró-cloroquina estão no recorte [51]. Nele, o cardiologista Renato Lopes atribui ao medicamento irrelevância para o tratamento de pacientes acometidos pela Covid-19. A nominalização *falta de certeza e clareza* e o processo existencial *há* (antecedido pelo adjunto *não*) traduzem a crítica que o médico faz ao fármaco. Essas avaliações estão alinhadas àquilo que o jornalista reprova no *lead*: a adoção da cloroquina como medicamento para o tratamento da doença.

[51] O cardiologista Renato Lopes, professor livre docente da Escola Paulista de Medicina (Unifesp) e da Duke University, que participou de um estudo amplo sobre o uso de medicamentos sem evidências científicas em pessoas com problemas no coração, diz que o caso da cloroquina é exemplar da falta de certeza e clareza em um tratamento médico **[apreciação: –valoração]**. Para ele, nas atuais circunstâncias, sem estudos confiáveis e conclusivos, não há qualquer motivo para indicar a droga contra a Covid-19 **[apreciação: –valoração]**.

As escolhas léxico-gramaticais que o jornalista realiza no subsistema de apreciação revelam sua predileção por epítetos; mais precisamente, predileção por qualificar negativamente o significado social do uso da cloroquina como medicamento indicado para tratar a Covid-19. O Quadro 4.35 reúne essas escolhas.

Quadro 4.35 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de apreciação na reportagem O capitão cloroquina

Atributo	desastre
Processo	aumentando, inibir, há
Nominalização	malefícios, tratamento, problema, gravidade
Epíteto	maior, grave, tolices, estapafúrdias, maléficos

Fonte: Elaboração própria

Em síntese, o jornalista, que constrói sua opinião essencialmente por meio de julgamentos negativos do tipo veracidade, negocia com o leitor uma posição crítica à ideia de Bolsonaro promover a cloroquina como medicamento eficaz contra a Covid-19. As escolhas avaliativas que ele faz materializam sanções à postura do ex-capitão, uma vez que o medicamento não tem eficácia comprovada para o tratamento da doença. Essas escolhas expõem, ainda, um abuso de poder por parte do mandatário, que usa a máquina pública para disseminar mentiras sobre o fármaco em questão.

4.4.1 O discurso fotográfico em O capitão cloroquina

Antes de tudo, cabe registrar que a Fotografia 8 não foi produzida pela equipe jornalística de IstoÉ. A imagem foi retirada de um vídeo publicado por Jair Bolsonaro na rede social Facebook, em 07.07.2020. No enquadramento, o presidente segura um comprimido de hidoxicoloroquina, medicamento sugerido pelo próprio mandatário para tratamento da Covid-19. Situada abaixo do *lead*, a foto cumpre a função de registrar visualmente o papel de garoto-propaganda que Bolsonaro exerce para com o fármaco.

Fotografia 8 é, portanto, um fragmento recortado do real, que é recontado conforme a linha editorial de IstoÉ. A seleção da imagem, sua inserção após o *lead*, a composição da legenda, tudo isso é determinado pelo sistema de valores que forma tal posição editorial. Assim, o Bolsonaro segurando a hidroxicloroquina é um texto investido de significados particulares.

Fotografia 8 – Edição nº 2635
Bolsonaro recomenda o uso de hidroxicloroquina

Garoto-propaganda Bolsonaro faz publicidade de um medicamento que causa mais prejuízos do que benefícios (Crédito: Reprodução/ Facebook)

O plano da imagem é fechado, aproximando o observador de Jair Bolsonaro. Isso significa conferir à fotografia detalhes e emoções. O objeto de interesse é o presidente em sua ação de publicizar a hidroxicloroquina. Esse é o motivo pelo qual não há profundidade na imagem. De acordo com Sousa (2004), quando o plano da imagem é fechado, elementos que podem desviar o olhar do observador não são capturados.

Na reportagem, o jornalista também reserva pouco espaço para tratar de questões que não sejam a atuação de Jair Bolsonaro para tornar a cloroquina medicamento indicado ao tratamento da Covid-19. Essa correlação de significados verbais e visuais é fundamental ao propósito comunicativo do jornalista, na medida em que se busca negociar com o leitor uma única realidade de mundo para os fatos.

Além do comprimido de hidoxicloroquina, o plano fechado foca a face do presidente. Ele sorri ao expor o medicamento. Esse sentimento de felicidade também é construído no discurso verbal de *O capitão cloroquina* – ver a seção 4.4. No fotojornalismo, a emoção é um valor-notícia; ela pode gerar um fato (CAPLE, 2013). Na Fotografia 8, o sorriso de Bolsonaro traduz sua satisfação em fazer uso da hidroxicloroquina. Com relação ao ângulo escolhido para a captura da imagem, ele é linear, o que coloca o presidente no nível do observador. Para Sousa (2004), isso reforça a credibilidade informativa que a imagem requer para si.

É fundamental registrar que Bolsonaro posa para o vídeo. Nada é, então, espontâneo: a forma como segura o comprimido, seu sorisso, o olhar direcionado ao fármaco. Isso confere à imagem natureza manipulativa. O presidente sabe que está sendo filmado, por isso age e sorri

como o faz. A mensagem que a foto constrói é, portanto, controlada a fim de valorizar o medicamento e, igualmente, Bolsonaro – que empresta ao remédio sua reputação.

Dessa forma, a Fotografia 8 tem natureza publicitária. Para Norman Fairclough (1989, p. 199), a publicidade tem destacado potencial ideológico porque trabalha de três formas ao construir: relações entre anunciante e consumidor, uma "imagem" para o produto anunciado e uma posição de consumidor para quem lê a mensagem. Na foto em análise, Bolsonaro busca uma relação de confiança com seu público em particular – isso, porque o vídeo foi publicado em sua rede social, cujos seguidores somam-se 15 milhões. Além disso, a imagem da hidroxicloroquina constrói-se a partir da presença do presidente da república, o qual, por meio de sua credibilidade, confere ao produto um atributo positivo. Por fim, é nesse predicado que o observador se apoia para consumir o remédio anunciado.

Assim, o observador que está mais alinhado ao bolsonarismo pode reconhecer no medicamento a eficácia anunciada pelo presidente e reforçar o discurso negacionista que refuta, entre outras coisas, a necessidade de uma vacina. Todavia, é na legenda que o jornalista desconstrói essa narrativa e situa a ideia de tratamento precoce oferecido pela cloroquina como um engodo. O termo *prejuízos* dialoga semanticamente com as apreciações negativas do tipo valoração empregadas para depreciar o valor social do remédio.

Fotografia 8 – Legenda: Garoto-propaganda Bolsonaro faz publicidade de um medicamento que causa mais prejuízos do que benefícios.

Na legenda, a hidroxicloroquina é considerada prejudicial à saúde das pessoas que estão acometidas pela Covid-19. Essa mensagem não ilustra o que a fotografia retrata, ou seja, a legenda descreve uma realidade que a foto não atinge. Recorrendo a Roland Barthes (1982), é possível afirmar que a legenda fixa na imagem um sentido que a foto não constrói por si só. Segundo o autor, a técnica da fixação diz ao observador o que a fotografia retrata. Assim, a Fotografia 8 é visualmente aquilo que a legenda descreve. Apesar de não ter o controle sobre a elaboração do vídeo do qual se origina a imagem, o jornalista determina significados para a foto a partir do discurso construído na legenda.

O episódio retratado na Fotografia 8 também foi divulgado por outros portais de notícias e veículos de imprensa. O jornal Estado de Minas publicou aquela mesma cena em seu site, no dia 07.07.2020, porém com outra legenda – ver a Imagem 15 (SOARES, 2020).

Imagem 15 – Estado de Minas, 07.07.202
Bolsonaro recomenda o uso de hidroxicloroquina

Na imagem, rindo, Bolsonaro tenta transpassar que, apesar da doença, tudo corre bem e que o tratamento com a hidroxicloroquina está surtindo efeito

(foto: Facebook/Reprodução)

Imagem 15 – Legenda: Na imagem, rindo, Bolsonaro tenta transpassar que, apesar da doença, tudo corre bem e que o tratamento com a hidroxicloroquina está surtindo efeito.

Nesta legenda, Bolsonaro não é definido como garoto-propaganda, nem o medicamento é depreciado. A posição avaliativa do jornal Estado de Minas não se aproxima, portanto, daquela do jornalista de IstoÉ. Esta legenda negocia com o leitor a ideia de que o remédio estaria fazendo bem ao presidente. Embora ela amplie significados já incluídos na imagem, não o faz como na Fotografia 8. Assim, as opiniões inseridas nas duas legendas se diferem ideologicamente.

O jornal Folha de São Paulo também divulgou a imagem em que Bolsonaro segura o comprimido de hidroxicloroquina – ver a Imagem 16 (TEIXEIRA, 2020). No processo de criação da foto, a Folha, assim como o fez o jornal Estado de Minas, recorre à legenda-comentário: o texto interpreta a situação fotograficamente representada (SOUSA, 1997), todavia sem qualquer rótulo para o presidente ou depreciação para com o medicamento.

Em síntese, nota-se que na Fotografia 8 a motivação ideológica que orienta o processo de criação da legenda se aproxima daquilo que Thompson (2002, p. 48) denomina discurso infamante: “discurso moralizador que censura e reprova, repreende e condena, que expressa

desaprovação das ações e dos indivíduos"; discurso que não está presente nas legendas das Fotografias 9 e 10. Na legenda da Fotografia 8, a crítica que o jornalista constrói tanto para o presidente quanto para o medicamento está inscrita nas escolhas lexicais que os depreciam.

Imagem 16 – Estado de São Paulo, 07.07.2020
Bolsonaro recomenda o uso de hidroxicloroquina

Bolsonaro publica vídeo tomando hidroxicloroquina e se diz melhor da Covid-19 - Reprodução

Imagem 16 – Legenda: Bolsonaro publica vídeo tomando hidroxicloroquina e se diz melhor da Covid-19

Ao construir essa legenda, o objetivo do jornalista é mobilizar valores da moral e da ética política de modo que o leitor reconheça no comportamento de Bolsonaro uma atitude irresponsável e criminosa.

A Fotografia 9, que faz parte da matéria *O capitão cloroquina*, também não foi criada por IstoÉ. A foto foi publicada por Ernesto Araújo – então Ministro das Relações Exteriores – em sua conta no Twitter no dia 04.07.2020. No enquadramento, estão reunidos o presidente, seu filho Eduardo Bolsonaro, Todd Chapman – embaixador dos Estados Unidos no Brasil – e alguns ministros. Na ocasião, celebravam o 224º aniversário de independência dos Estados Unidos. Cabe registrar que o texto verbal da reportagem não faz referência a esse evento.

Fica claro, pois, que existe uma motivação ideológica para que essa imagem seja inserida no corpo da matéria. IstoÉ não escolheu o assunto a ser fotografado, nem o plano, nem o ângulo. Logo, todo o processo de criação fotográfica se fez por razões que não pertencem à revista. Todavia, sua inserção no corpo da reportagem parece ter um objetivo claro: mostrar a irresponsabilidade do presidente, que, durante período de intensa transmissão do coronavírus,

participava de aglomeração sem uso de máscara. A imagem respalda, portanto, o discurso infamante que o jornalista constrói usando o subsistema de atitude – ver a seção 4.4.

Fotografia 9 – Edição nº 2635
Bolsonaro celebra o 224º aniversário de independência dos Estados Unidos

IRRESPONSABILIDADE Bolsonaro confraterniza com ministro Ernesto Araujo na casa do embaixador dos Estados Unidos: transmitindo o vírus livremente (Crédito:Divulgação)

No enquadramento, os participantes posam para o registro fotográfico. Para Newton (2001), fotos posadas distanciam-se da factualidade jornalística na medida em que a cena retratada é previamente manipulada. A Fotografia 11 não foi produzida para ser estampada em portais de notícias e veículos de imprensa, logo não atende a critérios precisamente mercadológicos ou persuasivos. O plano é médio, capturando apenas o assunto. O ângulo é frontal, colocando o olhar do observador na mesma altura dos participantes.

Em razão desses fatores, importa à equipe de IstoÉ operar sobre a legenda da foto. Já que a imagem fotográfica e a legenda formam uma única unidade no fotojornalismo, ainda que ambas tenham sua própria forma de construção (SOUSA, 2004), o jornalismo de IstoÉ, por meio da legenda, fixa na imagem significados que não estão inscritos na visualidade dos corpos. O objetivo é controlar a interpretação do encontro festivo a fim de que o observador considere a imagem tal como a legenda o descreve.

Fotografia 9 – Legenda: IRRESPONSABILIDADE Bolsonaro confraterniza com ministro Ernesto Araújo na casa do embaixador dos Estados Unidos: transmitindo vírus livremente.

Com o termo *irresponsabilidade*, julga-se a atitude do presidente de participar do encontro festivo em questão. A aglomeração de pessoas sem uso de máscara, durante período de

intensa contaminação da Covid-19, propiciava a disseminação do vírus – como atestavam diversas notas técnicas emitidas pelo Ministério da Saúde. Cabe destacar que Bolsonaro, por vezes, subestimou a doença e descumpriu medidas que evitavam seu contágio (MANDETTA, 2020). Esse parece ser o motivo por que o jornalista rotula a atitude do mandatário empregando o termo *irresponsabilidade*.

Outra escolha lexical que fixa um significado na imagem é *transmitindo*. O termo descreve a consequência da confraternização retratada na fotografia. A equipe de IstoÉ entende que naquele encontro houve a transmissão do vírus entre os participantes e emprega *transmitindo* a fim de que o observador interprete a imagem dessa forma, ainda que a visualidade dos corpos não construa tal significado.

Como explica Joly (1996), as palavras podem mudar as imagens, e isso inclui o papel da legenda na fotografia de imprensa. A boa legenda seria aquela que acionaria determinados conhecimentos do observador, convidando-o a explorar a imagem. Nota-se que é exatamente esse o papel da legenda na Fotografia 9. A título de comparação, essa função opinativa não está presente na legenda que Ernesto Araújo escreve quando publica no Twitter aquele encontro. A Imagem 17 é o recorte dessa postagem.

Imagem 17 – Comemoração do 224º aniversário de independência dos Estados Unidos

O texto escrito pelo Ministro das Relações Exteriores descreve a imagem. A legenda não acrescenta nenhuma informação àquilo que o leitor vê. A motivação ideológica por trás da postagem impede o uso de termos como *irresponsabilidade* e *transmitindo o vírus*. Ernesto Araújo e o jornalista pertencem a diferentes comunidades discursivas, eles escrevem para diferentes leitores e compartilham diferentes valores. Logo, representam e avaliam o mundo de forma diferente. O reflexo disso está nas legendas das duas publicações.

4.4.2 Marcas atitudinais nas fotografias de O capitão cloroquina

Na Fotografia 8, o sorriso no rosto do presidente Bolsonaro externa um sentimento de bem-estar para com o comprimido de hidroxicloroquina. Essa emoção pode ser lida tanto no subsistema de segurança quanto no de satisfação. Isso, porque o sorriso em questão pode traduzir tanto tranquilidade quanto contentamento. A forma como o presidente expõe o medicamento contribui para essa leitura. Economou (2009) explica que o modo como o gatilho – ou seja, o fenômeno deflagrador do afeto – é representado na imagem fornece informações sobre o sentimento que o participante exterioriza.

O comprimido de hidroxicloroquina está colocado à frente do presidente, que prende o olhar no fármaco. Assim, os sentimentos de segurança e satisfação exibidos no rosto de Bolsonaro são estimulados pela eficácia que o remédio estaria tendo no tratamento de pacientes da Covid-19. No texto verbal de *O capitão cloroquina*, avaliações afetivas do tipo segurança somam-se 8 ocorrências – ver o Quadro 4.28. Nelas, como discutido na seção 4.4, Jair Bolsonaro manifesta confiança no medicamento.

Essa convergência de significados afetivos constrói o presidente como alguém defensor do fármaco em questão. Tanto verbal quanto visualmente, Bolsonaro é aquele que prestigia, valoriza, exalta a ação da hidroxicloroquina. No trecho [52], anteriormente analisado, o processo mental *confio* evidencia tal sentimento. Essa segurança é visualmente retratada na Fotografia 8 por meio do sorriso e da exposição do medicamente no primeiro plano da imagem. Já no recorte [53], é por meio da nominalização *evolução* que Bolsonaro atesta a validade da hidroxicloroquina – o que reforça seu sentimento de segurança.

[52] Contente com a melhora no seu quadro clínico, declarou pelas redes sociais que o tratamento com a substância estava dando certo. "Eu confio na hidroxicloroquina **[afeto: segurança]**, e você?".
[53] Diariamente, Bolsonaro vem descrevendo a evolução positiva **[afeto: segurança]** de seu quadro.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

Já que a fotografia de imprensa é uma imagem que está sempre acompanhada por um texto verbal – por isso ela não tem função isolada, mas apenas em relação a tal texto –, a convergência intersemiótica é fundamental para a construção de um discurso noticioso coeso. E isso ocorre com a Fotografia 8 e a matéria *O capitão cloroquina*. Para o jornalista, construir afetos positivos, verbal e visualmente, para aquilo que Bolsonaro sente a respeito da eficácia da hidroxicloroquina, é necessário ao propósito de criticar a postura do presidente. A ideia é negociar com o leitor a postura descabida do presidente quando propagandeia e defende o uso de um medicamento impróprio ao tratamento do novo coronavírus.

Quanto à Fotografia 11, ela também inscreve visualmente afeto positivo. Nela, Bolsonaro sorri ao lado de ministros e de outras pessoas durante um encontro para celebrar o 224º aniversário de independência dos Estados Unidos. O tipo de afeto expresso é o de felicidade – sentimento inscrito verbalmente uma única vez na reportagem, como mostra o recorte [54].

[54] Contente **[afeto: felicidade]** com a melhora no seu quadro clínico, declarou pelas redes sociais que o tratamento com a substância estava dando certo.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

Na imagem, o gatilho para tal sentimento não é o uso da hidroxicloroquina, como o é no recorte [54]. Ainda assim, nota-se uma convergência intersemiótica entre o termo *contente* e a imagem, na medida em que eles constroem o discurso da inércia do ex-capitão para com a gravidade do novo coronavírus. Tanto a promoção de um medicamento ineficaz contra o vírus quanto a presença, sem máscara, em um evento festivo durante crítico período de transmissão da doença moldam a postura negacionista do presidente. E essa consonância de significados importa ao discurso condenatório construído na reportagem.

Na Fotografia 11, Bolsonaro não está envolvido em nenhuma ação material, ainda assim ele pode ser alvo de julgamento por parte do leitor. A presença na festividade em questão pode ser lida visualmente como uma atitude incomum para um Chefe do Poder Executivo Federal durante período extremamente delicado para o país. Para o leitor alinhado ao discurso moralizador construído ao longo da reportagem, não se espera que o mandatário esteja presen-

te em qualquer aglomeração sem o uso de máscara. Por isso, é possível que o comportamento retratado na Fotografia 11 seja negativamente julgado na categoria de normalidade.

Como mostra o Quadro 4.30, há somente 1 ocorrência avaliativa verbal do tipo julgamento por normalidade, e ela é negativa. O recorte [55], já analisado anteriormente, descreve o comportamento político de Jair Bolsonaro diante da pandemia. O encontro ocorrido naquele dia 04.07.2020 na embaixada dos Estados Unidos também tem natureza política. Apesar de pressionado por aliados e por determinada ala da imprensa, o presidente não alterou sua agenda política no período de pandemia e esteve presente em diversos eventos que, por fim, eram usados para fazer acenos ao bolsonarismo (AMADO, 2022).

[55] Como destaca Mandetta, que sofreu nas mãos do Bolsonaro por causa de suas restrições à cloroquina, o objetivo do presidente é encontrar uma solução política para uma crise de saúde, algo que é típico de sua maneira de pensar **[julgamento: estima social / –normalidade]**.
[O capitão cloroquina, IstoÉ, ed. nº 2635]

Nota-se, nesse sentido, uma convergência de significados comportamentais nos modos verbal e visual entre a Fotografia 11 e a expressão *típico de sua maneira de pensar*. Por meio desses julgamentos negativos do tipo normalidade, o jornalista expõe condutas atípicas para alguém no cargo da Presidência da República, reforçando o discurso infamante que norteia as escolhas linguísticas e visuais que constroem a notícia. Em síntese, usando essa convergência intersemiótica de significados atitudinais, o jornalista manipula uma realidade de mundo a fim de questionar a credibilidade do presidente e sua forma de exercer o poder.

4.5 Avaliatividade verbal: marcas atitudinais na reportagem Bolsonaro no banco dos réus

A reportagem *Bolsonaro no banco dos réus* narra os bastidores da instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre a atuação do governo Bolsonaro na pandemia do novo coronavírus. Os planos de trabalho da comissão visavam, naquele momento, apurar a distribuição de cloroquina e a demora na compra de vacinas. Os alvos eram o presidente e o gabinete paralelo que ele montara para tomar decisões sobre os rumos da pandemia.

O texto destaca como Jair Bolsonaro e aliados tentaram adiar o início da CPI, uma vez que temiam o andamento das investigações – a composição da comissão tinha minoria governista (somente 4 nomes em 11). A estratégia se pautou, inicialmente, em alegar que o Senado não poderia receber políticos, servidores e jornalistas em razão da falta de segurança sanitária. Posteriormente, o objetivo foi aumentar o escopo da investigação de modo que prefeitos e governadores também tivessem suas gestões apuradas.

A reportagem contextualiza e justifica, portanto, a instalação da CPI, apresentando ao leitor uma série de erros e omissões cometidas pela gestão Bolsonaro. O texto também destaca as consequências da política antivacina adotada pelo ex-capitão e aliados, ao mencionar o programa de distribuição de hidroxicloroquina à população e a acentuação de uma polarização ideológica no país.

O texto *Bolsonaro no banco dos réus* se faz por meio de 16 ocorrências avaliativas de afeto. A predileção é por sentimentos negativos: são 10 – todos realizados no subsistema de segurança. Essas construções afetivas guardam relação semântica com o título da matéria, já que a ideia é descrever verbalmente o sentimento de insegurança de Jair Bolsonaro ao ser ver investigado pela comissão da CPI da pandemia.

Quadro 4.36 – Ocorrências de afeto na reportagem Bolsonaro no banco dos réus

Atitude	Categoria	Polaridade	Ocorrência
Afeto	felicidade	positiva	1
		negativa	0
	segurança	positiva	3
		negativa	10
	satisfação	positiva	1
		negativa	0
	inclinação	positiva	1
		negativa	0

Fonte: Elaboração própria

Antes de nos atermos às realizações lexicais de afeto na reportagem, importa destacar, como escreve Alba-Juez (2018), que a expressão linguística de sentimentos emerge dentro de um contexto avaliativo, o qual determina o tipo de afeto que o falante manifesta. A matéria *Bolsonaro no banco dos réus* está inserida no contexto da pandemia do novo coronavírus – doença que, até o momento em que o texto fora escrito, havia matado 462.791 pessoas. Além disso, na CPI já se sabia que o governo Bolsonaro seria investigado por três crimes: crime comum, crime de responsabilidade e crime contra a humanidade. Esse é o contexto mais amplo que ampara as realizações de afeto construídas na reportagem.

Quanto às ocorrências de afeto do tipo insegurança, todas são construídas pela voz autoral. O jornalista reserva a essas realizações um sentimento de intranquilidade por parte de Jair Bolsonaro. Isso está inscrito já no *lead* da reportagem, como mostra o recorte [1].

[1] Crise o deixa ainda mais isolado **[afeto: insegurança]** e deve ser decisiva para o futuro da sua gestão. [Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

O atributo *isolado* inscreve um sentimento de insegurança. O gatilho para tal reação emotiva é a instalação da CPI da pandemia. Os planos de ação adotados pelo governo Bolsonaro para supostamente combater o novo coronavírus expuseram, na verdade, "uma operação

deliberada para disseminar o vírus" (MANDETTA, 2020, p. 125). Por meio de atos normativos, obstruções a governos estaduais e propaganda contra medidas de saúde pública, Bolsonaro e aliados buscaram acelerar a propagação da doença. Receoso de que a comissão provasse isso, o ex-capitão teria se sentido inseguro naqueles primeiros dias da CPI.

Mouillaud (2002, p. 100) explica que é no título da notícia que o jornalista inscreve a posição ideológica do jornal – ou melhor, no título está a "inscrição do jornal por excelência". Nessa lógica, ao indicar o estado emotivo do presidente após a instalação da CPI, o jornalista sinaliza ao leitor a posição editorial de IstoÉ frente ao fato narrado. E mais: aponta que esse sentimento tem valor para a narração noticiosa. De fato, ao longo da reportagem, Bolsonaro é repetidamente avaliado na categoria de afeto por insegurança.

Isso ocorre no recorte [2], onde o processo mental *vive* descreve negativamente o estado emotivo do presidente. O gatilho para tal sentimento é aquilo que a CPI poderá revelar sobre o projeto negacionista no enfrentamento à pandemia da Covid-19 disseminado por Bolsonaro e aliados. O que está sendo negociado aqui com o leitor é a reputação do ex-capitão, logo a escolha da expressão *choque de realidade* – projetada pelo processo *vive* – tem papel fundamental. Isso, porque retrata um cenário de adversidade para o presidente.

[2] Menos de dois meses depois, vive **[afeto: insegurança]** um choque de realidade. A abertura da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid, na última terça-feira, 13, deve expor publicamente, em detalhes, todas as ações irresponsáveis que levaram o Brasil a se tornar o epicentro da pandemia no mundo, com 370 mil óbitos — quase 4 mil por dia.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

No recorte [3], o epíteto *nervosismo* também descreve o sentimento de insegurança do presidente quanto aos efeitos da CPI da pandemia. Em [4], o termo escolhido para isso é *assustado* – um processo comportamental. Em ambos, Bolsonaro é retratado negativamente, como alguém que está intimidado por um cenário adverso.

[3] Há muitas dúvidas sobre a efetividade da CPI, e várias tiveram resultados pífios mesmo lidando com temas sensíveis. Mas o grau de nervosismo **[afeto: insegurança]** do presidente e a gravidade da crise política, sanitária e econômica evidenciam que ela pode mudar o curso do governo Bolsonaro.
[4] Assustado **[afeto: insegurança]**, Bolsonaro fez tudo o que podia para impedir a criação da comissão.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Descrevê-lo assim é parte do discurso crítico que o jornalista forja para o mandatário na reportagem. Representá-lo como alguém inseguro é questionar seu poder simbólico, ou seja, é questionar sua capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e influenciar as ações da CPI. Já que a reputação é um recurso que pode ser contestado (dado que depende de apreciações pessoais), o jornalista se apoia em avaliações que depreciam o ex-capitão a fim de se opor à sua reputação.

Nos recortes [5] e [6], as escolhas léxico-gramaticais *preocupado* e *assusta* situam-se no mesmo campo semântico de *isolado* – empregado no *lead* da reportagem. A retomada desse sentimento negativo reforça qual estado emotivo tomou conta do presidente durante o processo de instalação da CPI da pandemia. O baixo número de senadores governistas na comissão era um dos motivos para o ex-capitão se sentir inseguro, na medida em que estaria mais exposto a críticas – logo, exposto a danos políticos.

[5] O governo está especialmente preocupado **[afeto: insegurança]** com a composição da CPI, que terá minoria governista (apenas 4 em 11 nomes).
[6] Randolfe tem o cuidado de afirmar que a investigação será sobre "fatos, e não sobre pessoas". Sua atuação assusta **[afeto: insegurança]** Bolsonaro, que o xingou no diálogo com Kajuru.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

O atributo *preocupado* descreve o estado mental de Jair Bolsonaro ao notar que não teria amplo suporte na CPI. Como mostra a reportagem, senadores governistas já haviam decidido adotar uma contranarrativa às acusações que a comissão faria à gestão do presidente. Todavia, o baixo número de senadores presentes nos encontros dificultaria isso. O processo *assusta* retrata exatamente o grau dessa insegurança do mandatário.

Em [7], o governo federal é colocado na posição de ator do processo mental *desconfia*. A avaliação é negativa e reforça a ideia de isolamento do presidente Jair Bolsonaro. Desta vez o gatilho para tal sentimento é a conduta do então presidente do Senado Rodrigo Pacheco, que fora eleito para a cadeira com o apoio do ex-capitão, porém não teria atuado para conter a instalação da CPI – atitude que irritara Bolsonaro e senadores governistas.

[7] O próprio governo desconfia **[afeto: insegurança]** que Pacheco, o presidente do Senado que ganhou sua cadeira com a ajuda decisiva de Bolsonaro, esteja fazendo jogo duplo para aproveitar a CPI e se cacifar para cargos mais altos, utilizando a visibilidade da comissão.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Com essas escolhas léxico-gramaticais na categoria de afeto por insegurança, o jornalista negocia com o leitor a imagem pública do presidente, ou melhor, negocia a performance do mandatário. O objetivo é depreciá-la de modo a esvaziar a reputação que ele tem. Isso fica claro mais uma vez quando se emprega o processo comportamental *acusou* no recorte [8].

[8] O presidente acusou **[afeto: insegurança]** o golpe. Em suas últimas declarações, voltou a fazer ameaças veladas de instabilidade institucional.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Essa negociação implica disputas simbólicas e o emprego de um léxico atitudinal negativo carregado de uma visão de mundo particular: aquela de que Jair Bolsonaro temia as investigações da CPI da pandemia. O Quadro 4.37 reúne as escolhas léxico-gramaticais de afeto realizadas em *Bolsonaro no banco dos réus*. Nota-se a predominância de processos que representam estados mentais e comportamentais de intranquilidade, desconforto e preocupação.

Quadro 4.37 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de afeto na reportagem Bolsonaro no banco dos réus

Epíteto	nervosismo
Nominalização	dúvidas, esgotamento
Atributo	isolado, assustado, satisfeito, preocupado
Processo	achou, vive, acredita, desejam, desconfia, intimida, assusta, comemorou, acusou

Fonte: Elaboração própria

Com relação às ocorrências de afeto no polo positivo, Bolsonaro é colocado como ator de dois processos: um mental e outro comportamental. No recorte [8], o ex-capitão é quem se sente seguro por ter na presidência do Senado alguém que fora eleito com seu apoio. Esse sentimento teria dado a Jair a esperança de que Rodrigo Pacheco impedisse a instalação da CPI. Nessa construção avaliativa, é importante destacar a oração projetada pelo processo *achou*.

[8] Bolsonaro achou **[afeto: segurança]** que tinha conseguido se blindar ao patrocinar a eleição da atual direção do Congresso.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Nela o termo *blindar* revela o que Bolsonaro esperava do presidente do Senado no momento em que o pedido de instalação da CPI fora feito: proteção. A seleção desse léxico é importante para a negociação de significados que o jornalista faz no texto. Isso, porque a busca

por proteção mostra o quão desconfortável Bolsonaro estava com as investigações que CPI faria contra ele.

No recorte [9], o presidente é o ator do processo comportamental *comemorou*. O sentimento em questão descreve a felicidade do mandatário ao saber que o ministro Kassio Nunes Marques – um de seus indicados ao Supremo – iria relatar um pedido de *impeachment* contra o também ministro Alexandre de Moraes. Esse sentimento de alegria contrasta com os afetos do tipo insegurança analisados anteriormente. Para o jornalista, importa avaliar essa única emoção na categoria felicidade, já que releva como o presidente se sente em relação a um fato que pode em potencial ser prejudicial a um inimigo político.

[9] Bolsonaro comemorou **[afeto: felicidade]** com apoiadores ao ouvir, na segunda-feira, que Nunes Marques tinha sido sorteado para relatar um pedido de *impeachment* contra o ministro Alexandre de Moraes.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Quanto às avaliações do tipo julgamento, foram identificadas 124 ocorrências. Prevalecem realizações no polo negativo: são 98; ver o Quadro 4.38. Isso significa que predominam críticas e sanções a comportamentos de Bolsonaro e aliados em relação a dois cenários: a posição negacionista deles no que diz respeito à pandemia e a tentativa de impedir a instalação da CPI. Esses julgamentos engendram um discurso infamante que reflete a posição editorial de IstoÉ frente aos fatos narrados.

Quadro 4.38 – Ocorrências de julgamento na reportagem Bolsonaro no banco dos réus

Atitude	Categoria	Subcategoria	Polaridade	Ocorrência
Julgamento	estima social	normalidade	positiva	0
			negativa	0
		capacidade	positiva	5
			negativa	8
		tenacidade	positiva	11
			negativa	36
	sanção social	veracidade	positiva	0
			negativa	4
		propriedade	positiva	10
			negativa	50

Fonte: Elaboração própria

É importante ressaltar que a voz do jornalista predomina nessas ocorrências avaliativas de natureza negativa. Isso pode ser observado nos julgamentos que ocorrem no subsistema de capacidade. Em 7 deles, a voz autoral constrói críticas a Bolsonaro e a seu governo. No recorte [10], a nominalização *falhas* descreve a incompetência da gestão Bolsonaro no trato com a pandemia. Em [11], o adjunto *fora de controle* é empregado para também identificar esse despreparo.

[10] Um estudo detalhado publicado na prestigiada revista "Science" mostrou que o governo federal é o maior culpado pelos erros na pandemia, por meio de suas falhas **[julgamento: estima social / –capacidade]** e omissão e pela polarização ideológica.
[11] É preciso conter a tragédia humanitária que, até o momento, está fora de controle **[julgamento: estima social / –capacidade]** e tem colocado o Brasil, cumprindo a profecia do ex-chanceler Ernesto Araújo, como um pária internacional.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

No trecho [12], a voz autoral recorre ao epíteto *vulnerabilidade* para descrever a fragilidade do governo federal ao se ver investigado na CPI da pandemia. A escolha desse léxico reflete o desgaste reputacional a que Bolsonaro e aliados estavam expostos. É importante ressaltar que todo escândalo político, independentemente de sua natureza, gera a exteriorização de um discurso moralizador, que ataca e ameaça a credibilidade de atores políticos. O emprego de *vulnerabilidade* negocia com o leitor exatamente o significado desse discurso.

[12] O Centrão vai aproveitar a vulnerabilidade **[julgamento: estima social / –capacidade]** do governo para exigir mais recursos, cargos e ministérios.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

No recorte [13], é o atributo *impotente* que cumpre essa função. Com o termo, o jornalista desqualifica o presidente da república, conferindo-lhe uma qualidade negativa. O que está em jogo aqui é a reputação de Jair Bolsonaro.

[13] Como aconteceu com a desastrada tentativa de intervenção nas Forças Armadas, quando tentou mudar a cúpula para nomes dóceis ao governo, ele está impotente **[julgamento: estima social / –capacidade]** para interferir no curso dos acontecimentos, que se voltam contra ele.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Essa impotência traduz a incapacidade de o presidente mudar os rumos da CPI. Realmente, a comissão se instalou a fim de buscar provas que demonstrassem sobejamente que a gestão Bolsonaro foi omissa e agiu de forma não técnica e negligente no enfrentamento à pan-

demia do novo coronavírus (AMADO, 2022). Em si, a CPI configurava-se uma ameaça à reputação do presidente, que, naquele momento, não contava com amplo apoio parlamentar. A escolha do epíteto *frágil*, no recorte [14], retrata isso.

[14] A frágil **[julgamento: estima social /–capacidade]** base de apoio que o mandatário conquistou (comprou, na verdade) no Congresso mostra sinais de esgotamento precoce.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Ainda no subsistema de capacidade, os julgamentos no polo positivo também se fazem pela voz autoral e não constroem elogios ao presidente Bolsonaro. As realizações enaltecem o poder das investigações que serão feitas pela CPI. No recorte [15], o jornalista emprega o processo material *podem incriminar* ao julgar o potencial das investigações. Nota-se que o presidente é colocado como participante alvo, ou seja, recai sobre ele a acusação de cometer crimes durante a pandemia. No trecho [16], o também processo material *podem municiar* é outra escolha feita para julgar positivamente esse potencial das investigações.

[15] Há várias frentes de investigação que podem incriminar **[julgamento: estima social / +capacidade]** o mandatário, da omissão na compra de imunizantes até a ausência de campanha pelo uso de máscaras, passando pela compra de hidroxicloroquina.
[16] A CPI pode municiar **[julgamento: estima social / +capacidade]** outras frentes de investigação.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

No recorte [17], o Congresso é colocado como ator do processo relacional *tem*, e a ele é conferido o atributo de ter *a capacidade de se tornar outro polo efetivo de combate às políticas criminosas e à escalada autoritária do presidente*. Esse julgamento descreve positivamente a capacidade de o Congresso conter a política promovida por Bolsonaro durante a pandemia – seja o investimento em medicamentos ineficazes contra a Covid-19, seja a ameaça de golpe de Estado.

[17] Apesar do controle do Centrão, o Congresso tem a capacidade de se tornar outro polo efetivo de combate às políticas criminosas e à escalada autoritária do presidente **[julgamento: estima social / +capacidade]**.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

No trecho [18], as duas ocorrências de julgamento do tipo capacidade são avaliações positivas de condutas que a Ordem dos Advogados do Brasil pode adotar caso a CPI confirme que Bolsonaro cometeu crimes durante a pandemia. Essas escolhas avaliativas se fazem pela mesma razão que as anteriores: elogiar condutas que podem resultar em danos políticos a Bol-

sonaro. Ainda que se realizem no polo positivo, elas negociam com o leitor o desgaste que a CPI pode causar ao mandatário. Isso faz parte do discurso crítico e moralizador que o jornalista constrói ao longo da reportagem para fundamentar sua opinião sobre a postura do governo Bolsonaro no combate à pandemia do novo coronavírus.

[18] Com base nesse parecer, a Ordem poderá apresentar **[julgamento: estima social / +capacidade]** um pedido de *impeachment* contra Bolsonaro. A entidade, que teve um papel-chave na redemocratização, nos anos 1980, poderia assim conferir mais legitimidade e gravidade a um processo de afastamento **[julgamento: estima social / +capacidade]**.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Em termos léxico-gramaticais, as ocorrências avaliativas de julgamento por capacidade se fazem por processos, atributos e epítetos – ver o Quadro 4.39. Trata-se, pois, de críticas e elogios construídos na forma de eventos e qualificadores. Cabe observar que os julgamentos realizados no polo positivo são todos construídos por meio de processos materiais – exceto o julgamento realizado pelo epíteto *capacidade*. Isso significa a preferência por avaliações relacionadas à experiência de mundo externa, ou seja, a eventos que ocorrem à volta do jornalista. Por outro lado, julgamentos no polo negativo realizam-se na forma de qualificadores que desacreditam a capacidade de Bolsonaro e de seu governo – a exceção é o epíteto *capacidade*.

Quadro 4.39 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Bolsonaro no banco dos réus: as ocorrências por capacidade

Epíteto	frágil, vulnerabilidade
Atributo	impotente, débil, capacidade, fora de controle, culpado
Processo	podem incriminar, pode municiar, poderá apresentar, pode conferir, anda na contramão

Fonte: Elaboração própria

No subsistema de tenacidade, prevalecem julgamentos no polo negativo – ver o Quadro 4.38. Trata-se de avaliações que reprovam a insistência de Jair Bolsonaro em tentar impedir a instalação da CPI da pandemia. No *lead* da reportagem, o recorte [19], o jornalista constrói essa crítica por meio do processo material *fracassa* e da nominalização *tentativa*.

[19] Presidente fracassa **[julgamento: estima social / –tenacidade]** na tentativa de barrar **[julgamento: estima social / –tenacidade]** a CPI que vai expor seus crimes em série na pandemia.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

A presença desses julgamentos no *lead* permite ao leitor depreender a macroestrutura da notícia. Segundo van Dijk (1988), títulos e manchetes têm alta capacidade de despertar no leitor associações (esquemas) que possibilitam inferências imediatas de uma ideia geral da notícia. Assim, um breve levantamento inferencial permite as seguintes deduções:

i. Bolsonaro não desejava a instalação da CPI;
ii. A CPI poderia acarretar danos políticos a Jair Bolsonaro;
iii. Bolsonaro não teve competência para impedir a instalação da CPI;
iv. Houve resistência contra a tentativa do presidente de impedir a CPI.

Estas são inferências possíveis evocadas pelo *lead*. Outras ainda podem ser ativadas, algumas contrariando a lógica traçada, pois o processo de compreensão envolve também crenças, opiniões e expectativas, entre outros fatores, de cada leitor. Quem tem concepção diferente sobre o presidente, pode presumir que ele estaria sendo alvo de uma perseguição política, por isso tentava impedir a instalação da CPI.

A insistência do presidente em fazer com que a CPI não fosse instalada revela mais do que comportamentos inadequados; revela o desgaste político que esse evento havia acarretado para o ex-capitão. No recorte [20], os processos materiais *blindar* e *patrocinar* avaliam negativamente a atuação do mandatário na eleição para a presidência do Senado – Bolsonaro apoiou a candidatura de Rodrigo Pacheco, que se sagrou vencedor. Mais do que isso, essas escolhas mostram que o ex-capitão não teve suporte de Pacheco para impedir a criação da CPI.

[20] Bolsonaro achou que tinha conseguido se blindar **[julgamento: estima social / –tenacidade]** ao patrocinar **[julgamento: estima social / –tenacidade]** a eleição da atual direção do Congresso.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

No trecho [21], o processo material *tentou sugerir* descreve negativamente uma postura do presidente diante da iminente abertura dos trabalhos da CPI. Bolsonaro – junto a aliados no Senado – buscava ofuscar o escopo das investigações. Para isso, queria que governadores também fossem inquiridos e insistia num pedido de *impeachment* de ministros do Supremo.

[21] Por meio de um confuso diálogo gravado e divulgado por um aliado, o senador Jorge Kajuru, o mandatário tentou sugerir **[julgamento: estima social / –tenacidade]** que governadores também fossem investigados e que o Congresso desse sequência ao *impeachment* de ministros do STF, incluindo o próprio Barroso.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

A crítica que o jornalista faz por meio desse julgamento revela que o ex-capitão sabia que sua reputação não lhe garantiria amplo amparo no Senado. John Thompson (2002) explica que indivíduos envolvidos em escândalos políticos travam uma disputa com opositores por reputação e confiança. Era isso que justificava a insistência de Jair Bolsonaro em não ser o único alvo das investigações da CPI.

O recorte [22] traz outros julgamentos negativos do tipo tenacidade. Com o processo material *tentando interferir*, o jornalista reprova a postura do presidente de tentar impor ao Senado o que estaria e o que não estaria no escopo das investigações da CPI. Outra crítica é construída com o também processo material *retomou*, que avalia o modo como o mandatário age sempre que tem sua reputação questionada.

[22] Tentando interferir no Legislativo **[julgamento: estima social / –tenacidade]** e fazendo essa ameaça, o presidente retomou a mesma tática **[julgamento: estima social / –tenacidade]** que usa sempre que está em situação desfavorável: ataca os outros Poderes, tenta transferir aos adversários as suas próprias responsabilidades e mobiliza seus seguidores nas redes **[julgamento: estima social / –tenacidade]**.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

O julgamento feito por meio do processo *mobiliza* é uma crítica à conduta do mandatário de tentar restaurar sua reputação dentro de uma comunidade particular: as redes sociais. O ex-capitão exerce forte influência sobre seus apoiadores nas redes, de modo a determinar o curso do debate político (NOBRE, 2020). Essa busca por apoio no espaço virtual revela que Bolsonaro estava empenhado em reparar sua credibilidade e fama – atacadas pela abertura da CPI – num espaço em que ele poderia controlar os fatos.

A decisão de ofuscar o principal objeto de investigação da CPI – a saber, a omissão do governo federal no combate ao novo coronavírus – é reprovada pelo jornalista no recorte [23]. Bolsonaro havia protocolado no Senado um pedido de *impeachment* contra ministros do Supremo. O objetivo era pressioná-los a fim de que impedissem a abertura da CPI – o plano não teve êxito, pois o ministro Luís Roberto Barroso determinou que a comissão de investigação fosse criada.

[23] O próprio papel de Kajuru, ao servir de instrumento para uma encenação destinada a pressionar o STF **[julgamento: estima social / –tenacidade]**, foi lamentável e mostra a forma indevida **[julgamento: estima social / –tenacidade]** de Bolsonaro agir e sua falta de respeito institucional **[julgamento: estima social / –tenacidade]**.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

As escolhas léxico-gramaticais que o jornalista faz revelam comportamentos incompatíveis com o decoro do cargo presidencial. A seleção do termo *encenação* é uma crítica à atitude dissimulada de Bolsonaro de pressionar o Supremo a adotar uma posição que lhe fosse favorável. A escolha do epíteto *indevida* e da nominalização *falta de respeito* ressalta essa crítica e negocia com o leitor o modo como o mandatário tentou resguardar sua reputação.

No recorte [24], a conduta que antes fora descrita como *encenação*, *indevida* e *falta de respeito* é agora retratada como *pressão*. Com esse julgamento, o jornalista negocia com o leitor um comportamento intimidatório por parte do ex-capitão.

[24] Porém, a pressão de Bolsonaro **[julgamento: estima social / –tenacidade]** valeu para mobilizar aliados no Senado a apresentarem um segundo pedido de CPI, mirando também governadores e prefeitos.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

A inclusão de governadores nas investigações da CPI é criticada pelo jornalista. Nos trechos [25], [26] e [27], os termos *manobra*, *embuste* e *ardil* materializam julgamentos negativos do tipo tenacidade quanto a essa inclusão e revelam mais do que uma persistência do governo federal em tirar Jair Bolsonaro do foco das investigações; revelam o modo como ele e aliados agiram para atingir tal propósito. Essas escolhas lexicais são decisivas para sedimentar o discurso crítico e condenatório que se constrói na reportagem.

[25] Rodrigo Pacheco ficou satisfeito com a manobra **[julgamento: estima social / –tenacidade]**.
[26] O próprio autor do pedido de CPI, no entanto, não acredita que esse embuste **[julgamento: estima social / –tenacidade]** prospere.
[27] Outro ardil **[julgamento: estima social / –tenacidade]** foi ensaiado pelo líder do governo no Congresso, o senador Eduardo Gomes.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Ainda sobre condutas tenazes de Bolsonaro que visavam tardar ou impedir a instalação da CPI da pandemia, no recorte [28] está aquela que intimidava ministros do supremo.

[28] O presidente do Senado disse que não pautará nenhuma abertura de *impeachment* contra membros do STF, o que certamente abriria uma crise institucional. Para Pacheco, pedidos de *impeachment* não podem ser banalizados em atos de revanchismo ou retaliação **[julgamento: estima social / –tenacidade]**.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

O termo *atos de revanchismo ou retaliação* – uma nominalização – descreve o motivo por que o presidente teria dado entrada no Senado com um pedido de *impeachment* contra alguns ministros do Supremo.

Em síntese, as escolhas avaliativas do tipo julgamento negativo por tenacidade produzem um discurso crítico que reprova posturas do presidente – que estava na iminência de ser investigado por supostos crimes cometidos durante a pandemia. Uma dessas escolhas é a nominalização *polarização ideológica* no recorte [29].

[29] Um estudo detalhado publicado na prestigiada revista "Science" mostrou que o governo federal é o maior culpado pelos erros na pandemia, por meio de suas falhas e omissões e pela polarização ideológica **[julgamento: estima social / –tenacidade]**.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Por meio desse julgamento, o jornalista negocia com o leitor o método que sustentou as tomadas de decisões políticas de Bolsonaro ao longo da pandemia, a saber: a radicalização. A fim de não ter seu nome no centro das investigações da CPI, o ex-capitão apostou no ataque a adversários, invenção de notícias falsas e o fomento a crises políticas com outros Poderes – tudo isso guiado por questões de ordem ideológica.

As ocorrências de julgamento positivo do tipo tenacidade avaliam a atuação de ministros e senadores que se empenharam para efetivar a instalação da CPI da pandemia. As ações são descritas como éticas e condizentes com o devido direito de abertura de comissão investigativa. Nos trechos [30] e [31], o jornalista descreve a postura de Luís Roberto Barroso e Cármem Lúcia – ministros do Supremo – no que tange respectivamente à criação da CPI e à composição dos trabalhos investigativos.

[30] A instalação da CPI no Senado mostrou que o controle democrático entre os Poderes está funcionando. Amparado no parágrafo terceiro do artigo 58 da Constituição, o ministro Luís Roberto Barroso, do STF, determinou **[julgamento: estima social / +tenacidade]** que a comissão de investigação fosse criada no Senado, já que todos os requisitos foram preenchidos.

[31] Também na última semana, a ministra do STF Cármen Lúcia pediu **[julgamento: estima social / +tenacidade]** que a Corte incluísse na pauta o julgamento de uma notícia-crime contra o presidente por crime de genocídio contra indígenas.

[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

O processo material *determinou* carrega consigo a ideia de ordem, imposição. A escolha desse léxico atitudinal não é acidental. A determinação do ministro foi dada em resposta a um mandado de segurança que solicitava a abertura da comissão, pois todos os requisitos legais para tal já haviam sido cumpridos.

No trecho [32], a nominalização *pedido* descreve a atuação do senador Randolfe Rodrigues na instalação da CPI. Outro senador que atuou diretamente nos trabalhos da CPI foi Renan Calheiros. Ele é colocado como ator do processo material *tentava assumir*, no recorte [33]. O comportamento em questão retrata a insistência de Renan na relatoria da comissão. O parlamentar é crítico do presidente Bolsonaro e apoia o ex-presidente Lula – condições que ameaçavam a defesa do ex-capitão. A escolha do atributo *opositor* não é, pois, ocasional. Com ela, o jornalista negocia com o leitor essa postura do senador para com Bolsonaro.

[32] O pedido **[julgamento: estima social / +tenacidade]** foi protocolado pelo senador Randolfe Rodrigues, da Rede, em fevereiro. Seguindo jurisprudência do STF, Barroso assegurou o direito da minoria parlamentar.
[33] Renan Calheiros, opositor **[julgamento: estima social / +tenacidade]** de Bolsonaro, tentava assumir **[julgamento: estima social / +tenacidade]** a estratégica relatoria.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

A descrição funcional das escolhas léxico-gramaticais realizadas no subsistema de tenacidade revela a prevalência por termos que materializam críticas a comportamentos de Bolsonaro e aliados na tentativa de impedir a instalação da CPI. O Quadro 4.40 reúne essas escolhas, que se concentram na forma de nominalizações e processos materiais.

Quadro 4.40 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Bolsonaro no banco dos réus: as ocorrências por tenacidade

Epíteto	indevida
Atributo	autor, opositor
Nominalização	tentativa, instalação, pedido, encenação, falta, pressão, manobra, embuste, operação, ardil, investida, atos de revanchismo, complacência, ajuda, polarização
Processo	fracassa, blindar, patrocinar, bancou, mudar, determinou, impedir, tentou sugerir, tentando interferir, retomou, mobiliza, retirar, apresentarem, ampliou, saturar, mirar, tentava assumir, xingou, desviar, preparou, pediu, havia manifestado, tentou mudar, travar, foram criadas

Fonte: Elaboração própria

Em particular, os julgamentos que se realizam na forma de processos materiais descrevem uma realidade de mundo em que Bolsonaro age para proteger sua reputação. O Quadro 4.41 reúne esses processos. Acuado por aquilo que as investigações poderiam revelar – tal co-

mo uma gestão incompetente e intencionalmente insensível à pandemia –, o presidente percebeu que os trabalhos da CPI iriam expor sua credibilidade à opinião pública. O que estaria em cena seriam omissões, erros e crimes cometidos em sua gestão.

Quadro 4.41 – Processos materiais que realizam julgamentos do tipo tenacidade na reportagem Bolsonaro no banco dos réus

Ator	Ação
Bolsonaro	fracassa, tinha conseguido se blindar, patrocinar a eleição da atual direção do Congresso, bancou emendas, impedir a criação da CPI, tentou sugerir que governadores também fossem investigados, tentando interferir no Congresso, fazendo ameaça, retomou a mesma tática que usa sempre que está em situação desfavorável, mobiliza seus seguidores nas redes, xingou, tentou mudar a cúpula das Forças Armadas

Fonte: Elaboração própria

No subsistema de sanção social, predominam julgamentos negativos do tipo propriedade – são 50 realizações avaliativas. As escolhas linguísticas em questão descrevem condutas de natureza criminosa adotadas por Bolsonaro durante a pandemia da Covid-19. No *lead* da reportagem, o jornalista faz duas críticas a essas condutas por meio das nominalizações *crimes* e *ameaça*. Embora essa escolha gramatical encapsule informações sobre as atitudes descritas, os julgamentos implicam regras legais violadas.

[34] Presidente fracassa na tentativa de barrar a CPI que vai expor seus crimes **[julgamento: sanção social / –propriedade]** em série na pandemia – nem a ameaça **[julgamento: sanção social / –propriedade]** direta a ministros do STF funcionou.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Os crimes em questão abrangem a política negacionista praticada pelo presidente no combate ao novo coronavírus. Infrações de medidas sanitárias, charlatanismo, emprego irregular de verba pública são alguns desses crimes. Esse tipo de julgamento presente no *lead* antecipa ao leitor a macroestrutura da notícia, a saber: a descrição do comportamento criminoso do ex-capitão ao longo da pandemia.

Nessa lógica, as escolhas lexicais cumprem importante papel avaliativo na construção discursiva da notícia. Uma dessas escolhas é o léxico *crime*. Com ele, o jornalista não apenas condena atitudes do presidente, mas as negocia semanticamente sob um ponto de vista específico: sua natureza criminosa. Os recortes [35], [36] e [37] reúnem julgamentos negativos do tipo propriedade que se realizam por meio do termo *crime*.

[35] Para ele, o escandaloso balcão de negócios com emendas e cargos que bancou no Legislativo afastaria a ameaça de *impeachment* pelos crimes de responsabilidade em série que cometeu **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.

[36] Uma comissão de juristas da OAB preparou um relatório duríssimo contra o presidente, concluindo que o chefe do Executivo cometeu crime de responsabilidade contra a humanidade ao fundar uma "República da Morte" **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.

[37] Também na última semana, a ministra do STF Cármen Lúcia pediu que a Corte incluísse na pauta o julgamento de uma notícia-crime contra o presidente por crime de genocídio contra indígenas **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.

[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Outra escolha lexical que condena ações do mandatário e as negocia semanticamente como crime é a nominalização *omissão*. Nos recortes [38], [39], [40], [41] e [42], esse recurso gramatical, por um lado, apaga informações sobre a atuação de Bolsonaro nos crimes descritos, mas, por outro, revela a negligência do governo federal para com o combate à disseminação do novo coronavírus. Para o discurso moralizador e crítico que o jornalista tece, importa reforçar o desinteresse do ex-capitão em assumir a liderança no enfrentamento à doença.

[38] CPI proposta por Randolfe Rodrigues pede que Bolsonaro explique omissões na pandemia **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.

[39] A omissão **[julgamento: sanção social / –propriedade]** federal agravou a falta de oxigênio.

[40] Omissão na compra da vacina Coronavac **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.

[41] Omissão **[julgamento: sanção social / –propriedade]** na compra de vacinas, agulhas e seringas.

[42] Estudo detalhado publicado na prestigiada revista "Science" mostrou que o governo federal é o maior culpado pelos erros na pandemia, por meio de suas falhas e omissões **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.

[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Julgar essa omissão no subsistema de sanção social implica reconhecer nela a violação de normas e decretos de saúde pública. Nessa lógica avaliativa, os núcleos criados pelo governo Bolsonaro para mitigar os efeitos da pandemia e planejar ações de combate à doença não exerceram suas atribuições legais. No recorte [43], a voz do senador Randolfe Rodrigues julga essa violação de normas e decretos por meio do termo *genocídio*.

[43] "Quem se afundar em alguma operação abafa ou passar a mão na cabeça desse genocídio **[julgamento: sanção social / –propriedade]** não será perdoado pela sociedade brasileira. Nem a curto prazo, nem na história", disse Randolfe Rodrigues à ISTOÉ.

[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

No recorte [44], a nominalização *ameaças* e o processo material *voltou a fazer ameaças* são julgamentos negativos do tipo propriedade; trata-se de condenações que o jornalista faz à postura adotada por Bolsonaro ao se ver no centro das investigações da CPI. A escolha do léxico *ameaças* traz consigo a estratégia usada pelo mandatário diante desse cenário adverso: a intimidação. De acordo com Nobre (2020), sempre que acuado, Bolsonaro intimida adversários e instituições a fim de buscar sobrevivência política.

[44] Ameaças do presidente **[julgamento: sanção social / –propriedade].** O presidente acusou o golpe. Em suas últimas declarações, voltou a fazer ameaças **[julgamento: sanção social / –propriedade]** veladas de instabilidade institucional.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Esse comportamento intimidatório do presidente é novamente reprovado, desta vez no recorte [45], por meio dos processos materiais *fazendo*, *ataca* e *tenta transferir*.

[45] Tentando interferir no Legislativo e fazendo essa ameaça **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, o presidente retomou a mesma tática que usa sempre que está em situação desfavorável: ataca os outros Poderes **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, tenta transferir aos adversários as suas próprias responsabilidades **[julgamento: sanção social / –veracidade]** e mobiliza seus seguidores nas redes.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Ministros do Supremo Tribunal Federal foram alvo de xingamentos e ameaças de Bolsonaro desde o início do governo (OYAMA, 2020). Os julgamentos materializados em *fazendo essa ameaça* e *ataca os outros Poderes* descrevem exatamente esse comportamento. Outra conduta avaliada sob o viés semântico do subsistema de sanção social é a tentativa do mandatário de transferir responsabilidades suas a adversários. Segundo Oyama (2020), tal conduta atende ao *modos operandi* de agir do presidente. O ex-capitão sempre terceiriza a culpa de problemas gestados em seu governo.

Por fim, ainda sobre as condutas do presidente que violam normas legais, o jornalista julga aquelas que atentaram contra a saúde pública. No recorte [46], a nominalização *incentivos* descreve a postura adotada por Bolsonaro para combater a disseminação do novo coronavírus. O ex-capitão, segundo narra Amado (2022), executou uma política institucional de propagação da doença. Mesmo sem comprovação científica, ele defendeu e fez publicidade de medicamentos ineficazes contra o vírus.

[46] Incentivos a tratamentos sem evidência científica **[julgamento: sanção social / –veracidade]**. Governo não seguiu as orientações de autoridades sanitárias, como a OMS **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Ainda neste recorte [46], o emprego do processo material *seguiu* – antecedido pelo adjunto *não* – reforça a crítica sobre a postura negacionista do presidente. Esse julgamento no subsistema de sanção social revela como o jornalista interpreta o desestímulo que Bolsonaro promoveu sobre o uso de máscara, o distanciamento social e a administração de vacinas. No recorte [47], os processos materiais *agiu* e *omitiu* também são julgamentos negativos do tipo propriedade que cumprem essa função avaliativa.

[47] Presidido pelo ex-ministro do STF Carlos Ayres Britto, o colegiado diz que Bolsonaro agiu deliberadamente contra medidas de proteção ao coronavírus **[julgamento: sanção social / –propriedade]** e se omitiu em diversas situações que poderiam reduzir o número de óbitos **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

No trecho [48], o julgamento *a falta desses insumos, causados pelo governo federal* é outra crítica à política de combate ao vírus adotada por Bolsonaro. O comportamento em cena descreve a escassez de oxigênio, medicamentos e outros insumos que hospitais públicos enfrentaram durante período crítico da doença.

[48] Outro ardil foi ensaiado pelo líder do governo no Congresso, o senador Eduardo Gomes. Ele defendeu que a instalação só ocorresse quando "servidores, senadores e repórteres" estivessem vacinados. É uma ironia, já que a CPI deve investigar exatamente a falta desses insumos, causados pelo governo federal **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Esse julgamento, assim como aqueles feitos no recorte [49], negociam com o leitor um descaso com a saúde pública promovido pelo presidente. Ainda que as nominalizações *omissão*, *ausência* e *compra* encapsulem essa agência, ela é recuperada no contexto da narrativa noticiosa e coloca Jair Bolsonaro como alguém que não somente violou normas, mas atrapalhou ações de combate ao vírus.

[49] Há várias frentes de investigação que podem incriminar o mandatário, da omissão na compra de imunizantes, **[julgamento: sanção social / –propriedade]** até a ausência de campanha pelo uso de máscaras **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, passando pela compra de hidroxicloroquina **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

As escolhas lexicais que realizam todos esses julgamentos negativos afastam o discurso do jornalista da comunidade de leitores mais alinhados ao presidente. Para os que compartilham da ideologia bolsonarista, as ações do ex-capitão no enfrentamento ao vírus não subestimaram a seriedade da pandemia, nem estimularam a desinformação; tampouco se tratou da promoção de uma pseudociência. Martin e White (2005) explicam que a negociação de significados avaliativos implica a negociação de valores. O que o jornalista negocia com o leitor, ao empregar julgamentos negativos, é o antibolsonarismo – ou seja, valores opostos à ideologia que o mandatário manifesta e defende. É essa posição que justifica a seleção da nominalização *colapso*, no recorte [50], para julgar o comportamento omisso do governo federal frente ao abastecimento de oxigênio em hospitais públicos de Manaus.

[50] Colapso **[julgamento: sanção social / –propriedade]** na saúde em Manaus.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Ainda no subsistema de sanção social, os julgamentos positivos do tipo propriedade materializam elogios à postura de agentes políticos que se comprometeram a garantir e instalar a CPI da pandemia. Mesmo que em número reduzido, essas avaliações marcam a posição institucional de IstoÉ. Escolher determinadas avaliações positivas acerca da atuação de ministros, senadores e outros agentes em defesa da ciência e da saúde, significa negociar valores opostos ao bolsonarismo. No recorte [51], por exemplo, julga-se positivamente a relação harmônica entre os Poderes do Estado – uma vez que o Senado e o Supremo haviam garantido a instalação dos trabalhos da CPI.

[51] A instalação da CPI no Senado mostrou que o controle democrático entre os Poderes está funcionando **[julgamento: sanção social / +propriedade]**.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

No recorte [52], é por meio do processo *assegurou* que o jornalista avalia a atitude do ministro Barroso, que havia determinado a legalidade da instalação da CPI, como correta.

[52] O pedido foi protocolado pelo senador Randolfe Rodrigues, da Rede, em fevereiro. Seguindo jurisprudência do STF, Barroso assegurou **[julgamento: sanção social / +propriedade]** o direito da minoria parlamentar.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Ainda que os julgamentos estejam realizados no polo positivo do subsistema de sanção social, eles significam uma derrota para Bolsonaro e seus aliados, na medida em que materia-

lizam ações que vão de encontro ao plano presidencial de impedir o início dos trabalhos da CPI. No trecho [53], essa tentativa de impedimento é julgada por meio do processo *foi derrotado*. A ação descreve não apenas a derrota desse plano, mas também a postura ética daqueles que impuseram esse insucesso.

[53] Nesse caso, seguindo a lógica do emedebista do Tocantins, bastaria ao governo paralisar de vez a vacinação para impedir os trabalhos de investigação. Foi derrotado **[julgamento: sanção social / +propriedade]**.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Nos recortes [54], [55] e [56], os julgamentos positivos, embora não se realizem pelo léxico atitudinal *derrota*, também descrevem fracassos do governo Bolsonaro. Todos os processos materiais em questão – *não pautará*, *mandou* e *moveu* – negociam valores da ética e da ciência; princípios que o bolsonarismo não defende.

[54] A investida de Bolsonaro contra o STF também fracassou. O presidente do Senado disse que não pautará nenhuma abertura de *impeachment* contra membros do STF **[julgamento: sanção social / +propriedade]**, o que certamente abriria uma crise institucional.
[55] O TCU mandou o governo utilizar testes de Covid que foram esquecidos pelo Ministério da Saúde em um depósito em São Paulo **[julgamento: sanção social / +propriedade]** e estão para vencer.
[56] O Ministério Público Federal no Amazonas moveu uma ação **[julgamento: sanção social / +propriedade]** contra Pazuello por improbidade administrativa diante do colapso na Saúde no estado, entre dezembro e janeiro.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Esses julgamentos positivos podem ser interpretados a partir de dois vieses: por um lado, eles descrevem atitudes que impediram o governo Bolsonaro de ocultar práticas sistemáticas de negacionismo científico e desqualificação da pandemia. Por outro, embora em número reduzido, essas avaliações têm sua razão de ser. John Thompson (2002) explica que, ao narrar escândalos na política, a imprensa prioriza um discurso moralizador e crítico a pessoas e fatos relacionados à prática escandalosa. Isso implica a seleção de palavras e expressões que denotem tais críticas. Essa é, então, a justificativa para o predomínio de julgamentos negativos sobre os positivos do tipo propriedade e veracidade, no subsistema de sanção social.

O Quadro 4.42 reúne as escolhas léxico-gramaticais que realizam os julgamentos positivos e negativos no subsistema de sanção social.

Quadro 4.42 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de julgamento na reportagem Bolsonaro no banco dos réus: as ocorrências por propriedade e veracidade

Atributo	indignidade, culpado
Nominalização	crimes, ameaça, ações, genocídio, omissões, colapso, incentivos, falta, combate, compra, responsabilização, ausência, escalada
Processo	cometeu, assegurou, fazendo, ataca, tenta transferir, propunha, seguiu, atrapalhou, tentou impedir, paralisar, foi derrotado, pautará, havia tentado agredir, cometeu, agiu, omitiu, vetar, moveu, mandou, denunciou, voltou a fazer, brigar, tomar, comprou, inventou, tuitou, agem, está funcionando

Fonte: Elaboração própria

Nominalizações como *crimes*, *ameaça*, *genocídio*, *omissões* e *colapso* aproximam Jair Bolsonaro e aliados de um mundo forjado por irregularidades, imoralidades e falta de ética. A imagem pública do ex-capitão é, então, negociada com o leitor a partir de um ponto de vista particular: o de que o mandatário operou um plano de disseminação do novo coronavírus. As escolhas de processos materiais se revelam, nesse ponto, indispensáveis ao discurso em questão. Assim, *cometeu*, *ataca*, *atrapalhou*, *omitiu*, *vetar*, *inventou* descrevem materialmente como esse plano se efetivou, situando as ações no mundo material das coisas – o que permite ao jornalista representar o presidente no papel de ator das ações.

Com relação às avaliações do tipo apreciação, foram identificadas 32 ocorrências no texto *Bolsonaro no banco dos réus* – ver o Quadro 4.43. Predominam avaliações negativas que se realizam no subsistema de valoração.

Quadro 4.43 – Ocorrências de apreciação na reportagem Bolsonaro no banco dos réus

Atitude	Categoria	Subcategoria	Polaridade	Ocorrência
Apreciação	reação	impacto	positiva	0
			negativa	1
		qualidade	positiva	0
			negativa	1
	composição	equilíbrio	positiva	0
			negativa	0
		complexidade	positiva	0
			negativa	3
	valoração		positiva	0
			negativa	27

Fonte: Elaboração própria

Apreciações negativas do tipo valoração servem para o falante reprovar o significado social ou a importância de objetos, eventos, artefatos e entidades. Na reportagem, ao avaliar o impacto das investigações da CPI sobre a gestão Bolsonaro, o jornalista recorre a esse tipo de apreciação. No recorte [57], que é parte do *lead*, o termo *crise* configura-se uma avaliação negativa do cenário de instalação da comissão parlamentar. A escolha desse termo se justifica no fato de que a CPI iria se debruçar sobre potenciais crimes que o ex-capitão teria cometido durante os primeiros meses da pandemia da Covid-19.

[57] Crise **[apreciação: –valoração]** o deixa ainda mais isolado e deve ser decisiva **[apreciação: –valoração]** para o futuro da sua gestão.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Por se tratar de uma estratégia de edição da notícia (VAN DIJK, 1991), o *lead* antecipa ao leitor as ideias que irão perpassar o texto, direcionando interpretações para as informações divulgadas. E isso ocorre quando o jornalista seleciona o atributo *decisiva* para apreciar negativamente o impacto que as investigações da CPI poderiam provocar no governo Bolsonaro. Com esse qualificador, anuncia-se qual é o impacto político dos trabalhos da comissão.

No recorte [58], o jornalista escolhe outro qualificador para avaliar negativamente o cenário da CPI da pandemia: é o termo *gravidade*, que dimensiona a complexidade daquela situação. O processo material *mudar* cumpre essa mesma função avaliativa.

[58] Mas o grau de nervosismo do presidente e a gravidade **[apreciação: composição / –complexidade]** da crise política, sanitária e econômica evidenciam que ela pode mudar o curso do governo Bolsonaro **[apreciação: –valoração]**.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

A escolha desses termos atitudinais faz parte de uma negociação de significados que o jornalista propõe no texto. O objetivo é sinalizar ao leitor a instabilidade política por que passavam Bolsonaro e aliados. No recorte [59], com o termo *desfavorável*, o jornalista não apenas aprecia negativamente o nível de complexidade da CPI, como também aponta o quão desconfortável ela era para o mandatário. O que está em cena é a imagem pública de Jair Bolsonaro, ou melhor, a representação política que o leitor tem dele.

[59] Tentando interferir no Legislativo e fazendo essa ameaça, o presidente retomou a mesma tática que usa sempre que está em situação desfavorável **[apreciação: composição / –complexidade]**.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Essa representação, enquanto produto construído na e por meio da imprensa (WEBER, 2004), assemelha-se a uma mercadoria, por isso pode ser negociada e vendida "ao público". Nos recortes [60] e [61], os termos *dissabores* e *duríssimo* negociam valores depreciativos em relação à realidade política vivida por Jair Bolsonaro. Essas escolhas apreciam negativamente as potenciais consequências da CPI para o presidente.

[60] Seja qual for a configuração final, a participação dos dois, junto a nomes como Tasso Jereissati (PSDB), Humberto Costa (PT), Otto Alencar (PSD) e Eduardo Braga (MDB) vai garantir trabalhos acelerados (seu prazo é de 90 dias) e vários dissabores **[apreciação: –valoração]** para o presidente.

[61] Uma comissão de juristas da OAB preparou um relatório duríssimo **[apreciação: –valoração]** contra o presidente.

[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Dissabores e *duríssimo* parecem antecipar ao leitor a derrota que o ex-capitão sofrerá no relatório final da CPI. No recorte [62], essa retórica avaliativa é reforçada com o emprego de *pode minar o apoio que ainda resta a ele* e *pode dar força e consistência ao impeachment*.

[62] No mínimo, pode minar o apoio que ainda resta a ele **[apreciação: –valoração]**. No desenlace mais grave, pode dar força e consistência ao *impeachment* **[apreciação: –valoração]** — já há mais de 100 pedidos na mesa da Câmara.

[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Por meio dessas apreciações, o jornalista expõe uma imagem pública fragilizada de Jair Bolsonaro. Os termos em questão avaliam sua perda de poder político. Os processos *pode minar* e *pode dar força* descrevem como a reputação que o mandatário possui está ameaçada pelas investigações da CPI. John Thompson (2002, p. 299) entende que escândalos são "potenciais esvaziadores de reputação". É exatamente essa realidade que o jornalista constrói com as seleções avaliativas do tipo apreciação negativa.

Essas escolhas apreciativas também podem ser lidas como uma tentativa de definir a reputação do governo Bolsonaro. No recorte [63], o termo *temerária* desqualifica a gestão política que o ex-capitão comandou durante a pandemia e faz referência ao perigo a que expôs a população. Mais do que isso, o termo define o presidente enquanto alguém despreparado e irresponsável. Atribuir esse valor social à forma como Bolsonaro enfrentou a pandemia implica referenciar, pois, uma imagem pública constituída por valores de negação e incompetência.

[63] Mas, com as crises em série criadas pelo presidente, os empresários paralisam seus investimentos, o dólar continua em alta e a inflação galopante corrói o poder aquisitivo da população. Sem contar a maior crise de todas, a gestão temerária **[apreciação: –valoração]** na pandemia.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

No trecho [64], as apreciações negativas do tipo valoração não apenas revelam a posição do jornalista diante da forma como Bolsonaro geriu a pandemia; elas definem a reputação do governo. O valor social conferido a essa gestão no enfrentamento à doença desqualifica a imagem pública do mandatário.

[64] É preciso conter a tragédia humanitária **[apreciação: –valoração]** que, até o momento, está fora de controle e tem colocado o Brasil, cumprindo a profecia do ex-chanceler Ernesto Araújo, como um pária internacional **[apreciação: –valoração]**. Essa imagem negativa **[apreciação: –valoração]** ganhou um novo capítulo no dia 14, na Assembleia Nacional da França, quando o primeiro-ministro, Jean Castex, anunciou a suspensão de voos entre os dois países e lembrou que o Brasil é a nação que mais prescreveu hidroxicloroquina.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Selecionar o termo *tragédia* diz muito sobre as consequências das decisões tomadas por Bolsonaro e aliados na gestão da pandemia. Aqui, negocia-se com o leitor um conjunto de ações que foram executadas pelo capitão reformado – a saber, demora em adquirir vacinas, ausência de campanhas pelo uso de máscara, publicidade de medicamentos ineficazes – cujo resultado provocou uma crise na saúde pública do país.

A escolha dos qualificadores *pária internacional* e *negativa* visa também definir a reputação do governo Bolsonaro. Ao empregar tais termos, o jornalista espera que o leitor reconheça a política isolacionista que o Brasil adotou sob a gestão do capitão reformado – em particular pelo então ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo – durante a pandemia. No livro *Sem máscara*. *O governo Bolsonaro e a aposta pelo caos*, o jornalista Guilherme Amado (2022) explica que o governo Bolsonaro adotou posturas negacionistas em relação ao coronavírus, e isso acarretou perda de protagonismo internacional.

O Quadro 4.44 reúne as escolhas léxico-gramaticais que se realizam no subsistema de apreciação. Nota-se que a predileção é por termos que desqualificam socialmente a gestão de enfrentamento à pandemia do novo coronavírus. Isso se justifica em razão de o jornalista adotar um discurso crítico à entidade "governo Bolsonaro". Nessa lógica avaliativa, escolhas como *derrocada*, *escandaloso*, *duríssimo*, *dissabores*, *desastrosa* e outras materializam não so-

mente uma posição ideológica particular – a saber, a linha editorial de IstoÉ; elas materializam também a imagem pública do governo Jair Bolsonaro.

Quadro 4.44 – Realizações léxico-gramaticais no sistema de apreciação na reportagem Bolsonaro no banco dos réus

Nominalização	derrocada
Processo	pode dar, mudar, voltam
Epíteto	escandaloso, gravidade, confuso, desfavorável, duríssimo, desastrada, imprevisíveis, negativa
Atributo	crise, decisiva, ilusão, epicentro, despropósito, lamentável, riscos, ironia, dissabores, desastre, ruim, tragédia, pária, desastrosa

Fonte: Elaboração própria

Uma vez que a imagem pública resulta de um processo semiótico contínuo de construções e desconstruções mediadas e midiatizadas (WEBER, 2004), nota-se que as escolhas avaliativas do tipo apreciação negativa feitas pelo jornalista constroem uma imagem desonrada do governo Bolsonaro. O jornalista recorre a um léxico que desqualifica a reputação que tal gestão possui. Desconstruir tal credibilidade e prestígio é parte do discurso moralizador e crítico que a imprensa replica em todo escândalo político (THOMPSON, 2002). Depreende-se, pois, que essas escolhas refletem parte de uma disputa política, em que a imagem pública se impõe como fator determinante na forma como instituições, partidos e atores políticos são avaliados socialmente.

4.5.1 O discurso fotográfico em Bolsonaro no banco dos réus

Na Fotografia 10, Bolsonaro é enquadrado sob um pano de fundo branco. Não há profundidade, logo não é possível afirmar em que contexto o registro foi feito. Importa somente a captura do assunto. O plano escolhido é o médio, buscando uma visão objetiva do real. Quanto ao ângulo, ele é frontal. Isso sugere naturalidade daquilo que é fotografado. Essas escolhas se justificam em razão do tipo de fotografia construída: a espontânea, considerada a base conceitual dos gêneros factuais do fotojornalismo (SOUSA, 2004).

Na imagem, Bolsonaro está em posição lateral, com as duas mãos no rosto. Seus olhos estão fechados, e seu semblante denota preocupação. Ele não posa para o registro fotográfico, o que sugere a ausência de manipulação da cena. Para Sousa (2004), essa condição cria o discurso da objetividade e da credibilidade fotojornalística, isso porque a espontaneidade visual

do corpo – vista como algo fora da normalidade estética – preenche o critério do credível. O emprego de fotografias espontâneas preenche os espaços dedicados às informações mais relevantes do veículo de comunicação, tal como o é o espaço da reportagem de capa.

Fotografia 10 – edição nº 2674
Bolsonaro isolado

ACUADO O presidente no Palácio do Planalto: a CPI o deixará ainda mais refém do Centrão (Crédito: Ueslei Marcelino)

Visualmente, o discurso da Fotografia 12 dialoga com o que a reportagem narra sobre o presidente. A preocupação descrita na imagem também é construída verbalmente. Parlamentares aliados do ex-capitão tentaram, inicialmente, impedir a criação da CPI sob o argumento de que não haveria segurança sanitária no Senado para receber políticos, servidores e jornalistas. Depois, buscaram ampliar o escopo de investigação da comissão: queriam incluir prefeitos e governadores. O objetivo era dispersar o foco sobre o presidente.

Dessa forma, quando expõe a forte expressividade facial de Bolsonaro na Fotografia 10, o jornalista busca respaldar a narrativa verbal que é construída na reportagem acerca do receio que o presidente e seus aliados tinham sobre os impactos políticos da CPI da pandemia. Essa relação intersemiótica converge, pois, para um único discurso: o de que investigar a responsabilidade do ex-capitão na crise sanitária iria prejudicar sua reputação política. Isso fica evidente quando os termos *acuado* e *refém do Centrão* são usados na legenda da Fotografia 12 para descrever Jair Bolsonaro.

Fotografia 10 – Legenda: ACUADO. O presidente no Palácio do Planalto: a CPI o deixará ainda mais refém do Centrão.

Como ensina Roland Barthes (1982), a legenda é uma das mensagens que compõem a fotografia, e sua função é conter a cadeia flutuante de significados que podem ser atribuídos à imagem. Nessa lógica, *acuado* e *refém do Centrão* atuam como uma barreira para diferentes interpretações à cena em que o presidente, de olhos fechados, está com as duas mãos no rosto. Com o termo *acuado*, a ideia é esclarecer ao leitor que a instalação da CPI da pandemia deixou Jair Bolsonaro tenso acerca dos impactos políticos das investigações. Isso, porque sob a gestão do seu governo, houve omissões na recomendação de distanciamento social, na produção e distribuição de hidroxicloroquina e na demora para a compra de vacinas.

Com o termo *refém do Centrão*, o propósito é também adaptar o olhar do observador ao gesto de tensão que o presidente manifesta. Na verdade, a ideia é explicar ao leitor que o Centrão, grupo de parlamentares de diferentes partidos que tradicionalmente trocam apoio por cargos, irá exigir mais verbas, repasses e espaços no governo na medida em que Jair Bolsonaro estará fragilizado pelas investigações da CPI. Nessa lógica, a escolha do termo *refém* é uma tentativa de negociar com o leitor a ideia de fragilidade política – estar *refém* de tais políticos é estar submisso a eles, logo sem capital simbólico [20]. Nada há na imagem que relacione o capitão reformado a tal bloco de políticos. Assim, fica claro o papel ideológico desempenhado pelo termo *refém do Centrão* ao fixar um significado verbal que a imagem não constrói.

Em síntese, o discurso construído verbal e visualmente na Fotografia 10 negocia com o leitor a fragilidade política do presidente – o que implica negociar uma imagem pública negativa. O Bolsonaro representado visual e verbalmente é incapaz de intervir no curso da CPI da pandemia, de influenciar os trabalhos da comissão ou de moldar o andamento das investigações. Essa incapacidade é fruto de uma reputação de competência questionada – essa é a razão dos termos *acuado* e *refém do Centrão* serem selecionados.

Na Fotografia 11, Jair Bolsonaro e o senador Randolfe Rodrigues estão enquadrados num grande plano, o que deixa a imagem menos informativa e mais expressiva. Isso, porque o registro fotográfico coloca em destaque certos detalhes, tais como as faces de ambos e a proximidade entre eles. Como não há profundidade de campo, não é possível identificar o ambi-

[20] É importante ressaltar que, no início de seu governo, Bolsonaro rejeitou uma articulação política com o Centrão sob a justificativa de que não iria repetir erros da velha política – termo amplamente usado na esfera jornalística em referência ao político que troca favores por apoio no Congresso. No entanto, a fim de aumentar sua base de apoio no Parlamento em 2020, o presidente entregou cargos ao Centrão. Naquele momento, o ex-capitão estava ameaçado por uma centena de pedidos de *impeachment* na Câmara.

ente em que a foto se fez, nem quantos participantes estão no entorno do ex-capitão e do senador. A decisão do fotojornalista pelo grande plano revela que seu propósito era mirar somente o assunto a fim de registrar pormenores da cena.

Fotografia 11 – edição nº 2674
Bolsonaro discute com o senador Randolfe Rodrigues

NO BRAÇO Presicente xingou o senador Randolfe Rodrigues, a quem já havia agredido em 2013 (Crédito:Márcia Foletto)

Na imagem, estão realçados traços de fúria na face do ex-capitão. Seus olhos e sua boca demonstram raiva. O olhar do senador, por sua vez, mira fixamente o presidente, encarando-o. Além disso, nota-se que a mão direita de Bolsonaro contém a aproximação de Randolfe. As mãos de outros participantes fazem o mesmo. Com o grande plano, o fotorrepórter valoriza o que parece ser uma discussão. Importa a ele descrever visualmente esse assunto. A escolha desse plano interfere, pois, na forma como aquele fragmento do real é imageticamente forjado – ainda que a fotografia seja não posada.

Quanto ao ângulo, a imagem é capturada de baixo para cima. Essa escolha atribui valor visual a Bolsonaro e Randolfe Rodrigues. Eles estão em relação de poder sobre o observador, mas não um em relação ao outro. É importante ressaltar a possibilidade de o fotorrepórter não ter posicionado a câmera de forma proposital para esse ângulo. Como se tratava de uma situação tensa, com discussão e empurrões, é possível que a condição de trabalho condicionou o ponto de vista registrado.

Em síntese, esses elementos da linguagem fotográfica constroem uma cena de conflito entre o presidente e o senador. O texto verbal de *Bolsonaro no banco dos réus* faz referência a essa desavença. Trata-se de uma situação em que Randolfe, junto a outros senadores, visitava

o 1º Batalhão de Polícia do Exército, no Rio de Janeiro, o antigo DOI-Codi – centro de torturas na época da Ditadura Militar. Impedido de entrar no prédio, Bolsonaro causou tumulto e agrediu o parlamentar. O evento não tem relação com o tema central da reportagem, assim como não o tem a Fotografia 11. Nesse viés, a inserção dessa imagem no corpo da notícia cumpre um propósito discursivo, a saber: reforçar a ideia de que o presidente tumultua situações que não lhe são agradáveis politicamente – tal como o fez na CPI da pandemia.

Quanto à legenda da Fotografia 11, ela se coloca como um elo entre a matéria e a foto. Nota-se que o termo *no braço* tem função elucidativa: ele esclarece ao observador o que ocorre na cena capturada. O objetivo é fixar seletivamente na imagem a ideia de que Bolsonaro é um agressor, sendo os termos *xingou* e *havia agredido* empregados exatamente para reforçar essa representação. Nesse caso, como explica Barthes (1982, p. 33), a legenda "é realmente a possibilidade do criador exercer um controle sobre a imagem".

Fotografia 11 – Legenda: NO BRAÇO. Presidente xingou o senador Randolfe Rodrigues, a quem já havia agredido em 2013.

A agressividade construída visualmente faz parte do discurso infamante que o jornalista constrói para narrar a tentativa de Bolsonaro barrar o início dos trabalhos da CPI da pandemia. Para a equipe jornalística de IstoÉ, importa estabelecer um elo entre essa tentativa (ações narradas verbalmente) e a conduta agressiva do mandatário (comportamento descrito visualmente). O que está em jogo é a reputação do ex-capitão, ou melhor, sua imagem pública. Expor visualmente sua agressividade é expor seu despreparo, seu desequilíbrio – atributos indispensáveis ao estoque de credibilidade de qualquer agente político.

Maria Helena Weber (2009) explica que a imagem pública diz respeito ao lugar que um político, um partido ou uma instituição ocupa na imaginação coletiva. Esse lugar é referenciado por determinados valores – tais como a ética, o prestígio, o decoro. Mais do que descreverem visualmente condutas de Bolsonaro, as Fotografias 10 e 11 são discursos que desprestigiam o presidente e refletem valores sociais que vão de encontro à boa reputação. Nessa lógica, toda a construção semiótica forjada nessas imagens pode realçar um lugar político para o ex-capitão ocupar na imaginação coletiva.

4.5.2 Marcas atitudinais nas fotografias de Bolsonaro no banco dos réus

Olhos fechados, mãos no rosto e demonstração de preocupação: assim está posicionado Jair Bolsonaro na Fotografia 12. Em termos avaliativos, essa postura expressa afeto do tipo insegurança na medida em que o sentimento inscrito denota intranquilidade, receio ou incerteza. Ao longo da matéria *Bolsonaro no banco dos réus*, o jornalista recorre a 9 avaliações afetivas do tipo insegurança; o presidente é o participante afetado em 8 delas. A construção discursiva desses sentimentos se faz, basicamente, por meio de atributos e processos.

Com relação aos atributos, destacam-se *isolado*, *assustado* e *preocupado*, que descrevem sentimentos relacionados ao bem-estar de Jair Bolsonaro – ver os recortes [64], [65] e [66], já discutidos anteriormente.

[64] Crise o deixa ainda mais isolado **[afeto: insegurança]** e deve ser decisiva para o futuro da sua gestão.
[65] Assustado **[afeto: insegurança]**, Bolsonaro fez tudo o que podia para impedir a criação da comissão.
[66] O governo está especialmente preocupado **[afeto: insegurança]** com a composição da CPI, que terá minoria governista (apenas 4 em 11 nomes).
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

É possível notar, pois, como tais afetos negativos convergem para o que visualmente a face e as mãos de Bolsonaro manifestam. Os sentimentos de isolamento, medo e preocupação descritos verbalmente podem ser lidos na imagem. Essa convergência de significados atitudinais não é, portanto, acidental. Na verdade, isso revela como o jornalista constrói e negocia uma realidade avaliativa única dos fatos narrados. Convergir tais significados implica manipular o modo como o leitor deve consumir as informações apresentadas.

O atributo *acuado*, na legenda da Fotografia 10, é outro recurso retórico usado nessa convergência intersemiótica de significados afetivos. Já que a legenda jornalística deve condensar os sentidos do discurso não verbal da fotografia (KOSSOY, 2002), percebe-se como o afeto do tipo insegurança realizado por *acuado* faz uma leitura visual do que Jair Bolsonaro expressa. Ao lado dos outros atributos, *acuado* atua para fixar na imagem um discurso homogêneo e silenciar significados afetivos não desejáveis que poderiam circular.

Quanto aos processos que realizam sentimentos de insegurança, Bolsonaro é representado no papel de participante experienciador em 3 ocorrências. Nos recortes [67], [68] e [69], analisados anteriormente, os termos *vive*, *acusou* e *desconfia* descrevem percepções do presidente acerca dos impactos da instalação da CPI da pandemia.

[67] Menos de dois meses depois, vive **[afeto: insegurança]** um choque de realidade.

[68] O presidente acusou **[afeto: insegurança]** o golpe. Em suas últimas declarações, voltou a fazer ameaças veladas de instabilidade institucional.

[69] O próprio governo desconfia **[afeto: insegurança]** que Pacheco, o presidente do Senado que ganhou sua cadeira com a ajuda decisiva de Bolsonaro, esteja fazendo jogo duplo para aproveitar a CPI e se cacifar para cargos mais altos, utilizando a visibilidade da comissão.

[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Tais percepções podem ser lidas visualmente na Fotografia 10. O *choque de realidade* vivido por Bolsonaro no recorte [67] e o *golpe* por ele sentido no trecho [68] guardam relação semântica com os olhos fechados, as mãos no rosto e a demonstração de preocupação retratados na imagem. O mesmo pode ser dito para o estado de desconfiança descrito no trecho [69]. Essa convergência de significados também se estabelece quando Bolsonaro é representado como o fenômeno de um processo mental, tal como no recorte [70].

[70] Randolfe tem o cuidado de afirmar que a investigação será sobre "fatos, e não sobre pessoas". Sua atuação assusta Bolsonaro **[afeto: insegurança]**, que o xingou no diálogo com Kajuru.

[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Como todo processo de produção de significados se constitui em uma materialidade que lhe é própria (FAIRCLOUGH, 1995a), depreende-se que os significados afetivos forjados na reportagem *Bolsonaro no banco dos réus* se fazem na relação intersemiótica entre os modos verbal e visual. Reduzir as atitudes afetivas do texto somente às escolhas léxico-gramaticais implica considerar a fotografia um texto meramente ilustrativo, sem função discursiva.

Na Fotografia 11, o close fotográfico aproxima o leitor da face de Jair Bolsonaro. Nela está inscrito um sentimento de fúria, cujo gatilho é o senador Randolfe Rodrigues. Em termos atitudinais, esse afeto realiza-se na categoria de insatisfação. Como já discutido anteriormente na seção 4.5.1, ao longo de *Bolsonaro no banco dos réus*, o jornalista não recorre a avaliações afetivas do tipo insatisfação, nem a sentimentos que se aproximam de raiva, ódio ou irritação. Não existe, portanto, convergência daquele afeto visual descrito na Fotografia 13 com os afetos dos quais o jornalista se vale na reportagem.

Com relação aos valores de julgamento nas Fotografias 10 e 11, cabe frisar que poucos significados podem ser inscritos em imagens (ECONOMOU, 2009). Na Fotografia 12, não se observa a inscrição de qualquer julgamento visual, isso porque o registro enquadra apenas Jair Bolsonaro à frente de um fundo branco. Não há outro participante – o avaliador – a quem um julgamento possa ser atribuído. Nesse caso, somente o leitor pode cumprir esse papel.

Ainda que o presidente não esteja retratado em qualquer tipo de ação, é possível haver um valor de julgamento em sua representação, o que depende de informações verbais presentes na legenda da fotografia ou de valores, crenças e conhecimentos a que o leitor se alinha. A demonstração de preocupação, as mãos no rosto e os olhos fechados podem ser julgados negativamente na categoria de capacidade – a qual compreende valores de competência, experiência, aptidão. Se associar essa postura corporal aos termos *acuado* e *refém do Centrão*, os quais compõem a legenda, o leitor pode julgar Bolsonaro de forma negativa, atribuindo-lhe algum valor relacionado a fracasso, insucesso, frustração.

Como mostrou o Quadro 4.38, foram identificadas 8 ocorrências de julgamento do tipo incapacidade. Em 7 delas, a voz autoral constrói críticas a posturas de Bolsonaro e de seu governo. A ideia de fracasso, insucesso, frustração que o leitor pode visualmente atribuir à postura do presidente na Fotografia 10 converge semanticamente para os termos *impotente*, *vulnerabilidade*, *frágil*, *falhas* empregados para reprovar condutas do capitão reformado e de seu grupo político no combate à pandemia do novo coronavírus.

Em síntese, ao reconhecer essa convergência intersemiótica de significados atitudinais na categoria de capacidade, o leitor reconhece um Jair Bolsonaro desgastado, sem prestígio, desprotegido – ou melhor, sem poder político. Uma construção avaliativa que resume essa leitura é o qualificador *vulnerabilidade*, no recorte [71]. Esse tipo de julgamento negativo também se faz na legenda da Fotografia 10, por meio do termo *refém do Centrão* – o qual é selecionado para descrever verbalmente aquilo que a fotografia registra visualmente.

[71] O Centrão vai aproveitar a vulnerabilidade **[julgamento: estima social / –capacidade]** do governo para exigir mais recursos, cargos e ministérios.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Toda essa convergência de julgamentos verbais e visuais do tipo incapacidade decorre de uma tentativa estratégica de impor uma visão de mundo unilateral ao conjunto de leitores.

É por meio desse discurso que o jornalista almeja conquistar ou manter o apoio da opinião do leitor, em geral – em particular, o objetivo é a adesão de um segmento mais diretamente vinculado ao antibolsonarismo.

Na Fotografia 11, o julgamento visual materializa-se de forma inequívoca. Enquanto valores de julgamento evocados são construídos apenas pelo observador por meio de inferências, aqueles que são inscritos decorrem da linguagem corporal e de gestos icônicos, explica Economou (2009). Na imagem em questão, algumas pessoas que estão ao lado de Jair Bolsonaro e Randolfe Rodrigues surgem com os braços estendidos em direção a ambos, numa clara tentativa de afastá-los um do outro – conduta que reprova a ação dos dois parlamentares.

De acordo com a terminologia do Sistema de Avaliatividade, tal conduta inscreve um julgamento visual do tipo tenacidade. O movimento dos braços estendidos julga o confronto entre o presidente e o senador como sendo uma ação imprudente. No modo verbal, julgamentos negativos do tipo tenacidade somam-se 36 ocorrências – nenhuma delas faz referência à cena retratada na Fotografia 11. Os julgamentos materializam, na verdade, críticas à insistência do presidente em impedir a instalação da CPI da pandemia.

Na Fotografia 11, a discussão que ocorre entre Bolsonaro e Randolfe é o gatilho para o julgamento negativo do tipo tenacidade. No modo verbal, o jornalista julga tal gatilho e representa o presidente enquanto ator do processo material *havia tentado agredir*, atribuindo-lhe a agência da ação descrita – ou seja, a responsabilidade pelo ato de agressão. Isso implica considerar a atitude do ex-capitão reprovável sob as normas e os valores que norteiam as condutas em sociedade. O recorte [72] traz esse julgamento.

[72] O presidente já havia tentado agredir **[julgamento: sanção social / –propriedade]** o senador em 2013, durante uma visita de integrantes da Comissão da Verdade ao Rio. Randolfe acha que esse comportamento faz parte da estratégia do presidente de desviar o foco dos seus problemas.
[Bolsonaro no banco dos réus, IstoÉ, ed. nº 2674]

Se na imagem não é possível identificar o agressor e o agredido, no plano verbal o é. Essa convergência de significados atitudinais, na verdade, parece impor sobre o visual um jul-

gamento verbal. O objetivo é negociar com o leitor a ideia de que o close fotográfico descreve Bolsonaro como o agressor e o senador Randolfe Rodrigues, a vítima.

O leitor é induzido a essa interpretação também quando o jornalista seleciona o adjunto *no braço* e o processo *havia agredido* para construir a legenda da fotografia. Os termos materializam julgamentos negativos do tipo propriedade. Ao adotar essas estratégias avaliativas, o jornalista orienta o modo como o observador deve interpretar os significados visuais da fotografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta seção, são apresentadas reflexões sobre o percurso traçado na pesquisa e os resultados obtidos nessa jornada. Ainda que as possibilidades de leitura se multipliquem a cada análise, algumas considerações podem ser propostas a título de conclusão – e, claro, algumas sugestões para estudos futuros.

Esta tese buscou investigar as relações intersemióticas que significados atitudinais verbais e visuais estabelecem entre si no discurso – mais precisamente, em reportagens multimodais da revista IstoÉ sobre a atuação política de Jair Bolsonaro nos anos de 2020 e 2021, espaço de tempo em que suas decisões se revelavam valores-notícia para os veículos de imprensa. Para isso, foi preciso explorar o espaço semântico da função interpessoal da linguagem – em particular, o subsistema de atitude.

Investigar como significados atitudinais verbais e visuais convergem em textos jornalísticos, seja qual for a vertente de análise do discurso adotada, é uma prática necessariamente seletiva. Isso implica, por um lado, responder a determinadas questões de ordem lexical, gramatical, semântica, discursiva e, por outro, renunciar a outras questões possíveis – o que não quer dizer que sejam menos importantes. Na verdade, a escolha de um objeto de pesquisa, seus objetivos e métodos de análise revela a subjetividade do pesquisador, isto é, seu engajamento em uma questão social/política/histórica/econômica que lhe interessa. Assim, esta tese não pretendeu ser imparcial de modo a assumir uma neutralidade analítica, isso porque "não existe análise 'objetiva' de textos, já que não é possível simplesmente descrever 'o que está lá' sem a participação subjetiva do analista" (FAIRCLOUGH, 2003, p. 14-15, grifo do autor).

As relações de convergência de significados atitudinais nos planos verbal e visual não estavam previamente definidas nas palavras e imagens de cada reportagem, nem recortadas de antemão. Elas foram identificadas e interpretadas segundo uma metodologia de pesquisa compatível com o *corpus* em questão. O subsistema de atitude nos permitiu acessar os recursos semânticos verbais e visuais empregados na manifestação, negociação e naturalização de opiniões e valores. Por meio da linguagem fotojornalística, por sua vez, foi possível interpretar realidades de mundo organizadas na tomada de ângulo, no plano e na redação da legenda.

Assim, os significados atitudinais construídos verbal e visualmente em cada reportagem, as relações que estabelecem ou não entre si e os discursos que os sustentam não foram acessados por nós de forma direta – somente uma abordagem ingênua admitira isso. Compreender a pesquisa científica sob esse viés implica reconhecer que as descrições e interpretações construídas ao longo da análise de cada matéria só se fazem por intermédio de um método de pesquisa (FAIRCLOUGH, 2003).

Nesse percurso investigativo, não se pode ignorar a decisão de escolher matérias jornalísticas cujo personagem central é o presidente da república. Na cultura jornalística, quanto maior o *status* do indivíduo envolvido num acontecimento, maior é a chance do evento ser noticiado. Pessoas da elite atraem a atenção da imprensa, na medida em que suas ações são mais consequentes do que as ações de pessoas sem destaque na sociedade.

Desde o início de 2020, quando o coronavírus começava a se espalhar pelo mundo, o presidente Jair Bolsonaro já proferia declarações que minimizavam a gravidade da doença. O discurso negacionista do mandatário esteve sob os holofotes da imprensa, pois atingia os valores-notícia de negatividade e impacto. A revista IstoÉ debateu amplamente essa postura do capitão reformado, haja vista as 56 capas produzidas em sua referência ao longo de 2020 e 2021 – ver o Quadro 3.1; período em que o *corpus* desta pesquisa foi coletado. Não estava no escopo da investigação se debruçar sobre o discurso bolsonarista – sua formação discursiva, sua produção de sentido e sua historicidade. Apesar disso, as análises das atitudes inscritas e evocadas verbal e visualmente se fizeram a partir dos valores que esse discurso sustenta. Isso porque o discurso de IstoÉ não se alinhava a nada daquilo que Bolsonaro e aliados defendiam para combater o coronavírus, a saber: negação do vírus, defesa de medicamentos ineficazes, descrédito às vacinas, restrição ao distanciamento social.

O levantamento quantitativo dos tipos de atitude presentes em cada reportagem revelou como o discurso de IstoÉ se afasta dessa ideologia bolsonarista. O Quadro 5.1 apresenta uma síntese desse levantamento – já realizado separadamente ao longo do Capítulo 4. Predominam avaliações negativas que descrevem sentimentos, comportamentos e eventos sob um viés crítico e moralizador; característica que define o discurso infamante, que a imprensa comumente usa para representar escândalos e crises políticas (THOMPSON, 2002).

Quadro 5.1 – Quantitativo dos tipos de atitude no *corpus* da pesquisa

Reportagem	Afetos positivos	Afetos negativos	Julgamentos positivos	Julgamentos negativos	Apreciações positivas	Apreciações negativas
Um ignorante irresponsável	1	16	4	33	3	24
Até aonde ele quer ir?	8	18	24	63	5	30
Bolsonaro acuado	8	11	39	47	3	37
O capitão cloroquina	17	5	2	81	1	22
Bolsonaro no banco dos réus	6	10	26	98	0	32

Fonte: Elaboração própria

Se em termos semânticos esse afastamento se constrói na forma de críticas e sanções, em termos linguísticos ele codifica uma ideologia, ou melhor, uma posição política. Segundo Roger Fowler (1991), o léxico que forma um texto equivale a um mapa de como o falante experiencia a realidade. Esta tese não assumiu as escolhas lexicais operadas pelos jornalistas como uma lista de palavras, mas como construções discursivas forjadas pela linha editorial de IstoÉ – logo, guiadas por uma ideologia. Isso nos permitiu identificar que os jornalistas descrevem e definem Bolsonaro como um político despreparado, inábil, autoritário e desonesto.

Assim, tanto no aspecto semântico quanto no lexical, foi possível identificar como os textos de IstoÉ não se alinham a valores bolsonaristas. Esse não alinhamento negocia, por certo, uma imagem pública para o presidente – no caso em tela, a imagem de um político despreparado, sem prestígio, sem poder político.

A imagem pública compreende as características ou propriedades publicamente reconhecidas que formam uma personalidade (GOMES, 2004). Na esfera política, essa imagem é referenciada por valores éticos e morais, assim como pela credibilidade, fama e reputação. E são exatamente esses os valores que os jornalistas negociam em cada matéria ao narrar e comentar eventos cujo personagem central é Jair Bolsonaro.

Como mostraram as análises no Capítulo 4, no subsistema de afeto, escolhas avaliativas do tipo insegurança e insatisfação serviram para descrever um presidente da república abalado emocionalmente, seja porque enfrentava um cenário político adverso, seja porque não tinha amplo apoio popular. Negociar com o leitor um Jair Bolsonaro desconfortável e frustrado sentimentalmente significa negociar a imagem de alguém sem controle emocional. Apenas

na matéria *O capitão cloroquina*, prevalecem significados afetivos positivos, os quais negociam o bem-estar do capitão reformado para com uma suposta eficácia da cloroquina no tratamento de pessoas acometidas pelo novo coronavírus.

Com relação ao subsistema de julgamento, aquele com maior incidência de avaliações por parte da voz autoral, prevalecem realizações no polo negativo. O predomínio de críticas e sanções a condutas do presidente Jair Bolsonaro encontra justificativa no discurso em que os jornalistas se amparam: o discurso infamante – o qual é construído na e pela imprensa para condenar ações antiéticas e imorais cometidas por agentes políticos (THOMPSON, 2002).

Os julgamentos negativos que se fazem ao ex-capitão no subsistema de normalidade negociam o valor de condutas incomuns e inesperadas para alguém que ocupa a cadeira presidencial. As críticas direcionam-se a falas e posturas adotadas em relação a adversários políticos, vacinas, vírus e manifestações políticas. Descrever avaliativamente Jair Bolsonaro dessa forma significa julgá-lo como alguém despreparado e inapto para as funções que lhe cabem – crítica que atinge sua reputação, logo sua imagem pública.

No subsistema de capacidade, as críticas constroem e negociam a ignorância do mandatário, principalmente no que tange a assuntos como ciência e política. Os julgamentos negativos colocam em tela fracassos, inabilidade e incompetência – comportamentos que estão no centro do discurso repreensor e moralizante denominado discurso infamante. A cada análise dos julgamentos negativos do tipo capacidade, era possível identificar que a postura política de Bolsonaro se fundava na ideologia negacionista – que, grosso modo, é um conjunto de ideias que desconstroem e negam fatos consensuais, um deles a gravidade da Covid-19.

Essa ideologia negacionista também serviu como pilar para condutas tenazes do presidente. Escolhas léxico-gramaticais realizadas no polo negativo do subsistema de tenacidade descreveram a insistência do ex-capitão em pautas caras ao bolsonarismo, tais como o negacionismo científico e o desprezo pelas instituições. As críticas construídas revelam um *modos operandi*: a busca pelo confronto e uma retórica capaz de unir a base radical de apoiadores. Elas posicionam o mandatário como um político antissistema e populista, intolerante a qualquer forma de acordo. Isso permite ao leitor interpretar o mandatário como alguém desleal à ética e à moral política.

Na medida em que a construção de uma imagem pública se faz por meio de disputas semióticas que ocorrem em espaços midiáticos, os quais produzem informações com potencialidade para repercutir (WEBER, 2009), as escolhas de julgamento negativo dos tipos propriedade e veracidade cumprem função discursiva fundamental na construção de uma personalidade política para Jair Bolsonaro. Semanticamente, julgamentos negativos realizados no subsistema de sanção social implicam condenações a comportamentos humanos que ferem regras éticas e morais – geralmente com consequências legais. Nas diferentes situações narradas nas reportagens, são descritas diversas posturas do então presidente que ferem a ética política e o decoro do cargo.

São com esses julgamentos em forma de condenações que se constrói uma *persona* para o mandatário, cujos comportamentos compreendem a participação em manifestações de cunho golpista, ameaças a instituições do Estado e adversários políticos, disseminação de notícias falsas, tentativa de interferência na Polícia Federal, publicidade de medicamento ineficaz. A imagem pública do presidente é fortemente associada à irresponsabilidade, ao radicalismo e à ilicitude, em que se busca estabelecer um laço de identidade criminosa em sua postura presidencial. É importante destacar que essa construção não ocorre isolada dos outros recursos semânticos do subsistema de atitude. Os julgamentos negativos dos tipos normalidade, capacidade e tenacidade atuam juntos nesse processo discursivo.

Para criticar o significado dos eventos narrados, os jornalistas recorreram particularmente a apreciações negativas do tipo valoração. Em tela, estavam o valor social de manifestações populares, agendas políticas do presidente, suas ações radicais no trato com o novo coronavírus e a tentativa de impedir a instalação da CPI da pandemia. A opção por depreciar o valor de tais eventos revela como os jornalistas reagiram à sua natureza. Todos esses acontecimentos estavam inseridos num contexto de disputa por narrativas, representações sociais, poder e reputação.

Com isso, foi possível identificar uma convergência de significados atitudinais no plano verbal das reportagens na direção de um discurso único sobre sentimentos, comportamentos e eventos relacionados ao presidente Bolsonaro. Assim, ao consumir os textos de IstoÉ, o leitor consome a imagem de um Jair inseguro, incompetente e desonesto.

Dessa forma, a elaboração do título da matéria jornalística já era um indicativo de qual *persona* política seria construída ao longo do texto – isso, porque a manchete expressa a informação central ou mais importante da macroestrutura da notícia (VAN DIJK, 1988). O Quadro 5.2 reúne os títulos das reportagens analisadas nesta pesquisa seguidos dos tipos de atitude neles expressos.

Quadro 5.2 – A construção de atitudes nos títulos das reportagens do *corpus*

Edição	Título	Subsistema de atitude
2619	Um ignorante irresponsável	Julgamento: estima social / –capacidade
2624	Até aonde ele quer ir?	Julgamento: sanção social / – propriedade
2634	Bolsonaro acuado	Afeto: insegurança
2635	O capitão cloroquina	Julgamento: sanção social / –veracidade
2674	Bolsonaro no banco dos réus	Julgamento: sanção social / – propriedade

Fonte: Elaboração própria

Todo esse levantamento empreendido por meio do subsistema de atitude também foi realizado no modo visual, não obstante a escassez de ferramentas analíticas disponíveis para tal. Apesar disso, foi possível desenvolver uma descrição satisfatória da avaliatividade visual, fornecendo à pesquisa significados afetivos, comportamentais e apreciativos descritos como opções em um sistema de avaliação visual. O trabalho de Dorothy Economou (2009), *Photos in the News*: *appraisal analysis of visual semiosis and visual-verbal intersemiosis*, foi aqui utilizado como base para identificar e descrever significados avaliativos visuais nas fotografias.

As análises revelaram muitos pontos de convergência avaliativa entre os modos verbal e visual, bem como pontos de divergência de significados. Isso, porque a inscrição das atitudes se efetuou em contextos de escrita e captura fotográfica específicos, os quais não estavam todos sob o controle da equipe jornalística de IstoÉ. Há fotos – tais como as de número 4, 8 e 9 – que não foram produzidas a partir de uma pauta jornalística, mas sim por pessoas próximas ao presidente Bolsonaro, em cenários que não guardavam relação direta com os fatos narrados. Elas circularam primeiro nas redes sociais e, em sequência, foram usadas como discursos para a construção das notícias.

Nestes casos, a elaboração da legenda cumpriu papel indispensável na construção de um discurso único, sem abertura para interpretações divergentes. Para conter a "cadeia flutuante" de significados visuais, como escreve Roland Barthes (1982, p. 32), a equipe jornalística de IstoÉ recorreu a um léxico atitudinal de natureza crítica e repressiva – termos que não so-

mente fixaram atitudes verbais nas imagens, mas reforçaram uma unidade narrativa dentro da reportagem. Esse processo – que visava assegurar uma convergência entre os significados atitudinais nos planos verbal e visual – tornava a fotografia a própria notícia, ou melhor, tornava a imagem um discurso.

Em síntese, a pesquisa nos permitiu observar que as reportagens revestem o discurso infamante empregado pelos jornalistas de uma forma gramatical específica, a saber: o sistema de atitude. As realizações léxico-gramaticais de afeto, julgamento e apreciação materializam um discurso crítico e moralizador para com os fatos narrados em cada matéria. Nesse processo, as fotografias não são imagens que meramente explicam os acontecimentos narrados verbalmente, visto que elas também são escolhas semióticas de afeto, julgamento e apreciação – logo, também revestem as imagens de significados atitudinais. Assim, notamos que as avaliações verbais e visuais construídas nos textos convergem para a materialização de um discurso único: aquele que reprova e condena Jair Bolsonaro, suas ações, seus sentimentos e seu projeto político.

É importante frisar que tais conclusões foram observadas num pequeno recorte discursivo da linha editorial de IstoÉ, que se faz em cada texto que produz e divulga e que assume formas específicas nos diferentes temas que aborda. Logo, nossas considerações aqui não têm a pretensão de definir como opera semioticamente a linha editorial da revista.

A riqueza das análises nos leva a desejar desenvolver estudos acerca da avaliatividade visual em fotografias de imprensa, na medida em que ainda não há pesquisas que se debruçaram sobre as categorias avaliativas no modo visual (WHITE, 2014). Entre algumas opções para o futuro, que podem vir sob a forma de artigos ou novas pesquisas, a depender da amplitude escolhida, é possível citar: a identificação de expressões faciais, posturas corporais e movimentos que constroem tipos específicos de afeto e julgamento; a releitura das categorias avaliativas visuais; a descrição de elementos visuais que evocam valores apreciativos; o potencial de imagens políticas evocarem significados atitudinais; as relações intersemióticas de significados verbais e visuais entre legenda e imagem. Além disso, interessa-nos prosseguir nos estudos sobre a semântica avaliativa do discurso, particularmente em textos multimodais da imprensa, porém ampliando as categorias de análise, tanto no modo verbal quanto visual.

Também há o desejo de pesquisar matérias produzidas por veículos de imprensa com diferentes orientações ideológicas, a fim de contrapor todo o processo de construção da semântica avaliativa do discurso – desde a seleção das fotografias, a escolha dos personagens, a produção das legendas, até a confecção do texto final da notícia. Todas essas perspectivas de investigação indicam a riqueza da análise das marcas avaliativas em notícias multimodais

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBA-JUEZ, Laura. Emotion and appraisal processes in language. How are they related? In: GONZÁLEZ, María de los Ángeles Gómez; MACKENZIE, Lachlan (Eds.). *The construction of discourse as verbal interaction*. Amsterdam, John Benjamins, 2018, p. 227-250.

AMADO, Guilherme. *Sem máscara*. O governo Bolsonaro e a aposta pelo caos. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BAEZA, Pepe. *Por una función crítica de la fotografía de prensa*. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2001a.

BAEZA, Pepe. Invocación y modelo: las nuevas imágenes de la prensa. **Anàlise: quaderns de comunicación i cultura**, nº. 27. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2001b, p. 159-171.

BAKHTIN, Mikhail M. *Para uma filosofia do ato*. Tradução de Carlos A. Farraco e Cristóvão Tezza da edição americana *Toward a philosophy of the act*. Austin: University of Texas Press, 1993 [1920-1924] (tradução destinada exclusivamente para uso didático e acadêmico).

BARCELOS, Janaina Dias. Fotojornalismo: Dor e Sofrimento. Estudo de caso do *World Press Photo of the Year* 1955-2008. 2009. 154 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Jornalismo) – Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal, 2009.

BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*: ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Nota sobre a fotografia. Trad. Júlio Castañon. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BEDNAREK, Monika. *Evaluation in media discourse*. Analysis of a newspaper corpus. London/New York Continuum, 2006.

BEDNAREK, Monika; CAPLE, Helen. *News Discourse*. London & New York: Continuum, 2012.

BELL, Allan. *The language of news media*. Oxford: Blackwell, 1991.

BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo Opinativo*. Porto Alegre, Sulina, 1980.

BIBER, Douglas; FINEGAN, Edwar. Adverbial stance types in English. **Discourse Processes** – vol. 11, 1988, p. 1-34.

BIBER, Douglas; FINEGAN, Edwar. Styles of stance in English: lexical and grammatical marking of evidentiality and affect. **Text**. vol. 9, 1989, p. 93-124.
BONI, Paulo César. O discurso fotográfico: a intencionalidade da comunicação no fotojornalismo. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 12ª edição. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2009.

BOURDIEU, Pierre. O campo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**. nº 5. Brasília, janeiro-julho, 2011, p. 193-216.

BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

BRASIL. Lei nº 9.294 de 15 de julho de 1996. Dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos fumígeros, bebidas alcoólicas, medicamentos, terapias e defensivos agrícolas. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9294.htm

BUTT, David. et. al. *Using Functional Grammar: an explorer´s guide*. 2nd edition. Australia: Macquarie University, 2000.

CAPLE, Helen. *Photojournalism*. A social semiotic approach. London: Palgrave Macmillan UK, 2013.

CHAFE, Wallace. L. Evidentiality in English conversation and academic writing. In: CHAFE, Wallace. L; NICHOLS, Johanna (Eds.). *Evidentiality*: The linguistic coding of epistemology. Norwood, NJ: Ablex, 1986, p. 261-272.

CHARAUDEAU, Patrick. Dize-me qual é teu corpus, e eu te direi qual é a tua problemática. **Diadorim**. Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ. volume 10, dez. 2011, p. 1-23.

CHARAUDEAU, Patrick. Imagem, mídia e política: construção, efeitos de sentido, dramatização, ética. In: MENDES, Emília. (Coord.). *Imagem e discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/Universidade Federal de Minas Gerais, 2013a, pp. 383-405.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. 2ª edição. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2013b.

DUBOIS, Phillipe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, São Paulo: Papirus, 1990.

ECONOMOU, Dorothy. *Photos in the News*: appraisal analysis of visual semiosis and visual-verbal intersemiosis. PhD Thesis. Department of Linguistics: University of Sydney, 2009.

FAIRCLOUGH, Norman. *Media Discourse.* London, Edward Arnold, 1995a.

FAIRCLOUGH, Norman. *Critical discourse analysis:* the critical study of language. London/ New York, Longman Publishing, 1995b.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Coord. trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse*: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FOWLER, Roger. *Language in the news*: discourse and ideology in the press. London and New York: Routledge, 1991.

FREUND, Gisèle. *Fotografia e Sociedade*. Lisboa: Editora Veja, 1995.

GOMES, Wilson. *Transformações da política na era da comunicação de massa*. São Paulo: Paulus, 2004.

GRIPEZINHA: leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre covid-19. **UOL**. São Paulo, 24.03.2020. Política. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm. Acesso em: 27.08.2022.

HABERMAS, Jurgen. Comunicação política na sociedade mediática: o impacto da teoria normativa na pesquisa empírica. **Líbero**. Ano XI. nº 21. jun, 2008, pp. 9-21.

HALL, Stuart. The determinations of news photographs. In: COHEN, Stanley; YOUNG, Jock. (Eds.). *The manufacture of news*: deviance, social problems and the mass media. London: Sage, 1981, p. 226-243.

HALLIDAY, Michael A. K. *Language as social semiotic*: the social interpretation of language and meaning. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, Michael A. K.; MATTHIESSEN, Christian M.I.M. Systemic Functional Grammar: a first step into the theory. 1997.

HALLIDAY, Michael A. K.; MATTHIESSEN, Christian M.I.M. *Halliday's introduction to functional grammar*. 4th edition. London: Routledge, 2014.

HODGE, Robert; KRESS, Gunther. *Social Semiotics*. Cambridge: Polity Press, 1988.

HUNSTON, Susan. Evaluation in experimental research articles. PhD Dissertation. Department of English, Faculty of Arts: University of Birmingham, 1989.

HYLAND, Ken. Writing without conviction? Hedging in Science Research Articles. **Applied Linguistics**. vol. 17, nº 4, 1996, p. 433-454.

HYLAND, Ken. Engagement and Disciplinarity: the other side of Evaluation. In: BONELLI, Elena T.; CAMICIOTTI, Gabriella Del Lungo (Eds.). *Academic Discourse*. New Insights into Evaluation. Bern: Peter Lang, 2004, p. 13-29.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. São Paulo: Papirus, 1996.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 3ª ed. São Paulo: Ateliê, 2002.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. Structures of visual representation. **Journal of literary semantics**, 11(2), 1992, pp. 91-117.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Multimodal discourse*. The modes and media of contemporary communication. London: Arnold, 2001.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading Images*. The grammar of visual design. Second Edition. London and New York: Routledge, 2006.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coord. de trad. de Mara Sophia Zanotto. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

LEMKE, Jay. Resources for attitudinal meaning: evaluative orientations in text semantics. **Functions of Language**. vol. 1, nº 1, 1998, p. 33-56.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Tradução Freda Indursky. 3ª edição. Campinas, Editora Pontes; Editora da Unicamp, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. 3a edição. São Paulo: Cortez, 2004.

MANDETTA, Luiz Henrique. *Um paciente chamado Brasil*. Os bastidores da luta contra o coronavírus. São Paulo: Objetiva, 2020.
MANUAL DA REDAÇÃO: Folha de S. Paulo. 5. ed. São Paulo: Publifolha, 2002.

MARTIN, James R. *English Text*: system and structure. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins, 1992.

MARTIN, James R. Reading positions/Positioning readers: judgment in English. **Prospect: an Australian Journal of Teaching/Teachers of English of Other Languages (TESOL)**. vol. 10, nº 2, July, 1995, p. 27-37.

MARTIN, James R. Analysing genre: functional parameters. In: CHRISTIE, F.; MARTIN, J. R. (Eds.). *Genres and Institutions*: Social Processes in the Workplace and School. London, Cassell, 1997, p. 3-39.

MARTIN, James R. Beyond exchange: appraisal systems in English. In: HUNSTON, Susan; THOMPSON, Geoff. *Evaluation in text.* Authorial stance and the construction of discourse. Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 142-175.

MARTIN, James R. Sense and sensibility: texturing Evaluation. In: FOLEY, Joseph A. (Ed.). *Language, Education and Discourse*: functional approaches. London: Continuum, 2004, p. 270-304.

MARTIN, James R.; ROSE, David. *Working with discourse*. Meaning beyond the clause. London, Continuum International Publishing Group, 2003.

MARTIN, James R.; WHITE, Peter. R. R. *The Language of Evaluation:* Appraisal in English. New York: Palgrave, 2005.

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes (Org.). *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*. São Paulo: Editora Moderna, 2003.

MEDINA, Cremilda de Araújo; LEANDRO, Paulo Roberto. *A arte de tecer o presente*: jornalismo interpretativo. São Paulo: Média, 1973.

MOUILLAUD, Maurice. O título e os títulos. In: MOUILLAUD, Maurice.; PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs.). *O jornal*: da forma ao sentido. Brasília: Editora da UnB, 2002, p. 99-116.

NEWTON, Julianne H. *The burden of visual truth*: the role of photojournalism in mediating reality. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

NOBRE, Marcos. *Ponto-final*: a guerra de Bolsonaro contra a democracia. São Paulo: Editora Todavia, 2020.

OYAMA, Thaís. *Tormenta*. O governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PALMER, Frank R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

POYNTON, Cate M. Address and the Semiotics of Social Relations. A systemic-functional account of address forms and practices in Australian English. PhD Thesis. Department of Linguistics: University of Sydney, 1990.

RICHARDSON. John E. *Analysing newspapers*: an approach from Critical Discourse Analysis. Basingstoke/New York: Palgrave Macmillan, 2007.

ROUILLÉ, André. *Fotografia*: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Senac, 2009.

SOARES, Ingrid. Bolsonaro toma hidroxicloroquina e diz que confia na medicação. **Estado de Minas**, Minas Gerais, 07.07.2020. Política. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/07/07/interna_politica,1163599/bolsonaro-toma-hidroxicloroquina-e-diz-que-confia-na-medicacao.shtml. Acesso em: 27.08.2022.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. *Fotojornalismo Performativo*. O serviço de Fotonotícia da Agência Lusa de Informação. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1997.

SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Chapecó, Santa Catarina: Grifos, 2000.

SOUSA, Jorge Pedro. *Fotojornalismo*: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

STARLING, Heloisa Murgel; LAGO, Miguel; BIGNOTTO, Newton. *Linguagem da destruição*: a democracia brasileira em crise. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

TEIXEIRA, Matheus. Após diagnóstico de Covid-19, Bolsonaro toma hidroxicloroquina em vídeo e pergunta: "Eu confio, e você?". **Folha de São Paulo**, São Paulo, 07.07.2020. Política. Disponível em:

https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/07/diagnosticado-com-covid-19-bolsonaro-toma-hidroxicloroquina-em-video-e-pergunta-eu-confio-e-voce.shtml

THOMPSON, Geoff; HUNSTON, Susan. Evaluation: an introduction. In: HUNSTON, Susan; THOMPSON, Geoff. (Eds.). *Evaluation in text*: authorial stance and the construction of discourse. Oxford: Oxford University Press, 2000, pp. 1-27.

THOMPSON, John B. *O escândalo político*: poder e visibilidade na era da mídia. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

THOMPSON, John B. A nova visibilidade. **MATRIZes**. nº 2. Abril, 2008, pp. 15-38.

THOMPSON, John B. Fronteiras cambiantes da vida pública e privada. **Matrizes.** Ano 4, nº 1, jul./dez., 2010, p. 11-36.

THOMPSON, John B. A interação mediada na era digital. **Matrizes**. vol. 12, nº 3, set./dez., 2018, p. 17-44.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson. (Org.). *Jornalismo*: questões, teorias e "estórias". Lisboa: Veja Ltda, 1993, p. 167-176.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. Por que as notícias são como são. Florianópolis: Editora Insular, 2005a.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Editora Insular, 2005b.

TUCHMAN, Gaye. *Making News*: a Study in the Construction of Reality. New York: Free Press, 1978.

VAN DIJK, Teun A. Estructuras textuales de las noticias de la prensa. **Anàlisi: Quaderns de comunicació i cultura**. nº 7-8, 1993, p. 77-105.

VAN DIJK, Teun. A. *News as discourse*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1988.

VAN DIJK, Teun. A. Opinions and ideologies in the press. In: BELL, Allan; GARRETT, Peter (Eds.). *Approaches to media discourse*. Oxford: Blackwell, 1998, pp. 21-63.

VAN DIJK, Teun A. *Racism and the Press*. London and New York, Routledge, 1991.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

VIAN JR. Orlando. O Sistema de Avaliatividade e os recursos para Gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. **DELTA**, vol. 25, nº 1, 2009, p. 99-129.

VILAS BOAS, Sérgio. *O estilo magazine*: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.

WEBER, Maria Helena. Imagem Pública. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas. (Org.). *Comunicação e Política*: conceitos e abordagens. Salvador: Editora Unesp, 2004, p. 259-308.

WEBER, Maria Helena. O estatuto da imagem pública na disputa política. **Revista ECO-pós.** Vol. 12, nº 3, setembro-dezembro, 2009, p. 11-26.

WHITE, Peter R. R. Un recorrido por la teoría de la valoración (Teoría de la valoración). The appraisal website. Disponível em: www.grammatics.com/appraisal. Acesso em 08 jun. 2021.

WHITE, Peter R. R. *Telling media tales*: the News Story as Rhetoric. Ph.D. thesis. Department of Linguistics: University of Sydney, 1998.

WHITE, Peter. The attitudinal work of news journalism images: a search for visual and verbal analogues. Occasional Papers del CeSLiC, 2014, p. 6-42.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. 6ª Ed. Lisboa: Presença, 2001.

ANNEXOS

REPORTAGENS

Um ignorante irresponsável – edição 2619

Um ignorante irresponsável **[julgamento: estima social / –capacidade]**
Se Jair Bolsonaro tiver ou não coriza assim que deixar a Presidência da República, isso é problema dele **[julgamento: estima social / –tenacidade]**. Mas Bolsonaro não é dono de seu nariz **[julgamento: estima social / –tenacidade]** enquanto ocupar o mais alto cargo do Poder Executivo do País.

No domingo 15, contrariando **[julgamento: sanção social / –propriedade]** ordens da OMS para que se evitem aglomerações, ele combinou ignorância **[julgamento: estima social / –capacidade]** e irresponsabilidade **[julgamento: estima social / –capacidade]** ao participar de manifestação **[julgamento: sanção social / –propriedade]** em Brasília contra o Congresso Nacional e o STF, protesto que, ao juntar gente, inevitavelmente facilitou a disseminação do coronavírus **[apreciação: –valoração]** (é inacreditável **[apreciação: reação / –qualidade]** mas o presidente interino da Anvisa, Antonio Barra Torres, fez dupla com o capitão).

Vinte e quatro horas depois, Bolsonaro demonstrou que a sua atitude pode ter origem em causas bem mais graves **[apreciação: reação / –qualidade]**, a julgar pelas declarações ilógicas **[apreciação: reação / –qualidade]** que ele fez circular, exibindo um comportamento alheio à realidade **[julgamento: estima social / –normalidade]**.

O "mito" **[apreciação: –valoração]** parece dar sinais de alienação **[afeto: insegurança]** e deixa transparecer que pode estar sofrendo, eventualmente, de incapacidade **[afeto: insegurança]** e perturbações psicológicas **[afeto: insegurança]**.

A ignorância **[julgamento: estima social / –capacidade]** é perdoável em muita gente que não tem condições de se esclarecer **[julgamento: estima social / –capacidade]** sobre determinado assunto, hipótese que está distante **[julgamento: estima social / –capacidade]** do mandatário.

Quanto à irresponsabilidade **[julgamento: estima social / –capacidade]**, essa é dolosa **[apreciação: reação / –qualidade]**, sobretudo porque colocou em risco a saúde pública **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.

Bolsonaro infringiu **[julgamento: sanção social / –propriedade]** os artigos 267 e 268 do Código Penal Brasileiro, que tratam da propagação de epidemias e doenças contagiosas, uma vez que, no domingo, ainda era dúvida se ele se infectara na viagem aos EUA.

Na noite da terça-feira 17, o presidente anunciou que o segundo teste deu negativo. Não importa **[afeto: insatisfação]**. Isso não o exime do absurdo **[apreciação: reação / –qualidade]** de, quando permanecia sob suspeição, ter ido à manifestação.

Quanto a eventuais transtornos psíquicos **[afeto: insegurança]**, talvez decorrentes do atordoamento **[afeto: insegurança]** diante de seu fracasso **[julgamento: estima social / –capacidade]** como governante e também fruto do narcisismo frustrado **[afeto: insatisfação]**, eles têm de ser clinicamente avaliados.

Então se saberá se o presidente pode seguir na função ou terá de ser dela afastado. Uma saudável **[apreciação: reação / +qualidade]** sugestão veio do jurista Miguel Reale Júnior, ex-ministro da Justiça na gestão FHC e um dos autores do pedido de impeachment de Dilma Rousseff. Reale deseja **[afeto: inclinação]** que o Ministério

Público submeta Bolsonaro a uma junta médica que dirá se ele tem ou não sanidade mental para o exercício da Presidência da República.

Segundo Reale, o capitão deve ser "considerado inimputável" **[afeto: insegurança]** por ter participado da manifestação. Ou seja: estaria mesmo comprometido mentalmente **[afeto: insegurança]**, tornou-se incapacitado **[afeto: insegurança]** e já não sabe o que faz **[afeto: insegurança]**.

Mas ele classificou o isolamento, que hoje ocorre em todo o mundo como prevenção ou tratamento do coronavírus, como um golpe político **[apreciação: –valoração]**, em total desconexão com a realidade **[afeto: insegurança]**.

O Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, condenou **[afeto: insatisfação]**: "a orientação sobre aglomeração é 'não' para todos". Vale citar um número apurado pelo jornal O Estado de S. Paulo: Bolsonaro teve "contato físico com duzentas e setenta e duas pessoas **[julgamento: sanção social / –propriedade]** (…)".

Na Assembleia Legislativa de São Paulo, a deputada Janaina Paschoal, que também participou da elaboração do pedido de afastamento de Dilma, foi definitiva **[apreciação: +valoração]**: "esse senhor tem de sair **[julgamento: estima social / –capacidade]** da Presidência da República, deixem assumir o vice-presidente, Hamilton Mourão, que entende de defesa. Nosso País está entrando em uma guerra contra um inimigo invisível".

A descompensação **[afeto: insegurança]** (termo técnico que significa incapacidade psíquica de gerar uma resposta adequada) chegou ao auge **[apreciação: reação / –qualidade]** quando Bolsonaro declarou que "se o povo aparecer aqui, vou lá para frente de novo. **[julgamento: sanção social / –propriedade]** Se me contaminei, a responsabilidade é minha" **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.

Sem retirar os olhos do próprio umbigo **[julgamento: estima social / –tenacidade]**, ele dizia "se me contaminei", portanto é bom **[apreciação: +valoração]** avisá-lo que é igual a "responsabilidade" caso tivesse contaminado outras pessoas.

Juntem-se a isso as informações que têm vazado de inadequação **[julgamento: estima social / –tenacidade]**: o presidente teria chegado a comentar com "acepipes" que o coronavírus é um plano estratégico do governo chinês **[apreciação: –valoração]** para recuperar economicamente o país.

Nada a estranhar **[apreciação: reação / –impacto]**, se lembrarmos que ele já deixou claro que o vírus é uma fantasia da mídia brasileira **[apreciação: –valoração]**.

Na terça-feira, o descompasso **[julgamento: estima social / –tenacidade]** aumentou **[apreciação: composição / –complexidade]**: Bolsonaro anunciou que, nesse sábado 21, "darei uma festa tradicional para comemorar o meu aniversário de 65 anos de idade". Ou seja, mais gente respirando, uma em direção a outra, a menos de dois metros de distância.

O capitão, convenhanos, ainda é novo **[apreciação: –valoração]** para tantas ideias fora do lugar **[julgamento: estima social / –normalidade]**, mas mesmo nelas descobre-se método **[julgamento: estima social / +capacidade]** (esse foi o mergulho na alma humana que William Shakespeare fez em "Hamlet").

E, convenhamos também, método **[julgamento: estima social / +capacidade]** é o que não falta na perseguição **[julgamento: estima social / –tenacidade]** de Bolsonaro a Mandetta, o melhor quadro do governo. O problema é o ego **[julgamento: estima social / –tenacidade]**: como pode Mandetta cobrir-se de glórias e ele, o "mito" **[apreciação: –valoração]**, viver em vão a esmolá-las **[julgamento: estima social / –capacidade]**?

Como Mandetta atua em parceria com o governador de São Paulo, João Doria, na construção de um plano de contingência **[julgamento: estima social / –tenacidade]**? Narcisista **[julgamento: estima social / –tenacidade]** que é, Bolsonaro diz que se sentiu traído **[afeto: insatisfação]**.

Claro que não dá para demitir Mandetta, então o presidente passou a roer **[julgamento: estima social / –tenacidade]**-lhe por dentro, e uma dessas doidas **[julgamento: estima social / –tenacidade]** doídas roídas foi desrespeitar as recomendações de isolamento **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.

A hipótese de que algo sombrio **[apreciação: composição / –complexidade]** pode estar obnubilando **[afeto: insegurança]** a mente do mandatário ficou pairando na coletiva que ele convocou: "nosso time está ganhando de goleada **[julgamento: estima social / +capacidade]**. Então vamos elogiar o seu técnico **[julgamento: estima social / +tenacidade]**, e o técnico se chama Jair Bolsonaro".

Para o encontro virtual, que envolveu os presidentes da Argentina, Chile, Uruguai, Equador, Peru, Paraguai, Bolívia e Colômbia, ele foi convidado, mas se fez representar pelo ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, e, inacreditável **[apreciação: reação / –impacto]**, por… Mandetta. Tudo contraditório **[apreciação: composição / –complexidade]**. E ofensivo **[apreciação: reação / –qualidade]**: ao reconhecer que há o vírus no Brasil, absurdamente **[apreciação: reação / –impacto]** o comparou com "gravidez" **[apreciação: –valoração]**: "isso passa, um dia a criança nasce".

Pelo amor de Deus, presidente, gravidez não é doença. Na mente do paraquedista **[apreciação: –valoração]** Bolsonaro, talvez sempre tenha existido um equilibrista imaginário **[apreciação: –valoração]** andando em um arame **[julgamento: estima social: –normalidade]**, sem rede embaixo. Agora, o presidente descobriu que o arame arrebentou **[apreciação: composição / –complexidade]**. Descobriu também que o equilibrista está em queda livre **[julgamento: estima social / –capacidade]**. E que o equilibrista é ele.

Até aonde ele quer ir? – edição 2624

Até onde ele quer **[afeto: desinclinação]** ir?
Isolado **[afeto: insegurança]** politicamente e acuado **[afeto: insegurança]** pela crise econômica e sanitária, o presidente Jair Bolsonaro desafia **[julgamento: sanção social / –propriedade]** ainda mais os Poderes.

Tenta atrair **[julgamento: estima social / +tenacidade]** os militares para seu plano autoritário **[apreciação: reação / –qualidade]**.

Promoveu seu ataque **[julgamento: sanção social / –propriedade]** mais ousado **[apreciação: reação / –qualidade]** contra a ordem democrática no último domingo, 19, quando apoiou **[julgamento: sanção social / –propriedade]** manifestações pelo País que pediam a intervenção militar e um novo AI-5. "Não queremos **[afeto: desinclinação]** negociar nada. Agora é o povo no poder **[julgamento: estima social / +capacidade]**", discursou em frente ao QG do Exército, em Brasília.

A escalada golpista **[julgamento: sanção social / –propriedade]** exige resposta das instituições e da sociedade. Há 24 pedidos de impeachment **[julgamento: sanção social / +propriedade]** no Congresso, assim como ações no STF para barrá-lo **[julgamento: sanção social / +propriedade]**.

O mandato de Jair Bolsonaro já pode ser dividido em duas fases. Até o 19 de abril, havia uma gestão errática **[julgamento: estima social / –capacidade]**, contida pelo Judiciário e norteada por um Congresso reformista. Depois disso, ocorreu uma inflexão **[julgamento: estima social / –normalidade]**, rumo a um governo autoritário **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, com a intimidação **[julgamento: sanção social / –propriedade]** explícita das instituições.

Para isso, contou com o apoio **[julgamento: estima social / +tenacidade]** de cerca de um terço da população, além do aval **[julgamento: estima social / +tenacidade]** de setores militares.

O ato teve seu ápice **[apreciação: –valoração]** em Brasília, com o presidente montado na caçamba de uma caminhonete **[julgamento: estima social / –normalidade]**. "Temos um novo **[apreciação: reação / +qualidade]** Brasil pela frente. Todos, sem exceção, precisam ser patriotas **[julgamento: estima social / +tenacidade]**. Acabou a época da patifaria **[julgamento: sanção social / –veracidade]**. Vocês têm a obrigação de lutar **[julgamento: estima social / +tenacidade]** pelo País de vocês", declarou.

Dessa forma, o presidente quis deixar claro que estava conclamando as Forças Armadas a se unirem ao povo em torno de si mesmo **[julgamento: sanção social / –propriedade]** — uma alusão óbvia a um golpe **[julgamento: sanção social / –propriedade]**. No dia anterior, já tinha investido contra o STF **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.

Diante de apoiadores religiosos, fez alusão aos políticos que "querem abalar a Presidência" **[afeto: desinclinação]**. "Não vão me tirar daqui **[julgamento: estima social / +capacidade]**, tenho certeza **[afeto: inclinação]**", disse apontando para a sede do Judiciário. Queixou-se **[afeto: insatisfação]** da decisão do STF que garantiu a autonomia para prefeitos e governadores promoverem a quarentena: "Estão fazendo o que bem entendem" **[julgamento: estima social / +capacidade]**.

Os atos do domingo foram organizados com o pretexto de apoiar **[julgamento: estima social / +tenacidade]** o presidente diante de seus projetos malogrados **[apreciação: –valoração]** no Congresso, ainda que a culpa seja da própria desarticulação governista **[julgamento: estima social / –capacidade]**, e de sua cruzada **[julgamento: sanção social / –propriedade]** contra as orientações médicas pelo isolamento social, seguidas pelos governadores e prefeitos.

Foi a maior aglomeração **[apreciação: reação / –impacto]** provocada **[julgamento: sanção social / –propriedade]** pelo mandatário desde o início da pandemia. As carreatas ocorreram em várias capitais, inclusive em frente aos hospitais lotados com pacientes da Covid-19 — daí ganharem o apelido, apropriado, de carreatas da morte **[apreciação: reação / –qualidade]**.

A dimensão **[apreciação: reação / –impacto]** e ousadia **[apreciação: reação / –impacto]** das manifestações provocou repúdio **[afeto: insatisfação]** e mobilizou **[julgamento: estima social / +tenacidade]** líderes do Congresso, membros do STF e militares da reserva e da ativa, temerosos **[afeto: insegurança]** com a associação das Forças Armadas ao apelo golpista **[apreciação: –valoração]**.

"É assustador **[afeto: insegurança]** ver manifestações pela volta do regime militar, após 30 anos de democracia", divulgou Luís Roberto Barroso, ministro do STF. Seus colegas Gilmar Mendes e Marco Aurélio Mello também criticaram **[afeto: insatisfação]** os atos. "Lamentável **[apreciação: reação / –qualidade]** que o presidente da República apoie **[julgamento: sanção social / –propriedade]** um ato antidemocrático **[apreciação: –valoração]**, que afronta **[julgamento: sanção social / –propriedade]** a democracia e exalta **[julgamento: sanção social / –propriedade]** o AI-5", declarou o governador João Doria.

Maior alvo dos ataques virtuais, Rodrigo Maia quis **[afeto: inclinação]** demonstrar tranquilidade: "No Brasil, temos de lutar **[julgamento: estima social / +tenacidade]** contra o corona e o vírus do autoritarismo **[julgamento: sanção social / –propriedade]**. Não temos tempo a perder com retóricas golpistas **[apreciação: –valoração]**. Não há caminho fora da democracia" **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.

O clima em Brasília fechou **[apreciação: composição / –complexidade]**.

Demonstraram aos ministros de farda o desconforto **[afeto: insegurança]** com as imagens de Bolsonaro em frente ao QG do Exército **[julgamento: sanção social / –propriedade]**. O militar reafirmou o compromisso **[julgamento: sanção social / +veracidade]** do presidente com a Constituição, e minimizou o seu discurso.

Ocorre que foi um ataque **[julgamento: sanção social / –propriedade]** contra as instituições, e com a bênção **[julgamento: estima social / +tenacidade]** dos militares do Planalto. O ministro da Defesa e Luiz Eduardo Ramos (Secretaria de Governo) chegaram a ser convidados **[julgamento: estima social / –normalidade]** por Bolsonaro para acompanhá-lo em frente ao QG do Exército.

Não foram, mas avalizaram **[julgamento: estima social / +tenacidade]** o chefe. Acham que o presidente está sendo acuado **[julgamento: estima social / –capacidade]** pelo outros Poderes. Depois, com a péssima **[apreciação: reação / –qualidade]** repercussão, reuniram-se com o presidente, em encontro que juntou Azevedo e Silva, Ramos, Walter Braga Netto (Casa Civil) e Augusto Heleno (GSI).

Enquanto isso, a reação **[afeto: insatisfação]** contra o presidente continuava. Vinte de 27 governadores divulgaram **[julgamento: estima social / +tenacidade]** uma carta aberta em defesa da democracia **[apreciação: reação / +qualidade]**. Parlamentares de quase todos os partidos repudiaram **[afeto: insatisfação]** a ação do presidente. A Frente Nacional de Prefeitos divulgou **[julgamento: estima social / +tenacidade]** uma nota condenando **[afeto: insatisfação]** o atentado à democracia **[julgamento: sanção social / –propriedade]**. Dias Toffoli, sem citar Bolsonaro, declarou que o autoritarismo **[julgamento: sanção social / –propriedade]** e os ataques à democracia **[julgamento: sanção social / –propriedade]** são gestos "nefastos" **[apreciação: reação / –qualidade]**.

Diante do clima conflagrado, a reação de Bolsonaro foi a mesma que demonstra sempre que avança o sinal **[julgamento: sanção social / –propriedade]**. Culpou **[julgamento: estima social / –tenacidade]** a imprensa e negou **[afeto: segurança]** qualquer intenção antidemocrática **[apreciação: –valoração].**

Seguindo o script do recuo **[julgamento: estima social / –normalidade]** estratégico **[apreciação: –valoração]**, repreendeu **[julgamento: estima social / +tenacidade]** um apoiador que pediu o fechamento do STF. "Esquece **[afeto: inclinação]** esta conversa de fechar. Aqui não tem fechar nada, dá licença aí. Aqui é democracia, respeito **[afeto: segurança]** à Constituição brasileira. E aqui é a minha casa e a tua casa, então peço **[afeto: inclinação]** que, por favor, não se fale isso aqui", afirmou.

No fim do dia, em ação coordenada **[julgamento: estima social / +capacidade]**, o ministro da Defesa soltou **[julgamento: estima social / +capacidade]** um comunicado pacificador **[apreciação: reação / +qualidade]**: "As Forças Armadas trabalham com o propósito de manter **[julgamento: estima social / +capacidade]** a paz e a estabilidade do País, sempre obedientes à Constituição Federal". Uma reação pequena **[apreciação: reação / –qualidade]** demais, tarde **[apreciação: reação / –qualidade]** demais.

No episódio, os militares palacianos pela primeira vez endossaram **[julgamento: sanção social / –propriedade]** uma incitação contra a ordem democrática **[julgamento: sanção social / –propriedade]**. E foi também a primeira vez que ocorreu uma reação **[julgamento: sanção social / +propriedade]** no campo jurídico capaz de trazer problemas sérios **[apreciação: composição / –complexidade]** para o presidente.

O procurador-geral da República, Augusto Aras, pediu autorização ao STF para investigar os atos pró-golpe **[julgamento: sanção social / –propriedade]** citando o artigo 23 da Lei de Segurança Nacional, que trata da subversão da ordem política e social. Sorteado, o ministro Alexandre de Moraes rapidamente acatou o pedido, ressaltando que o episódio é gravíssimo **[apreciação: reação / –qualidade]**.

Bolsonaro deu azar **[apreciação: reação / –qualidade]**. Já está a cargo de Moraes outro inquérito que investiga ataques virtuais **[julgamento: sanção social / –propriedade]** ao STF, que se soma agora ao segundo inquérito como uma ameaça **[apreciação: reação / –qualidade]** concreta para o presidente.

Segundo especialistas, outra peça é ainda mais danosa **[apreciação: reação / –qualidade]** a Bolsonaro. Trata-se de um mandado de segurança protocolado no STF por um ex-assessor da ministra do STF Rosa Weber e um ex-conselheiro da OAB. Os advogados Thiago Santos Aguiar de Pádua e José Rossini Campos do Couto Correa acusam o presidente de quebra de decoro **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, um crime de responsabilidade **[julgamento: sanção social / –propriedade]** passível de impeachment.

O ministro Celso de Mello vai relatar o processo protocolado pelos advogados, o que é outra má **[apreciação: reação / –qualidade]** notícia para o presidente — é um dos nomes mais críticos **[apreciação: reação / –qualidade]** a ele no STF.

Além do descrédito **[apreciação: –valoração]** crescente no País, Bolsonaro já é motivo de repulsa **[afeto: insatisfação]** na comunidade internacional, e coleciona denúncias **[julgamento: sanção social / –propriedade]** em tribunais multilaterais.

Por enquanto, no Congresso e no meio político, a percepção **[afeto: insegurança]** majoritária é que não existem ainda as condições para o início de um processo de impeachment, apesar dos seus crimes de responsabilidade **[julgamento: sanção social / –propriedade]** em série.

Sem as condições certas **[apreciação: composição / +equilíbrio]**, uma articulação dessa natureza pode até fortalecer **[afeto: +segurança]** o presidente. Mas o humor **[afeto: desinclinação]** do Congresso está mudando.

Já há 24 pedidos de impeachment **[julgamento: sanção social / –propriedade]** na Câmara, o último deles de iniciativa do ex-governador Ciro Gomes (PDT), protocolado na última quarta-feira, 22.

Já outra ação de partidos de esquerda para o impedimento **[julgamento: sanção social / –propriedade]** tem pouca **[apreciação: –valoração]** chance de progredir pelo descrédito do PT, enredado em seus próprios crimes.

Porém, está claro que não é mais possível aceitar **[afeto: insatisfação]** passivamente a marcha golpista **[julgamento: sanção social / –propriedade]**. Bolsonaro precisa ser impedido **[julgamento: sanção social / –propriedade]** pela ação dos outros Poderes.

As supostas loucuras **[julgamento: estima social / –capacidade]** de Bolsonaro ocorrem com método **[apreciação: +valoração]**. Assim, tem avançado **[julgamento: estima social / +capacidade]** cada vez mais em sua escalada antidemocrática **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, que agora prega explicitamente a ruptura institucional **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.

O bolsonarismo segue a cartilha do chavismo, na Venezuela. Como Bolsonaro, o ditador Hugo Chávez também era um oficial medíocre **[julgamento: estima social / –capacidade]** que pregava a sublevação **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, tendo sido preso e expulso da corporação. Não era levado a sério **[julgamento: estima social / –normalidade]**.

Suas bravatas **[julgamento: estima social / –tenacidade]** foram minimizadas, enquanto avançava na cooptação **[julgamento: estima social / –tenacidade]** do Exército, na intimidação **[julgamento: estima social / –tenacidade]** dos opositores e no recrutamento **[julgamento: sanção social / –propriedade]** de milícias, até materializar o autogolpe **[julgamento: sanção social / –propriedade]** — quando o mandatário, eleito, esmaga **[julgamento: sanção social / –propriedade]** os outros Poderes.

O impeachment é traumático **[apreciação: reação / –impacto]**, mas transigir **[afeto: inclinação]** com a escalada bolsonarista **[julgamento: sanção social / –propriedade]** pode ter um custo muito maior **[apreciação: composição / –complexidade]**. Os 13 anos do PT levaram ao Petrolão e a uma nova crise institucional, com a ruína econômica e a eleição de um capitão do baixo clero saudoso do regime militar **[julgamento: estima social / –capacidade]**. O País não deveria repetir seus erros. Aos poucos, Bolsonaro concretiza seu sonho caudilhesco **[julgamento: estima social / –tenacidade]**.

Como numa fábula orwelliana, está em curso um golpe **[julgamento: sanção social / –propriedade]** em câmera lenta. À luz do dia, buzinando em frente aos hospitais **[julgamento: estima social /–tenacidade]**, desafiando as autoridades **[julgamento: sanção social / –propriedade]** em plena emergência sanitária, pregando o fechamento do Congresso e do STF **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, lideradas pelo presidente. Até quando?

Bolsonaro acuado – edição 2634

Bolsonaro acuado **[afeto: insegurança]**
Para salvar **[julgamento: estima social / +tenacidade]** seu governo, Jair Bolsonaro conteve **[julgamento: estima social / +tenacidade]** a ala ideológica, passou a ser tutelado **[julgamento: estima social / –capacidade]** pelos militares e tenta se conciliar **[julgamento: estima social / +tenacidade]** com o STF e o Congresso.

A nova **[apreciação: –valoração]** estratégia inclui uma agenda de inaugurações **[julgamento: estima social / +tenacidade]** e a transformação do Bolsa Família **[julgamento: estima social / +tenacidade]** em uma marca própria. A mudança **[julgamento: estima social / –capacidade]** vem após vários reveses **[julgamento: estima social / –capacidade]**: a prisão de Queiroz, os inquéritos no STF que ameaçam sua família, a pandemia e a recessão. Eles fortalecem movimentos pró-democracia, como o Stop Bolsonaro, que aconteceu no dia 28 em cerca de 60 cidades e 26 países e mobilizou as redes sociais. **[julgamento: estima social / –capacidade]**

Nos últimos dias, o Brasil está conhecendo um novo **[apreciação: –valoração]** presidente.

Confrontado com as ameaças crescentes ao seu governo **[julgamento: estima social / –capacidade]**, Jair Bolsonaro não ataca mais a imprensa **[julgamento: estima social / +tenacidade]**, não participa de atos golpistas **[julgamento: estima social / +tenacidade]**, prega a harmonia **[julgamento: estima social / +tenacidade]** com o Supremo Tribunal Federal (STF) e o Congresso e demonstrou até compaixão **[afeto: inclinação]** com as vítimas da Covid-19 em uma live bizarra **[apreciação: reação / –qualidade]** que incluiu o presidente da Embratur como sanfoneiro **[julgamento: estima social / –normalidade]**.

O cerco **[apreciação: –valoração]** se fecha a partir dos vários inquéritos que assolam **[julgamento: estima social / –capacidade]** o presidente, sua família e colaboradores no STF: Fake News **[julgamento: sanção social / –veracidade]**, atos antidemocráticos **[julgamento: sanção social / –propriedade]** e interferência na Polícia Federal **[julgamento: sanção social / –propriedade]**. Os extremistas **[julgamento: sanção social / –propriedade]** que rondavam a praça dos Três Poderes pregando o fechamento do Congresso e do STF **[julgamento: sanção social / –propriedade]** foram presos.

O tiro de misericórdia **[apreciação: –valoração]** para mudar o humor presidencial **[afeto: insegurança]**, no entanto, foi a prisão de Fabrício Queiroz, amigo de décadas de Bolsonaro e ex-assessor de seu filho Flávio **[apreciação: –valoração]**. Ele é acusado pelo Ministério Público do Rio de ser o operador de um esquema de rachadinhas **[julgamento: sanção social / –propriedade]** liderado **[julgamento: sanção social / –propriedade]** pelo filho na Assembleia fluminense. O escândalo **[apreciação: –valoração]**, que inclui o envolvimento com milícias **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, levou a crise **[apreciação: –valoração]** para dentro do Palácio do Planalto. Isso abateu **[afeto: insegurança]** Bolsonaro mais que qualquer adversidade enfrentada desde o início do governo **[apreciação: –valoração]**.

Para proteger **[julgamento: estima social / +tenacidade]** o clã e preservar **[julgamento: estima social / +tenacidade]** seu mandato, o presidente mudou **[julgamento: estima social / –normalidade]** sua estratégia. Acabaram suas aparições diárias no "cercadinho" do Palácio do Alvorada **[julgamento: estima social / –normalidade]**, que geravam crises **[apreciação: –valoração]** diárias. Foi uma recomendação **[julgamento: estima social / +tenacidade]** dos militares palacianos. A ala fardada passou a mandar **[julgamento: estima social / +capacidade]** mais, e o núcleo ideológico, próximo dos filhos, perdeu **[julgamento: estima social / –capacidade]** protagonismo.

Um exemplo desse movimento é a escolha do novo ministro da Educação, que passou por critérios mais técnicos e menos doutrinários **[julgamento: estima social / +tenacidade]**, apesar da desastrada **[apreciação: reação / –qualidade]** indicação avalizada pelos militares de um ex-oficial da Marinha que nem esse título tinha

[julgamento: estima social / –capacidade]. Outro exemplo é a pressão **[julgamento: estima social / +tenacidade]** pela demissão dos dois ministros ideológicos **[apreciação: –valoração]** que têm causado os maiores estragos **[apreciação: –valoração]** na relação com investidores e parceiros comerciais: Ernesto Araújo (Itamaraty) e Ricardo Salles (Meio Ambiente).

O plano é minimizar as acusações criminais **[julgamento: estima social / +tenacidade]** e criar uma agenda positiva **[julgamento: estima social / +tenacidade]**, imprimindo uma marca realizadora **[julgamento: estima social / +tenacidade]**. Bolsonaro planeja **[afeto: inclinação]** recuperar **[julgamento: estima social /+tenacidade]** a popularidade com inaugurações, que estão sendo discutidas com aliados políticos e deputados do Centrão.

Ao criar essa agenda positiva **[julgamento: estima social / +tenacidade]**, Bolsonaro lembrou o momento mais delicado do governo Lula, em meio ao escândalo do Mensalão **[julgamento: estima social / –capacidade]**.

Agora, Bolsonaro quer **[afeto: inclinação]** criar o seu próprio Bolsa Família **[julgamento: estima social / +tenacidade]**. Além de dar uma face social ao governo **[julgamento: estima social / +tenacidade]**, o programa pode dar frutos eleitorais **[apreciação: +valoração]** exatamente na região em que o bolsonarismo é mais fraco **[julgamento: estima social / –capacidade]** e o petismo ainda impera — no Nordeste e no Norte.

O terceiro suporte do novo **[apreciação: –valoração]** governo é o Centrão **[apreciação: –valoração]**. A corrida pelo apoio desses partidos **[julgamento: estima social / +tenacidade]** fisiológicos **[apreciação: –valoração]** e sedentos de cargos **[apreciação: –valoração]** tem se acelerado sob a coordenação do general Luiz Eduardo Ramos (Secretaria de Governo). Também sinalizando com uma distensão **[julgamento: estima social / +tenacidade]**, Ramos, que era o único militar da ativa entre os ministros palacianos, anunciou que passará à reserva **[julgamento: estima social / +tenacidade]**.

Com isso, diminui o fantasma da interferência do Exército **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, sem contar a ameaça de um golpe **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, feita várias vezes pelo presidente, de forma não muito velada.

"Os militares já devem estar refletindo **[afeto: insegurança]** sobre a vantagem de continuar ou não no governo. Demoraram muito para limpar seu nome, saíram de forma desgastada da ditadura. Se as evidências comprovarem o conhecimento **[afeto: inclinação]** do presidente sobre as falcatruas do filho **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, a probabilidade maior é Bolsonaro ser abandonado **[julgamento: estima social / –tenacidade]** por eles", afirma o cientista político Carlos Pereira, da FGV.

Essa mudança de rota **[julgamento: estima social / +tenacidade]** era previsível **[apreciação: –valoração]**, segundo Pereira. Ele acha que a estratégia do confronto **[julgamento: sanção social / –propriedade]** com o Congresso e as instituições, inclusive com a imprensa, só poderia gerar benefícios **[apreciação: +valoração]** no curto prazo. Há uma extensa literatura política sobre o assunto nos EUA. No decorrer do tempo, esse método de ação **[julgamento: sanção social / –propriedade]** só poderia gerar passivos **[apreciação: –valoração]**, animosidades **[apreciação: –valoração]** e ressentimentos **[apreciação: –valoração]**.

"Bolsonaro viu **[afeto: insegurança]** o tamanho da conta **[apreciação: –valoração]**, que ameaça **[apreciação: –valoração]** sua própria sobrevivência. De uma forma tardia, buscou apoio **[julgamento: estima social / +tenacidade]** junto ao Centrão. Mas fez isso de uma forma frágil **[julgamento: estima social / –capacidade]**, para se salvar do impeachment **[julgamento: estima social / +tenacidade]**. Queiroz sinaliza muita vulnerabilidade **[apreciação: –valoração]**. O presidente está fraco **[julgamento: estima social / –capacidade]** e precisa **[afeto: insegurança]** do suporte do Congresso", diz.

O presidente reuniu uma base de apoio de cerca de 30% da população **[julgamento: estima social / +tenacidade]** por meio de um discurso radical **[apreciação: reação / –qualidade]**, polarizado **[apreciação:**

reação / –qualidade]. Só que ao fazer isso se desgastou com as instituições **[julgamento: estima social / –tenacidade]**.

Para diminuir a tensão **[julgamento: estima social / +tenacidade]**, buscou uma coalizão **[julgamento: estima social / +tenacidade]**. Mas, com as investigações avançando, esse roteiro pode ser acidentado **[apreciação: composição / –complexidade]**. Vai ser difícil **[apreciação: composição / –complexidade]** manter o apoio da sociedade e do Congresso, e o Centrão vai aumentar a fatura pelo apoio **[julgamento: estima social / –capacidade]**. Há uma tempestade **[apreciação: composição / –complexidade]** perfeita se formando. Além da crise de saúde com a pandemia, que já provocou mais de 60 mil óbitos e 1,5 milhão de infectados, a crise econômica vai cobrar um preço enorme para a sociedade. "Bolsonaro tenta sobreviver **[julgamento: estima social / +tenacidade]** em uma situação gravíssima **[apreciação: composição / –complexidade]**", afirma Pereira.

Ao buscar a harmonia **[julgamento: estima social / +tenacidade]** com os outros Poderes, o presidente tem se esforçado **[julgamento: estima social / +tenacidade]** de uma forma inédita. A renovação do auxílio emergencial foi simbólica **[apreciação: +valoração]**. Ocorreu em uma cerimônia organizada no Palácio do Planalto na terça-feira, 30, marcada pelo aceno de paz **[julgamento: estima social / +tenacidade]** aos presidentes da Câmara, Rodrigo Maia, e do Senado, Davi Alcolumbre. "É uma satisfação **[afeto: satisfação]** tê-los aqui. É um sinal que juntos nós podemos fazer muito pela nossa pátria **[julgamento: estima social / +capacidade]**", declarou.

Aproveitou para convidá-los a integrar sua nova agenda **[julgamento: estima social / +tenacidade]**. "Tive o prazer **[afeto: satisfação]** de estar em Araguari e, ao retornar, pousamos em um pequeno vilarejo de forma inopinada. Tinha umas 30 casinhas lá e vimos muita gente humilde", acrescentou.

Vai precisar fazer muito mais para desanuviar **[julgamento: estima social / +tenacidade]** o ambiente carregado **[apreciação: composição / –complexidade]** por um ano e meio de ataques **[julgamento: sanção social / –propriedade]** às instituições. Para criar pontes com o STF **[julgamento: estima social / +tenacidade]**, André Mendonça (Justiça e Segurança), Jorge Oliveira (Secretaria-Geral) e José Levi (Advocacia-Geral) já tinham sido despachados a São Paulo a fim de dialogar com o ministro Alexandre de Moraes, que é o relator dos inquéritos das Fake News e dos atos antidemocráticos. A visita foi mal **[apreciação: reação / –qualidade]** recebida por outros ministros, que interpretaram o gesto como uma má sinalização institucional **[julgamento: estima social / –normalidade]** — a interlocução entre o Executivo e o Judiciário deveria ter acontecido com o presidente do STF, Dias Toffoli.

Bolsonaro está sendo obrigado a se reinventar **[julgamento: estima social / –tenacidade]**. Já perdeu a imagem anticorrupção **[julgamento: estima social / –tenacidade]** desde que descartou Sergio Moro e, ao que tudo indica, tentou interferir na PF **[julgamento: sanção social / –propriedade]** para usá-la em defesa de seus filhos e amigos **[julgamento: sanção social / –propriedade]** e como instrumento de perseguição de adversários **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.

Agora avança para desmanchar a estrutura da Lava Jato **[julgamento: estima social / –tenacidade]**, por meio das ações do PGR que procuram controlar as grandes investigações anticorrupção **[julgamento: estima social / –tenacidade]**. As investidas serviram para mobilizar sua base radical **[julgamento: estima social / +tenacidade]**, mas também tiveram um efeito bumerangue **[apreciação: –valoração]**.

Fizeram avançar os inquéritos que o fustigam **[afeto: insegurança]**. As apurações do inquérito das Fake News agora serão compartilhadas com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que pode usá-las nos pedidos de impugnação da chapa Bolsonaro-Mourão, pelo suposto uso massivo de propaganda ilegal em redes sociais em 2018 **[julgamento: sanção social / –propriedade]**. É uma ameaça **[apreciação: –valoração]** que não existia. O presidente finalmente percebeu **[afeto: insegurança]** o risco de sua trajetória de confronto **[julgamento: sanção social / – propriedade]**.

A escalada da crise **[apreciação: composição / –complexidade]** levou o mandatário a procurar um caminho de harmonia **[julgamento: estima social / –capacidade]** contra a sua própria natureza **[afeto: insatisfação]**.

Toda a sua carreira foi fundada nos ataques **[julgamento: sanção social / –propriedade]** e na polarização **[julgamento: sanção social / –veracidade]**. Ele nunca cogitou **[afeto: desinclinação]** ter um papel conciliador, nem procurou **[afeto: desinclinação]** governar para todos os brasileiros, independentemente das opções políticas. "Tudo era um blefe **[julgamento: estima social / –tenacidade]**", aposta Pereira.

"As instituições são fortes e não correm riscos. Isso não quer dizer que ele não tente um golpe **[julgamento: sanção social / –propriedade]**. Mas querer **[afeto: inclinação]** não é poder. Se insistir **[afeto: inclinação]**, quem vai perder é ele. O retrato atual não é positivo para o governo **[apreciação: –valoração]**, e pode ficar muito pior **[apreciação: –valoração]**."

O capitão cloroquina – edição 2635

O capitão cloroquina **[julgamento: sanção social / –veracidade]**
Entre os absurdos cometidos pelo presidente Jair Bolsonaro em seu governo, **[julgamento: sanção social / –veracidade]** o maior **[apreciação: reação / –impacto]** e mais grave **[apreciação: reação / –impacto]** é a indução do uso da cloroquina e de seu derivado, a hidroxicloroquina, no combate ao coronavírus. **[julgamento: sanção social / –veracidade]**

Dos males que causou **[julgamento: sanção social / –veracidade]** em 18 meses, nenhum se revela tão irresponsável **[julgamento: sanção social / –veracidade]** e insensato **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.

O que vê hoje é um presidente que vilipendia diariamente a ciência e a medicina **[julgamento: estima social / –tenacidade]** e dá sucessivos exemplos de ignorância **[julgamento: estima social / –capacidade]**.

A essa altura, em outras partes do mundo, ele já poderia estar sendo acusado de charlatanismo **[julgamento: sanção social / –veracidade]** por incentivar o uso de substâncias farmacêuticas sem ser médico **[julgamento: sanção social / –veracidade]** e afrontar um protocolo técnico de maneira despótica **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.

Não há qualquer comprovação de que a droga que ele promove **[julgamento: sanção social / –veracidade]** funcione. Pelo contrário, todos os ensaios preliminares com alguma credibilidade mostram que causa mais malefícios **[apreciação: reação / –qualidade]** do que benefícios, aumentando o risco de arritmias e ataques cardíacos nos contaminados **[apreciação: reação / –qualidade]**.

Mesmo assim, agora que diz estar doente, **[afeto: insegurança]** que seu teste deu positivo para a Covid-19, ele intensifica seus esforços para alardear os milagres da cloroquina **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.

Começou a tomá-la assim que se sentiu mal, **[afeto: insegurança]** domingo 5. E adotou o tratamento desde então **[julgamento: estima social / –tenacidade]**. Como bom garoto-propaganda, **[julgamento: sanção social / –veracidade]** caso se cure, vai dizer que foi graças a ela **[julgamento: estima social / –tenacidade]**.

Dois dias depois, Bolsonaro reforçou seu intento de politizar a doença **[julgamento: estima social / –tenacidade]** e propagandear um tratamento duvidoso **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.

Contente **[afeto: felicidade]** com a melhora no seu quadro clínico, declarou pelas redes sociais que o tratamento com a substância estava dando certo **[apreciação: reação / +qualidade]**. "Eu confio na hidroxicloroquina, e você?", **[afeto: segurança]** perguntava para seu público com uma pílula na mão.

Em seguida, tomou o remédio ao vivo **[julgamento: estima social / – tenacidade]** e comentou que, graças a ele, estava "mais ou menos do domingo, mal na segunda-feira e hoje, terça-feira, muito melhor". **[afeto: segurança]** "Sabemos **[afeto: segurança]** que hoje em dia existem outros remédios que podem ajudar a combater o coronavírus, sabemos **[afeto: segurança]** que nenhum tem a sua eficácia cientificamente comprovada, mas (sou) mais uma pessoa em que está dando certo" **[afeto: segurança]**, concluiu.

Inspirado no americano Donald Trump, **[afeto: inclinação]** outro presidente a defender de maneira irresponsável remédios não provados, **[julgamento: sanção social / –veracidade]** Bolsonaro vem fazendo propaganda da cloroquina desde abril **[julgamento: sanção social / –veracidade]** e, nesse período, derrubou dois ministros, os médicos Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich, **[julgamento: estima social / –tenacidade]** por causa de divergências relacionadas ao uso indiscriminado da substância **[julgamento: estima social / –tenacidade]**.

Colocou no lugar o general Eduardo Pazuello, que só faz criar facilidades para estimular o consumo do remédio, **[julgamento: sanção social / –veracidade]** como mudar seu protocolo de utilização **[julgamento: sanção social / –veracidade]** e permitir seu uso, inclusive, para crianças e gestantes **[julgamento: sanção social / –veracidade]**. A principal função de Pazzuello, neste momento, é distribuir comprimidos pelo Brasil **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.
Governo tem estoque de cloroquina para 18 anos de consumo normal [julgamento: estima social / –tenacidade]. O medicamento, rejeitado pela OMS no combate à Covid-19, é comumente indicado para a malária.

O comportamento de Bolsonaro encobre uma grande preocupação **[afeto: insegurança]** e não é mais do que uma tentativa de tentar salvar seu governo, **[julgamento: estima social / –tenacidade]** desacreditado pela reação atabalhoada no combate ao coronavírus **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.

Bolsonaro age, **[julgamento: estima social / –tenacidade]** neste momento, quando as mortes pela Covid-19 no Brasil se aproximam de 70 mil, pensando na sua reeleição, em 2022.

Como destaca Mandetta, que sofreu nas mãos do Bolsonaro por causa de suas restrições à cloroquina **[julgamento: estima social / –tenacidade]**, o objetivo do presidente é encontrar uma solução política para uma crise de saúde **[julgamento: estima social / –tenacidade]**, algo que é típico de sua maneira de pensar **[julgamento: estima social / –normalidade]**. Ele só pensa politicamente e sem base científica, afirma **[afeto: inclinação]**.

Agora que confirmou a própria contaminação, Bolsonaro vai intensificar a publicidade do remédio **[julgamento: sanção social / –veracidade]**. Nem que para isso tenha que contribuir para aumentar os índices de letalidade da doença **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, cuja média mundial, é de 3% e, no Brasil, chega a 4%.

"O médium João de Deus tem o mesmo índice de cura que a cloroquina" **[apreciação: –valoração]**, diz o ex-ministro. "Como, em média, 97% das pessoas que pegam a doença se curam com ou sem remédios ou apesar deles, o presidente aproveita esse espaço de incerteza para promovê-la **[julgamento: sanção social / –veracidade]**". Para Mandetta, Bolsonaro criou uma narrativa para a economia, para que as pessoas voltem a trabalhar **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.

"Seu raciocínio é político **[afeto: inclinação]**, ele não tem compromisso com a saúde **[julgamento: estima social / –tenacidade]** e quer **[afeto: inclinação]** simplesmente que as pessoas retomem a vida normal o quanto antes, prescrevendo um medicamento sobre o qual não há nenhum estudo conclusivo" **[julgamento: sanção social / –veracidade]**, diz. O ex-ministro acredita **[afeto: segurança]** que a atitude do presidente deveria motivar a abertura de processos judiciais contra o Estado, por incentivo ao uso de uma substância sem comprovação científica **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.

Festival de tolices **[apreciação: –valoração]**. O que Bolsonaro diz sobre a Covid-19:
- Vírus é como chuva, vai atingir você. **[apreciação: –valoração]**
- Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar. **[apreciação: –valoração]**
- E daí?! Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou messias, mas não faço milagre. **[apreciação: –valoração]**
- Quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda, tubaína. **[apreciação: –valoração]**
- Pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar. **[apreciação: –valoração]**
- Eu tomei hidroxicloroquina e estou me sentindo muito bem. **[apreciação: –valoração]**

Diariamente, Bolsonaro vem descrevendo a evolução positiva de seu quadro **[afeto: segurança]**. No domingo, sentiu-se febril **[afeto: insegurança]** e com dor no corpo **[afeto: insegurança]**. Passou por uma tomografia que não apresentou lesões em seus pulmões.

Continua se comportando normalmente **[julgamento: estima social / –tenacidade]**, encontrou centenas de pessoas ao longo da semana **[julgamento: estima social / –tenacidade]** e foi visto sem máscara várias vezes **[julgamento: estima social / –tenacidade]**.

Circulou sem se preocupar com seus semelhantes **[julgamento: estima social / –tenacidade]** e fez novas afirmações estapafúrdias: **[apreciação: –valoração]** "Vírus é como chuva, vai atingir você", declarou. Agora que pegou o coronavírus, acredita **[afeto: inclinação]** que tenha mais autoridade **[julgamento: estima social / +capacidade]** para tratar do assunto.

Como um curandeiro de feira **[julgamento: sanção social / –veracidade]**, oferece a substância para o povo como uma prevenção ou uma cura mágica **[julgamento: sanção social / –veracidade]** e busca a legitimidade dos enfermos para falar da doença **[julgamento: sanção social / –veracidade]**. Com a cloroquina, quer **[afeto: inclinação]** causar um efeito de segurança da população, vender uma solução populista **[julgamento: sanção social / –veracidade]** e mostrar que existe uma saída para uma doença letal **[julgamento: sanção social / –veracidade]**. O problema **[apreciação: –valoração]** é que se trata de uma mentira **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.

Em sua jornada embrutecida em defesa da cloroquina **[julgamento: sanção social / –veracidade]**, Bolsonaro desejava **[afeto: inclinação]**, inclusive, mudar a bula do remédio **[julgamento: sanção social / –veracidade]** e já acumulou estoques do produto suficientes para 18 anos de consumo em uma situação normal **[julgamento: estima social /–tenacidade]**, segundo o Ministério da Defesa.

A mistificação em torno de seu uso contra a Covid-19, porém, fez o governo ampliar sua produção no Laboratório Químico e Farmacêutico do Exército **[julgamento: estima social / –tenacidade]**. Mais de R$ 1,58 milhão foram gastos na compra do princípio ativo para multiplicar por cem o volume normal de fabricação da droga **[julgamento: estima social / –tenacidade]**. Cerca de 95% dos gastos foram destinados para compra de cloroquina em pó **[julgamento: estima social / –tenacidade]**.

O Tribunal de Contas da União (TCU) investiga se houve superfaturamento nas compras do medicamento **[julgamento: sanção social / –propriedade]** e mau uso de recursos públicos **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, já que se trata de um aumento do volume de produção sem comprovação científica de que isso seja necessário **[julgamento: estima social / –tenacidade]**.

"Queria **[afeto: inclinação]** saber o que o governo vai fazer com esse estoque", afirma o médico Leonardo Weissmann, infectologista do Hospital Emílio Ribas e membro da Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI). "Provavelmente uma boa parte vai ser jogada no lixo porque perderá a validade" **[julgamento: estima social / –capacidade]**.

Weissmann, como a maioria de seus pares, vê o governo, sem evidências científicas, insistindo numa medicação ineficaz contra a Covid-19 **[julgamento: sanção social / –veracidade]** que já apresentou efeitos maléficos **[apreciação: –valoração]**. Cerca de 10% dos contaminados pela Covid-19 enfrentam complicações cardíacas por causa de doenças pré-existentes. Nesse grupo, o risco de um comprometimento grave e até fatal cresce consideravelmente. Não faltam argumentos para inibir o uso indiscriminado da droga **[apreciação: –valoração]**.

Para a OMS, o grande erro do governo brasileiro na condução do combate à pandemia **[julgamento: sanção social / –veracidade]** tem sido a "politização do vírus" **[julgamento: sanção social / –veracidade]**, que atrasou **[julgamento: estima social / –capacidade]** as autoridades no reconhecimento da gravidade **[apreciação: –valoração]** da doença e impôs uma visão distorcida **[julgamento: sanção social / –veracidade]** de como combatê-la. Nos Estados Unidos, onde Trump defendia o produto com a mesma veemência de Bolsonaro **[julgamento: sanção social / –veracidade]**, a Food and Drugs Administration (FDA) revogou a autorização de uso emergencial de cloroquina e hidroxicloroquina como tratamento para pacientes com covid-19.

Enquanto isso, no Brasil segue-se o caminho oposto **[julgamento: sanção social / – veracidade]**. Há dois meses, depois que dois ministros, Mandetta e Nelson Teich, divergiram do presidente sobre o uso da substância **[julgamento: estima social / +tenacidade]** e perderam o cargo **[julgamento: estima social / –tenacidade]**, o Ministério, já sob o comando de Pazuello, baixou um novo protocolo em que recomenda o uso da droga desde os primeiros sinais da Covid-19 **[julgamento: sanção social / –veracidade]**, inclusive para crianças e gestantes.

Segundo o médico sanitarista Gonzalo Vecina Neto, professor da USP e ex-presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), o que está acontecendo com a cloroquina "é um desastre" **[apreciação: –valoração]**, e o presidente tenta mostrar que pessoas que se curariam normalmente da doença devem sua recuperação à droga **[julgamento: sanção social / –veracidade]**. "O problema que mais causa distorções no uso da cloroquina **[julgamento: sanção social / –veracidade]** é que ela funciona in vitro e não funciona em vivos", afirma Vecina. "Quando se testa a droga no laboratório com células humanas, ela diminui a multiplicação do vírus, mas no corpo é muito diferente, ela não tem eficácia". **[apreciação: –valoração]**
A propaganda de Bolsonaro da cloroquina e da hidroxicloroquina está causando distorções no próprio atendimento médico da pandemia **[julgamento: sanção social / –veracidade]**. Pesquisa feita pela Associação Paulista de Medicina (APM) com 1.984 médicos mostra que 48,9% dos profissionais que atuam no combate à Covid-19 em hospitais e unidades de saúde estão sendo pressionados por pacientes e seus familiares para adotarem tratamentos sem comprovação científica, impelidos pela propaganda bolsonarista **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.

Quase 70% desses médicos reclamam que notícias falsas e informações sensacionalistas, inclusive sobre a cloroquina, são atualmente os principais inimigos no combate à pandemia. No mês passado, uma pesquisa do Instituto Ipsos revelou que 18% dos brasileiros estão convencidos **[afeto: segurança]** de que a cloroquina e a hidroxicloroquina curam a Covid-19. Além de iludir os brasileiros **[julgamento: sanção social / –veracidade]**, Bolsonaro, evidentemente, tenta criar algum efeito placebo entre seus seguidores, fazer com que se curem baseados em crenças **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.

O cardiologista Renato Lopes, professor livre docente da Escola Paulista de Medicina (Unifesp) e da Duke University, que participou de um estudo amplo sobre o uso de medicamentos sem evidências científicas em pessoas com problemas no coração, diz que o caso da cloroquina é exemplar da falta de certeza e clareza em um tratamento médico **[apreciação: –valoração]**. Para ele, nas atuais circunstâncias, sem estudos confiáveis e conclusivos, não há qualquer motivo para indicar a droga contra a Covid-19 **[apreciação: –valoração]**.

Para isso, seria necessário que antes houvesse um ensaio clínico duplo-cego em seres humanos, quando nem o examinador, nem o examinado sabem o que está sendo utilizado no teste, se o princípio ativo ou o placebo. Ensaios internacionais desse tipo feitos com a droga não mostraram efeitos benéficos até agora **[apreciação: –valoração]**. No Brasil, há dois estudos em andamento levados adiante pelo chamado grupo Coalizão, liderado por oito centros médicos prestigiados que analisam estratégias de anticoagulação em pacientes hospitalizados com Covid-19. Os resultados devem estar prontos dentro de 60 dias.

Seja como for, o estrago feito por Bolsonaro nos protocolos de tratamento da doença no Brasil **[julgamento: sanção social / –veracidade]** já é um fato. Contrariando o médico grego Hipócrates, que dizia que a função primordial de qualquer procedimento de saúde, antes de curar, é não prejudicar, o presidente expõe a população ao risco **[julgamento: sanção social / –propriedade]** e não se preocupa com as consequências de suas iniciativas **[afeto: desinclinação]**. Além de não ajudar no combate à doença **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, ele atrapalha **[julgamento: sanção social / –propriedade]** e, diante do avanço da pandemia, aumenta o sofrimento dos brasileiros **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.

Bolsonaro no banco dos réus – edição 2674

Bolsonaro no banco dos réus **[julgamento: sanção social / –propriedade]**
Presidente fracassa **[julgamento: estima social / –tenacidade]** na tentativa de barrar **[julgamento: estima social / –tenacidade]** a CPI que vai expor seus crimes **[julgamento: sanção social / –propriedade]** em série na pandemia – nem a ameaça **[julgamento: sanção social / –propriedade]** direta a ministros do STF funcionou. Crise **[apreciação: –valoração]** o deixa ainda mais isolado **[afeto: insegurança]** e deve ser decisiva **[apreciação: –valoração]** para o futuro da sua gestão.

Bolsonaro achou **[afeto: segurança]** que tinha conseguido se blindar **[julgamento: estima social / –tenacidade]** ao patrocinar **[julgamento: estima social / –tenacidade]** a eleição da atual direção do Congresso.

Para ele, o escandaloso **[apreciação: reação / –impacto]** balcão de negócios **[julgamento: estima social / –tenacidade]** com emendas e cargos que bancou **[julgamento: estima social / –tenacidade]** no Legislativo afastaria a ameaça de *impeachment* pelos crimes de responsabilidade em série que cometeu **[julgamento: sanção social / –propriedade]**. Era uma ilusão **[apreciação: –valoração]**.

Menos de dois meses depois, vive **[afeto: insegurança]** um choque de realidade. A abertura da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid, na última terça-feira, 13, deve expor publicamente, em detalhes, todas as ações irresponsáveis **[julgamento: sanção social / –propriedade]** que levaram o Brasil a se tornar o epicentro da pandemia no mundo **[apreciação: –valoração]**, com 370 mil óbitos — quase 4 mil por dia.

Há muitas dúvidas **[afeto: insegurança]** sobre a efetividade da CPI, e várias tiveram resultados pífios mesmo lidando com temas sensíveis. Mas o grau de nervosismo **[afeto: insegurança]** do presidente e a gravidade **[apreciação: composição / –complexidade]** da crise política, sanitária e econômica evidenciam que ela pode mudar o curso do governo Bolsonaro **[apreciação: –valoração]**.

A instalação **[julgamento: estima social / +tenacidade]** da CPI no Senado mostrou que o controle democrático entre os Poderes está funcionando **[julgamento: sanção social / +propriedade]**. Amparado no parágrafo terceiro do artigo 58 da Constituição, o ministro Luís Roberto Barroso, do STF, determinou **[julgamento: estima social / +tenacidade]** que a comissão de investigação fosse criada no Senado, já que todos os requisitos foram preenchidos (assinatura de pelo menos um terço dos membros da Casa, fato determinante e prazo determinado).

O pedido **[julgamento: estima social / +tenacidade]** foi protocolado pelo senador Randolfe Rodrigues, da Rede, em fevereiro. Seguindo jurisprudência do STF, Barroso assegurou **[julgamento: sanção social / +propriedade]** o direito da minoria parlamentar.

Isso já tinha acontecido em outras ocasiões, como na CPI dos Bingos, em 2005, na do Apagão Aéreo (na Câmara), em 2007, e na da Petrobras, em 2014. “Proteger a democracia e os direitos fundamentais é imprescindível ato de resistência democrática”, disse Barroso na sessão do Plenário que referendou sua decisão, um dia depois, por 10 votos a 1 (até o ministro Kassio Nunes Marques, indicado por Bolsonaro, votou com Barroso).

Assustado **[afeto: insegurança]**, Bolsonaro fez tudo o que podia para impedir a criação da comissão **[julgamento: estima social / –tenacidade]**. Por meio de um confuso **[apreciação: composição / –complexidade]** diálogo gravado e divulgado por um aliado, o senador Jorge Kajuru, o mandatário tentou sugerir **[julgamento: estima social / –tenacidade]** que governadores também fossem investigados e que o Congresso desse sequência ao *impeachment* de ministros do STF, incluindo o próprio Barroso.

É um despropósito **[apreciação: –valoração]**, já que são processos de natureza distinta. Mesmo assim, Bolsonaro comemorou **[afeto: felicidade]** com apoiadores ao ouvir, na segunda-feira, que Nunes Marques tinha sido sorteado para relatar um pedido de *impeachment* contra o ministro Alexandre de Moraes.

Tentando interferir no Legislativo **[julgamento: estima social / –tenacidade]** e fazendo essa ameaça **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, o presidente retomou a mesma tática **[julgamento: estima social / –tenacidade]** que usa sempre que está em situação desfavorável **[apreciação: composição / –complexidade]**: ataca os outros Poderes **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, tenta transferir aos adversários as suas próprias responsabilidades **[julgamento: sanção social / –veracidade]** e mobiliza seus seguidores nas redes **[julgamento: estima social / –tenacidade]**.

O próprio papel de Kajuru, ao servir de instrumento para uma encenação destinada a pressionar o STF **[julgamento: estima social / –tenacidade]**, foi lamentável **[apreciação: reação / –qualidade]** e mostra a forma indevida **[julgamento: estima social / –tenacidade]** de Bolsonaro agir e sua falta de respeito institucional **[julgamento: estima social / –tenacidade]**.

Ao lado do senador Alessandro Vieira, Kajuru era um dos autores do mandado de segurança que levou à decisão de Barroso **[julgamento: estima social / +tenacidade]**. Foi convidado a se retirar do seu próprio partido, o Cidadania **[julgamento: estima social / +tenacidade]**.

Porém, a pressão de Bolsonaro **[julgamento: estima social / –tenacidade]** valeu para mobilizar aliados no Senado a apresentarem um segundo pedido de CPI, mirando também governadores e prefeitos **[julgamento: estima social / –tenacidade]**.

Rodrigo Pacheco ficou satisfeito **[afeto: satisfação]** com a manobra **[julgamento: estima social / –tenacidade]**, e ampliou o escopo da CPI original **[julgamento: estima social / –tenacidade]**, que também vai investigar verbas federais destinadas aos estados e municípios, apesar do parecer contrário da Secretaria-Geral do Senado (as Assembleias estaduais e as Câmaras municipais têm a prerrogativa de investigar governadores e prefeitos).

Esse é um dos riscos para a investigação **[apreciação: –valoração]**. Como aconteceu na CPMI das Fake News, os bolsonaristas podem aproveitar para saturar as investigações com dados diversionistas **[julgamento: estima social / –tenacidade]** e para mirar os desafetos do presidente **[julgamento: estima social / –tenacidade]**, evitando que o relatório final produza respostas conclusivas ou consequências práticas.

O próprio autor do pedido de CPI, no entanto, não acredita **[afeto: segurança]** que esse embuste **[julgamento: estima social / –tenacidade]** prospere. “Quem se afundar em alguma operação abafa **[julgamento: estima social / –tenacidade]** ou passar a mão na cabeça desse genocídio **[julgamento: sanção social / –propriedade]** não será perdoado pela sociedade brasileira. Nem a curto prazo, nem na história”, disse Randolfe Rodrigues à ISTOÉ.

CPI proposta por Randolfe Rodrigues pede que Bolsonaro explique omissões na pandemia **[julgamento: sanção social / –propriedade]**. Colapso **[julgamento: sanção social / –propriedade]** na saúde em Manaus. A omissão **[julgamento: sanção social / –propriedade]** federal agravou a falta de oxigênio, enquanto o governo propunha o tratamento precoce **[julgamento: sanção social / –veracidade]**.

Incentivos **[julgamento: sanção social / –veracidade]** a tratamentos sem evidência científica. Governo não seguiu **[julgamento: sanção social / –propriedade]** as orientações de autoridades sanitárias, como a OMS. Governo atrapalhou **[julgamento: sanção social / –propriedade]** os esforços de prefeitos e governadores. Omissão na compra da vacina Coronavac **[julgamento: sanção social / –propriedade]**. Administração tentou

impedir **[julgamento: sanção social / –propriedade]** a adoção de medidas como o isolamento social, o uso de máscaras e álcool em gel. Omissão **[julgamento: sanção social / –propriedade]** na compra de vacinas, agulhas e seringas.

Outro ardil **[julgamento: estima social / –tenacidade]** foi ensaiado pelo líder do governo no Congresso, o senador Eduardo Gomes. Ele defendeu que a instalação só ocorresse quando "servidores, senadores e repórteres" estivessem vacinados. É uma ironia **[apreciação: –valoração]**, já que a CPI deve investigar exatamente a falta desses insumos, causados pelo governo federal **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.

Nesse caso, seguindo a lógica do emedebista do Tocantins, bastaria ao governo paralisar de vez a vacinação **[julgamento: sanção social / –propriedade]** para impedir os trabalhos de investigação. Foi derrotado **[julgamento: sanção social / +propriedade]**.
A investida de Bolsonaro contra o STF **[julgamento: estima social / –tenacidade]** também fracassou. O presidente do Senado disse que não pautará **[julgamento: sanção social / +propriedade]** nenhuma abertura de *impeachment* contra membros do STF, o que certamente abriria uma crise institucional. Para Pacheco, pedidos de *impeachment* "não podem ser banalizados em atos de revanchismo ou retaliação" **[julgamento: estima social / –tenacidade]**. O governo está especialmente preocupado **[afeto: insegurança]** com a composição da CPI, que terá minoria governista (apenas 4 em 11 nomes). Randolfe vai integrar a CPI e esperava, até a última quinta-feira, assumir a presidência.

Renan Calheiros, opositor **[julgamento: estima social / +tenacidade]** de Bolsonaro, tentava assumir **[julgamento: estima social / +tenacidade]** a estratégica relatoria. Seja qual for a configuração final, a participação dos dois, junto a nomes como Tasso Jereissati (PSDB), Humberto Costa (PT), Otto Alencar (PSD) e Eduardo Braga (MDB) vai garantir trabalhos acelerados (seu prazo é de 90 dias) e vários dissabores **[apreciação: –valoração]** para o presidente. Pode levar à sua responsabilização criminal **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.

Randolfe tem o cuidado de afirmar que a investigação será sobre "fatos, e não sobre pessoas" **[julgamento: estima social / +tenacidade]**. Sua atuação assusta Bolsonaro **[afeto: insegurança]**, que o xingou **[julgamento: estima social / –tenacidade]** no diálogo com Kajuru.

Não foi sua primeira investida **[julgamento: estima social / –tenacidade]**. O presidente já havia tentado agredir **[julgamento: sanção social / –propriedade]** o senador em 2013, durante uma visita de integrantes da Comissão da Verdade ao Rio. Randolfe acha que esse comportamento faz parte da estratégia do presidente de desviar o foco dos seus problemas **[julgamento: estima social / –tenacidade]**.

Há várias frentes de investigação que podem incriminar o mandatário **[julgamento: estima social / +capacidade]**, da omissão na compra de imunizantes **[julgamento: sanção social / –propriedade]** até a ausência de campanha pelo uso de máscaras **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, passando pela compra de hidroxicloroquina **[julgamento: sanção social / –propriedade]**. "Quantas vidas poderiam ter sido poupadas?" **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, indaga Randolfe.

A CPI pode municiar **[julgamento: estima social / +capacidade]** outras frentes de investigação já em curso. Uma comissão de juristas da OAB preparou **[julgamento: estima social / +tenacidade]** um relatório duríssimo **[apreciação: –valoração]** contra o presidente, concluindo que o chefe do Executivo cometeu crime de responsabilidade contra a humanidade ao fundar uma "República da Morte" **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.

Presidido pelo ex-ministro do STF Carlos Ayres Britto, o colegiado diz que Bolsonaro agiu deliberadamente contra medidas de proteção ao coronavírus **[julgamento: sanção social / –propriedade]** e se omitiu em diversas situações que poderiam reduzir o número de óbitos **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.

Com base nesse parecer, a Ordem poderá apresentar **[julgamento: estima social / +capacidade]** um pedido de *impeachment* contra Bolsonaro. A entidade, que teve um papel-chave na redemocratização, nos anos 1980, poderia assim conferir mais legitimidade e gravidade a um processo de afastamento **[julgamento: estima social / +capacidade]**.

Também na última semana, a ministra do STF Cármen Lúcia pediu **[julgamento: estima social / +tenacidade]** que a Corte incluísse na pauta o julgamento de uma notícia-crime contra o presidente por crime de genocídio contra indígenas **[julgamento: sanção social / –propriedade]**. Com isso, o STF vai decidir se o procurador-geral da República, Augusto Aras, terá de abrir um inquérito criminal para apurar a conduta de Bolsonaro ao vetar **[julgamento: sanção social / –propriedade]** trecho de uma lei que previa assistência aos indígenas durante a pandemia. Aras já havia se manifestado **[julgamento: estima social / –tenacidade]** contra a abertura do inquérito, mas poderá ser contrariado pelo STF.

Não é só. Ministros do TCU já sinalizaram que devem punir o ex-titular da Saúde Eduardo Pazuello por omissões **[julgamento: sanção social / –propriedade]** na gestão da pandemia.

O Ministério Público Federal no Amazonas moveu uma ação **[julgamento: sanção social / +propriedade]** contra Pazuello por improbidade administrativa **[julgamento: sanção social / –propriedade]** diante do colapso na Saúde no estado, entre dezembro e janeiro.

Há ainda vários escândalos em andamento. O TCU mandou **[julgamento: sanção social / +propriedade]** o governo utilizar testes de Covid que foram esquecidos pelo Ministério da Saúde em um depósito em São Paulo e estão para vencer. A falta **[julgamento: sanção social / –propriedade]** de "kits intubação", remédios necessários para os pacientes graves que necessitam de auxílio artificial para respirar, já reproduz em escala nacional a emergência da falta de oxigênio que aconteceu no início do ano em Manaus.

O secretário de Saúde de São Paulo, Jean Gorinchteyn, denunciou **[julgamento: sanção social / +propriedade]** que enviou durante 40 dias nove ofícios ao governo federal pedindo auxílio na compra de remédios como anestésicos, sedativos e bloqueadores neuromusculares. Não obteve resposta **[julgamento: sanção social / –propriedade]**. Foi um desastre planejado **[apreciação: –valoração]**.

O governo federal requisitou dos fornecedores esses fármacos para o programa nacional, mas agora não tem material para distribuir **[julgamento: estima social / –competência]**. Sem os produtos, os gestores estaduais também ficaram impossibilitados de comprar.

"O Ministério da Saúde cometeu um erro gravíssimo **[julgamento: sanção social / –propriedade]**. Nenhum governo estadual, municipal ou instituições privadas pode adquirir esses insumos porque as empresas receberam um confisco, um sequestro do governo federal", denunciou **[julgamento: sanção social / +propriedade]** o governador João Doria. Ele é um dos gestores que, nos sonhos do presidente, viraria alvo da CPI **[julgamento: estima social / –tenacidade]**. "Quem não deve não teme. Sou a favor da CPI da Covid-19", afirmou Doria.

Ameaças do presidente **[julgamento: sanção social / –propriedade].** O presidente acusou **[afeto: insegurança]** o golpe. Em suas últimas declarações, voltou a fazer ameaças **[julgamento: sanção social / –propriedade]** veladas de instabilidade institucional.

"Um ministro baixou um processo para me julgar por genocídio **[julgamento: sanção social / –propriedade]**. Quem fechou tudo, quem tá com a política na mão não sou eu **[julgamento: sanção social / +propriedade]**. Não quero brigar com ninguém **[julgamento: sanção social / +propriedade]**, mas estamos na iminência de ter um problema **[julgamento: sanção social / –propriedade]** sério. O que vai nascer disso tudo? Parece que é um barril de pólvora **[apreciação: –valoração]** que está aí", disse à sua claque no Palácio da Alvorada. Também disse que aguarda a "sinalização do povo para tomar providências" **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.

São bravatas **[julgamento: sanção social / –propriedade]** que comprovam que suas opções estão diminuindo. Como aconteceu com a desastrada **[apreciação: –valoração]** tentativa de intervenção nas Forças Armadas **[julgamento: estima social / –tenacidade]**, quando tentou mudar a cúpula para nomes dóceis ao governo **[julgamento: estima social / –tenacidade]**, ele está impotente **[julgamento: estima social / –capacidade]** para interferir no curso dos acontecimentos, que se voltam contra ele **[apreciação: –valoração]**.

A CPI terá consequências imprevisíveis **[apreciação: –valoração]**. No mínimo, pode minar o apoio que ainda resta a ele **[apreciação: –valoração]**. No desenlace mais grave, pode dar força e consistência ao *impeachment* **[apreciação: –valoração]** — já há mais de 100 pedidos na mesa da Câmara.

O momento da CPI é particularmente ruim **[apreciação: –valoração]** para o governo, pois acontece quando o prazo para a sanção do Orçamento se aproxima. Paulo Guedes trava uma guerra com os líderes do Centrão **[julgamento: estima social / +tenacidade]**, que desejam **[afeto: inclinação]** garantir a execução das emendas bilionárias recordes que conquistaram, com a complacência **[julgamento: estima social / –tenacidade]** de Bolsonaro.

O Centrão vai aproveitar a vulnerabilidade **[julgamento: estima social / –capacidade]** do governo para exigir mais recursos, cargos e ministérios.

A frágil **[julgamento: estima social /–capacidade]** base de apoio que o mandatário conquistou (comprou, na verdade) **[julgamento: sanção social / –propriedade]** no Congresso mostra sinais de esgotamento **[afeto: insegurança]** precoce. O próprio governo desconfia **[afeto: insegurança]** que Pacheco, o presidente do Senado que ganhou sua cadeira com a ajuda decisiva de Bolsonaro **[julgamento: estima social / –tenacidade]**, esteja fazendo jogo duplo para aproveitar a CPI e se cacifar para cargos mais altos, utilizando a visibilidade da comissão.

Pacheco tentou impedir a criação da CPI **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, inventou **[julgamento: sanção social / –veracidade]** um estéril "comitê nacional de enfrentamento à doença", que teria a função de substituir as medidas que o Executivo não é capaz de tomar **[julgamento: estima social /–capacidade]**, e, no final, pode ser um dos responsáveis pela derrocada **[apreciação: –valoração]** do presidente.

A CPI também pode dar mais musculatura à oposição **[apreciação: –valoração]**, que até agora tem se mostrado débil **[julgamento: estima social / –capacidade]** em se opor ao bolsonarismo. Apesar do controle do Centrão, o Congresso tem a capacidade **[julgamento: estima social / +capacidade]** de se tornar outro polo efetivo de combate às políticas criminosas **[julgamento: sanção social / –propriedade]** e à escalada autoritária do presidente **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, ao lado do STF.

Acima de tudo, espera-se que a CPI consiga reverter, o mais rapidamente possível, a trajetória negacionista e negligente do presidente **[julgamento: sanção social / –propriedade]**.

É preciso conter a tragédia humanitária **[apreciação: –valoração]** que, até o momento, está fora de controle **[julgamento: estima social / –capacidade]** e tem colocado o Brasil, cumprindo a profecia do ex-chanceler Ernesto Araújo, como um pária internacional **[apreciação: –valoração]**. Essa imagem negativa **[apreciação: –valoração]** ganhou um novo capítulo no dia 14, na Assembleia Nacional da França, quando o primeiro-ministro, Jean Castex, anunciou a suspensão de voos entre os dois países e lembrou que o Brasil é a nação que mais prescreveu hidroxicloroquina, ao rebater um adversário.

O deboche internacional não intimida **[afeto: segurança]** bolsonaristas como Onyx Lorenzoni, ministro da Secretaria-Geral da Presidência, que tuitou **[julgamento: sanção social / –propriedade]** o vídeo de uma mulher que havia recebido um tratamento experimental baseado no medicamento, como prova de sua eficácia. Foi uma indignidade **[julgamento: sanção social / –propriedade]** que mostra a irresponsabilidade com que os aliados do

presidente agem **[julgamento: sanção social / –propriedade]**. Ela havia morrido 18 dias antes do vídeo ser usado como peça de propaganda. Apenas cinco países aceitam brasileiros atualmente **[apreciação: –valoração]**.

Um estudo detalhado publicado na prestigiada revista "Science" mostrou que o governo federal é o maior culpado pelos erros na pandemia **[julgamento: sanção social / –propriedade]**, por meio de suas falhas **[julgamento: estima social / –capacidade]** e omissões **[julgamento: sanção social / –propriedade]** e pela polarização ideológica **[julgamento: estima social / –tenacidade]**.

Em reunião do Parlamento Europeu na última quinta-feira, a deputada alemã Anna Cavazzini responsabilizou Bolsonaro pela crise no País e alertou que a situação é desastrosa **[apreciação: –valoração]**. "O Brasil caminha rumo ao precipício de olhos bem abertos" **[apreciação: –valoração]**, disse.

Com o mundo se preparando para superar a crise, o Brasil anda na contramão **[julgamento: estima social / –capacidade]**. Poderia estar em outra situação. Os benefícios do atual momento de valorização das commodities deveriam se reverter em números positivos para a economia e preparar uma retomada dos negócios. Mas, com as crises em série criadas pelo presidente **[julgamento: estima social / –tenacidade]**, os empresários paralisam seus investimentos, o dólar continua em alta e a inflação galopante corrói o poder aquisitivo da população. Sem contar a maior crise de todas, a gestão temerária **[apreciação: –valoração]** na pandemia. Mas, para isso, agora existe uma CPI.